

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Social

Milena Natividade da Cruz

GEOGRAFIAS NEGREIRAS:
indícios cartográficos para uma história do racismo no Século das Luzes (1685-1777)

Versão Corrigida

São Paulo

2023

Milena Natividade da Cruz

GEOGRAFIAS NEGREIRAS:

indícios cartográficos para uma história do racismo no Século das Luzes (1685-1777)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Iris Kantor

Versão Corrigida

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C955g Cruz, Milena Natividade da
Geografias negreiras: indícios cartográficos para
uma história do racismo no Século das Luzes
(1685-1777) / Milena Natividade da Cruz; orientador
Iris Kantor - São Paulo, 2023.
200 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

1. História moderna. 2. Cultura visual. 3.
Relações étnicas e raciais. 4. Iluminismo. 5.
Representações. I. Kantor, Iris, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Milena Natividade da Cruz

Data da defesa: 03/10/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Profa. Dra. Iris Kantor

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 30/11/2023



Assinatura do (a) orientador (a)

CRUZ, Milena Natividade da. **Geografias negreiras**: indícios cartográficos para uma história do racismo no Século das Luzes (1685-1777). 200f. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: 03 de outubro de 2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Iris Kantor (Presidente)

Julgamento: Não votante

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura: _____

Prof. Dr. Fernando Antonio Novais

Julgamento: Aprovada

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Júnia Ferreira Furtado

Julgamento: Aprovada

Instituição: UFMG

Assinatura: _____

Profa. Dra. Lilia Katri Moritz Schwarcz

Julgamento: Aprovada

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço o apoio concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, cuja bolsa de estudos viabilizou o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo durante os tempos lastimáveis da pandemia de COVID-19.

Metáforas marítimas me acompanharam durante todo o percurso da escrita. De modo que agradeço à minha orientadora, Iris Kantor, por me ensinar a nadar no oceano acadêmico, desde meus primeiros anos de iniciação científica. Eu não teria realizado esta pesquisa se não tivesse a certeza de poder contar com sua interlocução criteriosa, sensibilidade e escuta ativa.

Agradeço às professoras e professores que ministraram as disciplinas cursadas nos programas de pós-graduação da Universidade, por apontarem afluentes caudalosos para o desenvolvimento da pesquisa: Marc Pavé, Oliver Tolle, Lilia Schwarcz, Lúcia Stumpf, Hélio Menezes, André Bailão, Flávio Gomes, Ligia Fonseca Ferreira e Maria Helena Machado. Dentre os cursos extracurriculares, agradeço os amparos intelectuais e afetuosos proporcionados pela professora Giovana Xavier no workshop *Intelectuais negras: escritas de si* em 2019.

Agradeço igualmente às professoras Maria Cristina Pereira e Mariza de Carvalho Soares pela arguição do relatório de qualificação, movendo águas durante a redação da dissertação. Também agradeço à banca de defesa, composta pelos professores Fernando Novais, Júnia Furtado e Lilia Schwarcz, pelos comentários e questionamentos igualmente generosos e críticos.

Ao longo da concepção dos interesses de pesquisa, usufruí das ricas trocas ocorridas no âmbito do *Laboratório de Estudos de Cartografia História da USP* com as pesquisadoras e pesquisadores: professora Fernanda Padovesi, Victor Bertocchi, Rogério Beier, Lucas Montalvão, Magali Nogueira, Breno Ferraz Ferreira, Eliane Kivasney, Eduardo Dutenkefer e tantos outros bolsistas e colaboradores do laboratório.

Na esfera dos espaços formativos, não poderia deixar de prestar meus agradecimentos às *Adelinas – coletivo autônomo de Mulheres Pretas*, por construirmos e compartilharmos estratégias de luta por uma sociedade mais justa e igualitária; as alunas e alunos, professoras e professores, coordenadoras e coordenadores do *Cursinho pré-universitário da Psicologia USP* que apostam na educação como terreno fértil e esperançoso. Agradeço o grupo de estudo *Lendo Sueli Carneiro*, criado em 2019 e organizado por Bianca Santana e Juliana Gonçalves, que fez da leitura da tese de doutorado da filósofa um farol luminoso.

O trânsito por estes coletivos e grupos de estudos desde a graduação até o mestrado, resultou em amizades e memórias indeléveis, por isso agradeço: Márcia Fráguas, João Marcos Copertino, Daniele Santos, Allan Fernando Crispim, Juliana Cabral, Vinícius Bisterço, Tathiana Madja, David Ribeiro, Otávio Balaguer, Louise Marinho, Fernanda Lopes, Débora Tavares, Laura Stocco, Rafaél Cruz, Ana Carolina Apolinário e demais colegas que cruzaram meu caminho.

Eu não teria atravessado longas raias durante a execução da dissertação sem meu companheiro Silas Couto, que me ensina que leveza não é o oposto de profundidade.

Por fim (e começo), agradeço a Maria Elisa, Salvador, Gustavo e Carolina, minha família e porto seguro, por me guiarem no caminho de volta sempre que eu temo as sombras.

*“Somos daqueles que chegam a converter em
método a recusa da amnésia”*

Aimé Césaire, Discurso sobre a negritude (1987)

CRUZ, Milena Natividade da. **Geografias negreiras**: indícios cartográficos para uma história do racismo no Século das Luzes (1685-1777). 200 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

A presente dissertação busca apurar os nexos entre o pensamento geográfico e as concepções racialistas manifestas no Século das Luzes, por intermédio do estudo detalhado da série de mapas murais confeccionada e publicada por Sébastien-G. Longchamps e Jean Janvier em Paris, no ano de 1754. A investigação se detém nas estratégias de discriminação contra pessoas negras, especialmente por considerar os sucessivos *edits*, *déclarations* e *ordonnances* criados para regulamentar a prática da escravidão na França e nas suas colônias. A reconstituição do círculo social e da carreira dos geógrafos, bem como dos contextos de produção e consumo de suas obras sugere importantes indícios para a pesquisa. Deste modo, pretende-se demonstrar como as relações entre as linguagens constitutivas destes artefatos expressaram esquemas mentais socialmente partilhados às vésperas da edição da *Encyclopédie* dirigida por Diderot e d'Alembert. Tais conexões permitem refletir sobre o papel dos mapas murais em dois aspectos: como suporte do imaginário geográfico racializado e como representação capaz de impulsionar a propaganda do império marítimo francês em suas disputas pelo comércio transoceânico e domínio dos estabelecimentos nas Américas.

Palavras-chave: Racismo, Mapas Murais, Século das Luzes, Sébastien-G. Longchamps, Jean Janvier.

CRUZ, Milena Natividade da. **Black geographies**: cartographies evidence for a history of racism in the Enlightenment (1685-1777). 200 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

The present dissertation investigates the connections between geographical thought and the racist conceptions manifested in the Enlightenment Century, through a detailed study of the series of wall maps made in Paris by Sébastien-G. Longchamps and Jean Janvier, in 1754. The examination tries to identify the discrimination strategies against black peoples, especially because considers the successive *edits*, *déclarations* and *ordonnances* created for regulate the slaves' practices in France and in their colonies. A reconstitution of the social circle and of geographers' carriers, as well as the production and consumption contexts of his works suggest important evidences for the research. Taking this historical frame, we try to demonstrate the constitutive languages of these artifacts and how they share the social mental schemes on the eve of the publication of the *Encyclopédie* directed by Diderot and d'Alembert. This nexus allowed us to think about the role of wall maps in two aspects: as a support for the racialized geographic imaginary and as a representation capable of boosting the propaganda of the French maritime empire in its disputes over transoceanic commercial trade and to impose its colonial rule in the Americas.

Keywords: Racism, Wall Maps, Enlightenment, Sébastien-G. Longchamps, Jean Janvier.

CRUZ, Milena Natividade da. **Géographies négrières**: des indices cartographiques pour une histoire du racisme au siècle des Lumières (1685 - 1777). 200 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Cette mémoire concentre ses efforts sur l'investigation des liens entre la pensée géographique et les conceptions raciales manifestées au siècle des Lumières, concrètement, une étude détaillée de la série des cartes murales élaborées et publiées par Sébastien-G. Longchamps et Jean Janvier à Paris, en 1754. La recherche se concentre sur les stratégies de discrimination des personnes noires, spécialement pour considérer les successives edits, déclarations et ordonnances créées pour réglementer l'esclavage en France et dans ses colonies. La reconstitution du cercle sociaux et des carrières des géographes, ainsi que les contextes de productions et consommation de ces ouvrages, suggère des indices importants pour l'investigation. De cette façon, nous souhaitons démontrer comment les relations entre les langages, qui constituent ces documents, expriment des schémas mentaux socialement partagés, dans le contexte où l'Encyclopédie, organisée par Diderot et D'Alembert, est publiée. Ces connexions nous permettent de réfléchir, à partir de deux aspects, sur le rôle des cartes murales : d'un côté, un support de médiation géographique racialisé, de l'autre, une représentation capable de potentialiser la propagande de l'empire maritime français dans ses disputes pour le commerce transocéanique et le domaine des établissements aux Amériques.

Mots-clés: Racisme, Cartes Murales, Siècles des Lumières, Sébastien-G. Longchamps, Jean Janvier

Lista de Quadros

Quadro 1 - Exemplos da série mural de Longchamps e Janvier, com bordas ornamentais .	53
Quadro 2 - Autoridades antigas e modernas citadas nos ornamentos do mapa-múndi.....	93
Quadro 3 - Topônimos marcados no mapa mural da África (1754)	105
Quadro 4 - Comparação entre os ornamentos dos mapas murais (1740 e 1754).....	127

Lista de Figuras

Figura 1 - Rosana Paulino, <i>¿Historia natural?</i> 2016	30
Figura 2 - Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais, 1754 (IEB-USP)	31
Figura 3 - Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais, 1754 (BnF)	32
Figura 4 - Detalhe das emendas das pranchas no verso do mapa mural da África	37
Figura 5 - Detalhe da inscrição feita no verso	37
Figura 6 - Destaque. Jean D. Janvier, <i>Nouveau Plan de la ville et faubourgs de Paris par élévation</i> , 1748	38
Figura 7 - Nicolas de Fer, <i>Le cours du Mississipi ou de St Louis fameuse rivière... aux environs de laquelle se trouve le país appellé Louisiane</i> , 1718	41
Figura 7a - Detalhe para o brasão da Compagnie. Nicolas de Fer, <i>Le cours du Mississipi...</i> , 1718	42
Figura 7b - Dedicatória à Compagnie d'Occident. Nicolas de Fer, <i>Le cours du Mississipi...</i> , 1718	42
Figura 8 – Jean-Baptiste B. d'Anville, <i>Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...</i> , 1727	42
Figura 8a - Detalhe da dedicatória manuscrita. Jean-Baptiste B. d'Anville, <i>Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...</i> , 1727	43
Figura 8b - Detalhe das correções feitas por d'Anville em outro exemplar. Jean-Baptiste B. d'Anville, <i>Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...</i> , 1727	43
Figura 9 - Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , gravado por Gobert-Denis Chambon, sem bordas ornamentais, 1754	65
Figura 10 - Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en ses principaux Etats...</i> , gravado por Pierre-Philippe Choffard, 1769	66
Figura 11 - Jean D. Janvier. “L'Afrique divisée en ses principaux Etats...””, In: Jean Lattré, ed., <i>Atlas Moderne</i> , 1762	66
Figura 12 - Detalhe da alegoria da África no título do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais, 1754	67

Figura 13 - “Premier Commerce établi en Guiné par les Français”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	68
Figura 14 - “Conquête de l’Egypte par les Turcs”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	69
Figura 15 - “Etablissemens des Portugais et Hollandois en Afrique” Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754.....	70
Figura 16 - “Etablissemens des Portugais et Hollandois en Afrique”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754.	71
Figura 17 - “Nouveaux établissemens des Français en Afrique”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	72
Figura 18 - Destaque da alegoria da América no título do mapa, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats...</i> , 1754 [ed. 1760]	73
Figura 19 - “Conquête du Chili”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...</i> , 1754 [ed. 1760]	74
Figura 20 - “Découverte du Canada”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats...</i> , 1754 [ed. 1760]	75
Figura 21 - Destaque da alegoria da Ásia no título do mapa, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Asie divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760?]	76
Figura 22 - “Fondation de l’Empire de la Chine”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Asie divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760?]	77
Figura 23 - “Naissance de Jesus Christ l’An du Monde 4004”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Asie divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760?]	78
Figura 24 - “Etat présent des Etablissemes Français aux Grandes Indes”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Asie divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760?]	79
Figura 25 - Destaque da alegoria da Europa no título do mapa. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Europe divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760]	80
Figura 26 - “Fondation de la Monarchie Française”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Europe divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760]	81
Figura 27 - “Etablissement de la République d’Hollande”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Europe divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760]	82

Figura 28 - “Idée de l’Etat actuel de la Monarchie Françoise”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Europe divisée en tous ses Etats...</i> , 1754 [ed. 1760]	83
Figura 29 - “Idée Historique de la Géographie Ancienne”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>Mappemonde contenant des parties connues du globe terrestre...</i> , 1754 [ed. 1760?]	84
Figura 30 - “Idée Historique de la Géographie Moderne”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>Mappemonde contenant des parties connues du globe terrestre...</i> , 1754 [ed. 1760?]	85
Figura 31 - Pierre Descelier, [Planisfério], 1550	87
Figura 32 - Destaque para a manutenção da tradição ptolomaica. Pierre Descelier, [Planisfério], 1550	87
Figura 33 - Destaque para a coloração das soberanias africanas. Pierre Descelier, [Planisfério], 1550	87
Figura 34 - “Aga Capitaine general des Janissaire”, Nicolas de Nicolay, <i>Les quatre premiers livres des navigations et peregrinations orientales...</i> , 1567	89
Figura 35 - Detalhe, “Etablissemens des Portugais et Hollandois en Afrique”, Sébastian G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	89
Figura 36 - Detalhe do título do mapa mural da África. Sébastian G. Longchamps e Jean D. Janvier, <i>L’Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	101
Figura 37 - Albrecht Dürer, <i>Rhinocerus</i> , 1515	101
Figura 38 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, <i>L’Afrique divisée en ses principaux Etats ...</i> , 1760 [ed. 1769]	102
Figura 39 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, <i>L’Europe divisée en ses principaux Etats...</i> , 1760	102
Figura 40 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, “L’Afrique divisée en ses principaux Etats”, In: Jean Lattré (ed.). <i>Atlas Moderne</i> , 1762	103
Figura 41 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, “L’Europe divisée en ses principaux Etats”, In: Jean Lattré (ed.). <i>Atlas Moderne</i> , 1762	103
Figura 42 - Frontispício com a alegoria dos quatro continentes. Abraham Ortelius, <i>Theatrum Orbis Terrarum</i> . Antuérpia, 1570 [ed. 1584]	103

Figura 43 - Contorno do mapa mural sobre o continente africano, com destaque para os topônimos marcados com letras capitulares	106
Figura 44 - Desenho hidrográfico dos Montes da Lua sem o topônimo que as designa. Sébastian G. Longchamps e Jean D. Janvier, <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats ...</i> , 1754	109
Figura 45 - Lagos paralelos sem os Montes da Lua. Giacomo Gastaldi, <i>Il disegno della geografia moderna de tutta la parte dell'Africa i confini...</i> , 1564	110
Figura 46 - Lagos paralelos no traçado do rio Nilo sem os Montes da Lua. "Africae Tabvla Nova", Abraham Ortelius, <i>Theatrum Orbis Terrarum. Antuérpia</i> , 1570 [ed. 1584]	110
Figura 47 - Retorno das inscrições sobre os Montes da Lua. Jean Denis Janvier, <i>L'Afrique divisée en ses principaux Etats...</i> , 1760 [ed. 1769]	111
Figura 48 - Destaque para a origem do Senegal (Lac Maberia) e do Níger (Lac Nigrit). Sébastian G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats ...</i> , 1754....	112
Figura 49 - Destaque para o lago Guber e para o rio Senegal como afluente do Níger (Negro fiume). Giacomo Gastaldi, <i>Il disegno della geografia moderna de tutta la parte dell'Africa i confini...</i> , 1564	112
Figura 50 - Destaque para o lago Guber e para o rio Senegal como afluente do Níger (Niger fl.). "Africae Tabvla Nova", Abraham Ortelius, <i>Theatrum Orbis Terrarum</i> , 1570 [ed. 1584]	112
Figura 51 - Destaque para a origem do Senegal (Lac Maberia) e do Níger (Lac Nigrit). Jean-Baptiste B. d'Anville. <i>Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang</i> , 1749	112
Figura 52 – Detalhe. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	115
Figura 53 - Guillaume Delisle. <i>L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences</i> , 1700	117
Figura 54 - Destaque da alegoria da África no título do mapa. Guillaume Delisle. <i>L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences</i> , 1700	118
Figura 55 - Jean-Baptiste B. d'Anville. <i>Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang</i> , 1749	122
Figura 56 - Jean-Baptiste Nolin II, <i>L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...</i> , 1740. [ed. 1775]	126

Figura 56a – Detalhe da alegoria da África no título do mapa. Jean-Baptiste Nolin II, <i>L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...</i> , 1740. [ed. 1775]	126
Figura 57 - Destaque do relevo e a posição dos topônimos. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	129
Figura 58 - Jean-Bapstiste Nolin II. <i>L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...</i> , 1740. [ed. 1775]	129
Figura 59 - Destaque para Petit Dieppe. Jean-B. B. d'Anville. <i>Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang</i> , 1749	129
Figura 60 - Jean-Baptiste Nolin II. <i>L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...</i> , 1740. [ed. 1775]	130
Figura 61 - Destaque para a posição dos topônimos. Jean-B. B. d'Anville. <i>Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang</i> , 1749	130
Figura 62 - Destaque do relevo e a posição dos topônimos. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	130
Figura 63 - Cartucho inserido no mapa mural. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. <i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i> , 1754	141
Figura 64 - Nicolas-Louis de La Caille. <i>Carte de l'Isle de France...</i> , 1753	141

Sumário

Introdução	19
Capítulo 1 - Os mapas murais de Longchamps e Janvier	33
1.1. Os mapas murais nas monarquias europeias: gênero e manufatura	33
1.1.1. Histórico do gênero entre os séculos XV e XVII	33
1.1.2. Mapas murais impressos: cadeia e consumo na França setecentista	35
1.2. A produção dos mapas murais de Longchamps e Janvier	47
1.2.1. Sébastien Georges Longchamps (Lorraine, 1718 - Paris, 1793)	47
1.2.2. Jean Denis Janvier (ativo entre 1746 e 1782)	49
1.2.3. Gobert-Denis Chambon (<i>m.</i> 1781)	49
1.2.4. A trajetória dos mapas murais de Longchamps e Janvier	51
1.3. Do <i>Code noir</i> (1685) à <i>Police des noirs</i> (1777)	55
Capítulo 2 - Uma certa geografia da África	63
2.1. Ver, ler e localizar na obra de Longchamps e Janvier.	86
2.1.1. Os padrões iconográficos de Longchamps e Janvier	86
2.1.2. A escrita das histórias Antiga e Moderna da África	92
2.1.3. A linguagem cartográfica de Longchamps e Janvier	100
2.2. O regime de saber geográfico sobre a África na França setecentista	113
2.2.1. A geografia da África segundo os geógrafos de gabinete	114
2.2.2. A geografia da África no ateliê dos editores	123
Capítulo 3 - O “noir” e o “nègre”	132
3.1. Relações de viagem e a produção da desigualdade	133
3.1.1. <i>Nouveaux voyage aux Isles de l’Amerique</i> (1722) de Jean Baptiste Labat	134
3.1.2. <i>Nouvelle Relation de l’Afrique occidentale</i> (1728) de Jean-Baptiste Labat	136
3.2. Cor, Calor e Servidão	139
3.2.1. Entre <i>Mémoires</i> e concursos acadêmicos sobre a diversidade humana	139
3.2.2. A tez edênica e a origem da humanidade	146
3.3. Ensaio de uma síntese: os verbetes da <i>Encyclopédie</i>	155
Conclusão	158
Fontes primárias	161
Bibliografia	172
Anexo: transcrição do mapa mural da África	187

Introdução

Suturas e tramas

Tem inspiração curatorial o modo como pretendemos expor as questões levantadas ao longo da dissertação, por ser uma tentativa de transcrever a experiência provocada pela obra da artesã Rosana Paulino, intitulada *¿História Natural?* (2016) (fig.1).¹ Em uma das pranchas do *livro de artista*, metade do planisfério do geógrafo flamengo Jodocus Hondius (ca. 1595) é sobreposto pela silhueta de um busto fotografado por Alberto Henschel na Bahia (ca. 1870).² Ao lado desta composição, um recorte da foto revela que tal contorno pertence a uma mulher negra nua: seus braços estão cruzados e a imagem de seus olhos foram suturados com linhas pretas pela artesã. No topo da prancha, um véu de algodão cru não encobre a composição, uma vez que nele foi impresso uma gravura encarnada que se assemelha a um coração ou feto humano. Ao ser indagada acerca dos mapas antigos que escolheu, Paulino responde que o ato de cartografar por si só encerra a admirável capacidade humana de reconhecer e registrar novos lugares no mundo; no entanto, sua crítica escancara a utilização destas tecnologias para estabelecer relações de exploração e de dominação.³

O contato com esta e outras obras artísticas tornou inteligível os incômodos que conduziram a concepção da problemática investigada no decorrer dos capítulos.⁴ Aqueles olhos

¹ Exibida na exposição retrospectiva da carreira da artista, *Rosana Paulino: a costura da Memória*, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2018. A concepção de Experiência aludida se ancora nas elaborações epistemológicas da historiadora Giovana Xavier, “Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão” (*Saúde em Debate*, v. 45, 2021, p. 51-59).

² Jodocus Hondius, *Vera totius expeditionis nauticæ...* [Amsterdam?], [ca. 1595]. Library of Congress, cota: G3201.S12 1595 .H6. Segundo Krogt, até o começo do século XVII, Hondius foi o principal produtor de mapas murais no Países Baixos: Peter Van der Krogt, “Commercial cartography and map production in the Low Countries, 1500 - ca. 1672”, In: David Woodward, ed., *The History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v.3, pt. 1, 2007, p. 1351). Sobre as *cartes-de-visite* confeccionadas pelo estúdio de Henschel, ver: Mônica Cardim, *Identidade branca e diferença negra ...*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2012, p. 123.

³ Pude dialogar com a artista no evento *Contatos com a arte – conversa com Rosana Paulino* realizado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo em 07 de fevereiro de 2019.

⁴ Dentre as obras artísticas que me atravessaram durante a redação, destaco: Rosana Paulino, *¿História natural?* (livro de artista, técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, linoleogravura, ponta seca e costura, 31.5 x 42.5 x 33.5cm, 2016); Keshia Bruce, *That They Might Be Lovely* (impressão colorida, 68.6 x 50.8 cm, 2008. Smithsonian National Museum of African American History and Culture); Ayrson Heráclito, *O Sacudimento da Casa da Torre e o Sacudimento da Maison des Esclaves em Gorée*, (Vídeoinstalação, 8’44’’, 2015. Museu de Arte de São Paulo); Arjan Martins, *Atlântico* (acrílica sobre tela, 200 x 390 x 4 cm, 2016. A Gentil Carioca); Jaime Lauriano, *meridionalis americae: invasão, etnocídio, democracia racial e apropriação cultural* (desenho com pomba sobre algodão preto, 119 x 155 cm, 2016. Galeria Leme); Moisés Patrício, *Aceita?* (fotografia, acervo do artista, 2019); Denilson Baniwa, *Enfim, civilização* (colagem sobre fotografia, 38.5 x 29.5 cm, 2019. Pinacoteca de São Paulo); Neo Muyanga, *A Maze in Grace* (performance coletiva - painel, 2020. 34ª Bienal de São Paulo); Firelei Báez, [Sem título] (*Carte de l’Isle de Saint Domingue*) (óleo e acrílico sobre impresso, 172.7 x 218.4 cm, 2022. James Cohan Gallery).

suturados nos remeteram à pergunta posta pela bióloga e antropóloga Donna Haraway: “*com o sangue de quem foram feitos meus olhos?*”; ou ainda à constatação da beletrista e educadora bell hooks quanto à coerção de espectadoras afro-americanas.⁵ Num único “*coup d'œil*”, Rosana Paulino propõe uma perspectiva de longa duração sobre a violação de corpos e subjetividades negras. Baseada nestas reflexões, visamos contribuir no entendimento do processo histórico ao investigarmos o peso da cartografia na construção da iconosfera implicada neste suporte.⁶

Debate historiográfico que origina a questão da pesquisa.

Se notabilizam no campo da história da arte os estudos que se valem da potencialidade da documentação cartográfica para dar a ver as representações acerca das humanidades africanas e afrodescendentes.

As iconografias atreladas ao relatos de viagem já haviam sido incluídas no projeto catalográfico *L'Image du Noir dans l'art occidental*, idealizado a partir da década de 1960 pelo casal de colecionadores de arte Dominique e John de Ménéil, obra ainda hoje emblemática.⁷ Um exemplo desta matriz longeva, são os estudos de Diane Butler, publicados em 2004, dedicados aos elementos pictóricos, especialmente as alegorias do continente africano em mapas europeus produzidos entre os séculos XVI e XVIII.⁸ A tese foi valiosa para a dissertação, pois ao abarcar representações elaboradas em diferentes contextos europeus e num amplo recorte temporal, permitiu evidenciar as convenções visuais perpetuadas por estes suportes. Nossa investigação se deterá num recorte temporal e temático mais restrito para reconhecer as particularidades na conformação do imaginário francês setecentista.

⁵ Donna Haraway, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (*Cadernos Pagu*, nº 5, 2009, p. 25); bell hooks, “The oppositional gaze”, In: IDEM, *Black Looks: race and representation* (Boston: South End Press, 1992, p. 116).

⁶ Ulpiano Bezerra de Menezes, “Fontes visuais, cultura visual, História visual”... (*Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.23, nº45. 2003, p.11-36).

⁷ Dominique e John de Ménéil participaram ativamente da luta pelos Direitos Civis nos Estados Unidos. Os tomos foram editados primeiro em francês por Jean Devisse, Michel Mollat e Hugh Honour (*L'Image du Noir dans l'art occidental*, Gallimard/Office du livre; tomo I, 1976 ; tomo II e III, 1979 ; tomo IV, 1989); David Bindman, Henry Louis Gates Jr. e Karen C. C. Dalton foram os responsáveis pela tradução em inglês e hoje dão continuidade ao projeto (*The image of Black in western art*, Cambridge: Harvard University Press, 2010).

⁸ Diane S. Butler, *Of Bodies and Borders: Images of Africans on Early Modern Maps* (PhD dissertation, Cornell University, 2004). Para uma história das ideias de Europa em diversas fontes visuais, inclusive a cartográfica, ver Michael Wintle, *The image of Europe...* (New York: Cambridge University Press, 2009; p. 307-310 para breves apontamentos das “*attitudes to race*” no Iluminismo). Sobre a alegoria dos continentes em outros suportes artísticos, ver: Svetlana Alpers e Michael Baxandall, *Tiepolo and the pictorial intelligence* (New Haven, [Conn.] Yale University Press 1996, c. 1994); Conexões entre as relações de viagem e as imagens produzidas por Tiepolo, ver: Mark Ashton, “Allegory, Fact, and Meaning in Giambattista Tiepolo’s Four Continents in Würzburg” (*The Art Bulletin*, 1978, v.60, nº1, p.114).

Uma imersão próxima ao que tentaremos foi realizada pelo historiador da arte Jean Michel Massing sobre os mapas quinhentistas de Pierre Descelier, quando concluiu que as imagens na cartografia normanda, mais do que enfeitar, aludem às percepções geográficas renascentistas que aliavam a convenções fantasiosas, como a existência de seres monstruosos (Fig. 32), com as recentes informações dos relatos portugueses no atlântico africano.⁹ As ilustrações presentes em relações de viagem também foram tema examinado por Elmer Kolfin, numa perspectiva comparada entre os impressos franceses, ingleses e holandeses que permitiu ao autor identificar o estabelecimento de convenções artísticas compartilhadas a respeito do trabalho escravo nas colônias americanas.¹⁰

A especificidade investigada na presente pesquisa busca se aproximar aos achados da historiadora Anne Lafont acerca das discussões no interior da Academia de Belas Artes francesa em finais do século XVII, onde ocorriam intensos debates sobre quais tinturas eram apropriadas para caracterizar a cor da pele das personagens, preocupações estéticas concomitantes ao crescimento do tráfico negreiro francês.¹¹ Do mesmo modo as Academias de Ciências frequentadas por geógrafos renomados refletiam a respeito da diversidade humana, conforme se verá no terceiro capítulo da Dissertação.

No campo da história da cartografia, uma consolidada bibliografia acerca da representação do continente africano revelou duas tendências: uma, característica dos estudos realizados a partir do século XIX, pautados pela contenda entre portugueses e franceses na disputa por possessões coloniais; outra, no âmbito das pesquisas preocupadas em relacionar o desenvolvimento das técnicas e conhecimentos cartográficos com o seu contexto de produção. Na primeira tendência se destacam as *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte Occidental d'Afrique...* (1842), do Segundo Visconde de Santarém que, à época, contestava a tese propagada por Louis Estancelin em *Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands en Afrique, dans les Indes orientales et en Amérique*

⁹ Jean Michel Massing, “The image of Africa and the iconography of lip-plated Africans in Pierre Descelier’s World Map of 1550”, In: T. F. Earle and K. J. P. Lowe, eds., *Black Africans in Renaissance Europe* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 48-69); No caso das iconografias sobre a América, o artigo da historiadora Iris Kantor relava a articulação das imagens com a produção técnica da comunidade de cosmógrafos, pilotos e comerciantes, bem como a influência do suporte cartográfico nos tratados diplomáticos à época: Iris Kantor, “La fin du Paradis : le Brésil de Pierre Desceliers”, In: Eddy Stols, ed., *Terra Brasilis* (Anvers: Ludion Press, 2011, p. 58-67); Chet A. van Duzer, *The world for a king: Pierre Desceliers’ map of 1550* (London: The British Library, 2015).

¹⁰ Elmer Kolfin, “Becoming Human: the iconography of Black Slavery in French, British and Dutch Book Illustrations, c. 1600-c. 1800”, In: Elizabeth MacGrath e Jean Michel Massing, eds., *The Slave in European Art: From Renaissance Trophy to Abolitionist Emblem* (London: Warburg Institute, 2012, p. 253-280).

¹¹ Anne Lafont, “Como a cor de pele tornou-se um marcador racial: perspectivas sobre raça a partir da história da arte” (*ARS*, v. 19, nº 42, 2021, p. 1306).

(1832), segundo a qual seriam os normandos os primeiros a estabelecerem relações mercantis na parte setentrional do continente.¹² A disputa foi reavivada décadas mais tarde, quando Jaime Cortesão retoma a obra do visconde no artigo *África Nostra*, em 1925, para contestar a *Chronique historique* de Maurice Besson, publicada no periódico parisiense *Dépêche Coloniale* naquele mesmo ano.¹³

Na segunda tendência podem ser evocados os ensaios dos almirantes Avelino Teixeira Mota e Luís de Albuquerque, somados às investigações da historiadora Maria Emília Madeira Santos para constituição da compilação documental *Portugaliae Monumenta Africana* entre os anos de 1963 e 1993. O almirante Teixeira Mota publicou outros estudos de cunho nacionalista, como a *Cartografia antiga da África ocidental* (1964), reivindicando a matriz portuguesa das informações veiculadas pelos franceses sobre a região continental, ressaltando as mudanças das representações do relevo, hidrografia e toponímia nas cartas geográficas antigas.¹⁴ Madeira Santos em *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*, publicado em 1988, e em trabalhos posteriores se dedicou ao modo como o colonialismo português se apropriou das lógicas espaciais oriundas das sociedades africanas existentes.¹⁵ Mesmo o trabalho da geógrafa Suzanne Daveau em *A descoberta da África Ocidental* (1999), não há uma apologia à “descoberta”, mas antes uma reflexão sobre o impacto e a reformulação do repertório intelectual do Velho Mundo.¹⁶

Considerando essa linhagem de estudos, podemos observar que se destacam as análises históricas que se concentram nos imaginários e nas relações de poder engendradas pela

¹² Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa (1791-1856), segundo Visconde de Santarém. *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d’Afrique ...* (Paris: Libr. Orientale de Ve Dondey-Dupré, 1842); A primeira edição foi publicada em português sob o título *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portugueses na costa de África Occidental...*, 1841; Louis Estancelin (1777-1858), *Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands en Afrique...* (Paris: A. Pinard et Delaunay, 1832). Os detalhes do embate diplomático pautado em informações toponímicas podem ser encontrados em: Iris Kantor, “Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850)” (*Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 17, n. 2, 2009, p. 39).

¹³ Jaime Cortesão, “África nostra - I”... (*Boletim da Agência Geral das Colônias*, Ano I, nº 1, Julho de 1925, p. 91); Maurice Besson, “Chronique historique” (*La Dépêche Coloniale*, Paris, 27 de maio de 1925, [p.2]).

¹⁴ Avelino Teixeira da Mota, *Cartografia antiga da África Central...* (Moçambique: Lourenço Marques, 1964).

¹⁵ Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África* (Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2ª edição, 1988); A *monumenta* foi coordenada inicialmente por Avelino Teixeira Mota e foi finalizada trinta anos depois, após as independências das colônias africanas, revoluções as quais os pesquisadores do projeto foram solidários, segundo conta a historiadora Maria Emília Madeira no prefácio do primeiro volume da compilação. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, eds., *Portugaliae Monumenta Africana* (Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993, p. 365); Maria Emília Madeira Santos, “A Cartografia dos Poderes: da matriz africana à organização colonial do espaço” (*Africana Studia*, nº 9, 2006, p. 129-143).

¹⁶ Suzanne Daveau, *A descoberta da África ocidental...* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999).

cartografia, como é o caso da obra do historiador Francesc Relaño em *The shaping of Africa* (2002), onde se delineia a genealogia dos mitos cartográficos datados desde a antiguidade.¹⁷ No âmbito da historiografia francesa destacamos a historiadora Isabelle Surun, por sua análise das mudanças sensíveis entre a cartografia renascentista e a iluminista na França que se relacionaram com a escalada de projetos de expansão imperial.¹⁸ As conclusões de Surun são endossadas pela historiadora Hélène Blais, cujas reflexões se dedicam ao estudo da cartografia colonial francesa no continente africano, especialmente a partir do século XIX.¹⁹ Mais recentemente, este ramo têm se detido no reconhecimento das rotas negreiras registradas nos suportes cartográficos, à exemplo das investigações realizadas pela historiadora Iris Kantor, que evidenciam os mapas enquanto verdadeiras databases analógicas do tráfico de cativos amplamente impulsionado pelos estados europeus.²⁰ Neste âmbito do campo de estudos, a *decoupage* feita pela historiadora Júnia Ferreira Furtado distingue na obra de Jean Baptiste d’Anville fases na representação cartográfica do continente africano, de modo que a genealogia das fontes e dos informantes remetidos na produção de d’Anville, somados à apuração do *savoir-faire* do geógrafo, permitem que a historiadora sublinhe as intenções políticas envolvidas na elaboração e apropriação dos mapas setecentistas.²¹

Com base nas diversas contribuições historiográficas expostas até agora, surge o desafio de encontrar um equilíbrio entre as análises centradas na história das ciências - muitas vezes utilizadas com finalidades nacionalistas - e aquelas mais atentas à dimensão artística dos mapas antigos, sem alijar ou reduzir os demais elementos que compõem a linguagem cartográfica da época das Luzes. Notas do geógrafo francês Numa Broc na *La géographie des philosophes, géographes et voyageurs français au XVIIIe siècle* (1975) nos permitiram entrever uma seara na agenda dos estudos da cartografia histórica iluminista. No índice onomástico da obra, “*races humaines*” e “*couleur des nègres*” são assuntos que remetem a relatos de viagem escrutinados pelo autor e que balizaram a produção cartográfica da época.²² Seguiremos estes rastros para reflexão sobre o desenvolvimento das técnicas cartográficas.

¹⁷ Francesc Relaño, “Los grandes mitos geográficos de la cartografía africana en el siglo XVI” (*Dynamis*, vol. 13, 1993, p. 173-199); Francesc Relaño, *The Shaping of Africa...* (UK: Ashgate, 2002).

¹⁸ Isabelle Surun, “Le blanc de la carte, matrice de nouvelles représentations des espaces africains”, In: Isabelle Laboulais, ed., *Comblant les blancs de la carte* (Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004, p. 117-144).

¹⁹ Hélène Blais, “Coloniser l’espace : territoires, identités, spatialité” (*Genèses*, 2009, p. 145-159).

²⁰ Iris Kantor, “O tráfico negreiro na cartografia luso-afro-brasileira” ... (*Revista USP*, 2017, nº 113, p. 81-102).

²¹ Júnia Ferreira Furtado, *Quebra-cabeça africano...* (Belo Horizonte: Miguilim, 2021).

²² Numa Broc, *La géographie des philosophes...* (Paris: Ophrys, 1975, p. 573 e p. 575).

Cabe ressaltar que empregamos o termo “*raça*” enquanto categoria analítica concebida, não em termos biologizantes, mas segundo as Ciências Sociais, por ser uma formulação capaz de elucidar os fenômenos sociais investigados. Podemos nos orientar pelo trabalho do sociólogo Goran Therborn referente ao funcionamento das desigualdades. Segundo sua obra, as diferenças constituídas socialmente não resultam necessariamente em situações desiguais, pois remontam, a princípio, à diversidade humana existente. Entretanto, a desigualdade se estabelece quando se consolidam assimetrias entre um grupo social em detrimento de outro.²³

Há um ruído de vocabulário no diálogo entre historiadores e cientistas sociais, pois os primeiros se mostraram reticentes em afirmar a existência do racismo a não ser após a definição do termo segundo proposto no século XIX. Entretanto, esta dissonância tem sido gradativamente superada por trabalhos que buscam abordagens transdisciplinares.²⁴

Uma apreciação da historiografia sobre discriminações raciais às vésperas dos oitocentos aos autores expoentes do pensamento iluminista. Léon Poliakov em *Le mythe aryen* (1971), preocupado com as origens do racismo e do antissemitismo percorre os escritos de Hume, Voltaire, Kant e Hegel se detendo em passagens em que os autores citam traços físicos e de linhagem para explicar desqualificações cognitivas e morais imputados aos mouros e judeus, mas também à negros e chineses.²⁵ No mesmo ano, Michèle Duchet em *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (1971) esquadrinhou as obras de Buffon, Voltaire, Rousseau,

²³ Goran Therborn, “Os campos de extermínio da desigualdade” (trad. Fernando Rugitsky, *Novos Estudos*, v. 87, nº 2, Julho de 2010, p. 145-156). Na literatura brasileira, as investigações encampadas pela Escola de Sociologia Paulista se beneficiaram do trabalho de Florestan Fernandes em *A integração do negro na sociedade de classes* (1964), incentivado pelo projeto da UNESCO na década de 1950, bem como de Octavio Ianni em *Escravidão e Racismo* (1978). Da geração seguinte destes estudos, destacamos Carlos Hasenbalg e sua crítica à tese de Fernandes sobre a “anomia” do negro na estrutura social brasileira, evidenciando a imbricação entre racismo e capitalismo: Carlos Hasenbalg, *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1979); os estudos o sociólogo Antônio Sérgio Guimarães nos chamam a atenção para o fato da categoria racial não estar necessariamente atrelada à cor da pele: Antônio Sérgio Guimarães, “Raça, cor, cor da pele e etnia” (*Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP*, São Paulo, nº 20, 2011, p. 265-271). A definição de raça enquanto marcador social, ou seja, engrenagem constituinte do racismo, os estudos do Núcleo de Estudos Sobre Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS-USP).

²⁴ Vale notar que uma abordagem de longa duração fora empreendida pelo historiador Charles Boxer em *Race relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825* (1963), obra que contestava o mito da “Democracia racial” propagada pelo regime salazarista e pelos luso-tropicalistas como Gilberto Freyre. Charles Boxer, *Race relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825* (Oxford | UK: Oxford University Press, 1963). O historiador Alberto Schneider ressalta que Boxer recebeu duras críticas de Armando Cortesão, idealizador de *Portugaliae Monumenta Cartographica*: Alberto Luiz Schneider, “Charles Boxer (contra Gilberto Freyre): raça e racismo no Império Português ou a erudição histórica contra o regime salazarista” (*Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.26, nº 52, Dezembro de 2013, p. 260). O fenômeno da racialidade no “mundo criado” pelo colonialismo português foi estudado mais recentemente em Stuart B. Schwartz, *Blood and Boundaries...* (Brandeis University Press, 2020).

²⁵ Léon Poliakov, *Le mythe aryen...* (Paris: Calmann-Lévy, 1971).

Helvétius e Diderot para considerar o desenvolvimento das ideologias coloniais nas Américas.²⁶ A miríade de fontes utilizadas na obra de William Cohen, *The French Encounter with Africans* (1980) abarcou relações de missionários franceses atuantes nas Antilhas e no continente africano, amplo recorte geográfico que auxilia na compreensão do impacto dessas narrativas no imaginário metropolitano.²⁷

Na esteira das investigações sobre antissemitismo na França, Pierre Pluchon retoma o termo racismo no título de seu livro *Nègres et Juifs au XVIIIe siècle* (1984), em que fez um estudo de caso da petição de liberdade processada no Almirantado de Paris a pedido Gabriel Pampy e Amynte Julienne, escravizados negros transportados de Petit-Goâve pelo fazendeiro Isaac Mendès France, judeu português que havia residido em Bourdeaux.²⁸ A consideração dessas localidades no escopo das fontes jurídicas estudadas por Pluchon complexifica a análise do fenômeno racial na França do Antigo Regime. O filósofo Louis Sala-Molins em *Le Code noir ou le calvaire de Canaan* (1987) estendeu a análise da questão para o código de 1685 que, ao regulamentar o exercício da escravidão nas colônias antilhanas e em Louisiane em 1724, converteu-se em marco jurídico da modernidade francesa, cujo nome traz a ambivalência semântica do termo *noir*.²⁹ A provocação referenciada pela historiadora Sue Peabody em *There are no slaves in France* (1996) alude ao senso comum ouvido pela autora quando iniciava sua sistematização das numerosas petições de liberdade nos arquivos franceses durante os anos em que sucessivos editos foram publicados entre 1716 e 1777 e que visavam flexibilizar o exercício da escravidão na metrópole.³⁰

Outros campos de investigação foram percorridos pelo historiador David Bindman em *Ape to Apollo* (2002), atual editor do projeto *The image of Black in western art*, ao tratar da noção de beleza e estética no século XVIII. Embora não utilize o termo racismo para explicar as lógicas discriminatórias, o autor ressalta como as concepções artísticas mobilizaram a variante climática para hierarquizar expressões culturais de acordo com as quatro partes do mundo.³¹

²⁶ Na introdução da obra, a autora saúda a luta de independência argelina; vamos adensar o diálogo Duchet no capítulo 3.

²⁷ William Cohen, *The French Encounter with Africans...* (Bloomington and London: Indiana University Press, 1980); William Cohen, *Français et Africains...* (Paris, Gallimard, 1981).

²⁸ Pierre Pluchon, *Nègres et Juifs au XVIIIe siècle...* (Paris, Tallandier, 1984).

²⁹ Louis Sala-Molins, *Le Code noir ou le calvaire de Canaan* (Paris, Presses Universitaires de France, 1987).

³⁰ Sue Peabody, *There are no slaves in France* (Oxford University Press, 1996). Retomaremos o diálogo com a autora no capítulo 1.

³¹ David Bindman, *Ape to Apollo...* (Ithaca: Cornell University Press, 2002); IDEM, “Subjectivity and slavery in portraiture: from courtly to commercial societies”, In: Agnes Lugo-Ortiz e Angela Rosenthal (eds.). *Slave portraiture in the Atlantic world* (Cambridge University Press, 2013).

No âmbito da história da ciência, as conexões verificadas pelo historiador Andrew Curran em *The anatomy of blackness* (2011) revelam a estreita relação entre o desenvolvimento dos estudos anatômicos e da História Natural no começo do século XVIII com o avanço dos empreendimentos negreiros, atividade que disponibilizou cadáveres de escravizados para dissecação.³² A possibilidade interpretativa lançada pelo autor nos instiga a escrutinar a anatomia da branquitude no suporte cartográfico.

Sendo assim, a advertência feita pelo historiador Jean-Frédéric Schaub chama a atenção para a necessidade de se considerar a aplicação da *categoria analítica raça* segundo o recorte temporal e territorial, para que não se incorra no erro de tomá-la por universal e atemporal, naturalizando a desigualdade que desejamos explicitar.³³ Podemos adicionar à historicidade da categoria ao fato de que o estudo do racismo não prescinde da conceituação moderna da categoria, como reforçou o estudo de Francisco Bethencourt, *Racismos: das cruzadas ao século XX*.³⁴

Por conseguinte, tais premissas viabilizam o estudo de Silvia Sebastiani em *The Scottish Enlightenment* quanto aos insultos racistas de anglo-saxônicos contra os escoceses.³⁵ Da abrangência das possibilidades de pesquisa sobre o tema, a dissertação se concentrará nas circunstâncias que geraram o racismo a partir da assimétrica entre as metrópoles e suas colônias, da desigualdade catalisada por séculos de tráfico negreiro e escravismo.³⁶ Não por acaso, foi no interior das sociedades coloniais escravistas que operam o refinamento da hierarquia racial, segundo concluído tanto por Cécile Vidal em estudo de caso sobre a cidade portuária Nouvelle Orléans, quanto por Melanie Lamotte acerca do caso do “*prejudice of color*” em Guadalupe.³⁷ Sendo o *dispositivo de racialidade*, construído analítico da filósofa de Sueli Carneiro, uma teia de elementos verbais e não verbais capazes de moldar sujeitos racializados, investigaremos qual o peso das representações cartográficas nesse processo.³⁸

³² Andrew S. Curran, *The anatomy of blackness...* (JHU Press, 2011, p. 122).

³³ Jean Frédéric Schaub, *Pour une histoire politique de la race* (Paris: Seuil, 2015).

³⁴ Francisco Bethencourt, *Racismos...* (trad. Luís Oliveira Santos, São Paulo: Companhia das Letras, 2018).

³⁵ Silvia Sebastiani, *The Scottish Enlightenment ...* (Trad. Jeremy Carden. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013).

³⁶ Segundo o historiador Pétré-Grenouilleau, o racismo não foi o propulsor do tráfico negreiro, mas certamente se desenvolveu como justificativa ideológica para a manutenção deste comércio: Olivier Pétré-Grenouilleau, *Les traites négrières...* ([Paris]: Gallimard, c2004, p. 315).

³⁷ Mélanie Lamotte, “Colour Prejudice in the French Atlantic World”, In: D’Maris Coffman, Adrian Leonard e William O’Reilly, eds., *The Atlantic World* (Londres | New York: Routledge, 2015, p. 151-171). Cécile Vidal, *Caribbean New Orleans...* (Estados Unidos, Williamsburg e Chapel Hill, Omohundro Institute of Early American History and Culture e University of North Carolina Press, 2019).

³⁸ Aparecida Sueli Carneiro, *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de doutorado, Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2005, p. 38-72).

Linhas de prumo da pesquisa

Com base nas linhas interpretativas apresentadas, no decorrer dos capítulos, pretendemos ressaltar o caráter processual das concepções racializantes em franco desenvolvimento no Século das Luzes. Neste sentido, no título da presente Dissertação, a sugestão de uma história do racismo diverge de uma dimensão genealógica ou homogênea sobre a prática desta desigualdade. Do ponto de vista do fazer historiográfico, nosso intuito será destacar os mapas antigos no conjunto de fontes possíveis para a compreensão deste fenômeno social.

A singularidade da série mural estudada impôs desafios metodológicos, de modo que recorreremos à confluência entre os campos da história da arte e história da cartografia. Para a composição do *corpus* documental da pesquisa não se preteriu outras tipologias, aliando o método cartobibliográfico proposto por John Brian Harley, uma vez que o historiador estabelece profícuos diálogos com a história da Arte, especialmente com os níveis interpretativos propostos por Erwin Panofsky, ao distinguir três contextos - do cartógrafo, do mapa e o da circulação - aliado a leitura serial e diacrítica de mapas de um mesmo lugar ou escala.³⁹

Para o tratamento das fontes visuais também buscamos inspiração nos procedimentos mnemônicos empregados por Aby Warburg e seus discípulos.⁴⁰ As inferências da historiadora da arte Frances Yates acerca dos usos políticos das tapeçarias da dinastia Valois por Catarina de Médici não prescinde da análise interna das representações tecidas, para evitar submeter os artefatos à condição de mero reflexo da sociedade.⁴¹

Buscamos ancorar na conduta ética da historiadora Saidiya Hartman que, ao inquirir os arquivos e os patrimônios arquitetônicos do tráfico negreiro atlântico, desenvolveu estratégias narrativas para tratar de temas sensíveis e latentes, ainda hoje, à comunidade africana e afrodescendente. Sua escrita não subestima a violência do escravismo, nem negligencia a beleza

³⁹ John Brian Harley, “Textos y contextos en la interpretación de los primeros mapas”, In: IDEM, *La nueva naturaleza de los mapas...* (México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 59-78).

⁴⁰ Referimo-nos especialmente à concepção de *atlas mnemosyne* cunhada pelo historiador hamburguense: Aby Warburg, “Introdução à Mnemosyne”, In: IDEM, *Histórias de fantasmas para gente grande...* (Companhia das Letras, 2015, p. 363-375).

⁴¹ Frances Amelia Yates, *The Valois tapestries* (Warburg Institute, University of London, 1959). Na sequência dos discípulos warburguianos, citamos os ensaios de Daniel Arasse, que partem da descrição para a interpretação: Daniel Arasse, *Não se vê nada: descrições* (Lisboa: KKYM, 2015). Para reflexões teóricas sobre as fontes visuais enquanto produtoras de contextos ver também: Lilia Schwarcz, “Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais” (*Sociologia & Antropologia*, jul. 2014, p. 391–431; para a crítica das imagens como “reflexo”, p. 393).

que há na sobrevivência das vidas marcadas por esse passado; sua preocupação com a editoração das imagens nos obriga a observá-las com atenção para compreendermos as informações transmitidas por elas.⁴²

Para responder às questões da Dissertação foram cotejadas dois exemplares de uma série de mapas murais, datados de 1754.⁴³ Um deles provém do espólio de Edegar Cid Ferreira, apreendida pela Justiça Federal brasileira em 2005 - até então, os 380 mapas colecionados pelo banqueiro estavam precariamente armazenados.⁴⁴ Após o decreto da falência, eles foram apreendidos pela Justiça e depositados em salvaguarda no Instituto de Estudos Brasileiros da USP em 2005; no ano seguinte, parte do acervo foi exibido na exposição “*Mapas em movimento: a criação de mundos imaginários*”, sob curadoria das historiadoras Iris Kantor e Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno.⁴⁵ Dentre os selecionados, estavam os mapas murais em questão (Fig. 2). A segunda reprodução se encontra no setor de cartografia da *Bibliothèque Nationale de France*, cujo registro mais antigo que localizamos data de 1873, quando a série foi adquirida em permuta com o *Archive Nationale* (Fig. 3).⁴⁶ O primeiro boletim de 1878 da *Société Languedocienne de Géographie* afirma que a instituição recebeu a doação de uma reprodução da série.⁴⁷

A reconstituição da produção desses mapas foi possível graças aos diários de um dos autores da série, Sébastien-G. Longchamps (Lorraine, 1718 - Paris, 1793), cujos escritos foram publicados postumamente.⁴⁸ A consulta da maior parte das fontes cartográficas e bibliográficas foi viabilizada pelas bases digitais de bibliotecas nacionais, universidades e plataformas:

⁴² Saidiya Hartman, *Perder a mãe...* (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, especialmente sobre o sua descrição do forte de São Jorge da Mina, p. 82-85). Tive a oportunidade de trocar algumas palavras com a historiadora no lançamento do livro na edição portuguesa, a quem agradeço o incentivo em prosseguir com a escrita.

⁴³ O capítulo 1 fará uma descrição pormenorizada dos exemplares.

⁴⁴ Rodrigo Naves “As artes como abre-alas Uma análise da atuação de Edegar Cid Ferreira, mecenas que usou mostras para fazer negócios”, *O Estado de São Paulo*, 02 de outubro de 2005.

⁴⁵ Márcia Soman Moraes, “Imagens de um Novo Mundo”, *Jornal da USP*, ano XXII, nº778.

⁴⁶ Agradecemos a colaboração dos bibliotecários da *Bibliothèque Nationale de France*, especialmente Emmanuel Pavy e Nadine Férey-Pfalzgraf, que nos informaram o histórico de custódia dos exemplares em questão. Agradecemos igualmente a bibliotecária Maria Joaquina Esteves Feijão, por nos informar que os exemplares localizados na Biblioteca Nacional de Portugal datam de 1754, porém não contém bordas iconográficas.

⁴⁷ *Bulletin [de la] Société languedocienne de géographie*, nº1, maio de 1878, p. 124.

⁴⁸ Embora diferente do título das fontes, optamos por escrever o sobrenome “Longchamps” respeitando a autodesignação presente nos mapas, ou seja, com o “S” no final, pois, como se verá no capítulo 1, o historiador Franz Reitinger descobriu importantes detalhes biográficos sobre este geógrafo. Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II); Sébastien-G. Longchamp, *Voltaire et Mme. du Châtelet* (Albanès Havard, ed., Paris: E. Dentu, 1863); Sébastien-G. Longchamp, *Anecdotes sur la vie privée de Monsieur de Voltaire* (Frédéric S. Eigeldinger e Raymond Trousson, eds., Paris: Honoré Champion, 2009). Durante a pesquisa não tivemos acesso integral à última versão estabelecida; contudo, os estudos citados mais adiante geralmente recorrem à de 1826.

Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo, em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da USP; o códice mazarino da *Encyclopédie* comentado e disponibilizado pelo projeto *ENCCRE* (Édition Numérique Collaborative et CRitique de l'Encyclopédie); as correspondências e obras relacionadas pela *Voltaire Foundation* (University of Oxford) em parceria com o *ARTFL Project* (University of Chicago) na database *Tout Voltaire*; Bibliothèque Nationale de France; Archives Nationales de France; *MANIOC*: Bibliothèque Numérique Caraïbe, Amazonie, Plateau des Guyanes; Biblioteca Nacional de Portugal; Biblioteca Digital Hispánica da Biblioteca Nacional de España; Library of Congress. Tais portais nos permitiram o acesso digital aos originais das fontes primárias utilizadas pela pesquisa, de onde transcrevemos boa parte das citações. Por esta razão, eventuais desatualizações ortográficas foram mantidas.

A presente dissertação será dividida em três capítulos: o primeiro se deterá na caracterização do gênero mapa mural, nos dados biográficos dos diferentes atores envolvidos na produção da série, bem como estimará a amplitude de reprodução da obra de Longchamps e Janvier. O segundo será dedicado à análise interna da cartobibliografia, epicentro das provocações que conduziram a investigação. Deste modo, a disposição das figuras foi deliberadamente escolhida para anteceder a análise, numa tentativa de proporcionar um arranjo visual warburgiano semelhante ao *Atlas Mnemosyne*. Por fim, uma compreensão mais sistemática dos esquemas mentais compartilhados pela sociedade francesa será realizada no terceiro capítulo. Para facilitar a *découpage* do mapa mural dedicado ao continente africano, foi inserido um anexo com a transcrição das legendas ornamentais com um esquema da disposição e quantidades dos cartuchos.



Figura 1 - Rosana Paulino, *„História natural?* Livro de artista, técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, linóleo gravura, ponta seca e costura, 31.5 x 42.5 x 33.5cm, 2016. Imagem disponível no site da artista.



Figura 2 - Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 118,1 x 148,2 cm. IEB-USP, cota: A0000763.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 3 - Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

Capítulo 1 - Os mapas murais de Longchamps e Janvier

A problemática investigada parte da reconstituição dos contextos que presidiram a confecção, consumo e circulação de um conjunto de mapas confeccionados no ateliê de dois geógrafos franceses. Referimo-nos à série de mapas murais publicados em Paris, no ano de 1754, por Sébastian Georges Longchamps (Lorraine, 1718 - Paris, 1793) e Jean Denis Janvier (ativo entre 1746 e 1782), cujo gravador foi Gobert-Denis Chambon (*m.* 1781). A obra é composta por representações de cada continente (África, América, Ásia e Europa) e um mapa-múndi. Todos são ricamente adornados por bordas repletas de iconografias e legendas baseadas em passagens bíblicas, eventos políticos e mercantis sobre cada região do globo.

O conjunto foi concebido para ser afixado em paredes, de modo a ficar ao alcance dos olhos e das “*pontas dos dedos*” dos observadores.⁴⁹ A sofisticação dos mapas murais impunha algumas exigências formais. Sua grande dimensão permitia uma área maior para inclusão de dados geográficos detalhados e elementos decorativos; por essa razão, cada aspecto do desenho deveria ser facilmente visualizado no ambiente em que eram expostos.

Na época em que foram produzidos, a denominação francesa empregada para designar o gênero era “*grande carte*”, uma vez que o termo “mapa mural” só foi difundido a partir do século XIX.⁵⁰ Entretanto, nesta pesquisa, a opção pelo segundo visa enfatizar as especificidades que o distinguem, ou seja: a dimensão do suporte, local de exposição, modo de visualização e manipulação, exigências estéticas e preços. Tais particularidades serão objeto tratado neste capítulo.

1.1. Os mapas murais nas monarquias europeias: gênero e manufatura

1.1.1. Histórico do gênero entre os séculos XV e XVII

Referências a mapas de grandes dimensões são encontradas na *Naturalis Historiæ* de Plínio, o velho (23 d.C.-79 d.C.), em que descreve um grande desenho nos muros de uma varanda romana.⁵¹ Contudo, na Europa, os mapas murais constituem um gênero de larga difusão nas cortes e cidades-estados a partir do século XV, sendo parte da decoração dos palácios,

⁴⁹ Sobre o uso de mapas no ensino de geografia, ver: Antoine Nicolle de La Croix. *Géographie moderne...* (Paris: J.-Th. Hérisant, 1752., v. 1, p. vi).

⁵⁰ Martin Brückner, “Wall Maps”, In: Mary S. Pedley e Matthew Edney, eds., *History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v. 4, 2019, p. 1636).

⁵¹ Francesca Fiorani, “Cycles of painted maps in the Renaissance”, In: David Woodward, ed., *The History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v.3, pt.1, 2007, p. 804).

castelos, conventos religiosos e espaços de sociabilidade das elites, dimensão reveladora dos laços entre arte e cartografia.⁵² Portanto, a compreensão dos mapas murais deve levar em consideração os interesses daqueles que patrocinaram a sua confecção, pois estavam diretamente atrelados às intenções que presidiram à concepção deste gênero.⁵³

Inexistentes em dias atuais, os mapas murais de Giacomo Gastaldi para o Palácio Ducal de Veneza podem ser conhecidos em detalhes por meio dos contratos firmados entre o cosmógrafo piemontês e o Conselho dos Dez, entre 1549 e 1553. A elaboração foi comissionada pelo Conselho, que estipulou um conjunto de minuciosas cláusulas para instruir o trabalho de Gastaldi: os mapas murais em *teleri* seriam fixados na *Sala dello Scudo* e o andamento da pintura seria assistido mensalmente. O primeiro mapa mural deveria ser concluído em pouco menos de seis meses, sendo a construção das telas e as cores utilizadas previamente definidas.⁵⁴ O desafio imposto pelo tamanho da tela atrasou a entrega da encomenda, de modo que Gastaldi precisou pedir um adiantamento de 40 ducados para pagar um “Vitrúvio pintor” que iria ajudá-lo com a pintura da obra. Além das imposições técnicas, o cosmógrafo precisou estudar um grande conjunto de relações de viagem, erudição que incluiu nas suas obras posteriores.⁵⁵

As técnicas e os suportes dos mapas murais variaram ao longo do tempo: eles podiam ser pintados em paredes ou telas, feitos em tapeçarias, mosaicos ou da justaposição de impressões segmentadas.⁵⁶ Nos Países Baixos, o aprimoramento do aparato técnico garantiu a alta reprodutibilidade de impressos: uma das razões para o sucesso da editora antuerpiense Plantin-Moretus proveio da precisão dos entalhes nas placas de cobre que gravavam as obras da casa, de modo que entre 1558 e 1576, cerca de 850 compradores adquiriram nesta loja edições de um mapa mural da Europa (1554) feito por Mercator.⁵⁷ No final do século XVI e durante o século XVII, Amsterdã se tornou o principal centro europeu na produção e comercialização do gênero. Um catálogo de venda de 1682, da loja do holandês Nicolaas II Visscher (1649-1702), indicava a lista de mapas murais disponíveis na loja segundo região

⁵² Ronald Rees, “Historical links between cartography and art” (*Geographical Review*, v. 70, nº1, Janeiro de 1980, p. 60-78).

⁵³ Michael Baxandall, *O olhar renascente...* (São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 11-35).

⁵⁴ Francesca Fiorani, “Cycles of painted maps in the Renaissance”, In: David Woodward, ed., *The History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v.3, pt. 1, 2007, p. 815, n. 41); Giovanni Battista Lorenzi, *Monumenti per servire alla storia del Palazzo Ducale di Venezia...* (Venezia: Tipografia del Commercio di Marco Visentini. v.1, 1868, p. 268). Para os ciclos de mapas murais italianos, no caso do Palazzo Vecchio, Palazzo Farnese e do Vaticano, ver: Juergen Schulz. “Maps as Metaphors: Mural Map Cycles of the Italian Renaissance”, In: David Woodward, ed., *Art and Cartography...* (1987, p. 97-122).

⁵⁵ Retomaremos no capítulo 2.

⁵⁶ Francesca Fiorani, “Cycles of painted maps in the Renaissance”, In: David Woodward, ed., *The History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v.3, pt. 1, 2007, p. 806-807).

⁵⁷ *Ibid.*, p. 806.

cartografada, número de folhas que compunham o mosaico de impressos, bem como se poderiam ser ornamentados com bordas ilustradas.⁵⁸

Na França, o crescimento do comércio e consumo de mapas impressos se desenvolveu paulatinamente a partir da segunda metade do século XVII, graças à diversificação da indústria editorial, pois até então, a quantidade de casas impressoras francesas era diminuta e dispersa neste mesmo período, acarretando um tímido público consumidor de imagens cartográficas.⁵⁹ Ao lado de Paris e Estrasburgo, Lyon foi uma das primeiras cidades a se estabelecer como pólo editorial. Não por acaso, em 1556, eram comercializadas na loja do livreiro lionês Jean Temporal, livros populares entre o público leitor europeu, como a primeira tradução francesa de relações de viagem compiladas e editadas seis anos antes por Giovanni Battista Ramusio, diplomata membro do Conselho dos Dez.⁶⁰

No decorrer da década de 1650, o aumento do interesse francês pela produção cartográfica deve-se a um contexto de motivações diversas: graças às práticas escolares jesuítas, que utilizam os mapas nos processos de ensino; à necessidade de acompanhamento de contextos bélicos, como a Guerra dos Trinta Anos; ao incentivo da produção cartográfica de engenheiros militares, que tinham incentivo fiscal para consumo de mapas; à criação das *Académie Royale des Sciences* em 1666 e o surgimento de periódicos como o *Mercure de France* que estimulavam a produção e divulgação de representações cartográficas.⁶¹ Portanto, no início do século XVIII, período em que se insere a série mural que é núcleo desde pesquisa, havia na França um cenário técnico e mercantil favorável ao consumo de mapas em diferentes dimensões.

1.1.2. Mapas murais impressos: cadeia e consumo na França setecentista

a) Técnica e materiais

A manufatura de um mapa mural impresso exigia cuidados quanto à técnica de impressão e os materiais usados: por causa da grande dimensão do suporte, era necessário

⁵⁸ Peter Van der Krogt, “Commercial cartography and map production in the Low Countries, 1500 - ca. 1672”, In: David Woodward, ed., *The History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v.3, pt. 1, 2007, p. 1342).

⁵⁹ Catherine Hofmann, “Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670”, In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v.3. pt. 1, 2007, p. 1569).

⁶⁰ al-Hasan ibn Muhammad al-Wazzan [Leão Africano], *Description de l'Afrique...* (Lyon: Jean Temporal, 1556. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D.S. XVI - 25 e D.S. XVI - 26); Bastian Risoan, *Jean Temporal: libraire de la Renaissance lyonnaise (1549-1571)* (Dissertação de Mestrado, Université Lumière Lyon II, 2013, p. 25).

⁶¹ Catherine Hofmann, “Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670”, In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v.3. pt. 1, 2007, p. 1579-1580). O edito de Saint-Jean de Luz, de 26 de maio de 1660, estabelecia a liberdade de impressão.

entalhar o desenho cartográfico por partes, em quatro, seis ou oito placas de cobre; a boa qualidade do papel era determinante para manter a integridade do impresso pendurado na parede; as folhas eram então colocadas lado a lado e a emenda entre elas era reforçada por tiras de tecido; uma vez composto o mosaico, ele poderia ser emoldurado com varetas de madeira ou armazenado “desmontado” em gavetas com invólucros próprios, versatilidade que permitia comprar um mapa mural por partes.⁶² Com base nos exemplares disponíveis no IEB-USP, podemos observar como essa montagem foi realizada nos mapas murais de Longchamps e Janvier (Fig.4).

No exemplar do IEB-USP, observa-se que a inscrição no verso indica ser o mapa da “*Afrique avec ornemens*” (Fig. 5). Inicialmente esse dado nos levou a crer que a série mural poderia ser comprada sem as bordas ornamentais, hipótese comprovada pela pesquisa graças a localização de exemplares sem as tais decorações. Mas este caso não constitui uma exceção, pois o caráter “mosaico” do gênero possibilitava ao comprador optar se e quando incorporaria as bordas ornamentais, que não eram baratas.⁶³ Invariavelmente, os elementos pictóricos são qualidades marcantes de um mapa mural. Até meados do século XVIII, esses elementos não eram completamente desprezados.⁶⁴ As instruções do manual *L’art de laver* (1687) do engenheiro-cartógrafo Henri Gautier eram categóricas sobre esse aspecto: mapas que não eram devidamente ornamentados estavam “nus”. As recomendações de Gautier foram amplamente endossadas pela comunidade cartógrafa predecessora.⁶⁵

⁶² Martin Brückner, “Wall Maps”, In: Mary S. Pedley e Matthew Edney, eds., *History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v. 4, 2019, p. 1636).

⁶³ Os custos da produção cartográfica na França setecentista foram apurados por: Mary S. Pedley, *The commerce of cartography...* (Chicago: University of Chicago Press, 2005, *appendix I*, p. 205-221).

⁶⁴ A obra seminal de François de Dainville apresenta densos verbetes para cada um dos termos que compõem aquilo que o autor chama de a “linguagem” dos geógrafos, expressa não só através de palavras, mas também de signos e cores: François de Dainville, *Le langage des géographes...* Paris: A. et J. Picard, 1964); um glossário mais teórico dos elementos que compõem essa linguagem foi organizado por Christian Jacob: Christian Jacob, *L’Empire des cartes...* (Paris: Albin Michel, 1992); John Brian Harley tece breve e contundentes comentários acerca dos ornamentos cartográficos, indispensáveis para a análise das relações de poder imbricadas nesses elementos: John Brian Harley, “Mapas, saber e poder” (*Confins*, nº 5, 2009, p. 1-25); Dante Teixeira demonstra como os ornamentos cartográficos podiam informar características náuticas das regiões: Dante M. Teixeira: “Todas as criaturas do mundo: a arte dos mapas como elemento de orientação geográfica” (*Anais do Museu Paulista*, v.17, n.1, 2009, p. 137-154).

⁶⁵ Henri Gautier, *L’art de laver ou nouvelle manière de peindre sur le papier suivant le coloris des dessins qu’on envoie à la Cour* (Lyon: Thomas Amaulry, 1687, p. 129). François de Dainville, *Le langage des geograpes*, (Paris: A. et J. Picard, 1964, p. XVII).



Figura 4 - Detalhe das emendas das pranchas no verso do mapa mural da África. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. [foto acervo pessoal]

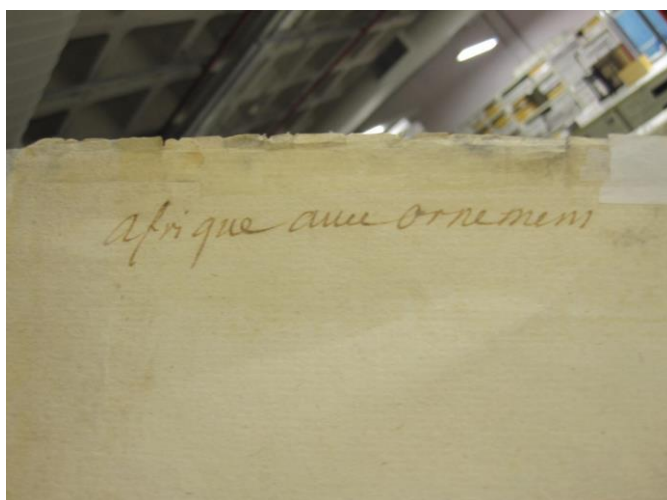


Figura 5 - Detalhe da inscrição feita no verso. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Na frase, a ausência do "t" em ornemens trata-se da grafia antiga da palavra. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. [foto acervo pessoal].



Figura 6 - Destaque para a localização da Rue Saint Jacques (em vermelho) e a rua da Sorbonne (em azul). Jean D. Janvier, *Nouveau Plan de la ville et faubourgs de Paris par élévation*. Paris : J.-D. Janvier, 1748. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-59 (RES).

b) Comércio e Consumo

Conforme os títulos de cada mapa da série mural, sabia-se que ela poderia ser comprada no ateliê dos geógrafos, localizado na rua *Saint-Jacques* e reconhecido pelo emblema “à la *Place des Victoires*” afixado na entrada da loja. A rua já havia se convertido em um importante centro editorial desde o século XVI, sobretudo após o edito de Nantes (1598), quando a região refugiou gravadores flamengos protestantes perseguidos pelas guerras religiosas em 1576 na Antuérpia, resultando no aumento significativo não só da quantidade de profissionais, mas também da qualidade da técnica da calcografia na região parisiense.⁶⁶ No século XVIII, a *Saint-Jacques* compunha parte do perímetro do chamado *Quartier Latin*, cuja grande concentração de ateliês e lojas configurava um lugar de intensa sociabilidade tanto entre artesãos de diferentes especialidades (geógrafos, gravadores, impressores, vendedores) quanto dos professores e estudantes da *Sorbonne*. A partir do mapeamento feito pela historiadora Mary S. Pedley acerca dos endereços das lojas de Jean Lattré e Jean-Baptiste Nolin II, importantes personagens na carreira de Longchamps e Janvier, podemos visualizar a íntima proximidade das lojas.⁶⁷ Um mapa de Paris, feito por Janvier em 1748 nos dá a dimensão da rua e sua proximidade com a universidade (Fig. 6.).

Nas lojas da *Saint-Jacques*, o preço de um mapa mural na segunda metade do século XVIII era variado. De acordo com os catálogos da loja do livreiro e engenheiro-geógrafo Louis-Charles Desnos, amigo de Longchamps, uma *grande carte* podia valer de 4 à 120 *livres*.⁶⁸ A rentabilidade da mercadoria cartográfica poderia ser expandida a partir do redimensionamento do suporte - possivelmente o caso dos esboços da série mural, reutilizados por Janvier na contribuição para o *Atlas moderne* (1762), editado por Jean Lattré.⁶⁹ Segundo o catálogo da loja do livreiro e gravador, o atlas podia ser mais caro conforme o tipo de papel e encadernamento. O catálogo revela que em 1762, uma edição simples deste atlas, tamanho *in-folio* custava 19 *livres* e 15 *sous*; enquanto para uma edição mais luxuosa, *in-folio*, impressa em *papier fin*, colorido e encadernado em couro seriam cobrados 30 *livres*.⁷⁰ A variedade dos

⁶⁶ Catherine Hofmann, “Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670”, In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v.3. pt. 1, 2007, p. 1576-1577).

⁶⁷ Mary S. Pedley, “The map trade in Paris, 1650–1825” (*Imago Mundi*, v. 33, nº 1, 1981, p. 38).

⁶⁸ Louis-Charles Desnos (1725-1805). *Supplément au catalogue des ouvrages du fonds du sieur Desnos* ([Paris, Desnos, 1781] p. 2). Bibliothèque Nationale de France, cota: Département Littérature et Art, 4-Q10A-111.

⁶⁹ Martin Brückner, “Wall Maps”, In: Mary S. Pedley e Matthew Edney, eds., *History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v. 4, 2019, p. 1636).

⁷⁰ Na tabela de preços são utilizados os símbolo “tt” para *livres tournois* e “s” para *sous*. *Atlas moderne* (Paris: Jean Lattré, 1762). Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/1005.

preços é expressiva da ampliação do público consumidor naquele período. Os mapas murais permaneceram na lista de artigos usufruídos pela nobreza e o alto clero; entretanto, no século XVIII, há um aumento do acesso aos impressos, independentemente do nível socioeconômico, resultado do aumento do poder aquisitivo e do maior volume de mercadoria cartográfica disponíveis na Europa.⁷¹

Foi por esta razão que Longchamps avistou em um vestíbulo um grande mapa-múndi: “*j'allais ensuite reconnaître les pays qu'ils avaient parcourus sur une très-grande mappe-monde qui tapissait un vestibule [...]*”.⁷² No século XVIII, os mapas murais na França ornamentavam escritórios e gabinetes, diferente do costume holandês que os colocavam preferencialmente em ambientes domésticos como salas de estar - embora este não fosse o único ambiente possível para apreciação de mapas.⁷³ Ainda no catálogo de Desnos, as *grandes cartes* eram apropriadas para ornamentar bibliotecas, colégios, salas de aula e outros ambientes de ensino de Geografia e História.⁷⁴

O cartucho que intitula um mapa pode conter informações preciosas sobre a confecção do artefato, reconhecíveis pela assinatura dos *artêsãos* envolvidos no processo, tendo em vista que o apoio financeiro ou até mesmo a nobilitação captada pelos geógrafos franceses pode ser identificado no modo como se autodesignavam.

A partir de 1690, o *marchand de cartes et d'estampes* Nicolas de Fer (1646-1720) passou a se denominar em suas obras como *Géographe de Monseigneur le Dauphin*, em alusão ao reconhecimento que o delfim Louis de France (1661-1711) lhe cedeu; posteriormente aderiu em suas cartas o título de *Géographe de Sa Majesté Catholique*, concedido por Felipe V de Espanha, chancela do mecenato da dinastia borbônica ao geógrafo. Tais autonominações são indicados, respectivamente, no mapa *Les costes aux environs de la rivière de Misisipi* (1701), em que se representa a malograda expedição colonizadora de 1684, capitaneada por Robert Sieur de La Salle; e no *Le cours du Mississipi ou de St Louis fameuse rivière* (1718) (fig. 7), sobre os estabelecimentos franceses no curso do rio Mississippi e cujos ornamentos chamavam

⁷¹ Mary S. Pedley e Matthew Edney, “Introduction”, In: IDEM, eds., *History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v. 4, 2019, p. xxxii).

⁷² Sébastien-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 338).

⁷³ Franz Reitinger, “Wall Maps with historiated borders: a new map type in the eighteenth century”, *IMCoS Journal* (Quendon, Essex), Summer 2015, 141, p. 34.

⁷⁴ “*Par la grandeur de leurs caractères, ces Cartes sont propres à orner les Bibliothèques, Collèges, Classes et autres lieux où l'on enseigne la Géogr. et l'Histoire*”. Louis-Charles Desnos (1725-1805). *Supplément au catalogue des ouvrages du fonds du sieur Desnos* ([Paris, Desnos, 1781] f. 2. Bibliothèque Nationale de France, cota: Département Littérature et Art, 4-Q10A-111).

a atenção para o brasão da *Compagnie d'Occident* de John Law, outro elemento denotativo dos prováveis mecenas do mapa (Fig. 7a e 7b).⁷⁵



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 7 - Nicolas de Fer, *Le cours du Mississipi ou de St Louis fameuse riviere... aux environs de laquelle se trouve le pais appellé Louisiane*. Paris: chez l'auteur, 1718. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-5184.

⁷⁵ Nicolas de Fer, *Les costes aux environs de la riviere de Misisipi...* (Paris: chez l'auteur, 1701. Library of Congress, cota: G4042. M5 1701. F4); Nicolas de Fer, *Le cours du Mississipi ou de St Louis fameuse riviere... aux environs de laquelle se trouve le pais appellé Louisiane* (Paris: chez l'auteur, 1718. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-5184); Camille Mathieu, "An Effortless Empire: John Law and the Imagery of French Louisiana, 1683-1735," (*Journal18*, v.10, Fall, 2020, s. p.); Geoffrey Phelippot, "Les Forces de l'Europe de Nicolas de Fer : fabriquer, vendre et diffuser un atlas urbain à la fin du XVIIe siècle en France", in Ezéchiel Jean-Courret; Sandrine Lavaud; Sylvain Schoonbaert, eds., *Mettre la ville en atlas, des productions humanistes aux humanités digitales* (Pessac: Ausonius éditions, 2021, p. 81-102); Luís Miguel Moreira, "Fortificações abaluartadas da fronteira luso-extremenha na cartografia de Nicolás de Fer" (*O Pelourinho: Boletim de Relaciones transfronterizas*, v. 25, 2021, p. 89).



Figura 7a - Detalhe para o brasão da Compagnie.
Nicolas de Fer, *Le cours du Mississipi...* 1718

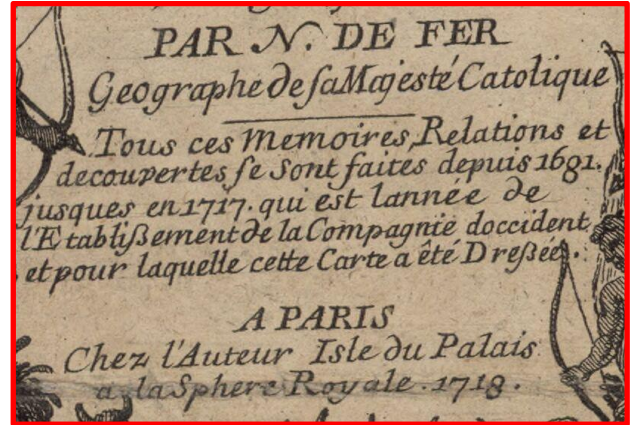
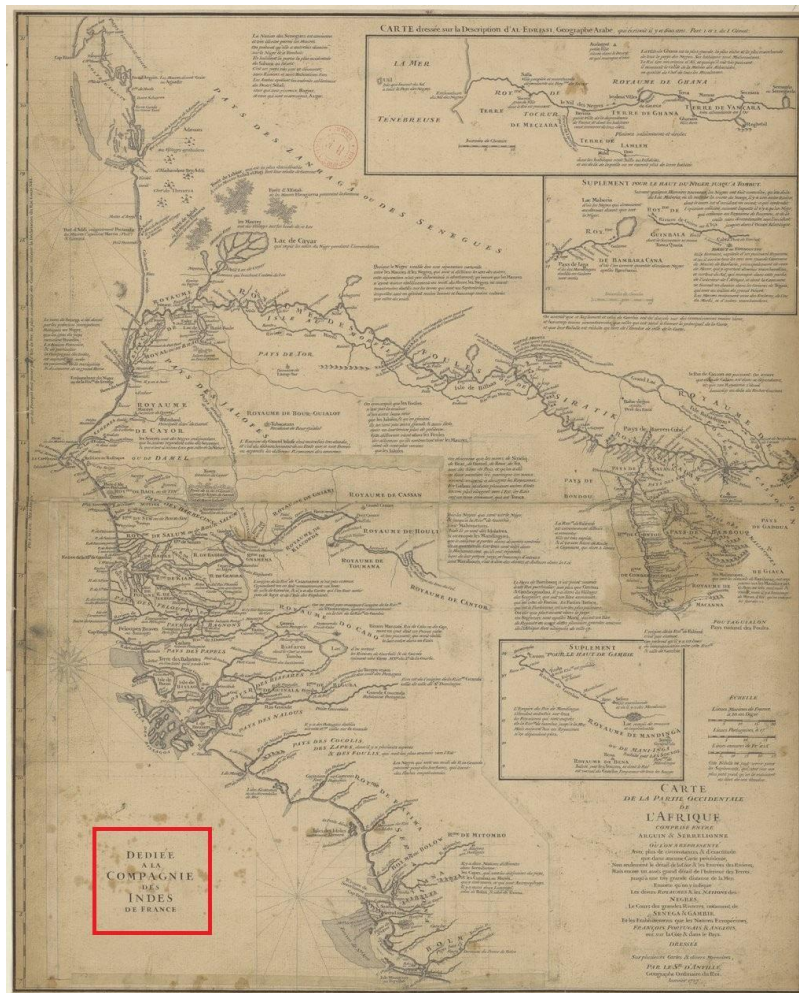


Figura 7b - Dedicatória à Compagnie d'Occident.
Nicolas de Fer, *Le cours du Mississipi...* 1718.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 8 – Jean-Baptiste B. d’Anville, *Carte de la partie occidentale de L’Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...*, [Paris], 1727. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10632.



Figura 8a - Detilhe da dedicatória manuscrita. Jean-Baptiste B. d'Anville, *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...*, 1727.

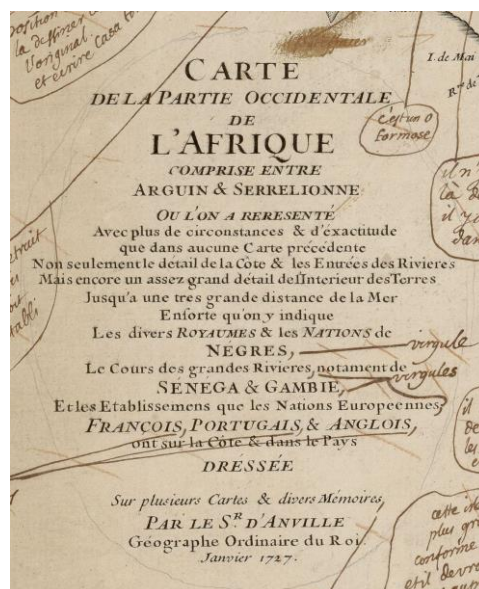


Figura 8b - Detilhe das correções feitas por d'Anville em outro exemplar. Jean-Baptiste B. d'Anville, *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...*, 1727. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-6146.

Investigações historiográficas mostraram que a produção de Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville referente a África foi largamente subsidiada por D. Luís da Cunha, uma vez que o embaixador português buscava meios de assegurar as feitorias na porção meridional do continente, amplamente disputadas entre as monarquias europeias no século XVIII. Com base na volumosa obra do geógrafo, a série cartográfica articulada pela historiadora Júnia Furtado revelou que a fase dos anos 1725 estava comprometida em viabilizar, ao menos cartograficamente, a empreitada almejada pelo diplomata, ou seja, produzir visualmente a curta distância entre as feitorias em Angola e Moçambique, de modo que a proximidade desse a ver, aos portugueses, possibilidades de implementar conexões interioranas entre ambas as costas.⁷⁶

Após a primeira fase, foram diversos os destinatários a quem a obra de d'Anville sobre o continente africano poderia interessar. Este foi o caso do *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...* (1727), contendo dois cartuchos: um para intitular a carta, o outro em dedicatória à *Compagnie des Indes de France* (Fig. 8). Sabe-se que este mapa foi inserido na *Relation de l'Afrique Occidentale* (1728) de Jean-Baptiste Labat, de quem trataremos adiante.⁷⁷ Além do ornamento, pode-se encontrar inscrições a respeito do

⁷⁶ Júnia Ferreira Furtado, *Quebra-cabeça africano...* (Belo Horizonte: Miguilim, 2021, p. 243).

⁷⁷ Furtado destaca ainda que, por causa da dimensão do mapa, ele era vendido separadamente da *Nouvelle Relation*: Júnia Ferreira Furtado, *Quebra-cabeça africano*, (Belo Horizonte: Miguilim, 2021, p. 260).

estado das relações comerciais na região, com destaque para o privilégio da companhia francesa na região:

“Le nom de Senega a été donné par les premiers navigateurs Portugais au Niger, que les gens du pays nomoient Hovedec. La Nation Française, et en particulier la Compagnie des Indes, est aujourd’hui seule en possession de la navigation et du commerce de ce grand fleuve”.⁷⁸

As companhias de comércio francesas forneceram dados importantes para o desenho cartográfico de d’Anville, colaboração evidenciada pelo inventário das memórias e mapas do geógrafo, organizado por Louis-Charles De Manne em 1802, em que destaca quais fontes foram utilizadas para o conhecimento da região de “Arguin & Serrelionne...1727”.⁷⁹ Dentre elas, encontram-se uma cópia que o geógrafo havia feito da *Carte idéale d'une partie de la Concession de la Compagnie Royale du Sénégal depuis le Cap-blanc jusqu'au Bissaux*, manuscrito originalmente elaborado pelo diretor da companhia em 1719, André de Brië ⁸⁰; uma reprodução da *Carte depuis Gorée jusqu'au cap Rouge* de Jean le Serf, em que d’Anville riscou meticulosamente as linhas de rumo das duas rosas do vento⁸¹; chegou inclusive a tomar notas do depoimento oral de d’Après de Mannevillette, que por sua vez leu partes do diário que o piloto da *Compagnie des Indes orientais*, Phillippe Dauge, enviara para o *Dépôt de la Marine*.⁸² D’Anville imprimiu a *Carte de la partie occidentale* somente após averiguação rigorosa da ortografia dos topônimos, pontuação das inscrições e localização dos ícones, revisão documentada pelas provas gravadas antes da versão definitiva (fig. 8b).⁸³

⁷⁸ Jean-B. B. d’Anville, *Carte de la partie occidentale de L’Afrique comprise entre Arguin et Serrelionne...* ([Paris], Janvier 1727. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10632).

⁷⁹ De Manne é a referência dada pela nota catalográfica da Bibliothèque Nationale de France (GE D-10632). A indexação feita pela biblioteca surge que o mapa de 1727 integra uma série documental, entre GE D-10628 e GE D-1032; Louis-Charles De Manne, ed., *Oeuvres de d’Anville*, 2.v, Paris: Imprimerie royale, 1802 [ed. 1834].

⁸⁰ *Carte idéale d'une partir de la Concession de la Compagnie Royale du Sénégal depuis le Cap-blanc jusqu'au Bissaux. Fait au Sénégal le 31me. Décembre 1719, remise à Mr. de St Robert par le Sr Brië* [Document cartographique manuscrit] / [Copié par Jean-Baptiste d’Anville]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10631.

⁸¹ *Carte depuis Gorée jusqu'au cap Rouge [Roxo] et principalement pour l'entrée de la rivière de Gambie, faite par le Sr Le Serf le 17 [octo]bre 1699* [Document cartographique manuscrit] / [copiée par Jean-Baptiste d’Anville au XVIIIe siècle]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10629.

⁸² [Environs du Cap Vert, carte et notes] [Document cartographique manuscrit] / [par Jean-Baptiste d’Anville d’après le témoignage oral de Jean-Baptiste d’Après de Mannevillette]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10628.

⁸³ Jean-B. B. d’Anville, *Carte de la partie occidentale de L’Afrique comprise entre Arguin et Serrelionne...* ([Paris], Janvier 1727. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-6146). A *Compagnie des Indes orientais* havia contratado o hidrógrafo d’Après de Mannevillette: Mary S. Pedley, “Map Trade”, *History of cartography project...*, v.4, p. 781.

c) Artesãos

Independente da dimensão física do suporte, entre a concepção e a versão final de um mapa impresso decorriam uma sequência de etapas que envolvia a participação de diferentes profissionais especializados, a quem chamaremos de *artesãos*. A escolha desse termo mais amplo reporta as discussões feitas pela historiadora Pamela Smith a respeito do trabalho manual como marca da condição social que perpassa a miríade de atores envolvidos na produção cartográfica.⁸⁴ Na França, a organização desses profissionais em corporações e confrarias remonta ao século XIII, quando a pedido do rei Louis IX, Étienne Boileau redigiu o “*Livres des métiers*” (ca. 1268) compilando as ocupações praticadas na França.⁸⁵ As corporações possuíam um estatuto, eram responsáveis pela transmissão do ofício aos aprendizes, submetidos ao mestre-artesão, grau alcançado após a elaboração de uma obra-prima reconhecida por pares. Estes pré-requisitos não se aplicavam aos produtores de iconografias, ou seja, *dessinateurs*, *imagier (tailleur en bois, tailleur d'histoires, graveur en taille douce)* e *enlumineur*, pois estes ofícios produziam representações essencialmente voltadas ao deleite.⁸⁶

Para fins analíticos, os *artesãos* cujos mapas murais serão analisados no capítulo seguinte, podem ser divididos em três: os *criadores*, *gravadores* e *distribuidores*. Segundo a divisão proposta pela historiadora Mary S. Pedley, geógrafos, cosmógrafos, engenheiros-militares, agrimensores e editores podem ser reunidos no primeiro grupo, pois são eles os responsáveis pelo desenvolvimento e atualização dos esboços que servirão de base para a impressão. Os gravadores seriam aqueles responsáveis pelo entalhamento da matriz, contudo não era raro que também soubessem compilar mapas ou que geógrafos dominassem técnicas de gravura. Por fim, os vendedores de *cartes et estampes* realizavam a comercialização, ainda que a distribuição pudesse ser feita pelos próprios criadores de mapas.⁸⁷

A produção da família Nolin é elucidativa da complexa relação estabelecida entre esses segmentos profissionais na França. Jean Baptiste Nolin I (1657-1708) inseriu-se no mercado editorial como gravador, perpetuando o ofício que aprendeu com seu pai.⁸⁸ Além do domínio técnico, os Nolin estabeleceram lojas revendedoras na rua *Saint-Jacques* e, em 1687, no *Quai*

⁸⁴ Pamela Smith, *The Body of the Artisan...* (Chicago: University Chicago Press, 2004).

⁸⁵ “Fiche de recherche - Les métiers sous l'Ancien Régime”, *Archives Nationales*, 2008.

⁸⁶ Segundo o Decreto de 26 de maio de 1660; Catherine Hofmann, “Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670”, In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v.3. pt. 1, 2007, p. 1580).

⁸⁷ Adotamos a tripartição proposta pela historiadora Mary S. Pedley, “Map Trade”, *History of cartography project...*, v.4, p. 780-787).

⁸⁸ Numa Broc, “Une affaire de plagiat cartographique sous Louis XIV : le procès Delisle-Nolin” (*Revue d'histoire des sciences et de leurs applications*, v.23, n° 2, 1970, p. 145).

de l'Horloge. Um ano antes, um contrato firmado com Vincenzo Coronelli (1650-1718), concedeu à Nolin I o monopólio de comercialização dos mapas excedentes que o ateliê imprimia para cosmógrafo veneziano.⁸⁹ Em 1701, o editor e gravador conquistou o título de *geographe du Roy*, porém o conhecimento adquirido nos mapas que reproduziu o inteirava de noções básicas de geografia, diferente do repertório gozado pelos geógrafos de gabinetes, ou propriamente *criadores*.

Estes últimos eram os mais prestigiados, como Jean Baptiste Bourguignon d'Anville (1697-1782), que obteve o título *geographe ordinaire du Roy* em 1719 e personifica a definição destes profissionais, pois seus mapas obedeciam uma meticulosa metodologia: d'Anville confrontava a literatura canônica a respeito das regiões cartografadas com fontes primárias de primeira mão e testemunhais; as medições que empregava eram baseadas em cálculos matemáticos; suas escolhas eram explicitadas em memórias geográficas detalhadas, publicadas no periódicos das Academias de Ciência europeias. Apesar de toda sua expertise e comprometimento com os padrões de veracidade científica da época, o geógrafo alcançou o posto de membro da *Académie des Sciences* de Paris somente em 1773, pois integrar o círculo de *savants* desta instituição exigia mais do que reconhecimento intelectual e prestígio, como ser descendente de geógrafos notabilizados. d'Anville não tinha essa distinção de linhagem: era filho de um gravador e conseguiu se destacar graças aos estudos no *Collège des Quatre-Nations*; em 1724 ganha mecenas do rei de Portugal e é contratado para organizar a coleção de estampas e mapas que Cunha estava adquirindo em Paris.⁹⁰

A grande maioria dos artesãos aprendeu suas práticas através da transmissão parental do ofício ou de laços matrimoniais com dinastias familiares no ramo da produção cartográfica. Este foi o caso do ateliê das famílias Sanson e Delisle; o gravador Jean Lattré cuidava das edições e comércio enquanto sua esposa coloria os mapas. Conforme se verá adiante, foi o ateliê dos Nolin onde Longchamps e Janvier puderam desenvolver suas carreiras de geógrafos.

⁸⁹ Catherine Hofmann, "Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670", In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v.3, pt. 1, 2007, p. 1587).

⁹⁰ Júnia Ferreira Furtado, "Elargir ses réseaux, diversifier ses commandes: les travaux de d'Anville pour la couronne portugaise", In: Catherine Hofmann e Lucile Haguët, eds., *Une Carrière de géographe au siècle des Lumières* (Voltaire Foundation, 2018, p. 53-84).

1. 2. A produção dos mapas murais de Longchamps e Janvier

1.2.1. Sébastian Georges Longchamps (Lorraine, 1718 - Paris, 1793)

Dos artesãos envolvidos na confecção da série mural, são conhecidos mais dados biográficos sobre o geógrafo Sébastian Georges Longchamps (Lorraine, 1718 - Paris, 1793), devido às reminiscências que escreveu sobre sua primeira profissão.⁹¹ Durante treze anos, foi *valet-de-chambre* da condessa de Lannoy.⁹² Em 1746, deixa *Gand* rumo a Paris, para trabalhar junto a sua irmã e ser *maître d'hôtel* de Émilie du Châtelet (Paris, 1706 - Lunéville, 1746), mas as atribuições e o expediente no château de Cirey não tomavam tanto seu tempo, rotina que o deixava “entediado”.⁹³ François-Marie Arouet, Voltaire (Paris, 1694 - Paris, 1778), era um dos assíduos frequentadores do palacete da marquesa.⁹⁴

A ocasião abriu oportunidade para prestar serviços exclusivamente para o historiógrafo do rei da França, ocupando a função por quatro anos e meio, antes da partida do filósofo para Prússia. Suas responsabilidades eram diversas, pois Longchamps administrava tarefas domésticas (auxiliando na vestimenta, organizando viagens, comprando artigos de escritório), inventariava as transações comerciais, e assistia as pesquisas (acompanhando experimentos físicos, observações astronômicas, transcrevendo e tomava notas dos ditados).⁹⁵ Em 1751, um escândalo envolvendo a sobrinha de Voltaire, Marie-Louise Mignot (1712-1790), encerrou abruptamente a carreira do secretário, acusado de roubar e vender manuscritos do filósofo.⁹⁶

Detalhes sobre o cotidiano de Voltaire não foram as únicas lembranças narradas. Após a demissão, Longchamps foi morar nas proximidades da *Saint-Jacques*.⁹⁷ O baixo preço de aluguel foi um atrativo, além do contato com o engenheiro-geógrafo Louis-Charles Desnos (1725-1805), que possibilitou ao ex-valete ingressar em outro ramo profissional, o da confecção e comércio de mapas. Desnos conquistou este título e de geógrafo do rei da Dinamarca em

⁹¹ O historiador Franz Reitinger comprovou que o geógrafo “Longchamps” e o valete Sébastian-G. Longchamp são a mesma pessoa. A fragmentação de sua identidade deve-se às diferentes grafias de seu sobrenome (ora sem o “s”). Franz Reitinger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastian-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundratat*, 2010, p. 74-96).

⁹² Sébastian-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 117); Ronald Vere Tooley, “Sébastien Longchamps”, *Tooley’s dictionary of mapmakers* (Riverside, Connecticut: Early World Press, 2001-2004, v. 3, p.150).

⁹³ Sébastian-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 120-122).

⁹⁴ *Ibid.*, p. 122.

⁹⁵ Franz Reitinger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastian-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundratat* 2010, p. 78).

⁹⁶ O evento e os manuscritos serão retomados no Capítulo 3.

⁹⁷ Sébastian-G Longchamps, “Article XXXV. *Mon établissement à Paris*”, IDEM, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 337).

1769; mas na época em que se conheceram, era *fondeur des caracteres* e vendedor de esferas e instrumentos astronômicos, de quem Longchamps comprava artigos para marquesa do Châtelet e Voltaire.⁹⁸

Conforme conta Longchamps, o interesse pelo novo ofício foi anterior à amizade com Desnos. A origem humilde de sua família o levou a trabalhar desde a juventude; no entanto, dedicou-se aos estudos dos conteúdos ensinados nas “*premières écoles*” e em aprimorar sua caligrafia.⁹⁹ Dada a ausência de recursos, contava com o empréstimo de livros por seus conhecidos, com gosto especial para a leitura de relações de viagem:

*“D'autres fois, je lisais des livres empruntés aux personnes de ma connaissance ; je leur demandais surtout des relations de voyages, qui m'amusaient plus que toute autre chose.”*¹⁰⁰

Mas foi a partir do aprendizado no ateliê de Desnos, que Longchamps adentrou as etapas de confecção cartográfica:

“J'allai en effet travailler chez lui. Il m'ouvrit son magasin, ses portefeuilles; je connus bientôt tout ce qu'ils contenaient. [...] M. Desnos se plaisait davantage à me faire étudier les œuvres des plus savans géographes, et copier leurs cartes; il m'en faisait dessiner de nouvelles”.¹⁰¹

Durante os anos em que trabalhou no ateliê, Longchamps foi incentivado por Desnos a se especializar no ofício de geógrafo, inclusive para ensinar o artesanato a outras pessoas.¹⁰² Como visto anteriormente, os arredores da rua *Saint-Jacques* concentravam livreiros, editores, gravadores e a concorrência entre eles era acirrada por casos de reprodução não autorizada - Desnos chegou a ser acusado de plagiar trabalhos de Jean Lattré.¹⁰³ Nem o roubo dos manuscritos de Voltaire, nem as acusações ao ateliê Desnos prejudicaram a nova carreira de

⁹⁸ A amizade entre Longchamps e Desnos levou o valete a mudar-se para uma residência próximo a Place Maubert, perto da loja de Desnos na rua Saint-Julien-le-Pauvre: Sébastien-G Longchamps, “Article XXXV. *Mon établissement à Paris*”, IDEM, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 337); Franz Reitingger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundrat* 2010, p. 92, n. 50).

⁹⁹ Sébastien-G Longchamps, “Article XXXV. *Mon établissement à Paris*”, IDEM, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 338).

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 338.

¹⁰¹ Franz Reitingger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundrat* 2010, p. 92); Sébastien-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 343).

¹⁰² Sébastien-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 343).

¹⁰³ Mary S. Pedley, *The commerce of cartography...* (Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 113).

Longchamps, que publicou seu primeiro mapa em 1751.¹⁰⁴ Seus empreendimentos duraram até o final de sua vida, sendo legados ao seu filho, que prosseguiu na carreira do pai.¹⁰⁵

1.2.2. Jean Denis Janvier (ativo entre 1746 e 1782)

O segundo artesão envolvido na confecção da série mural é o geógrafo Jean-Denis Janvier, mais conhecido pela participação na confecção de mapas para o *Atlas Moderne* (1762) editado por Jean Lattré, composto por trinta e cinco mapas, dos quais Janvier desenhou dezessete.¹⁰⁶ No entanto, sua carreira estava em curso muito antes desta publicação, pois seu *Nouveau Plan de la ville et faubourgs de Paris* (1748) era comercializado em sua própria loja na rua *Saint-Jacques*, identificada pelo emblema “à la ville d’Anvers”.¹⁰⁷ Conforme apontado pelo historiador Franz Reitingger, Jenvilliers é o sobrenome de gravadores que, por décadas, prestaram serviço ao ateliê dos Nolin, então o sobrenome *Janvier* pode ser uma corruptela. De todo modo, o autor especula que a contratação de Jean Janvier ocorreu em finais de 1740.¹⁰⁸

1.2.3. Gobert-Denis Chambon (m. 1781)

Conforme será detalhado no próximo capítulo, o trabalho artístico de Gobert-Denis

¹⁰⁴ Reitingger fez um levantamento dos mapas publicados por Longchamps em 1751: Franz Reitingger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundrat* 2010, p. 94, n. 73); O catálogo da *Bibliothèque Nationale de France* possui uma quantidade expressiva de trabalhos atribuídos ao geógrafo. Um dos mapas de Longchamps é dedicado a Carlos III de Espanha: Luís Miguel Alves de Bessa Moreira, *Cartografia, Geografia e Poder...* (Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2012, p. 131-135.).

¹⁰⁵ Os editores Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot informam que o filho de Longchamps era alcoólatra e faleceu jovem: Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 34.).

¹⁰⁶ Ronald Vere Tooley, “Jean Denis [Robert] Janvier”, In: IDEM, *Tooley’s dictionary of mapmakers*. (Riverside, Connecticut: Early World Press, 2001-2004, v. 2, p. 450-451). Jean Lattré, *Atlas moderne* (Paris, 1762, Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/1005); Mary S. Pedley, *The commerce of cartography...* (Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 92).

¹⁰⁷ Jean Janvier, *Nouveau Plan de la ville et faubourgs de Paris par élévation* (Paris: chez l’auteur, 1748. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-59 (RES)). Portalis e Beraldi noticiam um atlas atribuído à Janvier, cujos mapas foram majoritariamente gravados por Pierre-Philippe Choffard: Roger Portalis e Henri Beraldi, *Les graveurs du dix-huitième siècle* (Paris: D. Morgand et C. Fatout, 1882, *notice* 859, v.3, p. 782). De fato, a parceria entre os dois foi estabelecida para a impressão dos mapas que o geógrafo publicou em 1760 e 1762, como se verá no capítulo 2 da presente Dissertação. Sabe-se que estes foram os cartógrafos do *Atlas moderne* (1762) editado por Jean Lattré. Reitingger não acredita que Janvier tenha publicado alguma obra deste gênero: Franz Reitingger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundrat* 2010, p. 93, n. 59). No catálogo da *Bibliothèque Nationale de France* há um “recueil de cartes” em que Longchamps e Janvier são identificados como autores do texto, porém em correspondência com a bibliotecária Nadine Férey-Pfalzgraf, identificamos que não se trata de um atlas, mas de um exemplar do mapa-múndi da dupla: *Mappemonde, contenant les parties connues du Globe Terrestre...* (Longchamps e Janvier, gravado por Chambon, 1754). Bibliothèque Nationale de France, cota: Arsenal EST-1646-17.

¹⁰⁸ Franz Reitingger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundrat*, 2010, p. 93, n. 58).

Chambon adicionou valiosas representações iconográficas à série mural.¹⁰⁹ Entretanto, são escassas as informações disponíveis para reconstituir sua biografia. Dados sobre a trajetória deste artesão atravessam o inventário da morte de Jacques Chéreau, proveniente de antiga família de gravadores estabelecidos na rua *Saint-Jacques*. A partir da lista de dependências deixadas pelo falecido, sabe-se que Chambon era um gravador especializado em *taille-douce* e, em 1776, encontrava-se na rua *Saint-Jean-de Beauvais*; além disso, seus trabalhos deviam ser constantemente requisitados, pois o inventário também informa que Chambon deveria receber a soma de 57 *livres*, dívida contraída por Chéreau.¹¹⁰ A pesquisa apurou a participação de Chambon em diversas gravuras encomendadas por Longchamps, parceria que foi mantida pelo filho do ex-valete.¹¹¹

A composição artística concebida pelos gravadores não dependia apenas de critérios pessoais. Desde o contrato firmado entre Gastaldi e o Conselho dos Dez, em 1549, encontramos prescrições sobre a ornamentação da *teleri*. Além das cores pré-determinadas, exigia-se que o cosmógrafo piemontês pintasse a obra com diligência para que a cartografia evidenciasse com vivacidade estética as informações provenientes das incursões marítimas realizadas no período.¹¹² Em 1748, uma cláusula do contrato firmado entre Estados de Languedoc com o geógrafo Philippe Buache determinou a inclusão de brasões das dioceses e da província, além de figuras alegóricas relativas a agricultura, história natural, comércio da província e monumentos antigos e modernos:

« *On distinguera dans ces cartouches le blason de Messeigneurs les prélats et barons dans chaque diocèse, celui de la Province de leurs propres supports au défaut desquels elles seroient accompagnées de génies ou de figures allégoriques et attributs convenables à ce qui sera connu des productions de la terre, de l'histoire naturelle et du commerce des différents cantons, à quoi l'on ajoutera ce qui pourra se trouver de particulier par rapport aux monumens anciens et modernes* »¹¹³.

No decorrer da pesquisa buscaremos demonstrar que, igualmente no caso da série mural, Longchamps e Janvier participaram ativamente na constituição dos ornamentos cartográficos.

¹⁰⁹ Ronald Vere Tooley, “Gobert Denis Chambon”, In: IDEM *Tooley's dictionary of mapmakers* (Riverside, Connecticut: Early World Press, 2001, v. 1, p. 253).

¹¹⁰ Jules-Joseph Guiffrey, *Scellés et inventaires d'artistes* (Paris: Charavay frères, 1886, t. 3 [1771-1790], p. 68).

¹¹¹ [Sébastien?] Longchamps, fils, *Carte du Cours des Fleuves du Sénégal...* (Paris: chez l'auteur, gravado por Gobert Denis Chambon, 1779. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE SH 18 PF 111 DIV 2 P 38 D).

¹¹² Giovanni Battista Lorenzi, *Monumenti... Palazzo Ducale*, v.1, p. 268.

¹¹³ François de Dainville, *Le langage des géographes...* (Paris: A. et J. Picard, 1964, p. 64).

1.2.4. A trajetória dos mapas murais de Longchamps e Janvier

a) Confeção

Os primeiros mapas confeccionados por Longchamps e Janvier datam de 1751 e contaram com a colaboração do gravador Chambon.¹¹⁴ O encontro dos geógrafos foi oportunizado pela proximidade de seus empregadores. Em 1749, Jean-Baptiste Nolin II levou à falência o empreendimento que estava em sua família há três gerações; não obstante, continuou exercendo o ofício, valendo-se de parcerias com outros editores, como foi a colaboração de Louis-Charles Desnos.¹¹⁵ Foi nesta ocasião que os funcionários de ambos puderam articular obras conjuntas.

O artigo pioneiro do historiador Franz Reitinger demonstrou que Longchamps tinha facilidade em obter apoio financeiro para viabilizar as impressões de suas obras, enquanto Janvier voltava-se à atualização e produção de novas matrizes cartográficas. Após as investigações realizadas pela presente pesquisa, parece-nos que as atribuições de Longchamps no processo de manufatura da série mural excedeu a função da comercialização. Como visto anteriormente, o interesse precoce na ciência geográfica e o período em que foi pupilo de Desnos levaram Longchamps a conquistar certa autonomia na edição de mapas. Com base nas produções elaboradas por cada um dos geógrafos após a publicação da série mural em 1754, constatamos que Longchamps continuou publicando mapas em seu nome, muitos deles gravados por Chambon, enquanto os mapas de Janvier foram preferencialmente gravados por artesãos ligados ao ateliê de Jean Lattré, denotando o investimento de Longchamps em construir uma “linha editorial” própria.¹¹⁶ Além disso, as edições posteriores da série mural foram vendidas exclusivamente pelo ateliê de Longchamps.¹¹⁷

Embora a parceria não fosse tão rígida e cada um pudesse desenvolver seus próprios trabalhos, a relação entre os dois geógrafos só durou até 1755, quando Longchamps já havia estabelecido sua própria loja.¹¹⁸ A partir desta inserção, Longchamps estabeleceu-se definitivamente em Paris. As investigações de Reitinger suspeitam que ex-valete tenha se casado com uma membra não identificada da família Nolin, laço que lhe fez herdar não só a

¹¹⁴ Franz Reitinger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundratal*, 2010, p. 94-95, n. 73).

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 93, n.66.

¹¹⁶ Observação feita a partir do inventário da Bibliothèque Nationale de France das produções dos geógrafos.

¹¹⁷ Como o caso do exemplar do mapa mural da América, disponível na Bibliothèque Nationale de France, que será melhor analisado nos próximos capítulos.

¹¹⁸ Sobre o encerramento dos trabalhos conjuntos: Franz Reitinger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundratal*, 2010, p. 83).

loja dos Nolin na *Saint-Jacques*, como parte do estoque de placas de cobre da família, as quais utilizou vastamente.¹¹⁹ Está por ser feito uma averiguação sistemática desta hipótese, no entanto, parece-nos plausível, uma vez que boa parte dos mapas de Longchamps indicam que seu ateliê podia ser reconhecido “à la Place des Victoires”, emblema que estava em uso pela na família Nolin antes de 1687.¹²⁰ As relações de parentesco, de negócios e de *expertise* convergiram auspiciosamente neste momento.

b) Circulação

A divulgação dos mapas confeccionados pela dupla ocorreu em diferentes gazetas científicas e literárias: em fevereiro de 1752, a *Mercure de France* lançou nota na sessão de *Beaux-Arts* sobre a *Carte de géographie allégorique de l'Empire du Coeur*; em março do mesmo ano, a *Suite de la Clef, ou Journal historique* apresentou resumo da mesma.¹²¹ Este não foi o único caso, pois em abril de 1754, a *L'Année Littéraire* divulgava um breve parágrafo sobre as *grandes cartes nouvelles*, as quais o *Mercure de France* cita os comentários que os geógrafos fizeram para cada mapa da série.¹²² No caso das emissões do *Mercure de France*, é provável que tais mapas tenham sido apreciados por Guillaume Thomas François Raynal (1713-1796), então diretor da gazeta, futuramente conhecido por sua *L'Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* (1770).¹²³

Com base nos exemplares apurados pela pesquisa, constatou-se a existência de três edições da série mural (1754, 1760 e 1788), dispersas em bibliotecas nacionais, universitárias e antiquários. A catalogação da *Bibliothèque Nationale de France* informa que seus exemplares datam de 1754, no entanto, os mapas da Europa e da América também apresentam outro ano: “A Paris, chez Longchamps Geographe, Rue St. Jacques à l'Enseigne de la Place des Victoires,

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 83, n. 70. Reitinger fez um levantamento das obras em que Longchamps utilizou o acervo dos Nolin. Uma das referências para tal levantamento foi a obra de Dainville: François de Dainville, *La géographie des humanistes* (Geneva : Slatkine Reprints, 1969). O autor, por sua vez, analisa edições que Longchamps fez da *Carte de l'assistance de France...* (1761) e informa que ela foi inicialmente desenhada por Jean-Baptiste Nolin II em 1706. Parece-nos que a contribuição de Longchamps foi a inclusão de um detalhado ornamento textual intitulado *Description historique*, semelhante ao que se encontra na série mural de 1754.

¹²⁰ Franz Reitinger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundratat*, 2010, p. 93, n. 60). Reitinger detalha a questão do emblema “à la Place des Victoires”, inicialmente pertencendo ao ateliê Langlois, famosos editores do século XVII.

¹²¹ *Mercure de France*, (Paris, fevereiro de 1752, t.2, p. 179); *Suite de la Clef* (Paris, mar. 1752, t. LXXI, p. 189),

¹²² *L'Année Littéraire* (Amsterdam e Paris, t.2, 30 de abril de 1754); *Mercure de France* (Paris, t.4, abril de 1754).

¹²³ “Depuis le 1^{er} juillet 1750 jusqu’au 31 décembre 1754, le *Mercure de France* eut pour auteur l’abbé Raynal, né à Sainte-Geniès (Aveyron), le 11 mar 1700, et mort à Chaillot le 6 mai 1796, qui publia 64 volumes où il eut le tort d’ouvrir la porte à la littérature légère”, Étienne Deville, *Index du Mercure de France...* (Paris: Jean Schemit, 1910, p. XIV.); Guillaume-Thomas Raynal, (1713-1796). *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*. Amsterdam, 1770.

1760”, enquanto o mapa-múndi e o da Ásia duplicam a autoria de Longchamps, sem especificar a data da edição. A divergência não só coloca a necessidade de verificação das informações catalográficas, como chama atenção para a centralidade do ex-valete no comércio dos mapas, afinal, ele permaneceu vendendo a série na loja, mesmo após a dissolução de sua parceria com Janvier. Já a edição mais antiga foi copiada pelo gravador Louis-Joseph Mondhare em 1788, mostrando a longevidade do alcance da série.

Quadro 1 - Exemplos da série mural de Longchamps e Janvier, com bordas ornamentais

Data da edição	Título do mapa mural com ornamentos	Gravador	Localização
[1754]	<i>Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...</i>	Gobert-Denis Chambon	IEB-USP (Brasil)
	<i>L'Asie divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	IEB-USP (Brasil)
	<i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	IEB-USP (Brasil)
	<i>L'Europe divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	IEB-USP (Brasil)
	<i>L'Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...</i>	Gobert-Denis Chambon	IEB-USP (Brasil)
1754	<i>Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...</i>	Gobert-Denis Chambon	* Biblioteca Nacional de Portugal
	<i>L'Asie divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	* Biblioteca Nacional de Portugal
	<i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	* Biblioteca Nacional de Portugal
1754	<i>L'Afrique divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	Bibliothèque Nationale de France
[1760?]	<i>L'Asie divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	Bibliothèque Nationale de France
	<i>Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...</i>	Gobert-Denis Chambon	Bibliothèque Nationale de France
1760	<i>L'Europe divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	Bibliothèque Nationale de France
	<i>L'Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...</i>	Gobert-Denis Chambon	Bibliothèque Nationale de France
1760	<i>L'Europe divisée en tous ses Etats...</i>	Gobert-Denis Chambon	Universität Regensburg (Alemanha)
	<i>L'Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...</i>	Gobert-Denis Chambon	Universität Regensburg (Alemanha)
1788	<i>L'Asie divisée en tous ses Etats...</i>	Louis-Joseph Mondhare	Christie's
1788	<i>L'Europe divisée en tous ses Etats...</i>	Louis-Joseph Mondhare	Libreria Antiquaria Perini (Itália)

* edição com bordas textuais, mas sem iconografias.

Por meio de suas memórias, Longchamps teceu pequenas crônicas repletas de detalhes acerca do comércio e consumo de mapas pelos parisienses. Transcorridas mais de duas décadas após o último contato com Voltaire, Longchamps empenhou-se em reencontrar o antigo patrão

enquanto o filósofo estava de passagem em Paris em 1778. O ex-valete contou com um cliente seu para realizar o encontro: “*Enfin, je pris le parti d’aller trouver un homme de lettres que je connaissais, parce qu’il était venu plusieurs fois chercher chez moi des cartes géographiques. Je savais qu’il avait été anciennement lié d’amitié avec M. de Voltaire*”.¹²⁴ Embora a identidade do comprador não seja revelada, Longchamps destaca que este era um “*homme de lettres*”, ou seja, que participava dos lugares de socialização de eruditos diretamente ligados à Voltaire.

A comparação com o consumo de mapas nas Províncias Unidas é um meio possível para vislumbrarmos quem seriam os possíveis compradores da série mural. O “impulso cartográfico” reconhecido na arte holandesa pela historiadora Svetlana Alpers, revelou que mapas de diferentes dimensões eram objetos decorativos amplamente difundidos, figurando inclusive nas telas de artistas como Johannes Vermeer.¹²⁵ Desde o início do século XVII, a notória produção cartográfica havia sido amplamente subsidiada pela Verenigde Oostindische Compagnie (VOC) e pela West India Company (WIC).¹²⁶ No caso das contrapartes francesas, as memórias de Longchamps mostram que ele não era alheio ao universo das Companhias de Comércio.

No capítulo sobre as finanças de seu patrão, o valete forneceu uma lista dos recibos com os valores das anuidades, pensões e rendas recolhidas por Voltaire em 1749. Naquele ano, o filósofo ganhou 1.200 libras de pensão do duque de Orleans e 2.000 libras em troca de seus apontamentos para uma historiografia da França. Ainda segundo a lista feita por Longchamps, um dos investimentos de Voltaire foi na Companhia de comércio prussiana, a *Emden Company* (1750-1753):

“On m’a dit que, pendant son séjour en Prusse, il prit part à l’établissement d’une espèce de compagnie des Indes que le roi formait au port d’Emden, et qu’il mit deux millions dans cette

¹²⁴ Sébastien-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 357-358).

¹²⁵ Svetlana Alpers, *A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII* (São Paulo: Edusp, 1999, p. 241-317). A comparação feita por Bertocchi das dimensões do mapa gravado por Claes Jansz Visscher com a figuração deste objeto no óleo sobre tela de Cornelius de Man demonstrou que, no quadro, a cartografia foi intencionalmente ampliada pelo artista para realçar as características de um típico gabinete de estudos holandes: Victor Bertocchi Ferreira, *O Pincel de Marte...* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019, p. 305). Para um estudo detido na produção cartográfica estimulada pelas Companhias de comércio holandesas e sua relação com a exploração escravista, citamos: Elizabeth Sutton, *Capitalism and Cartography in the Dutch Golden Age* (Chicago: Univ. Chicago Press, 2015, a exemplo da iconografia dos engenhos de açúcar nos mapas de Blaeu, p. 96.).

¹²⁶ Kees Zandvliet, *Mapping for Money: Maps, Plans, and Topographic Paintings and Their Role in Dutch Overseas Expansion During the 16th and 17th Centuries*. Amsterdam: De Bataafsche Leeuw, 1998. IDEM, “Mapping the Dutch World Overseas in the Seventeenth Century”, In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v.3, pt. 1, 2007, p. 1433-1462. Para uma listagem dos mapas murais seiscentistas produzidos no âmbito da WIC, ver: Victor Bertocchi Ferreira, *O Pincel de Marte...* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019, p.60-61).

*entreprise, mais qu'au bout de deux ou trois ans, la compagnie s'étant dissoute, faute de succès, il retira ses fonds et les plaça chez plusieurs princes d'Allemagne.*¹²⁷

Enquanto esteve na corte de Frederico II da Prússia, Voltaire foi um dos que apostou no sucesso da *Compagnie des Indes* de Emden, destinada a disputar com as concorrentes europeias o comércio no oceano Índico. Porém, comparado com as outras fontes de rendas, este contrato lhe rendeu um lucro pequeno, 605 libras.¹²⁸ Tamanho investimento neste nicho não foram os únicos empreendidos por Voltaire, que por volta de 1722 havia herdado de seu pai três ações da *Compagnie des Indes Orientales*, uma lucrativa fonte de renda.¹²⁹

Outro indício acerca do interesse de Longchamps sobre as Companhias de Comércio pode ser mensurado através da rede de contatos após o ingresso no mercado cartográfico. Durante a estadia de Voltaire na corte prussiana, Longchamps recebia cartas com instruções sobre os serviços pendentes em Paris. Uma dessas correspondências foi entregue por Joseph du Fresne de Francheville (1704-1781), editor francês do *Siècle de Louis XIV* na Prússia.¹³⁰ Antes de editar a obra de Voltaire, Francheville já havia redigido uma *Histoire de la Compagnie des Indes* (1746), espécie de história das finanças, com compilação dos títulos e privilégios concedidos às companhias de comércio francesas ocidental e oriental.¹³¹

1.3. Do Code Noir (1685) à Police des noirs (1777)

Após a publicação dos mapas murais, outras versões vieram a público em formato *in-folio* no atlas de Jean Lattré. O *Avertissement* indica que a obra foi elaborada a partir da reunião

¹²⁷ Segundo o biógrafo Théophile Duvernet em *La Vie de Voltaire* (1786), o filósofo teria investido 1 milhão de libras na companhia de Emden, metade do valor relatado por Longchamps. O segundo valor nos parece mais plausível, se considerado a média de investimento dos acionistas da *Compagnie des Indes occidentales* francesa, pois segundo Haudrière, para a fundação da sobredita companhia o investimento régio foi em torno de 2 milhões de libras, fora a cobertura de eventuais prejuízos sofridos nos primeiros quatro anos da empresa; já os acionistas investiram cerca de 1.300.000 de libras por turno. Sébastian-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 334-5); Philippe Haudrière e Gérard Le Bouedec, “Fondation des Compagnies françaises des Indes mai-août 1664”, *Archives Nationales de France*; Felicia Gottmann, “Prussia all at Sea? The Emden-based East India Companies and the Challenges of Transnational Enterprise in the Eighteenth Century”, *Journal of World History*, v. 31, n° 3, Setembro 2020, p. 539).

¹²⁸ Sébastian-G Longchamps, *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* (Paris, 1826, p. 334).

¹²⁹ Recentemente, o testamento de François Arouet (1649-1722) e relatórios da renda de Voltaire proveniente desta Companhia foram listados online pela *La Société Voltaire*: <https://societe-voltaire.org/cqv/negrier.php> (acesso em 10 de setembro de 2023). Aparentemente, Jean Ehrard não teve acesso a tais documentos quando criticou a historiografia que sugeria a vinculação de Voltaire às Companhias de comércio francesas. Jean Ehrard, *Lumières et esclavage* (Bruxelles, André Versaille éditeur, 2008, p. 28-29). Ginzburg se baseou no artigo de Emeka Patrick Abanime para tratar das ações de Voltaire e relacioná-las ao racismo “*lato sensu*” do filósofo. Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros* (São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 123, n. 39).

¹³⁰ O assunto desta carta será retomado no capítulo 3. “2355 - De Longchamp à monsieur de Voltaire, au palais du roi de Prusse, à Potsdam (A Paris, ce 30 mars 1752)”, In: *Oeuvres complètes de Voltaire*, 1877-85, p. 395-397.

¹³¹ Joseph du Fresne de Francheville, *Histoire de la Compagnie des Indes, avec les titres de ses concessions et privilèges dressée sur les pièces authentiques*. Paris: De Bure l'aîné, 1746. Collectivité territoriale de Martinique. Bibliothèque Schoelcher.

dos trabalhos de *sçavans* renomados: Rigobert Bonne, Giovanni Rizzi Zannoni e Jean Janvier.¹³² Conforme mencionado anteriormente, na França, a publicação de textos geográficos era privilégio dos livreiros. Por isso, a obra editada por Lattré complementava a *Géographie Moderne* (1747) de Louis-Antoine Nicolle de Lacroix, destinada à educação de jovens, mas que só podia ser comprada na livraria de Jean-Thomas Hérisant.¹³³

Nesta loja, o catálogo de 1747 informa que, além da obra de Lacroix, entre dicionários e livros de história e teologia cristã, também se encontravam à venda três volumes corrigidos e aumentados do *Le dictionnaire des Cas de conscience* de Jean Pontas (1638-1728), por 50 *livres*.¹³⁴ Os Tribunais de Consciência eram compostos por teólogos doutores em direito canônico da Sorbonne. No verbete “*esclave*”, Pontas afirma que a muito tempo a escravidão estava abolida nos reinos cristãos da Europa; no entanto, era possível encontrar “*esclaves nègres*” (africanos ou não) na França, pois era permitido por lei a existência de um *manipium* provindo de um “país de escravidão”:

*“Au surplus, il est vrai qu’il peut se trouver en France quelques Esclaves Negres de l’Afrique ou d’ailleurs, qui quoiqu’ils soient hors du pays d’esclavage, ne laissent pas d’être censez in rebous domini, et nous avons une Declaration du Roi de 1685, qui les déclare de la qualité des bien meubles, à moins qu’ils ne soient attachez à une terre.”*¹³⁵

Todo o dicionário de Pontas apresenta exemplos de contendas relacionados ao verbete, aos quais o teólogo dá seu parecer, incluindo casos cotidianos. Por intermédio desses exemplos, podemos acompanhar as concepções que marcaram as controvérsias jurídicas sobre a legitimidade da escravatura em solo francês. Pontas avalia as petições de liberdade de três escravizados para discorrer sobre as condições de alforria: o estatuto jurídico dos filhos de Armentaire, escravizado, com Fabiole, livre (ambos sem identificação de suas características biotípicas), que deveriam seguir a condição jurídica da mãe; a validade da petição de liberdade de Antoine, escravizado cristão do turco Hassan; por fim, a petição de liberdade de Caelius, escravizado que, estando em Paris com negreiros franceses, reclamou o princípio de Solo Livre

¹³² Jean Lattré, ed., *Atlas moderne* (Paris: Jean Lattré, 1762). Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/1005.

¹³³ Segundo o catálogo da loja, o atlas podia ser comprado por 30 *livres*. Jean-Thomas Hérisant, *Catalogue des livres de Jean-Thomas Hérisant, libraire à Paris, rue S. Jacques, au coin de la rue de la Parcheminerie, à S. Paul & à S. Hilaire*. 1747. Bibliothèque Nationale de France, cota: 4-Q10A-175.

¹³⁴ “M. Jean Pontas, *Le dictionnaire des Cas de conscience, ou Décisions des plus considérables difficultés touchant la Morale et la discipline Ecclésiastique, tirées de l’Ecriture, des Conciles, des Décrétales des Papes, et des plus célèbres Théologiens et Canonistes : Nouvelle Edition, revue, corrigée, et considérablement augmentée*, 3 vol., in-fol, 50 l.”, Jean-Thomas Hérisant, *Catalogue des livres de Jean-Thomas Hérisant, libraire à Paris, rue S. Jacques, au coin de la rue de la Parcheminerie, à S. Paul & à S. Hilaire*. 1747. Bibliothèque Nationale de France, cota: 4-Q10A-175.

¹³⁵ Jean Pontas, *Dictionnaire de cas de conscience, ou Décisions des plus considerables difficultez touchant la morale & la discipline ecclésiastique...* v. 2 (Paris: La Veuve Le Mercier, 1734, p. 259).

francês. Neste último caso, Pontas é menos resoluto, pois seria necessário avaliar em quais condições foi feito o cativo de Caelius.¹³⁶

Segundo o historiador David Brion Davis, durante o Iluminismo há um embate sobre as contradições no uso das escrituras sagradas para justificar moralmente a escravidão. Em 1698, Germain Fromageau, presidente do Tribunal da Sorbonne, discorre sobre a impossibilidade, por parte dos senhores de escravos, de determinar as circunstâncias em que fora realizado o apresamento original de seus cativos, se este seria justo ou não. Naquela época, o veredicto deste magistrado apontou que a maioria dos casos provinham de leis fraudadas ou tirânicas.

Como se verá com mais detalhe no próximo capítulo, o debate a respeito da legitimidade da escravidão ajudará a compreender os ornamentos dos mapas murais, onde identificamos embates semelhantes na composição das iconografias, dos textos e da espacialização do trato negreiro. Tal qual o caso de Armentaire e Fabiole, a série mural não menciona mestiços afrodescendentes. A ausência desta referência possivelmente remete às repercussões dos editos reais franceses posteriores ao código de 1685. pois, mesmo antes de se tornar geógrafo, as questões coloniais não eram tão distantes de Longchamps. Por exemplo, sabemos que na Biblioteca de Voltaire, o valete poderia consultar uma compilação do *Code noir* junto à determinações para as Companhias de Comércio francesas atuantes no tráfico negreiro.¹³⁷

Para o historiador Louis Sala-Molins, o *Code noir* pode ser compreendido como uma “performance teórica” que marcou a modernidade na França, ao regulamentar a prática escravista nas colônias.¹³⁸ Com base nos estudos da historiadora Sue Peabody, se ampliado o recorte temporal a partir de 1685, um conjunto de leis publicadas até 1777 perfaz um longo movimento rumo ao acirramento das concepções raciais na França.¹³⁹ No escrutínio do processo de formatação deste arcabouço legal, podemos somar as análises de Christiane Taubira e de Jean-François Niort sobre os adendos do código, redigidos especialmente para as ilhas de Bourbon e France, ampliando o escopo territorial das investigações sobre as pretensões imperiais francesas.¹⁴⁰

¹³⁶ Jean Pontas, *Dictionnaire de cas de conscience, ou Décisions des plus considerables difficultez touchant la morale & la discipline ecclésiastique...* v. 2 (Paris: La Veuve Le Mercier, 1734. 260-264).

¹³⁷ Laurent-François Prault, ed., *Le Code noir, ou Recueil des réglemens rendus jusqu'au présent concernant le gouvernement, l'administration de la justice, la police, la discipline et le commerce des nègres dans les colonies françoises, et les conseils et compagnies établis à ce sujet* (Paris: Prault, 1742). Mikhail Pavlovich Alekseev e Tatyana N. Kopreeva, *Bibliothèque de Voltaire* (Leningrado: Izdatel'stvo Akademii Nauk SSSR, 1961, p. 274).

¹³⁸ Louis Sala-Molins, *Le Code Noir ou le calvaire de Canaan*, 1987, p. 9.

¹³⁹ Sue Peabody, *There are no slaves in France*, 2002. *passim*.

¹⁴⁰ Christiane Taubira e André Castaldo, eds., *Codes Noirs: de l'esclavage aux abolitions*. Éditions Dalloz, 2006; Jean-François Niort, *Code noir (version Guadeloupe, décembre 1685)*. Société d'Histoire de la Guadeloupe, 2015.

O edito real outorgado por Louis XIV foi tramitado *Secrétaire d'État* da Marinha de Louis XIV, Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), apoiado nas *mémoires* enviadas pelos governadores e intendentes coloniais. A definição do código visava normatizar a governança dos escravizados por senhores nas colônias francesas *Martinique*, *Guadeloupe* e *Saint-Christophe*, assegurando a evangelização dos escravizados no Novo Mundo - embora, na prática, a vida cotidiana nesses territórios não cumprisse à risca as determinações.¹⁴¹

Segundo o verbete da Enciclopédia, o adjetivo que qualifica o edito remete à cor de pele dos escravizados: “*On l’appelle ainsi code noir, parce qu’il traite principalement des Nègres ou esclaves noirs que l’on tire dela côte d’Afrique, & dont on se sert aux îles pour l’exploitation des habitations.*”¹⁴² Como no verbete, o código alterna o uso dos termos *esclave*, *noir* e *nègre*, denotando, embora não sedimentada, certa ambivalência de significados entre eles.¹⁴³ Em 1685 também foi outorgado o edito de Fontainebleau, que revogou o de Nantes de 1598, que concedia liberdade religiosa para os huguenotes na França. Não por acaso, o segundo artigo do *Code noir* interditou a presença de protestantes e mulçumanos nas colônias francesas na América, bem como estipulou a obrigatoriedade do batismo dos escravizados.¹⁴⁴

No Caribe, os franceses haviam ocupado *Saint Christophe* em 1627, enquanto *Martinique* e *Guadeloupe* estabeleceram-se em 1635 - os Conselhos Soberanos destas ilhas registraram o *Code Noir* no mesmo ano em que o código foi publicado.¹⁴⁵ Petit-Goâve, *siège* do conselho de *Saint Domingue* só registrou o código em 1687, vinte e oito anos após a ocupação francesa do território caribenho.¹⁴⁶

No decorrer do século XVIII, foram criadas versões regionais do código para as colônias francesas *île de France* (atual *île Maurice*) e *île Bourbon* (atual *Réunion*), sendo registradas em dezembro de 1723; em para *Louisiane*, um ano depois, em março de 1724.¹⁴⁷ No Índico e na

¹⁴¹ Sobre os antecedentes do edito, ver: Valentine Palmer Vernon, “Essai sur les origines et les auteurs du Code Noir” (*Revue internationale de droit comparé*, v.50, n°1, janvier-mars, 1998, p. 111-140). O código foi revogado pela primeira vez em 1794, mas só foi definitivamente extinto em 1848, quando foi abolida a escravidão na França.

¹⁴² [Autoria não identificada] “Code Noir”, *Encyclopédie*, v.III, 1753, p. 582.

¹⁴³ Tal aspecto será melhor tratado no capítulo 3 da dissertação.

¹⁴⁴ Christiane Taubira e André Castaldo, eds., *Codes Noirs: de l’esclavage aux abolitions*. Éditions Dalloz, 2006, p. 38.

¹⁴⁵ Segundo as notas de Isambert, o *Code noir* foi registrado na Martinica, em 06 de agosto de 1685 e em Guadalupe, em 10 de dezembro de 1685. “n.1150 – CODE NOIR, touchant la police des Iles de l’Amérique. Versailles, mars 1685”, In: François-André Isambert, *Recueil général des anciennes lois françaises depuis l’an 420 jusqu’à la révolution de 1789*. Belin-Leprieur : Plon, 1821-1833. t. 19, p. 494-504.

¹⁴⁶ Laurent-François Prault, ed., *Le Code noir, ou Recueil des règlements...* (Paris: Prault, 1742, p. 28). Isambert não arrolou este edito.

¹⁴⁷ Christiane Taubira e André Castaldo, eds., “Le Code noir de décembre de 1723”, In: IDEM. *Codes Noirs: de l’esclavage aux abolitions*. Éditions Dalloz, 2006, p.59-65; Laurent-François Prault, ed., *Le Code noir, ou Recueil des règlements...* (Paris: Prault, 1742, p.281-315). Prault e Isambert não listam o edito de 1723.

América do Norte, o código sofreu ajustes significativos nos artigos relativos aos matrimônios contraídos nestes estabelecimentos. A alternância no uso dos termos *esclave*, *noir* e *nègre* permanecera como na versão primitiva. Porém, no âmbito da regulamentação das relações raciais no império, as duas versões posteriores introduziram uma novidade: a proibição do casamento ou concubinação entre súditos brancos e negros, mesmo que estes fossem libertos, livres ou escravizados.¹⁴⁸

Se comparados com o artigo nono de 1685, em que apenas o status jurídico e de gênero é impeditivo para a união (“*les hommes libres*”), as versões de 1723 e 1724 adicionam, via artigo quinto, à interdição matrimonial a variante cromática de seus súditos (“*les sujets blancs*”), independente do gênero (“*de l’un et l’autre sexe*”). Pode-se inferir que o espaço colonial funcionou como laboratório para políticas onde as categorias raciais puderam se conformar.¹⁴⁹ Portanto, o intuito de compreender o processo de racialização não pode prescindir da compreensão dos sobreditos editos dentro do contexto de estruturação do império francês, no Atlântico e no Índico.

Já na metrópole, embora não fosse lei formalmente escrita, o princípio do “Solo Livre” tinha validade jurídica desde a Idade Média: em 1315, a ordenança de Louis X recordava que o etnônimo *franco* simbolizava o benefício da liberdade à qualquer cativo que adentrasse as fronteiras francesas na Europa.¹⁵⁰ Quatro séculos após o pronunciamento real, com o aumento da atividade negreira rumo às colônias americanas, a prerrogativa de liberdade passou a ser um direito questionado a determinados grupos sociais, dependendo do local de proveniência do cativo. Sendo assim, o Solo Livre não se aplicava aos espaços coloniais franceses:

*“comme nous avons été informés que plusieurs habitants de nos îles de l’Amérique désirent d’envoyer en France quelques-uns de leurs esclaves, pour les confirmer dans les instructions et dans les exercices de notre religion, et pour leur faire apprendre en même temps quelque métier ou art, dont les colonies recevroient beaucoup craignant que ces esclaves ne prétendent être libres en arrivant en France.”*¹⁵¹

¹⁴⁸ “Art. 9, 1685, *Martinique, Guadeloupe e Saint-Christophe*”, In: Christiane Taubira e André Castaldo, eds., *Codes Noirs: de l’esclavage aux abolitions* (Éditions Dalloz, 2006, p. 40-41); “Art. 5, 1723, *Île de France e Île de Bourbon*”, In: Christiane Taubira e André Casltado, eds., *Codes Noirs: de l’esclavage aux abolitions* (Éditions Dalloz, 2006, p. 60).

¹⁴⁹ O edito de 1723 foi apurado pela historiadora Sue Peabody em estudos posteriores à sua obra “*There are no slaves in France...*” (1996), quando se dedicou a compreender a petição de liberdade de Furcy, escravizado oriundo da *île de Bourbon*: Sue Peabody, *Madeleine’s Children...* (Oxford University Press, 2017, p. 55-57). Louis Sala-Molins em *Le Code noir ou le calvaire de Canaan* (1987), comparou os editos de 1685 e 1724.

¹⁵⁰ Sue Peabody, “La question raciale et le « sol libre de France » : l’affaire Furcy”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 64, n° 6, 2009, p. 1328.

¹⁵¹ *Edit concernant les esclaves nègres des colonies*. Paris, octobre 1716. Reg. P. P. 7 décembre; Aix, 2; Besançon, 24 nov.; Bordeaux, 1er décemb.; Dijon, 7; Grenoble, 2; Metz, 26 novem.; Rouen, 3; cons. souv. D’Alsace, 20.

O edito de 1716 resultou da pressão da camada senhorial junto à corte de Louis XV, que terminou por autorizar o desembarque e estadia de curta duração para escravizados trazidos pelos colonos, desde que recebessem instruções religiosas ou que viesse aprender um ofício escasso nas colônias francesas. Porém, a adesão não foi unânime entre os parlamentos franceses. As regiões portuárias tenderam a ser favoráveis (por exemplo, Aix-en-Provence, Bordeaux e Rouen), enquanto Paris se opôs – nem o parlamento de Paris, nem a Corte do Almirantado da França registraram a lei. Difícil imputar a negação à uma “vocação abolicionista” parisiense, pois o capital financeiro do tráfico circulava bem na capital. Segundo Peabody, a situa o expressava uma afronta política regional dos parlamentos franceses contra o poder centralizador real.¹⁵² Uma vez cumpridos os requisitos para a entrada na França, os escravizados não podiam pedir sua liberdade¹⁵³:

“Les esclaves n gres, de l’un et de l’autre sexe, qui seront conduits en France par leurs maîtres, ou qui y seront par eux envoyés, ne pourront prétendre avoir acquis leur liberté sous pretexte de leur arrivée dans le royaume, et seront tenus de retourner dans nos colonies quando leurs maîtres le jugeront à propos ; mais faute par les maîtres d’observer les formalités prescrites par les précédents articles, les nègres seront libres, et ne pourront être réclamés.”

Poucos foram os casos que obedeceram aos requisitos de registro e declara es previstos pelo edito, abrindo assim, espaço para a reclama o de diversas peti es de liberdade, geralmente atendidas pelos tribunais dos parlamentos que não registraram o edito de 1716.¹⁵⁴

Em dezembro de 1738, outro decreto real suspendeu a necessidade de justificativa religiosa e laboral para o ingresso, embora ainda fosse obrigatório o cadastro dos cativos nos parlamentos regionais.¹⁵⁵ Aqueles em posse de escravizados após a publica o da nova ordem deviam garantir a volta dos mesmos para a colônia num prazo de 1 ano, caso contrário, os

(Archiv. – Moreau de Saint-M ry, II, 525), In: François-André Isambert, ed., *Recueil général des anciennes lois françaises...* (Paris: Belin-Leprieur, 1829. t. 21, n  102, p. 122-126).

¹⁵² Sue Peabody, *There are no slaves in France...* (Oxford University Press on Demand, 1996, p. 15-22).

¹⁵³ Uma série de requisitos eram necessários para o cumprimento legal do cativo na França: antes da viagem, era necessário obter autoriza o do governador geral ou comandante da colônia, contendo o nome do proprietário, do escravizado, sua idade e descri o física detalhada; uma vez aportado, o escravizado devia ser registrado na *greffe* da jurisdi o de residência antes do embarque e na *greffe* do almirantado francês até oito dias após o desembarque: François-André Isambert, ed., *Recueil général des anciennes lois françaises...* (Paris: Belin-Leprieur, 1829. t. 21, n  102, p. 122-126).

¹⁵⁴ Ao longo do estudo, a historiadora Sue Peabody faz análises quantitativas e qualitativas das peti es por liberdade entre 1716 e 1777, o que lhe permitiu identificar a rede de apoio construída entre mulheres negras livres e escravizadas na França, que se aliavam para viabilizar as peti es. Esse tratamento das fontes permite   historiadora alternar a perspectiva estrutural e o reconhecimento das agências e subjetividades que constituem o processo histórico. Sue Peabody, *There are no slaves in France*, (New York; Oxford University Press, 1996, p. 46).

¹⁵⁵ *Déclaration concernant les n gres esclaves des Colonies. Versailles, 15 décembre 1738* (Valin, I, 436 – *Code de la Martinique*), In: François-André Isambert, ed., *Recueil général des anciennes lois françaises...* (Paris: Belin-Leprieur, 1829. t.22, n  526, p.112-115).

trabalhadores seriam tomados pela coroa em benefício próprio para atividades em obras públicas. No caso de 1738, as possibilidades de alforria também foram reduzidas - apenas por testamento, casamento ou concessão após a morte do proprietário. Ainda assim, a entrada de pessoas negras na França e, sobretudo, os números de petições por liberdade baseados no princípio do Solo Livre não arrefeceram.¹⁵⁶

Membro da *Académie des Belles-lettres, Sciences et Arts* de La Rochelle, outro *Secrétaire d'État* da Marinha, Antoine de Sartine (1729-1801) foi quem idealizou a *Police de Noir*, outorgada por Louis XV em 1777.¹⁵⁷ Graças ao cargo que ocupava, Sartine foi responsável pela viabilização da administração ultramarina, por garantir a execução dos editos e decretos a respeito da entrada e permanência de escravizados em território metropolitano. Quase cem anos após a promulgação do *Code Noir*, na *Police des noirs*, a palavra *esclave* foi, definitiva e deliberadamente, substituída pela palavra *nègre*, mudança de vocábulo que convenceu a adesão do Parlamento de Paris.¹⁵⁸

Nesta declaração, fossem livres, libertos ou escravizados, todos os negros deviam se registrar junto ao escriturário do Almirantado, mesmo os que já residissem na metrópole. Durante a redação, foi cogitada a proibição de casamentos inter-raciais. Embora não tenha entrado na versão final da *Police des noirs*, vale lembrar que os *Code noir* regionais da *île Bourbon*, *île de France* e *Louisiane* já haviam proibido tais matrimônios.

Notadamente, no decorrer do século XVIII, a Marinha Real passou a ser responsável pela aplicação e fiscalização das leis relativas ao governo dos escravizados tanto nas *habitations* francesas quanto na metrópole. No cruzamento desta cronologia jurídica com a história do desenvolvimento cartográfico francês, a criação do *Depot des Cartes, Plans et Journaux de la Marine*, em 19 de novembro de 1720, aponta caminhos para a validação da hipótese desenvolvida nesta pesquisa.¹⁵⁹

O novo departamento era responsável pela confecção, preservação e difusão de mapas e planos hidrográficos, bem como de memórias e roteiros náuticos que interessassem às atividades marítimas francesas; sua chefia foi realizada por cartógrafos renomados, como o cunhado de Guillaume Delisle, Philippe Buache, primeiro hidrógrafo da instituição, em exercício entre 1720 e 1737.

¹⁵⁶ Sue Peabody, *There are no slaves in France...*, (New York; Oxford University Press, 1996, p. 55).

¹⁵⁷ François-André Isambert, ed., *Recueil général des anciennes lois françaises...* (Paris: Belin-Leprieur, 1829. t.25, p. 81-84.

¹⁵⁸ Sue Peabody, *There are no slaves in France...*, (New York; Oxford University Press, 1996, p. 162, n. 39).

¹⁵⁹ Taillemite Etienne, "Les archives et les archivistes de la Marine des origines à 1870", *Bibliothèque de l'école des chartes*, 1969, p. 34.

No arquivo do *Depôt* subjazem uma miríade de atores envolvidos na produção do conhecimento geográfico europeu, dos quais destacamos as Companhias de Comércio. A sinergia dessas empresas com a Marinha se verifica numa Memória de 1715 para a instrução dos embaixadores do Conselho da Marinha: ela atribuía-lhes a função de dirigir as sobreditas companhias: “*Il aura la Direction des compagnies des Indes Orientales, de celle du Sénégal et autres pour tout ce qui regarde la guerre, et les établissements [...]*”.¹⁶⁰ A proposição da cartobibliografia analisada a seguir fornecerá elementos para demonstrar que a relação entre o mercado editorial francês, a consolidação do *corpus* jurídico racializante e a expansão das atribuições da Marinha real não é apenas circunstancial.

¹⁶⁰ *Ordonnance servant de règlement pour le Conseil de la Marine. Vincennes, 03 de novembre de 1715*, In: François-André Isambert, ed., *Recueil général des anciennes lois françaises...* (Paris: Belin-Leprieur, 1829. t. 21, nº 19, p. 56.

Capítulo 2 - Uma certa geografia da África

A dubiedade expressa no título busca enfatizar que as fontes examinadas na pesquisa se baseiam em concepções geográficas sistematizadas segundo parâmetros etnocêntricos. Neste sentido, observar tais concepções em escala continental tem por intuito identificar a dispersão de *schematas* imputadas pelo “olhar do Outro” europeu; bem como compreender o impacto, na *iconosfera moderna*, da redução de territórios africanos à função de fornecedores de mão-de-obra escravizada.¹⁶¹

Para tanto, a composição da série cartográfica, núcleo do *corpus* documental da pesquisa, foi orientada pelo mapa mural da África de Longchamps e Janvier; a partir dele, incluímos outro exemplar de mesma data, mas que não apresenta as bordas ornamentais da primeira edição de 1754. Depois, consideramos duas versões subsequentes, datadas de 1760 e 1762, também sem bordas ornamentais, porém de autoria atribuída apenas à Janvier e cujas dimensões são reduzidas.

O impacto gerado tanto pela presença quanto pela ausência dos ornamentos nas edições dos mapas de Longchamps e Janvier exigiu uma abordagem capaz de conjugar várias camadas interpretativas. As formulações teóricas de Louis Marin inspiraram a metodologia de análise dos mapas murais, uma vez que demonstraram a diferença entre a lógica de produção signográfica e a lógica de produção dos discursos, pois foi imperativo refletir os *efeitos de sentido* produzidos pela interferência das duas semiologias.¹⁶² Por esta razão, optamos por percorrer caminhos interpretativos particulares para cada linguagem, que chamaremos de iconográfica, verbal e cartográfica.

Com base nas informações e temas obtidos, objetivamos mensurar se a representação de Longchamps e Janvier era respaldada pela comunidade de artesãos, fossem eles geógrafos de gabinete (como Nicolas Sanson, os irmãos Guillaume e Joseph-Nicolas Delisle, e Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville) ou editores, especialmente no caso dos Nolin, pai e filho. À exceção de Anville, geógrafo incontornável na história da cartografia francesa setecentista,

¹⁶¹ As *schematas*, convenções visuais de longa duração, foram assim definidas por um dos discípulos da escola warburguiana. Para uma reflexão sobre as representações cartográficas, ver Ernst Gombrich, “El espejo y el mapa: teorías de la representación pictórica”, In: IDEM. *La imagen y el ojo* (Madrid: Alianza Forma. 1987, p. 163-201); sobre a concepção de “iconosfera”, ver: Ulpiano Bezerra de Menezes, “Fontes visuais, cultura visual, História visual” ... (*Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.23, nº45. 2003, p.11-36).

¹⁶² Louis Marin, “La ville dans sa carte et son portrait”, In: Daniel Arasse et al., eds., *De la représentation* (Gallimard, 1994, p.204-218); Roger Chartier, “Poder e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem”, In: IDEM, *À beira da falésia*. 2002.

todos os nomes mencionados ou foram citados na série de mapas murais ou participaram ativamente da carreira da dupla.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 9 - Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, sem bordas ornamentais. Paris: Longchamps et Janvier, 1754. Dimensões: 79 x 111 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-7699.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 10 - Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en ses principaux Etats...*, gravado por Pierre-Philippe Choffard. Paris: Jean Lattré. [1^o edição 1760], 1769. Dimensões: 65 x 48 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-7703.

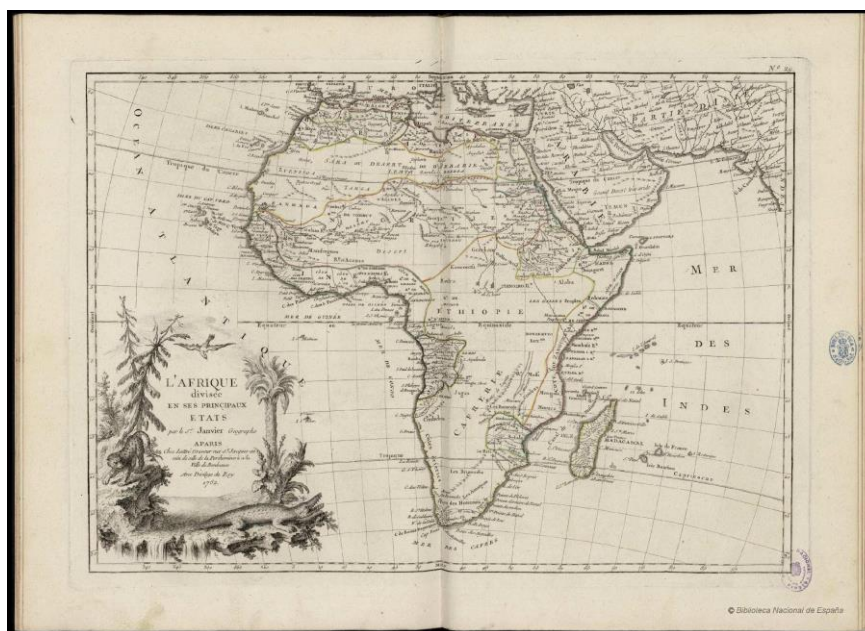


Figura 11 - Jean D. Janvier. "L'Afrique divisée en ses principaux Etats...", In: Jean Lattré, ed., *Atlas Moderne*. Paris: Lattré. 1762, p. 63, *in folio*. Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/1005.

ÁFRICA

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 12 - Detalhe da alegoria da África no título do mapa. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

ÁFRICA

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 13 - “Premier Commerce établi en Guinée par les Français”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

ÁFRICA

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 14 - “Conquête de l’Égypte par les Turcs”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses États...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

ÁFRICA

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 15 - “Etablissemens des Portugais et Hollandois en Afrique”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

ÁFRICA

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B		9	C	10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 16 - “Etablissements des Portugais et Hollandois en Afrique”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 118,1 x 148,2 cm. Instituto de Estudos Brasileiros da USP, cota: A0000763.

ÁFRICA

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 17 - “Nouveaux établissemens des Français en Afrique”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

AMÉRICA

3	2	1	17	16	15
4				B	14
5					13
6				A	12
7					11
8	C	9	D		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 18 - Destaque da alegoria da América no título do mapa, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Amérique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...*, gravado por Gobert-D. Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 146 x 115 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-677 (RES).

AMÉRICA

3	2	1	17	16	15
4				B	14
5					13
6				A	12
7					11
8	C	9		D	10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 19 - “Conquête du Chili”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Amérique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...*, gravado por Gobert-D. Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 146 x 115 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-677 (RES).

AMÉRICA

3	2	1	17	16	15
4				B	14
5					13
6				A	12
7					11
8	C	9		D	10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 20 - “Découverte du Canada”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Amérique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...*, gravado por Gobert-D. Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 146 x 115 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-677 (RES).

ÁSIA

3	2	1	17	16	15
4				A	14
5					13
6					12
7	E			D	11
8	B	9	C		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais

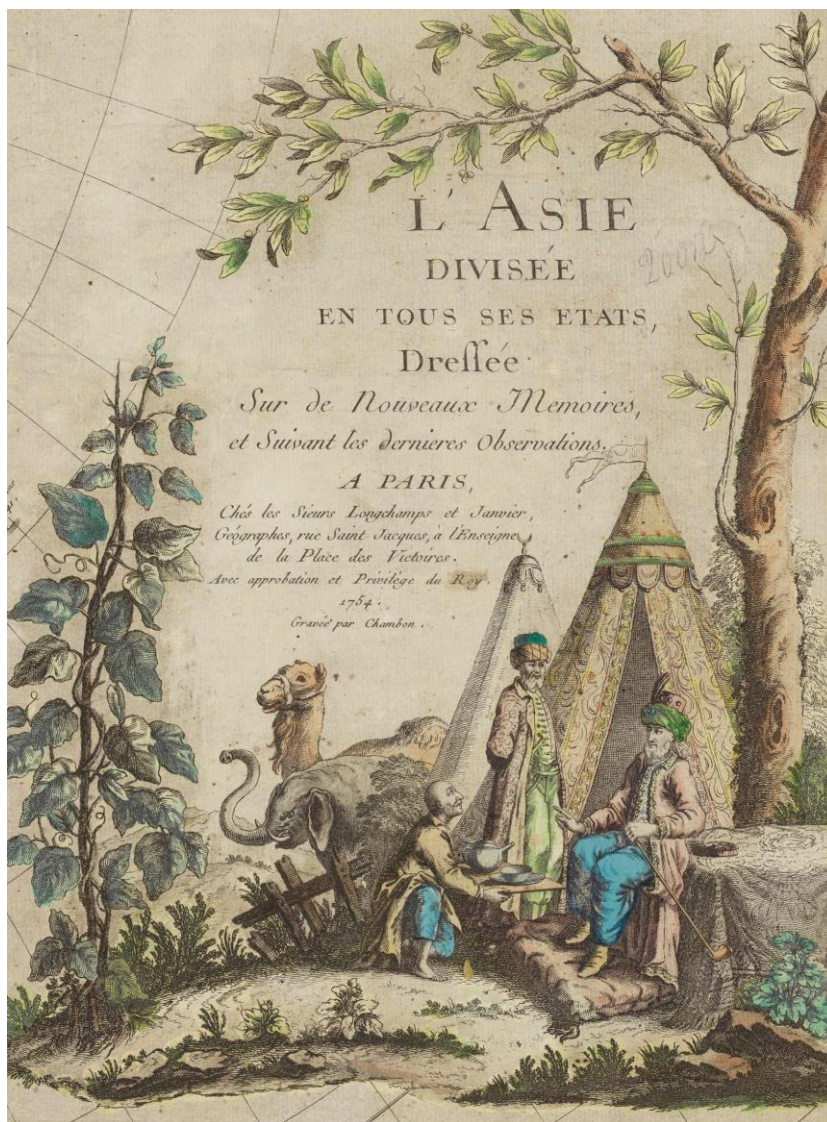


Figura 21 - Destaque da alegoria da Ásia no título do mapa, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 148 x 120 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-653 (RES).

ÁSIA

3	2	1	17	16	15
4				A	14
5					13
6					12
7	E			D	11
8	B	9	C		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais

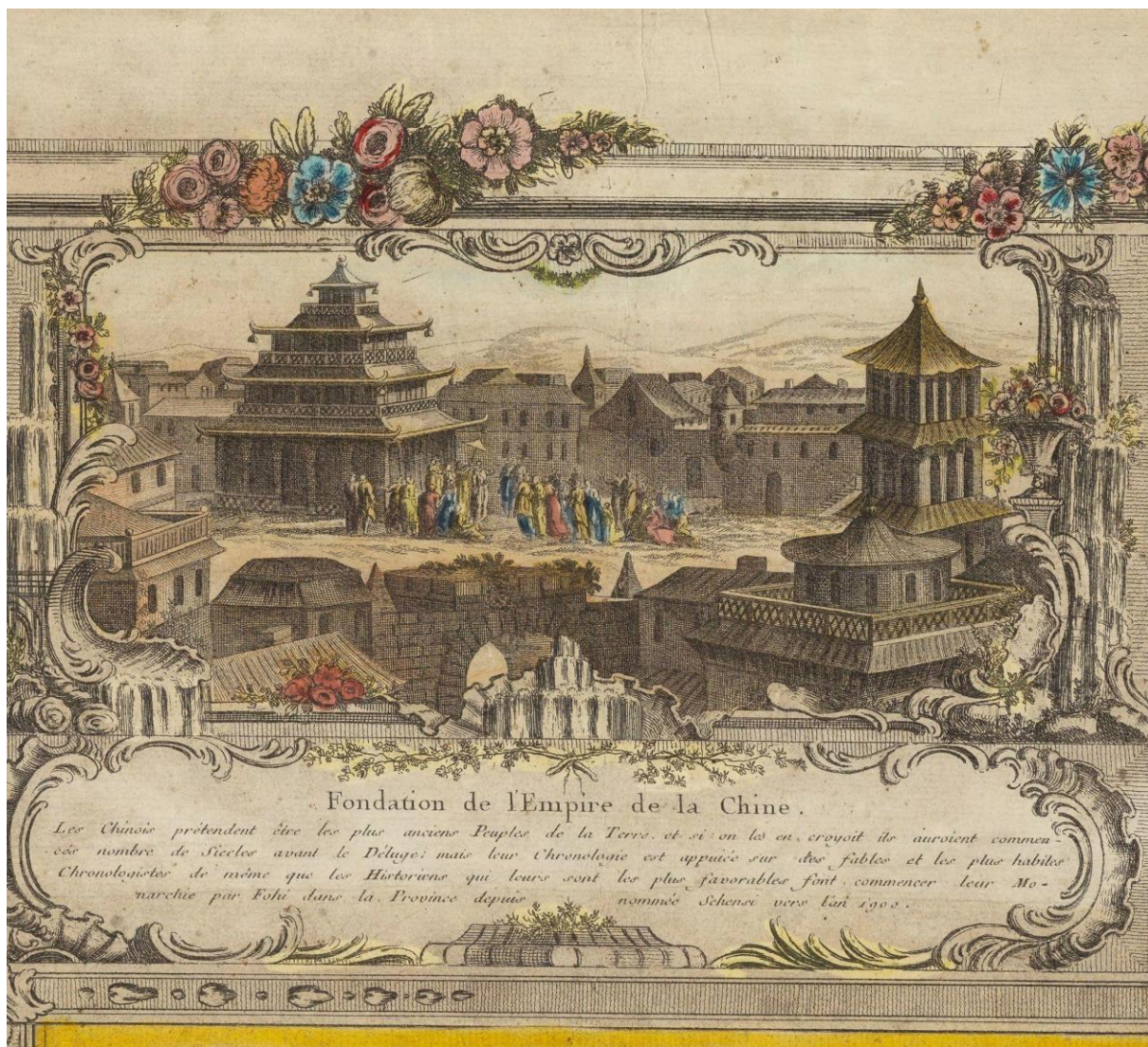


Figura 22 - "Fondation de l'Empire de la Chine", Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 148 x 120 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-653 (RES).

ÁSIA

3	2	1	17	16	15
4				A	14
5					13
6					12
7	E			D	11
8	B	9	C		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 23 - “Naissance de Jesus Christ l’An du Monde 4004”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 148 x 120 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-653 (RES).

ÁSIA

3	2	1	17	16	15
4				A	14
5					13
6					12
7	E			D	11
8	B	9	C		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 24 - “Etat présent des Etablissements Français aux Grandes Indes”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 148 x 120 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-653 (RES).

EUROPA

3	2	1	17	16	15
4	A				14
5					13
6					12
7					11
8	B	9	C		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 25 - Destaque da alegoria da Europa no título do mapa. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 148 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-687 (RES).

EUROPA

3	2	1	17	16	15
4	A				14
5					13
6	12				
7	11				
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 26 - “Fondation de la Monarchie Française”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 148 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-687 (RES).

EUROPA

3	2	1	17	16	15
4	A				14
5					13
6	12				
7	11				
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 27 - “Etablissement de la République d’Hollande”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 148 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-687 (RES).

EUROPA

3	2	1	17	16	15
4	A				14
5					13
6	12				
7	11				
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 28 - “Idée de l’Etat actuel de la Monarchie Française”, Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 148 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-687 (RES).

MAPA-MÚNDI

3	2	1	17	16	15
4		A			14
5					13
6					12
7		B			11
8	C	9	D		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 29 - “Idée Historique de la Géographie Ancienne”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *Mappemonde contenant des parties connues du globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 146 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-674 (RES).

MAPA-MÚNDI

3	2	1	17	16	15
4		A			14
5					13
6					12
7		B			11
8	C	9	D		10

esquema do mapa mural com bordas ornamentais



Figura 30 - “Idée Historique de la Géographie Moderne”, Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *Mappemonde contenant des parties connues du globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 146 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-674 (RES).

2.1. Ver, ler e localizar na obra de Longchamps e Janvier.

2.1.1. Os padrões iconográficos de Longchamps e Janvier

No decorrer do século XVIII, elementos figurativos até então típicos das lógicas geográficas renascentistas (como seres monstruosos e representações da flora e da fauna das regiões) passaram a ser realocados para as extremidades dos mapas, quando não retirados completamente.¹⁶³ Contudo, conforme visto no capítulo anterior, manuais de pintura preconizavam instruções detalhadas sobre como decorações cartográficas deveriam ser elaboradas; além disso, por vezes os artesãos deviam submeter suas composições às regras determinadas por seu contratante.

Não obstante, no século XVI, a escola luso-normanda havia constituído uma tradição de mapas manuscritos reconhecidos pelos ricos detalhes pictóricos, como os encontrados nos portulanos de Pierre Desceliers, notório resultado da colaboração de cartógrafos portugueses, a ver o caso do planisfério de 1546 que traz referências textuais do cosmógrafo João Afonso, enquanto suas produções posteriores mantiveram toponímias em português.¹⁶⁴ No interior do continente africano, Descelier insere diversas iconografias que aludem a reinados africanos liderados por personagens negras, indicativo da disponibilidade de referenciais figurativos para a cartografia quinhentista (Fig. 33). Logo, no período em que a série mural foi concebida, os ornamentos possuíam um valor estético condizente com a construção de significado geográfico da época.¹⁶⁵

Dentre as edições da série mural apuradas pela pesquisa, tivemos acesso a dois exemplares datados de 1754 - um salvaguardado pela BNF, outro pelo IEB-USP. A comparação entre eles demonstra que a coloração do exemplar preservado no Instituto não é original, pois a tonalidade das cores utilizadas se assemelha a de outros mapas que integram o acervo do Banco Santos, característica adquirida antes da documentação ser restaurada pela universidade. Por outro lado, o exemplar disponível na *Bibliothèque* apresenta leve pigmentação aquarelada, evidenciando que, além da pintura, hachuras foram empregadas para caracterizar as

¹⁶³ Dante M. Teixeira, “Todas as criaturas do mundo: a arte dos mapas como elemento de orientação geográfica”, *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 17, n. 1, 2009, p. 137-154.

¹⁶⁴ Sobre as colaborações luso-normandas: Iris Kantor, “Vias mão dupla: interações cartográficas na primeira expansão mercantil”, *França-Brasil: heranças compartilhadas - artes, ciências e técnicas*, Bibliothèque Nationale de France; para uma bibliografia mais extensa sobre Descelier, retomar a n. 9 da presente Dissertação.

¹⁶⁵ A ver a discussão sobre a teoria do ornamento segundo J.J. Winckelmann, cuja História da Arte teve grande impacto na França: François Hartog, *Os antigos, o passado e o presente*, 2013, p. 163.

personagens. O menor grau de “interferência” neste exemplar nos motivou a escolhê-lo para as análises que seguirão.¹⁶⁶



Figura 31 - Pierre Descelier, [Planisfério], 1550. Dimensões: 135 x 215 cm. British Library, cota: MS 24065.



Figura 32 - Destaque para a manutenção da tradição ptolomaica, em que se acreditava na existência de seres monstruosos como os *Monoculis* na parte austral da África. Pierre Descelier, [Planisfério], 1550. Dimensões: 135 x 215 cm. British Library, cota: MS 24065.



Figura 33 - Destaque para a coloração das soberanias africanas. Pierre Descelier, [Planisfério], 1550. Dimensões: 135 x 215 cm. British Library, cota: MS 24065.

¹⁶⁶ No caso da BNF, a pesquisa não pode apurar se a tonalidade se referia a desgaste do tempo.

Nas bordas ornamentais da série, uma primeira observação das figurações humanas ressalta que a tonalidade da pele é informada em algumas ocasiões: as hachuras identificam pessoas negras (Fig. 13, 15, 17), enquanto os povos originários nas Américas são tingidos de tons avermelhados (Fig. 19 e 20). Asiáticos e europeus são os únicos que não foram aquarelados (Fig. 23, 24, 26, 27 e 28), provável adesão dos geógrafos à teoria de origem indo-europeia das civilizações ocidentais, uma vez que a representação do nascimento de Jesus se encontra nos ornamentos do mapa da Ásia (Fig. 23) - teoria que aparecerá em edições do *Essai de moeurs* de Voltaire, do antigo empregador de Longchamps.¹⁶⁷

No mapa mural da África, as figurações hachuradas aparecem em três momentos: quando se trata do primeiro comércio travado pelos franceses na Guiné (Fig.13); depois, em cenas relativas ao trato dos cativos com mercadores portugueses e holandeses (Fig. 15); por fim, na representação do comércio nos estabelecimentos franceses no século XVIII (Fig. 17). Afora essas situações, não há referências pictóricas a pessoas negras nos demais cartuchos. Eventos históricos sobre a fundação de grandes reinos ou batalhas referem-se à porção norte do continente e em nenhum destes casos as personagens têm uma nítida distinção de cor da pele.

Ao estudar as iconografias em mapas sobre a África produzidos por diferentes monarquias europeias, entre os séculos XVI e XVIII, a historiadora Diane Butler adverte para duas questões relativas à representação de pessoas não brancas: a primeira se refere à técnica e a segunda aos modelos mobilizados por gravadores neste período.¹⁶⁸ As técnicas de impressão disponíveis poderiam impactar o grau de refinamento do desenho, haja visto que as litografias permitiam maior detalhe de traços finos do que as xilogravuras. Quanto aos modelos mobilizados, Butler afirma que, apesar de brancos, os desenhos não necessariamente referiam-se às pessoas brancas, pois, dentro do contexto em que tais figuras eram representadas, sabia-se que se tratavam de indivíduos negros.

Embora as limitações técnicas possam restringir as possibilidades estéticas, elas não parecem explicar o caso das colorações utilizadas nos mapas murais de Janvier Longchamps, pois já existiam modelos representacionais negros na arte ocidental europeia, desde o século XVI.¹⁶⁹ Pelo contrário, as hachuras foram deliberadamente escolhidas segundo o contexto específico em que essas personagens aparecem nos ornamentos.

¹⁶⁷ Maurice Olender, *As línguas do paraíso...* (Phoebus, 2013, p.25).

¹⁶⁸ Diane S. Butler, *Of Bodies and Borders...* (Cornell University, Department of the History of Art, Ithaca, New York, August 2004, p. 25).

¹⁶⁹ Conforme apontamos no balanço bibliográfico da introdução.

A ausência de vestimenta particulariza a representação de povos originários africanos e americanos. No caso da Ásia, a nudez não é um traço marcante, pois são mínimas as vezes que ela ocorre nos ornamentos deste mapa, especialmente os carregadores são homens seminus que auxiliam as embarcações francesas (Fig. 24). No mapa da Europa, os trajes da corte, dos clérigos, dos magistrados e da infantaria são cuidadosamente identificados e distinguidos conforme o estilo da época retratado na iconografia (Fig. 26, 27 e 28).

Nas iconografias no mapa da África, a maioria das personagens vestidas simbolizam “turcos”, “persas” e “sarracenos”, mas não parece haver atualização quanto ao estilo das indumentárias (Fig. 14 e 35), pois se assemelham aos dos capitães janízaros ilustrados na coletânea do geógrafo real Nicolas de Nicolay, *Les quatre premiers livres des navigations et peregrinations orientales* (1567), amplamente reeditado, consolidando modelos etnográficos baseados em vestimentas (Fig. 34).¹⁷⁰



Figura 34 - “Aga Capitaine general des Janissaire”, Nicolas de Nicolay, *Les quatre premiers livres des navigations et peregrinations orientales...*, Lyon, 1567, p. 92. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2002 (RES).



Figura 35 - Detalhe, “Etablissements des Portugais et Hollandois en Afrique”, Sébastien G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

¹⁷⁰ Larissa de Sousa Carvalho, *Mapeando os livros de trajes do século XVI e a literatura de moda no Brasil* (Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, 2018, p. 52.).

Do ponto de vista iconográfico, o que os geógrafos chamam de “invasões” estão diretamente associadas à decadência cultural africana. É exemplar o cartucho intitulado *Conquête de l’Égypte par les Turcs*, que reporta ao incêndio deliberado da Biblioteca de Alexandria, ordenado pelo imperador Selim II (Fig. 14). Na imagem, pilhas de livros são carregadas para uma fornalha em chamas. A legenda que acompanha a imagem lamenta o prejuízo gerados pela perda dos manuscritos, queimados para aquecer salas de banho.¹⁷¹

Além da vestimenta, o contraste entre os símbolos atrelados aos continentes também se dá na dimensão arquitetônica. No caso europeu, a quantidade de edificações progride no mesmo ritmo da moda: o detalhe da complexidade das construções é exaltado pelo desenho do interior do palácio da monarquia francesa e da república holandesa (Fig. 27 e 28). Quanto às edificações no caso asiático, vistas panorâmicas revelam centros urbanos adensados, com particularidade dos estilos arquitetônicos (Fig. 22). Entretanto, no caso africano, as poucas construções presentes resumem-se às pirâmides egípcias e prédios nas porções mediterrânicas do continente. Na porção atlântica do continente, as imagens são de litorais vastos, vez ou outra com fortes europeus à beira-mar (Fig. 13 e 17). Por fim, no mapa da América, há um predomínio notório de paisagens naturais e as únicas edificações são relativas à cultura do colonizador: assentamentos missionários, cruzes e fortes (Fig. 20).

Dos três cartuchos que se referem às investidas mercantis dos franceses, portugueses e holandeses no continente, o mais antigo, segundo a cronologia estipulada pelos geógrafos, intitula-se *Premier commerce établi en Guinée par les Français* (Fig. 13). Num plano destacado, um comerciante francês entrega uma tesoura a um “guineu”, seminu.

Sabe-se que Nicolas Villault de Bellefond em sua *Relation des cotes d’Afrique* (1669), sublinha a destreza dos ferreiros de *Grand-Sestre*, à quem os mercadores de Dieppe supostamente mandavam temperar suas tesouras.¹⁷² Já o *receveur des fermes* Pierre Chambon, ao tratar das mercadorias necessárias para a compra de escravizados, diz que elas eram um dos objetos valorizados pelos mercadores africanos.¹⁷³

A pesquisa não identificou se os geógrafos tiveram acesso aos escritos de Villault ou de Chambon; todo modo, o restante da imagem não ressalta outra característica da cultura material

¹⁷¹ Ver a transcrição no Anexo. “Conquête de l’Égypte par les Turcs” - 14 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses États...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

¹⁷² Nicolas Villault, *Relation des costes d’Afrique, appellées Guinée...* (Paris: Denis Thierry, 1669, p. 156).

¹⁷³ M. Pierre Chambon, “merceries, bijouteries et quincailleries”, In: IDEM, *Le commerce de l’Amérique par Marseille* (Avignon, 1764. v. 2, p. 391).

das sociedades africanas.¹⁷⁴ Assim, mais afastados ao fundo, outros “guineus” seminus seguram um fardo de tecido – talvez uma alusão ao início dos comércios de tecidos de algodão *Indiennes ou Guinée*, existente desde o século XVI e utilizado como moeda de troca pelos franceses.¹⁷⁵

Obedecendo a ordem cronológica, a segunda imagem intitula-se *Etablissemens des Portugais et Hollandois en Afrique* (Fig. 15), onde a concorrência pelo mercado atlântico é travada por outras nações europeias. De todas as imagens que compõem a borda do mapa, essa é a única que explicita o comércio de escravizados. Na ilustração, há comerciantes africanos negros, todos seminus, no mesmo plano que as mercadorias, ou seja, marfim, ouro em pó e os cativos, amarrados. O comerciante local está de costas para nós, observadores, e aponta para suas ofertas. As vestes do comprador que está no centro da ação não aludem nem à moda portuguesa, nem à holandesa, contrariando a expectativa criada pelo título da legenda. Em seu lugar, um personagem arabizado enfatiza a rota transaariana de escravizados, minimizando a iconografia relativa ao tráfico transatlântico em larga expansão no século XVIII.

Por fim, a terceira imagem, que trata do comércio contemporâneo dos franceses no continente, leva o título *Nouveaux établissement des Français en Afrique* (Fig. 17). A representação destoa da anterior. Primeiro, porque apresenta a transação de mercadorias (pássaros, espelhos e taças) sem a venda de escravizados. Como se verá posteriormente, a legenda que descreve a ação dos portugueses e holandeses no litoral africano informa que as demais nações europeias, inclusive a França, faziam o tráfico negreiro para abastecer suas colônias nas Américas. Entretanto, no quesito iconográfico, os franceses não são associados a tal comércio, atenuação reforçada pelo segundo aspecto destoante entre os dois cartuchos. Quando comparada a posição das figurações humanas nas negociações francesas, a postura corporal dos compradores africanos é menos assimétrica do que na ilustração das tratativas dos portugueses e holandeses, onde os escravizados são posicionados abaixo da linha da cintura dos compradores, reforçando visualmente a violência da situação praticada pelo “outro”.¹⁷⁶

¹⁷⁴ No culto do orixá *Ogum* se sabe que a divindade domina a metalurgia, índice da antiguidade desta tecnologia na cosmovisão africana: Pierre Verger, *Notas sobre o culto aos orixás e voduns...* (trad. Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 151); Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança* (Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 2006).

¹⁷⁵ Corinne Le Bitouzé, “La collection de tissus du maréchal de Richelieu (1715-1737)”, conferência transmitida via Facebook, promovida pela página da Bibliothèque Nationale de France em 15 de julho de 2020.

¹⁷⁶ Agradecemos os comentários da professora Lília Schwarcz por nos chamar a atenção para a questão da postura corporal nos cartuchos.

2.1.2. A escrita das histórias Antiga e Moderna da África

Uma vez analisadas as iconografias, seguiremos com a interpretação das legendas que as acompanham, pois o intuito agora será compreender a maneira como a linguagem verbal afeta a composição da série mural de 1754.

Em cada um dos mapas, há dois cartuchos essencialmente textuais, dedicados à história antiga e moderna de cada continente. Ocorre no mapa-múndi, particularmente na *ideia histórica da geografia antiga* (Fig. 29) e na *ideia histórica da geografia moderna* (Fig. 30), a única vez na série em que autoridades são explicitamente aludidas.¹⁷⁷ Esta comparação foi um procedimento inaugurado pelos atlas históricos renascentistas. Desde então, a chamada “querela dos antigos e modernos” acirrou o debate: estariam os autodenominados geógrafos modernos sobre o “ombro de gigantes” ou teriam superado os parâmetros geográficos estabelecidos por seus antecessores? O estudo do historiador François Hartog mostrou que no século XVIII, a resposta a essa pergunta não era uníssona entre os filósofos iluministas.¹⁷⁸ Qual seria então o posicionamento de Longchamps e Janvier? A princípio, uma listagem dos nomes mencionados no mapa-múndi revela que as referências à geógrafos ditos “antigos” são mais numerosas que os “modernos” (Quadro 2). No que se refere aos conhecimentos expostos por essas autoridades, quais eram as concepções disponíveis a respeito da África subsaariana?

¹⁷⁷ B e C no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

¹⁷⁸ François Hartog, *Os antigos, o passado e o presente*, 2013. Sobre a querela e a expressão, ver também: Erwin Panofsky, *Renascimento e Renascimentos na Arte Ocidental* (Lisboa: ed. Presença, 1981, p. 17-68; p. 153-160).

Quadro 2 - Autoridades antigas e modernas citadas nos ornamentos do mapa-múndi

Antigos	Modernos
1. Jambolus	1. Gioia d'Amalfi
2. Moïse et Josué	2. Christophe Colomb
3. Salomon	3. Amérique Vespuce
4. Anaximandre	4. Alphonse d'Ojeda
5. Seylax de Cariane	5. François Drack
6. Alexandre	6. Ortelius Allemand
7. Pytheas de Marseille	7. Mercator Hollandois
8. Aristote	8. Cluvier Polonois
9. Erastothene	9. Nicolas Sanson
10. Possidonius	10. Guillaume De l'Isle
11. Auguste	11. Mémoires de l'Académie
12. Ptolomé Egyptien	
13. Almamon Calyphe de Babilone	
14. Edrissi [Al-Idrissi]	
15. Abulfeda	
16. Nassir Edden	
17. Vlug-Beigh	
18. Florentin Berlinghieri	
19. Castaldo	

Antes da expansão marítima europeia pelo Atlântico, as relações de viagem e tratados de geografia disponíveis sobre o continente derivaram dos relatos de “ouvir dizer”. Plínio, o velho (23 d.C - 79 d.C.) atribuiu às temperaturas elevadas da chamada zona tórrida a causa da deformação das gentes monstruosas ao sul de Méroe - veremos mais adiante que a teoria climática é rejeitada por Longchamps e Janvier.¹⁷⁹

A obra de geógrafos árabes como al-Idrisi (1110 d.C - 1166 d.C), o mencionado “núbio”, foram indispensáveis para o conhecimento europeu das regiões interioranas africanas. Em sua descrição, há ricos detalhes sobre a indumentária do soberano e dos súditos de Gao, tipo de informação ausente nos ornamentos anteriormente analisados.¹⁸⁰

Curioso notar que, dentre os escritos produzidos a partir de finais do século XV, não foram citados pela dupla relatos canônicos para os geógrafos europeus, como o do mercador veneziano à serviço de Portugal, Alvise Cadamosto (1432? - 1483). Ao escrever em primeira pessoa, o mercador afirmou que o Senegal seria um dos rios do Jardim do Éden e especulou sobre a cor dos negros não ser causada pelo fator climático, embora sua indagação não

¹⁷⁹ Alberto da Costa e Silva, *Imagens da África*, p. 27.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 37.

propusesse outra razão.¹⁸¹ A atualidade das fontes portuguesas sobre a África permaneceu no século XVIII, pois, mesmo sob segredo de estado, as atualizações cartográficas podiam ser encontradas.

Outro relato incontornável, porém, não citado na série mural, foi a *Descriptio dell’Africa e delle cose notabili che ivi sono* (1550) do diplomata Al-Hasan Ibn Muhammad Ibn Ahmad al-Wazzan (1494 - 1554), conhecido como Leão Africano. Segundo o historiador Numa Broc, a *Descriptio* continuou sendo no século XVIII a principal fonte para o conhecimento europeu acerca do interior do continente.¹⁸² Seu manuscrito foi publicado na famosa relação de viagens de Giovanni Ramusio, *Delle Navigazioni et Viaggi*, depois traduzido para o francês em 1556 pelo lionês Jean Temporal.¹⁸³

Ambas as edições contaram com obras de Giacomo Gastaldi - o “Castaldo” do mapa-múndi de Janvier e Longchamps - para acompanhar a narrativa do granadense. O silêncio da série quanto a essas fontes se torna mais audível quando consideramos que Gastaldi foi orientado a usar os escritos de Leão Africano e Alvise Cadamosto na composição do mapa mural da África, encomendado pelo Palácio Ducal de Veneza.¹⁸⁴ Embora Cadamosto ou Leão africano não sejam diretamente citados, no que concerne à validade da teoria climática para explicação da cor negra, as dúvidas reverberadas por esses autores são expressas em outro mapa da série.

Tanto a *antiga ideia histórica* quanto a *moderna ideia histórica* no mapa da África fornecem um apanhado dos conhecimentos geográficos elaborados pelas autoridades de ambas as gerações.¹⁸⁵ A concepção considerada arcaica por Longchamps e Janvier indica que já era posta em demérito a validade da teoria segundo a qual a cor dos habitantes da região subsaariana da África resultaria exclusivamente da insolação, uma vez que os povos originários da América,

¹⁸¹ Academia Portuguesa de História, ed., *Viagens de Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra* (Lisboa: S.N., 1948, p. 116).

¹⁸² Numa Broc, *La géographie des philosophes...* (Association des Publications près les Universités de Strasbourg, Fondation Baulig. Paris: Ophrys, 1975, p. 64).

¹⁸³ Giovanni Battista Ramusio, ed., *Delle Navigazioni et Viaggi...* (Veneza: Stamperia de Giunti, 1554. v. 1, p. 103-119. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D.S. XVI - 22); Jean Temporal, ed., *Historiale description de l’Afrique, tierce partie du monde...* Lyon: Jean Temporal, 1556. Biblioteca Nacional da França. Davis identificou o título original do manuscrito de Leão africano: *Cosmographia e Descrizione de Affrica*, pois a alteração do nome foi promovida pelos editores: Natalie Zemon Davis, *Trickster Travels...* (New York: Farrar, Straus and Giroux/Hill and Wang, 2007, p.160).

¹⁸⁴ Giovanni Battista Ramusio, membro do Conselho dos Dez, instruiu Gastaldi na elaboração da *teleri* sobre a África. Na esteira dos trabalhos que fez para o Palácio Ducal, o cosmógrafo confeccionou um mapa do continente para integrar a segunda edição de relatos de viagem editada por Ramúsio, a *Delle Navigazioni et Viaggi* (v.1, 2a ed. 1554). Giovanni Battista Lorenzi, *Monumenti... Palazzo Ducale*, v.1, p. 265-280.

¹⁸⁵ Tradução livre.

sob a mesma condições climáticas que os africanos, não seriam tão escuros, enquanto os “nègres” nascidos em regiões frias conservavam sua cor.¹⁸⁶

Especulações sobre a causa dos biótipos não foram retomadas em outro momento da borda ornamental. Contudo, na *moderna ideia histórica*, a descrição da cor de pele continua sendo um atributo relevante para caracterizar “os reinos” e as “partes” do continente. As regiões habitadas por pessoas negras são notadamente a *Nigritie*, o império de *Monomotapa*, o *Zanguebar* e a *Abissinie*. Em contrapartida, as populações no norte africano, de origem árabe e amazigh, não têm a característica de sua tez identificada na legenda.

Para averiguarmos a recorrência desta concepção, examinaremos outra edição que foi acompanhada de descrições textuais. Este foi o caso de *l’Afrique divisée en tous ses Etats*, confeccionado por Janvier, possivelmente a partir dos esboços do mapa mural, para o *Atlas moderne* (1762). Conforme indicado anteriormente, o atlas complementava a *Géographie moderne* (1747) de Nicolle de La Croix. Segundo o manual de estudos de geografia, não só as populações africanas, mas toda a humanidade seria dividida em dois grupos de acordo com o quesito cor da pele: “*En général, on divise les habitants de la terre en blancs et noirs. Les blancs se divisent 1° en blancs proprement dits; 2° en bruns; 3° en jaunâtres, 4° en olivâtres (sic.). [...] Les Africains en général sont noirs.*”¹⁸⁷ Ao voltarmos para a série de 1754, o mapa mural da Europa é o único em que a cor da pele não é nem descrita, nem inspecionada.

Outra concepção antiga se refere à descendência dos povos africanos, visto que a narrativa se baseia na tripartição do mundo entre os filhos de Noé. Assim, a África teria sido legada ao segundo filho do patriarca, chamado “*Cham*” que, por sua vez teria dividido a “herança territorial” entre seus filhos, “*Chus, Menés (ou) Misraïm, Phut, et Canaan*”, os quais deram origem “às trinta linhagens que povoaram e habitaram o continente”.¹⁸⁸ Os quatro netos são mencionados mais uma vez no cartucho sobre a “*Fondation du Royaume d’Egypte*”, quando se diz que a *maldição de Cam* recai sobre os Palestinos.¹⁸⁹

¹⁸⁶ “Idée Historique de l’Afrique Ancienne” - B no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

¹⁸⁷ Antoine Nicolle de La Croix. *Géographie moderne...* (Paris: J.-Th. Hérisant, 1752., v. 1, p. 61-62).

¹⁸⁸ Ver a transcrição no Anexo. “Idée Historique de l’Afrique Ancienne” - B no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

¹⁸⁹ “Fondation du Royaume d’Egypte” - 1 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

Isso interessa, pois no século XVIII está bem consolidada a justificativa da escravização da população negra por serem supostamente descendentes amaldiçoados por Noé. De acordo com o nono livro da Gênese, um castigo infligido à Cam condenou seu filho a servidão perpétua, parábola que foi amplamente referenciada pela alegação de que pessoas negras seriam, como Canaã, os candidatos de punição divina destinados a serem subjugados.¹⁹⁰

Ainda que Longchamps e Janvier não apoloizem esse argumento, sabe-se pela *moderna ideia histórica da África* que escravizados são tratados como mercadorias disponíveis especialmente na *Nigritie* e na *Guinée*. Nas análises seguintes nos deteremos nesta segunda *ideia*, ou seja, nas concepções que os geógrafos afirmam ser compartilhadas por seus contemporâneos.

Embora em menor quantidade na lista, as realizações das autoridades modernas teriam conformado a “Geografia em Ciência”, segundo a dupla. Nesta perspectiva, o geógrafo e livreiro antuerpiense Abraham Ortelius (1527-1598) seria o responsável por “fazer renascer a curiosidade” sobre a Geografia, enquanto Gerard Mercator (1512-1594) a teria reduzido “num *corpus*”. O professor de Geografia da Universidade de Leiden, Phillipe Clüver (1580-1623) teria constituído “um Método”; todavia, seriam os franceses destacados contribuintes na “perfectibilidade” do campo, uma vez que Nicolas Sanson (1600-1667) “facilitou o Estudo” de Geografia. Ainda segundo a *ideia*, Guillaume Delisle (1675-1726) seria um dos poucos *sçavans* notáveis na Europa da época; somam-se à destreza deste especialista o empenho das viagens de exploração e os debates nas Academias de Ciências, incentivadas “por Ordem do Rei”.¹⁹¹ As expedições marítimas seriam a força motriz para o desenvolvimento da Geografia, sem as quais o campo de saber teria se estagnado nas proposições de Ptolomeu:

“ [...] *la Géographie vrai semblablement seroit restée dans l'état où Ptolomée l'avoit laissé, si le gout décidé que l'on prit pour la Navigation, en s'écartant des Côtes plus qu'on avoit osé faire, n'eut occasionné une infinité de nouvelles découvertes, même celle d'un nouveau monde, comme l'on verra cy-après.*”¹⁹²

De fato, o sobredito “gosto pela Navegação” foi representado no mapa-múndi, onde estão tracejadas linhas indicativas das grandes rotas, como a realizada no estreito americano

¹⁹⁰ *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulus Editora, 2002, p. 45).

¹⁹¹ Ver a transcrição no Anexo. “Idée Historique de l’Afrique Moderne” - C no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

¹⁹² “Idée Historique de la Géographie Moderne” - D no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 146 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-674 (RES). Cf. Anexo.

pela frota de Fernão de Magalhães em 1520, ou um dos percursos feitos no mesmo hemisfério pelo inglês Francis Drake na década de 1570. No *Avertissement* desse mapa, os autores informam ainda que o desenho do Novo Mundo havia sido atualizado segundo as memórias do astrônomo Joseph-Nicolas Delisle.¹⁹³ Novamente faz-se necessário considerar a glorificação das grandes descobertas no conjunto das bordas ornamentais da série, uma vez que no mapa da África a temática também é recorrente, mas de forma diversa.

Nele, o cartucho “*Première grande Navigation*” atribui aos fenícios a primeira circum-navegação do continente africano, viagem iniciada pelo mar Vermelho e encerrada com retorno via Mediterrâneo, atravessando o estreito de Gibraltar (ou *Colunas de Hércules*).¹⁹⁴ Portanto, a narrativa subordina as incursões marítimas ibéricas modernas aos feitos da Antiguidade.

Posteriormente, de acordo com o “*Première commerce établis en Guinée par les Français*”, os normandos teriam sido os primeiros a estabelecerem o comércio de ouro em pó na Guiné, por volta do ano 1360, sob o reinado de Carlos V e Carlos VI.¹⁹⁵ Entretanto, prosseguem os geógrafos, as guerras civis naquela época devastaram a França e interromperam os negócios europeus na região, posto que tal rota comercial só teria sido redescoberta cem anos depois pelos portugueses. A legenda acirra a tensão entre as duas monarquias quando enfatiza que os franceses foram usurpados: seus entrepostos teriam sido tomados e dizimados os aliados africanos que endossavam a antiga presença francesa na Guiné. Entretanto, elementos cartográficos e arquitetônicos provariam a primazia na região: a permanência nominal de dois estabelecimentos na costa atlântica (chamados *Paris* e *Dieppe*) e a pintura de brasões franceses na capela do forte de São Jorge da Mina. O exame deste argumento toponímico cartográfico será adensado mais adiante. Por hora, vale perfazer toda a lógica narrativa das legendas.

A *Histoire de la Compagnie des Indes* (1746) de Francheville, o editor de Voltaire e conhecido de Longchamps, corrobora a tese de primazia normanda no comércio com a costa da Guiné. Para ele, os comerciantes chegaram no ano de 1364 e seriam as conturbações dos reinados de Carlos VI e VII (e não de Carlos V e VI) as razões da perda do entreposto comercial na costa da Guiné. Esta data certamente foi retirada da obra encomendada por Colbert, a

¹⁹³ B no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 146 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-674 (RES). Cf. Anexo.

¹⁹⁴ 6 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

¹⁹⁵ 12 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

Relation des costes d'Afrique, appelées Guinée (1669) de Nicolas Villault de Bellefond - a mesma que conta sobre as tesouras temperadas em *Grand-Sestre*. A despeito das divergências factuais, o cronista, o editor e os geógrafos reivindicam a soberania francesa em uma região que, no século XVIII, concentrava importantes portos negreiros.

O “*Établissement des Portugais et Hollandois en Afrique*” reforça a precedência francesa com relação aos portugueses e holandeses.¹⁹⁶ A legenda informa que a chegada de Jean de Bettencourt nas Canárias teria motivado os portugueses, sob os auspícios de D. Henrique, a dobrarem não só o Cabo do Não como o Cabo Bojador.

O cartucho que encerra a cronologia estabelecida pela série se intitula “*Nouveaux établissement des Français en Afrique*”.¹⁹⁷ Nele, o retorno dos franceses à costa da Guiné é atribuído à “proteção do comércio” concedida pelos últimos reis franceses. Sabe-se que foi no reinado de Louis XIV, especialmente a partir das políticas desenvolvidas por Colbert, que se engajaram as Companhias de comércio francesas: em 1664 foram criadas a *Compagnies des Indes Occidentales* e a *Compagnies des Indes Orientales*; em 1673, foram sucedidas pela *Compagnie du Sénégal*, que onze anos depois dividiu o monopólio do comércio com a *Compagnie de Guinée*. Todas foram subsidiadas por fundos públicos, mas tiveram vida efêmera.¹⁹⁸ O título da narrativa sublinha que as atenções se concentram nos novos entrepostos franceses. Portanto, a legenda menciona o consolidado comércio de grãos no *Bastion de France* e em *Gigeri*, na região mediterrânica, mas se detém nos estabelecimentos no Atlântico: no Cabo Verde, negociavam nas ilhas de *Gorée* e *Bisseaux*; nas proximidades do rio Senegal, os entrepostos localizavam-se nas ilhas de *St. Louis* e *Arguim*, até os *Païs de Galaam*; além de “vários outros fortes ao longo da costa, na dependência da Companhia da Guiné”.¹⁹⁹ Assim, o

¹⁹⁶ 16 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo. A versão mais completa dos manuscritos de Jean de Bettencourt foi publicada pela primeira vez pelo conhecido editor francês Pierre Bergerson em seu *Traité des navigations* (1630) e foi amplamente difundida nos séculos seguintes. Cf. Elias Serra Rafols e Alejandro Cioranescu (eds.). *Fontes Rerum Canariarum VIII : Le Canarien, crônicas francesas de la conquista de Canarias* (Instituto de Estudios Canarios, Museo Canario: La Laguna-Las Palmas, 1959, p. 255-259).

¹⁹⁷ 17 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

¹⁹⁸ Coquery-Vidrovitch indica que Companhias haviam sido criadas por iniciativa de comerciantes de Rouen (1626), de Paris (1635). Catherine Coquery-Vidrovitch, *Descoberta da África* (Lisboa: Edições 70, 2004, p. 171). Para uma história da *Compagnie du Sénégal*: Abdoulaye Ly, *La compagnie du Senegal* (Paris: Présence Africaine, 1958); os estudos do historiador Ibrahima Seck apontam para o estado do trato negreiro na região: Ibrahima Seck, “Les Français et la traite des esclaves en Sénégambie” (*Dix-huitième siècle*, vol. 44, no. 1, 2012, pp. 49-60).

¹⁹⁹ 17 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

desfecho cronológico das ideias históricas e geográficas incidem nas tratativas comerciais francesas no continente.

Se na ilustração deste último cartucho vemos taças, caixotes e pássaros, por outro lado quais eram as mercadorias africanas almejadas pela supracitada Companhia? Nem a iconografia, nem a legenda respondem à questão. Adiantamos no capítulo anterior que Colbert foi um dos principais idealizadores do *Code noir*, publicado em 1685, mesmo ano de criação da *Compagnie de Guinée*. Semelhante a listagem do mapa mural, a *Lettre Patente* da concessão estipula os limites territoriais do monopólio, mas também determina que, por ano, deveriam ser transportados para as colônias francesas na América mil *nègres* oriundos da Guiné.²⁰⁰ Nos anos seguintes, as atribuições aumentaram quando, por cerca de dez anos, entre 1701 e 1712, foi detentora do *asiento* espanhol, devendo abastecer as colônias espanholas com mão-de-obra escravizada.²⁰¹

Na legenda sobre o “*Établissements des Portugais et Hollandois en Afrique*”, as nações europeias que faziam “*la traité des Nègres*” para as Américas são elencadas nesta ordem: portugueses, holandeses, ingleses, franceses e dinamarqueses.²⁰² Ao compreendermos a relação estabelecida entre os dezessete cartuchos, a narrativa reivindica a primazia francesa dos entrepostos na África, mas abre mão do protagonismo no tráfico negroiro.

Portanto, tal comércio não é explicitamente relacionado à *Compagnie*, porém é mencionado na *moderna ideia histórica da África*. A descrição feita da *Nigritie* e da *Guinée*, identifica as regiões como fornecedoras, dentre outras mercadorias, de escravizados para os europeus:

“[Na *Nigritie* o] *commerce* consiste en cuirs, ivoire, gommés, ambre, et poudre d’or qu’on en tire et surtout dans **la vente des esclaves, qu’ils enlèvent chez leurs voisins en y ajoutant quelques fois leurs femmes, et leurs enfants, qu’ils vendent aux Européens qui les transportent en Amérique.**”²⁰³ ;

²⁰⁰ “Declaration du Roy, pour l’establissement d’une Compagnie sous le titre de la Compagnie de Guinée... janvier, 1685”, In: Laurent-François Prault, ed., *Le Code noir, ou Recueil des règlements...* (Paris: Prault, 1742, p. 19).

²⁰¹ Léon Vignols, “L’Asiento français (1701-1713) et anglais (1713-1750) et le commerce franco-espagnol vers 1700 à 1730; Avec deux Mémoires français de 1728 sur ces sujets” (*Revue d’histoire économique et sociale*, v. 17, n. 3/4, 1929, p. 403-436).

²⁰² 16 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

²⁰³ “Idée Historique de l’Afrique Moderne” - C no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

“[A Guinée é] un país très fertile la terre y produit du maïs, du millet, du ris souvent deux fois l'année ; on y trouve du poivre, des cannes à sucre, des limons, oranges, ananas, et autres fruits excellents ; les animaux sauvages y sont grands furieux et voraces **on tire de ce país quantile d'esclaves, d'ivoire et de poudre d'or.**”²⁰⁴

Se na primeira citação o único encargo dos Europeus é a compra e transporte de cativos, na segunda o sujeito da ação não é objetivamente definido (“*on tire*”).²⁰⁵ Pelo que se tem demonstrado até o momento na pesquisa, percebemos que a responsabilidade do tráfico recai sobre os africanos. A questão da degeneração cultural, então, volta a aparecer no mapa mural, representada pela linguagem verbal, pois se na *ideia antiga* do continente são exaltados, nas palavras dos geógrafos, fortes e grandes homens como “*Tertullien, St. Cyprien, St. Augustin, Annibal, Asdrubal, Terence*”, na *ideia moderna* a África é caracterizada segundo as mercadorias usufruídas pelos europeus.²⁰⁶

2.1.3. A linguagem cartográfica de Longchamps e Janvier

Caracterizaremos a linguagem cartográfica de Longchamps e Janvier a partir de três elementos: as alegorias, topônimos e a hidrografia. Novamente, do ponto de vista metodológico, persistimos na investigação acerca da particularidade semiológica das linguagens iconográfica, verbal e cartográfica na construção dos territórios representados. Deste modo, as interpretações desenvolvidas até o momento visam acessar o regime de visualidade hegemônico e partilhado nos ateliers, nas livrarias particulares, nas academias e demais nos espaços públicos na França do Antigo Regime.

a) Alegorias

Com base nos esboços feitos para a série mural, Jean Janvier realizou duas revisões, em 1760 e 1762 (Fig. 10 e 11). Cabe notar que ambas apresentam dois contrastes formais marcantes em relação a matriz: a dimensão do suporte, dado que são notoriamente menores; as iconografias, pois nenhuma das duas apresenta bordas ornamentais. No entanto, as ilustrações não desaparecem por completo, por causa das alegorias dos continentes nos cartuchos que intitulam os mapas.

²⁰⁴ IDEM.

²⁰⁵ Évelyne Brossier, *Bescherelle: la grammaire pour tous* (Italia: Grafica Editoriale Printing srl, 2008, p.152 e p. 173).

²⁰⁶ “Idée Historique de l’Afrique Ancienne” - B no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

Na edição de 1754, o continente africano é encarnado por uma mulher branca de cabelos lisos, adornada por colares e plumas, enquanto suas mãos seguram um arco e flecha (Fig. 12). No segundo plano, encontramos um rinoceronte (Fig. 36) ao estilo de Albrecht Dürer (Fig. 37), ou seja, baseado em relatos de viagem que descreviam o animal com um chifre nas costas; vê-se ainda os camelos, pirâmides e uma alusão à fonte do Nilo; sob os pés da jovem estão as clássicas imagens de um leão e uma serpente.



Figura 36 - Detalhe do título do mapa mural da África. Sébastian G. Longchamps e Jean D. Janvier, *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

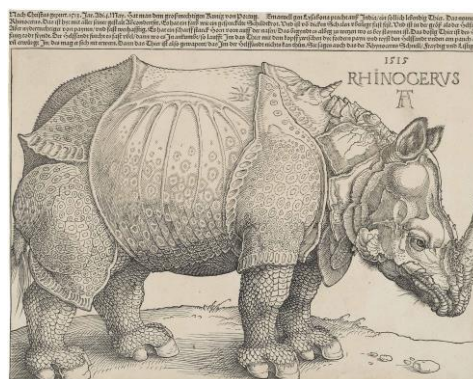


Figura 37 - Albrecht Dürer, *Rhinocerus*, 1515. Xilogravura em papel. British Museum, cota: 1895,0122.714.

A gravura assinada por Gobert-D. Chambon difere do modelo alegórico preconizado na *Iconologia overo descrizione dell'imagini* (1593) de Cesare Ripa, obra que recebeu inúmeras traduções. O verbete iconológico em francês, sugere que a África deveria ser representada praticamente nua e ter os cabelos crespos; ela deveria ser adornada por uma cabeça de Elefante e um colar de coral, segurar um Escorpião na mão direita, e na esquerda uma Cornucópia, além de sempre ser seguida por um Leão e por uma Serpentes.²⁰⁷

No desenho de Chambon, não aparecem todos os elementos canonizados por Ripa. A falta é compreensiva, pois pressupõe-se algum grau de autonomia na criação artística, uma vez que os gravadores podem ter as mais diversas bagagens intelectuais. No entanto, as alegorias das edições posteriores, gravadas por Pierre-Philippe Choffard, preservaram elementos

²⁰⁷ Cesare Ripa. *Iconologie, ou Explication nouvelle de plusieurs images, emblèmes et autres figures hyéroglyphiques des vertus, des vices, des arts, des sciences...* (Paris: Guillemot, 1644. v.2, p. 7-8. Institut National d'Histoire de l'Art, cota: Fol RES 817.). Na França, aparecem em 1636 e 1644 duas versões em Lille, editadas por Mathieu Guillemot e gravadas por Jacques de Bie, sendo a última traduzida e comentada por Jean Baudoin, responsável por popular a obra de Ripa no circuito artístico francês. A representação dos continentes proposta por Ripa foi explorada pelos autores: Svetlana Alpers e Michael Baxandall, *Tiepolo and the pictorial intelligence* (Yale University Press, 1996, p. 154); Mark Ashton, "Allegory, Fact, and Meaning in Giambattista Tiepolo's Four Continents in Würzburg" (*The Art Bulletin*, 1978, p. 112); Michael Wintle, *The image of Europe...* (New York: Cambridge University Press, 2009, p. 55).

pictóricos que compuseram a série mural, possivelmente denotando a interferência do geógrafo Janvier na composição ornamental de seus mapas.²⁰⁸ Assim, na alegoria de *L'Afrique divisée en ses principaux Etats...* de 1760 e 1762, ausenta-se a jovem, mas é mantida a paisagem natural e os animais silvestres, isto é: na primeira há um leão aparentemente antropomorfizado; na segunda versão há uma onça e um crocodilo (Fig. 38 e 40).

A comparação com a alegoria da Europa evidencia uma assimetria: na iconografia de 1754, um grupo de mulheres, aparentemente mais velhas, trajam vestidos longos que lhes cobrem o corpo todo e sobre suas cabeças há coroas; sob seus pés livros, mapas, réguas, compassos, um globo; ao fundo, não se nota a presença de paisagem natural, mas sim bandeiras das diversas nações europeias (Fig. 25). Nas edições subsequentes, permanecem os livros, o globo terrestre, réguas e um compassos (Fig. 39 e 41).

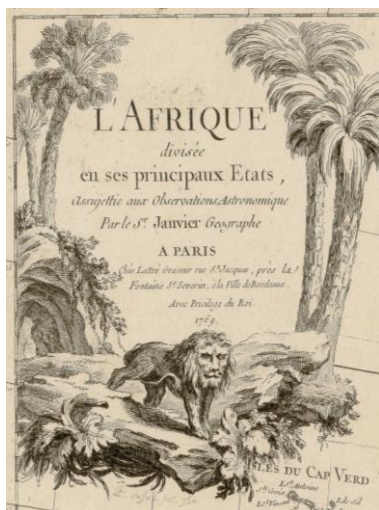


Figura 38 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, *L'Afrique divisée en ses principaux Etats ...*, Paris: Lattré, 1760 [ed. 1769]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-7703.

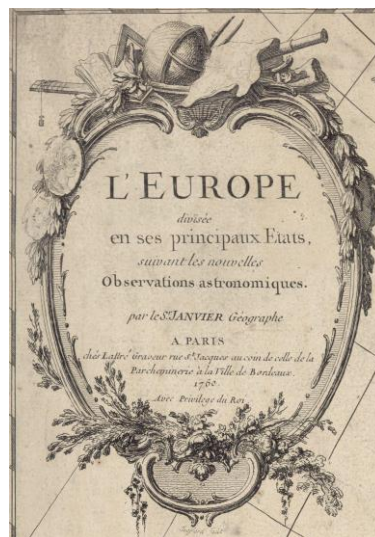


Figura 39 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, *L'Europe divisée en ses principaux Etats ...*, Paris: Lattré, 1760. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-12075.

²⁰⁸ As gravuras foram realizadas por Choffard, exceto o mapa de 1762, cuja autoria não foi possível identificar.

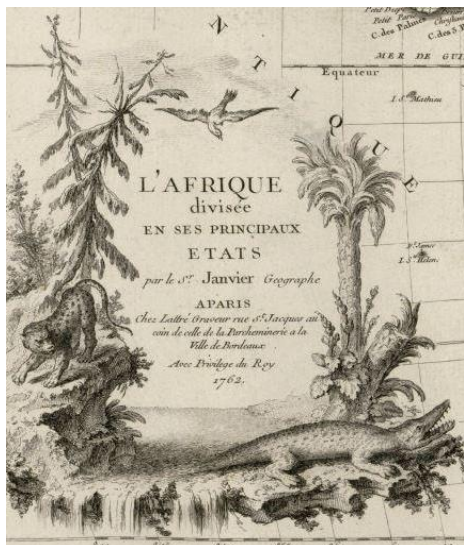


Figura 40 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, “L’Afrique divisée en ses principaux Etats”, In: Jean Lattré (ed.). *Atlas Moderne*, 1762. Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/1005.

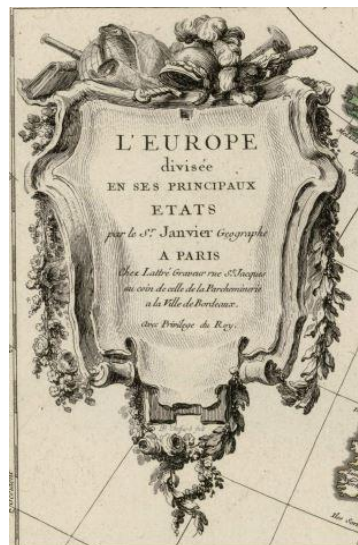


Figura 41 - Cartucho do título. Jean D. Janvier, “L’Europe divisée en ses principaux Etats”, In: Jean Lattré (ed.). *Atlas Moderne*, 1762. Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/1005.



Figura 42 - Frontispício com a alegoria dos quatro continentes. Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum*. Antuérpia, 1570 [ed. 1584]. Antuérpia: Plantin-Moretus. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-4894.

O contraste identificado sugere uma disparidade no âmbito da cultura material associada aos continentes, semelhante ao que se apresentava no frontispício do *Theatrum Orbis Terrarum* de Ortelius (Fig. 42), autoridade antiga mencionada na série mural. Sugerimos que a compreensão da longa duração dessa representação assimétrica, apesar da variação na composição pictórica, pode ser explicada em termos da conformação de “*schematas geográficas*”.

b) Topônimos

Aqui retomamos a discussão iniciada no tópico sobre a *moderna ideia histórica da África*, quando identificamos que a lógica construída pela narrativa ornamental defende a primazia francesa no comércio com a Guiné, argumento sustentado pelo que chamamos de “provas arquitetônicas” - as janelas do forte de São Jorge da Mina - e “provas cartográficas” - a toponímia.²⁰⁹ A compreensão desse dado exige o retorno ao restante da série mural. No mapa da América, são expressos num *Avertissement* os critérios de nomeação dos lugares frequentados pelos europeus em diferentes partes do mundo:

“*On a marqué sur cette Carte [da América], et sur celles de l'Europe, de l'Asie et l'Afrique, par des lettres capitales, les possessions que les différentes Nations ont dans l'Amérique et dans les autres Parties du Monde, soit pour les Isles, ou Villes qui leurs appartient ou celles où ils ont des Comptoirs, ou celles où ils font seuls le commerce, ou conjointement avec d'autres Nations. F. François. E. Espagnols. A. Anglois. P. Portugais. H. Hollandois. D. Danois. V. Vénitiens. T. Turcs.*”²¹⁰

A transcrição dos topônimos marcados nos territórios africanos revela a seguinte distribuição:

²⁰⁹ As evidências históricas deste componente da linguagem dos mapas antigos foram estudadas por: Iris Kantor, “Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850)” (*Anais do Museu Paulista*, v. 17, nº 2, 2009, p. 39-61). Especificamente sobre a toponímia africana, ver: UNESCO (Org.), *African ethnonyms and toponyms...* (Vendôme : Presses Universitaires de France, 1984 - especialmente os capítulos: Mohammed El Fasi, “Toponymy and ethnonymy as scientific aids to history”, p. 18-22; Olabiyi Yai, “African ethnonymy and toponymy: reflections on decolonization”, p. 39-50; Pierre Alexandre, “Some problems of African onomastics: toponymy, anthroponymy and ethnonymy”, p. 51-67).

²¹⁰ B no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Amérique divisée en Tous Ses Pays et Etats...*, gravado por Gobert-D. Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 146 x 115 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-677 (RES).

Quadro 3 - Topônimos marcados no mapa mural da África (1754)

<p>Entrepostos portugueses: Brava Trib. des P.; Funchal P., Isles du Cap Verd aux Portugais, Zinginchor P., Cachau P., James P., Farim P., Geba P., I. Fernando Po P., I. du Prince P., I. St. Thomé P., I. Annobon P., I. de l'Assension P., Loango P., St. Paul de Loanda P., St. Philippe de Benguele P., Mambone P., Massapa aux Portugais, Sena aux Portugais, Teté aux Portugais, Quilimané P., Mozambique I. P., Mombace P., les 12 Isles P., I. St. François P., I. Alfonse P., Isles de l'Amirante P., Isles Comores Trib. des P.</p>
<p>Entrepostos franceses: Bastion de France F., I. Françoise, I. d'Arguim F., Portandic F., I. St. Louis F, I. de Goree F., S. Joseph F., Popo A. F., I. Bourbon F. ou I. Mascaren, I. de France ou I. Maurice F., I. de Rodrigues F., Grand Setre ou Paris F. Detruit, Petit Dieppe F. Detruit.</p>
<p>Entrepostos ingleses: Ft. James A., Commendo A. D., Dixcove A., Mumford A., Wimba A., Cabo Cors A., Assem A., Popo A. F, I. Ste. Helene A.</p>
<p>Entrepostos holandeses: Axum H., Boutrou H., St. George de la Mine H., Cormention H., Acara H., Shanaw H.</p>
<p>Entrepostos espanhóis: Oran E., Melilla E., Velez E., Ceuta E., Isles Canaries aux Espagnols.</p>
<p>Entrepostos dinamarqueses: Fort Frederikbourg D., Comendo D.</p>
<p>Entrepostos turcos: Suakem T.</p>

Conforme o quadro 3 e o esquema anteriores revelam, os portugueses são os mais numerosos, totalizando 27 topônimos marcados com a pela letra *P*. A segunda maior quantidade está associada aos franceses, contabilizando 13. Em seguida, foram identificados 9 topônimos associados aos ingleses. Aos holandeses são identificados 6 estabelecimentos. Os espanhóis sucedem os holandeses com demarcações concentradas na costa mediterrânea da África ou nas ilhas Canárias. Por fim, os dinamarqueses possuíam o *Fort Frederikbourg* e *Commendo*, e os turcos, um entreposto em *Suakem*.

No caso francês, dois topônimos se referem a estabelecimentos destruídos, isto é, *Petit Dieppe F. Détruit* e *Grand Sestre ou Paris F. Detruit*. Outra vez as obras de Nicolas Villault e Pierre Chambon auxiliaram na compreensão destas informações. Segundo a *Relation des costes d'Afrique* (1669) o emprego desses topônimos dataria do século X. Embora não tenha mencionado a têmpera das tesouras de Dieppe, o *receveur des fermes* afirma que *Petit Dieppe* era o nome dado pelos franceses à costa africana desde 1364.²¹¹ O mesmo argumento é reproduzido na *Histoire de la Compagnie des Indes* (1746) de Francheville: “*On a conservé le nom de Petit-Dieppe à un endroit de la Côte du Grain.*”²¹²

Após a obra Villault, diversos mapas franceses incorporaram os dois topônimos nas representações da Senegâmbia, argumento arduamente contestado dois séculos depois pelo cronista português por Manuel Francisco Carvalhosa, segundo Visconde de Santarém. Na *Memória sobre a prioridade dos descobrimentos portugueses na costa de África Occidental* (1841), o diplomata chegou à conclusão que a primeira menção a *Petit Dieppe* surge nas *Cartes Manuscrites* (1631) do geógrafo Jean Guérard. A defesa de Santarém recorre inclusive à massiva tradução de topônimos portugueses para o francês:

“*Enfin dans une autre carte d'Afrique en parchemin faite à Dieppe par Jean Guérard en 1631 on rencontre le nom de Rufisque, et pour la première fois celui de Petit Dieppe, quoique tout le long de la côte occidentale de l'Afrique la nomenclature soit portugaise ou en partie traduite de cette langue en français.*”²¹³

Na série mural, as capitulares (*F., E., A., P., H., D., V. e T.*) concorrem com o idioma em que foram gravados os nomes, pois, além da tradução, as letras sublinham, à época de

²¹¹ Pierre Chambon, *Le commerce de l'Amérique par Marseille* (Avignon, 1764, v.2, p. 156).

²¹² Joseph du Fresne de Francheville, “Les Dieppois fréquentent la Côte de Guinée”, In: IDEM. *Histoire de la Compagnie des Indes, avec les titres de ses concessions et privilèges dressée sur les pièces authentiques* (Paris: De Bure l'aîné, 1746, p. 126).

²¹³ Manuel Francisco de Barros e Sousa, Segundo Visconde de Santarém, *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique, au-delà du Cap Bojador...*, ((Paris: Libr. Orientale de Ve Dondey-Dupré, 1842, p. 148).

Longchamps e Janvier, os “possuidores” dos territórios marcados nos mapas murais. A contemporaneidade enfatizada na localização das “*differentes Nações*” demonstra a contiguidade das ocupações nos litorais africanos.

Os topônimos das edições subsequentes não apresentam este recurso tipográfico. Nos mapas sem as bordas ornamentais não indicam que *Petit Dieppe* e *Grand Sestre ou Paris* foram entrepostos destruídos. Na edição de 1760, um número reduzido de entrepostos é identificado pelas inscrições “*aux François*”, “*aux Portugais*”, “*aux Hollandois*”; enquanto na edição do *Atlas moderne* (1762) inexistem tais inscrições.

Tamanha diferença ressalta a excepcionalidade da série mural. Longchamps e Janvier acabam por mapear zonas de influência – e potencial expansão – do comércio francês; ao enfatizarem as motivações toponímicas de *Petit Dieppe* e *Sestre Paris*, revelam a importância destas regiões para as tratativas comerciais francesas, onde se localizavam destacados portos negreiros.

Em meio aos topônimos marcados, uma inscrição reconhece a soberania do reino do Daomé: “*Rme. de Dahomé possède aujourd'hui les Royaumes de Fon, d' Ardra et de Juda*”, informação ausente no *Atlas moderne* (1762), talvez pelo espaço reduzido do suporte.²¹⁴ Ao longo do tempo, também variam os adjetivos empregados na caracterização das sociedades africanas. Em 1754, Mumbos e Jagas são “*Antropophages*”; em 1760 os habitantes da *Cafriere* são *sauvages*, mas dois anos depois a edição de Lattré dá centralidade à inscrição sobre a conversão católica de “*Anne Zingha*”.

Pode-se dizer que a redução dos territórios africanos a fornecedores de mercadorias é a constância observada entre 1754 e 1762. “*Cotê de Maniguete*”, “*Cotê des Dents*” e “*Cotê d'Or*” são nomes cuja tipografia é importante para delimitar o território, pois são escritos em letras maiúsculas e o tamanho da fonte abarca uma suposta extensão explorável do recurso. Fenômeno semelhante à perpetuação de simbologias atribuídas aos portos africanos ocorre na etimologia do topônimo *Nigritie*, pois Longchamps e Janvier reforçam no mapa mural a relação com a palavra *Noir*, por causa da cor de seus habitantes: “*la Nigritie ainsi appelé parce que les*

²¹⁴ Sobre o comércio negreiro de La Rochelle, ver: Brice Martinetti, “La traite rochelaise et la Côte des Esclaves: des coopérations locales aux prises d'otages, des décalages sociétaux aux intérêts divergents” (*Dix-huitième siècle*, v. 44, nº 1, 2012, p. 79-95); Sobre as dinâmicas políticas internas nos reinados na região da costa beninense: Amzat Boukari-Yabara, “L'Afrique de l'Ouest entre hégémonies et dépendances, un laboratoire de la perte du pouvoir africain” (*Dix-huitième siècle*, v. 44, nº 1, 2012, p. 27-47).

habitants en sont noir”, de onde provieram muitos escravizados encaminhados para as colônias americanas.²¹⁵

c) Hidrografia

As especulações sobre a hidrografia africana remontam à época de Ptolomeu, o *geógrafo núbio* mencionado por Longchamps e Janvier, portanto as investigações sobre as bacias de rios como o Nilo e Níger não eram inéditas para os geógrafos setecentistas. Contudo, as águas interiores do continente permaneceram incógnitas aos europeus até finais do século XVIII. No período em que a série mural foi confeccionada ainda vigoravam, em boa parte da produção cartográfica, informações acumuladas desde as autoridades antigas, repletas de mitos geográficos.



Figura 44 - Desenho hidrográfico dos Montes da Lua sem o topônimo que as designa. Sébastian G. Longchamps e Jean D. Janvier, *L'Afrique divisée en tous ses Etats ...*, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

²¹⁵ “Idée Historique de l’Afrique Moderne” - C no esquema do mapa. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo. Para um estudo das reconfigurações étnicas causadas pelo tráfico, ver: Gwendolyn Midlo Hall. *Escravidão e etnias africanas nas Américas* (Petropolis: Vozes, 2005, *passim*); Sobre as dificuldades de estudos das sociedades africanas pré-existentes a partir dos topônimos em mapas antigos, ver: René Baesjou, “The historical evidence in old maps and charts of Africa with special reference to west Africa” (*History in Africa*, v.15, 1988, p. 1-83); para um ensaio sobre os significados atribuídos aos topônimos africanos, ver: Maurício Waldman, “Cartografia de África: toponímia, africanidade e imaginário” (*Revista Equador*, 2014, p. 25-41).



Figura 45 - Lagos paralelos sem os Montes da Lua. Giacomo Gastaldi, *Il disegno della geografia moderna de tutta la parte dell'Africa i confini...*, Veneza: Fabius Licinius, 1564. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-5077.



Figura 46 - Lagos paralelos no traçado do rio Nilo sem os Montes da Lua. "Africae Tabvla Nova", Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum*. Antuérpia, 1570 [ed. 1584]. Antuérpia: Plantin-Moretus. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-4894.

Este foi o caso do sistema ptolomaico que localizava as origens do rio Nilo a partir de dois grandes lagos paralelos, oriundos dos Montes da Lua.²¹⁶ No século XVI, dez anos depois de ter concluído a *teleri* de “*tota regio Aphricae*” para o do Palácio Ducal, Gastaldi (*Castaldo*, segundo Longchamps e Janvier) usou os esboços para elaborar outro mapa mural, *I disegno della geografia moderna de tutta la parte dell'Africa* (1564), impresso e com informações mais atualizadas (Fig. 45): o geógrafo piemontês manteve os dois grandes lagos paralelos, porém mudou a localização da origem deste rio, não mais nos Montes da Lua.²¹⁷ Esta configuração se perpetuou na cartografia neerlandesa, por exemplo no *Theatrum Orbis Terrarum* (1570) de Abraham Ortelius, outra autoridade da série mural (Fig. 46).

Interessante notar as “idas e vindas” deste mito geográfico na obra dos dois geógrafos franceses. Em *l’Afrique divisée...* (1754) a tradição ptolomaica é incorporada, mas sem o

²¹⁶ Francesc Relano, “Los grandes mitos geográficos de la cartografía africana en el siglo XVI” (*Dynamis*, 1993, p. 185).

²¹⁷ Uma análise sistemática acerca das variações entre as edições de Gastaldi e suas recepções, ver: Richard Betz, *The mapping of Africa...* (’t Goy-Houten: Hes & de Graaf: c2007, p. 109-113).

topônimo que nomeasse os Montes (Fig. 44), identificação posteriormente incluída nas demais edições. Em 1760, embora não abandone o modelo, Janvier chega a ponderar se tratar de uma crença antiga : “*Les Montagnes de la Lune d’où Ptolémée et les Orientaux pensent que sort le Nil de 2 grandes Lacs*” (Fig. 47).

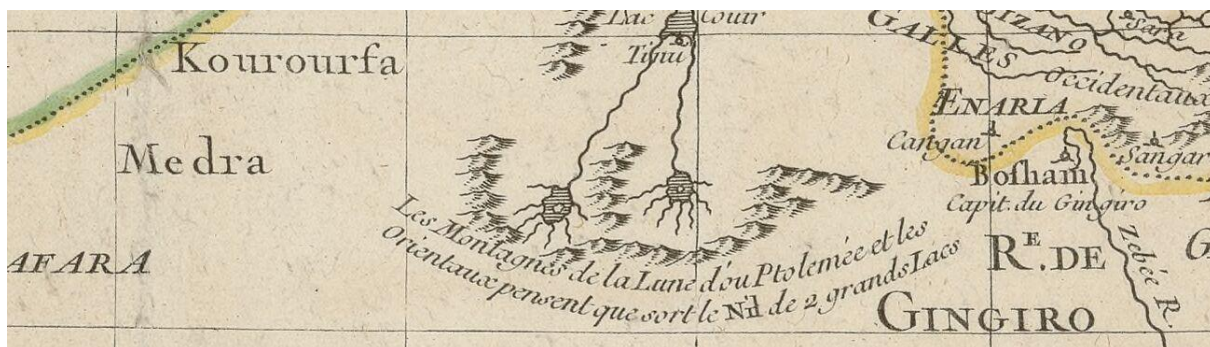


Figura 47 - Retorno das inscrições sobre os Montes da Lua. Jean Denis Janvier, *L’Afrique divisée en ses principaux Etats* ..., Paris: Lattré, 1760 [ed. 1769]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-7703.

Anteriormente vimos que os indícios toponímicos referenciados nos mapas murais reverberam as intencionalidades francesas na disputa pelo comércio na região da Senegâmbia, especialmente no rio Senegal. Em todas as edições de Janvier e Longchamps, ele se origina no lago *Maberia* (Fig. 48) e está desconectado da bacia do Níger, diferindo da junção hidrográfica (via *Lacus Guber*) até então perpetuada por Gastaldi e Ortelius (Fig. 49 e 50). No mapa de 1754, o traçado está mais alinhado ao modelo representacional de Jean B. B. d’Anville (Fig. 51), cuja revisão se baseou nos relatos de comerciantes mandingas e bambaras, reportados por André Brue - de quem trataremos mais adiante.²¹⁸ Neste sentido, o Senegal acaba recebendo atenção especial no mapa mural, devido à concentração de estabelecimentos franceses, revelando uma estreita relação entre o *savoir-faire* geográfico e mercantil franceses, conjunção de interesses habilmente apresentada no final da narrativa ornamental:

*“les plus considérables établissements qu’ils [franceses] ont du côté de la Guinée sont au Cap Verd ou ils possèdent les Iles de Gorée et Bisseaux, et à l’embouchure du Sénégal, l’isle St. Louis, et Arguim, d’où ils poussent leur commerce le long de ce grand fleuve jusqu’au Païs de Galaam qui est un des plus riches.”*²¹⁹

²¹⁸ O traçado do rio Níger só foi estabilizado na cartografia europeia após as expedições de Mungo Park entre 1796 e 1805. Para uma análise detida na hidrografia do Níger a partir da cartografia histórica: Gerald J. Rizzo, “The Patterns and Meaning of a Great Lake in West Africa” (*Imago Mundi*, v.58, nº 1, 2006, p. 80-89, p. 85).

²¹⁹ “Nouveaux établissements des Français en Afrique” - 17 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.



Figura 48 - Destaque para a origem do Senegal (Lac Maberia) e do Níger (Lac Nigrit). Sébastien G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats ...*, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).



Figura 49 - Destaque para o lago Guber e para o rio Senegal como afluente do Níger (Negro fiume). Giacomo Gastaldi, *Il disegno della geografia moderna de tutta la parte dell'Africa i confini...*, Veneza: Fabius Licinius, 1564. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-5077.

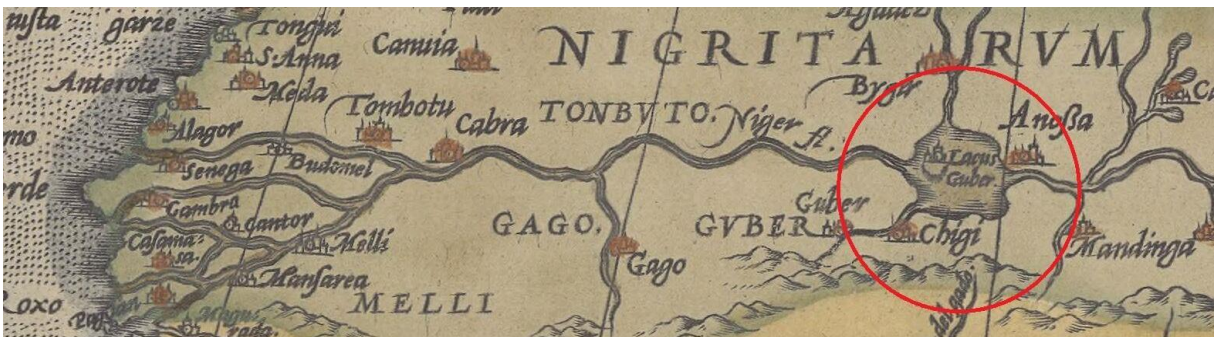


Figura 50 - Destaque para o lago Guber e para o rio Senegal como afluente do Níger (Niger fl.). "Africae Tabvla Nova", Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum*. Antuérpia, 1570 [ed. 1584]. Antuérpia: Plantin-Moretus. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-4894.



Figura 51 - Destaque para a origem do Senegal (Lac Maberia) e do Níger (Lac Nigrit). Jean B. B. d'Anville. *Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang*. Paris : chez l'auteur aux Galeries du Louvre, 1749. Dimensões: Disponível em: 99 x 100 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2987 (7779 B).

2.2. O regime de saber geográfico sobre a África na França setecentista²²⁰

A crítica aos aspectos internos da série não pode se perfazer sem a comparação com outros mapas contemporâneos à Longchamps e Janvier. Por isso, neste segundo momento, nos deteremos na outra parte da cartobibliografia da pesquisa. Não pretendemos apurar todos os aspectos possíveis deste conjunto, dada a amplitude de questões que poderiam ser levantadas. Por isso, a partir dos temas identificados anteriormente, buscaremos discernir quais modelos representacionais e concepções geográficas foram veiculados não só pela dupla, mas pelos demais geógrafos franceses que compuseram cartografias sobre a África.

Dentro do amplo espectro de *artesãos*, circunscrevemos a análise a dois grupos, inicialmente os *geógrafos de gabinete*, que por definição eram os produtores mais eruditos, pois acabaram por estabelecer uma dimensão teórica e metodológica ao campo de estudos; estes dispunham e dominavam um vasto conjunto de relatos de antigos e modernos; deveriam recorrer a observações atualizadas, fossem de primeira ou de segunda mão, manuscritas ou impressas; redigir memórias sobre as fontes utilizadas na confecção dos mapas e submeter seus trabalhos à avaliação por pares das Academias de Ciência.

O segundo grupo escolhido são os *editores*, mais conectados com o universo da comercialização de mapas e possuidores de uma formação distinta do grupo anterior, uma vez que seus repertórios estavam mais atrelados às mercadorias que vendiam. Também é mais característico deste grupo, porém não exclusivo, a capacidade de viabilizar a dimensão técnica para reprodução de impressos - como deter placas de cobre, estoques de insumos e maquinários. Como visto no primeiro capítulo, os detalhes fornecidos pela memória de Longchamps ajudam a vislumbrar esse comércio.

Tal recorte auxiliará na reconstituição das principais concepções e discussões europeias sobre o continente e a mensurar a difusão desses conhecimentos. Portanto, interessa saber como os mapas produzem um imaginário sobre a África e os africanos em um momento em que o fluxo mercantil francês (editorial e colonial) aumenta significativamente. Deste modo, selecionamos a produção cartográfica de Nicolas Sanson, os irmãos Guillaume e Joseph-Nicolas Delisle, e de Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville; no caso dos editores, foram

²²⁰ *Régime de savoir* é expressão usada por Isabelle Surun, “Le blanc de la carte: matrice de nouvelles représentations des espaces africains” (Isabelle Laboulais, ed., *Comblant les blancs de la carte*. Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004, p. 123).

selecionados especialmente no caso dos Nolin, pai e filho. Pretendemos demonstrar como as obras destes *artesãos* dialogam com a série mural de Longchamps e Janvier.

2.2.1. A geografia da África segundo os geógrafos de gabinete

a) Os mapas da África de Nicolas Sanson

Segundo a *moderna ideia* de Longchamps e Janvier, Nicolas Sanson viabilizou o estudo de Geografia. Após as parcerias com os editores Merchior Tavernier e Pierre Mariette, Sanson consolidou a sua casa editorial em 1643, detendo matéria prima, técnica e repertório próprio para imprimir seus mapas - autonomia eventualmente usufruída por geógrafos, que alavancou a confecção cartográfica francesa no final do século XVII.²²¹ Dentre sua volumosa obra, destacamos o atlas *L'Afrique en plusieurs cartes nouvelles* (1656), sobretudo em razão dos verbetes voltados para a promoção do aprendizado sobre esta parte do mundo.

Na descrição geral, Sanson rejeitou as fronteiras internas estabelecidas por autoridades antigas e modernas que se baseavam na bipartição do continente feita pelo rio Nilo ou pela linha equatorial; também não estava de acordo com divisão segundo a cor de pele dos habitantes da região: “*Divers Auteurs divisent cette Afrique fort diversement [...] Les autres par la couleur des Peuples, et remarquent que delà le Tropique du Cancer, ils sont Blancs, en delà, Noir.*”²²² Assim, os brancos na África não seriam originários, mas descendentes de europeus ou asiáticos, considerados estrangeiros: “*il y a des Blancs entre les Noirs, et des Noir entre les Blancs, c'est une mélange ; mais tous les Blancs de l'Afrique descendent de l'Europe ou de l'Asie, non des premier habitans du Pays, et n'y doivent être considérés que comme Étrangers.*”²²³

O verbete elenca algumas razões para explicar a suposta diferença demográfica entre os continentes, a começar pelo clima, dado que o calor extremo, escassez de água, aridez do solo e tempestades de areia dificultariam a vida sob essas condições. A descrição remete a teoria da zona tórrida ser inóspita e povoada por seres monstruosos.²²⁴ As razões seguintes são de ordem cultural, especialmente pela existência de antropófagos e de práticas escravistas: “*ou qu'il y reste encore des Peuples Anthropophages ; ou encore qu'ils se vendent les uns les autres pour*

²²¹ Catherine Hofmann, “Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670”, In: David Woodward, ed., *The History of cartography project...*, (University of Chicago Press, v. 3, pt. 1, 2007, p. 1588).

²²² Nicolas Sanson, *Afrique en plusieurs Cartes et divers traittés de geographie...* (Paris, 1656. f. 15. Österreichische Nationalbibliothek, cota: 393910-B KAR MAG).

²²³ IDEM.

²²⁴ *Ibid.*, f. 14. Para maiores detalhes sobre a concepção de zona tórrida no pensamento iluminista, ver: Neil Safier, “Transformations de la zone torride. Les répertoires de la nature tropicale à l'époque des Lumières” (*Annales Histoire, Sciences Sociales*, 2011, p. 143-172).

esclaves, qui se transportent ailleurs.”²²⁵ Neste último quesito, a lógica narrativa de Longchamps e Janvier se assemelha à de Sanson por atribuir responsabilidade da atividade negreira essencialmente às sociedades africanas; porém, ainda que topônimos como *Petit Dieppe* sejam inscritos nos mapas do atlas, não localizamos uma defesa explícita da primazia francesa nas relações comerciais com a África.

No que diz respeito aos mitos geográficos no atlas, Sanson destaca que o Nilo e o Níger seriam os mais belos rios, qualidade reconhecida desde a Antiguidade; contudo, guarda dúvidas sobre a fonte deles. Segundo seu mapa geral da África, o Nilo descende do lago *Zaire*:

*“Les plus belles, et fameuses Rivières de l’Afrique sont le Nil, et le Niger ; le Nil a été connu de tout temps. Les anciens Auteurs, et les modernes sont fort en peine pour dire, ou est la Source, et plus encore pour donner la raison de la croissance, et décroissance de ses Eaux.[...] Il descend du Lac de Zaïre, traverse la Haute Ethiopie, la Nubie, et l’Egypte: tombe par plusieurs bouches dans la Mer Méditerranée.”*²²⁶

Essa configuração dos lagos difere daquela proposta por Gastaldi em 1564, pois no mapa da África do veneziano esses dois lagos estão fundidos (Fig. 49). Embora Sanson mantenha os Montes da Lua ligados ao curso do Nilo, eles se localizam dentro das fronteiras da Abissínia, diferente de Longchamps e Janvier, que a situam na *Nigritie* (Fig. 52).



Figura 52 – Detalhe. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

Quanto ao curso dos dois rios, Sanson opera uma distinção de nomes, porque, devido à errônea crença de o Nilo e o Níger terem suas nascentes na mesma fonte, seria necessário distingui-los entre *Nil d’Egypte* e *Nil des Negres*:

²²⁵ Nicolas Sanson, *Afrique en plusieurs Cartes et divers traittés de geographie...*(Paris, 1656. f. 14. Österreichische Nationalbibliothek, cota: 393910-B KAR MAG).

²²⁶ *Ibid.*, f. 18.

*“Quelques uns croient que le Nil et le Niger viennent des mêmes Sources, et qu'ils ne commencent à se diviser qu'entre la Haute, et la Basse Ethiopie; l'un continuant son cours vers le Septentrion, l'autre le détournant de l'Orient en Occident ; aussi l'Arabie de Nubie appelle l'un, et l'autre, Nil ; et pour les distinguer, adjouste Nil d'Egypte, et Nil des Negres.”*²²⁷

Por sua vez, o Níger se distinguiria por ser mais extenso que o Nilo e por atravessar regiões menos habitadas e ricas, tais como o “*Pays des Negres*”:

*“Ce Niger divise en quelque partie la Haute Ethiopie de la Basse, approche de la Nubie, et du Pays des Negres ; [...] Son cours est peu plus long que celui du Nil, ses Eaux plus fortes, et qui ont la même propriété pour inonder, et pour engraisser les Terres; crée les mêmes animaux, non si puissants, roule des Grains d'Or dans son Sable ; mais le Pays qu'il traverse n'est pas si habité, si riche, ny si connu que celui du Nil.”*²²⁸

Assim como no mapa mural, também identificamos no atlas de Sanson que a caracterização do *Pays de Negres* reforça a associação entre o território, o biotipo dos habitantes e as práticas comerciais exercidas na região.

A questão da degeneração é outra semelhança com as bordas ornamentais da série mural. Podemos reconhecê-la na maneira como é narrada a recepção da embaixada portuguesa no Congo, quando o geógrafo enfatiza a ausência de cultivo das *letras e estudos*, simbolizada pela ordem do rei africano de queimar livros de compilações das Leis Imperiais, Ordenanças, códices de Direito Civil etc., presentes do rei português.²²⁹ Vale lembrar que a imagem da queima de livros figurou nas iconografias do mapa mural de 1754 (Fig.14).

b) Os mapas da África dos irmãos Guillaume e Joseph-Nicolas Delisle

Na esteira das autoridades nominalmente citadas por Longchamps e Janvier, encontram-se o geógrafo real Guillaume Delisle e seu irmão, o astrônomo Joseph-Nicolas Delisle: Guillaume se tornou membro da *Academie des Sciences* de Paris em 1718 e foi instrutor de geografia do rei Louis XV, dedicando-lhe alguns de seus mapas da África. Em 1725, Joseph-Nicolas compôs a comissão fundadora da Academia de Ciências de São Petersburgo, uma das academias citadas na série mural. Se comparados os mapas gerais da África de Guillaume Delisle com o de Longchamps e Janvier, podemos identificar pontos de convergência e divergências.

Em 1700, o geógrafo de gabinete publicou o mapa *L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences* (Fig. 53), cujo cartucho é de autoria

²²⁷ IDEM.

²²⁸ IDEM.

²²⁹ “Basse Ethiopie et Congo”, In: Nicolas Sanson, *Afrique en plusieurs Cartes et divers traittés de geographie...*(Paris, 1656. f. 127. Österreichische Nationalbibliothek, cota: 393910-B KAR MAG).

do gravador Nicolas Guérard (1648?-1719). Ao redor do título, figuram elefantes, um cavalo montado por um “berbere”, um avestruz e um crocodilo num embate contra um homem africano negro e seminu (Fig. 54).



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 53 - Guillaume Delisle. *L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences*. Paris: Chez l'auteur, 1700. Dimensões: 58 x 45 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-11413 (A).

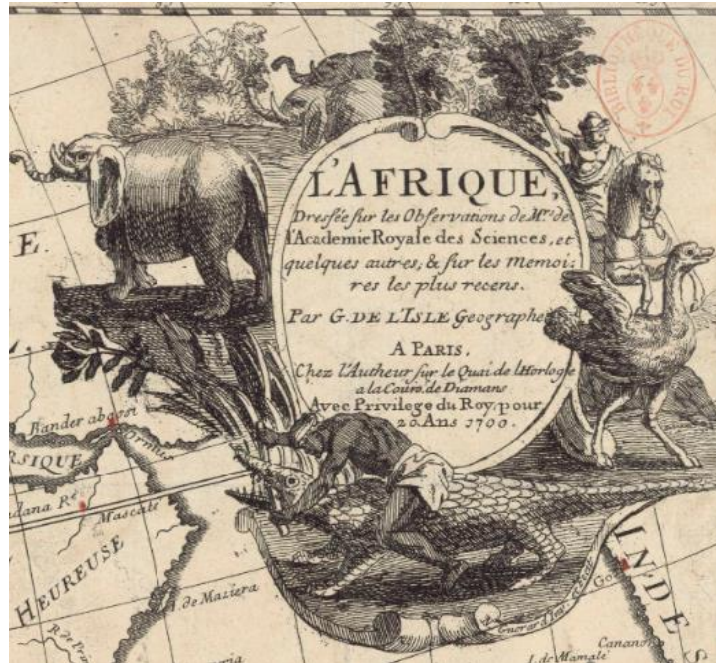


Figura 54 - Destaque da alegoria da África no título do mapa. Guillaume Delisle. *L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences*. Paris: Chez l'auteur, 1700. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-11413 (A).

Na discussão anterior sobre as iconografias nos ornamentos do mapa mural, geralmente animais selvagens são associados ao continente africano. No caso do cartucho de Delisle-Guérard, a ferocidade destaca-se na imagem da luta entre o homem negro e o crocodilo, uma cena de tensão flagrante.

A partição do continente utilizada por Longchamps e Janvier também permite aproximações. Seus desenhos propõem “regionalizações” semelhantes, repetindo os topônimos: *Egypte; Barbarie; Biledulgerid; Sara ou Desert de Barbarie; Nigritie; Basse Guinée ou Congo; Pay des Cafres; Zanguebar; Abissinie; Nubie e Haute Guinée ou Guinée proprement dite*. Na produção de Delisle apenas *Monomotapa* não é incluso como delimitação abrangente de um território, e sim do Reino de Monomotapa. Também os Estados mencionados pelos geógrafos são praticamente os mesmos: *Etats des Roy de Gingiro* e *Etat du Roy de Maroc*. Delisle acrescenta ainda os *Estats de Mono-Emugi* e *Estat du Monomotapa*.

Quanto à bacia do Níger, há uma inscrição de Delisle ponderando a hipótese segundo a qual o Níger seria um afluente do Nilo: “*Quelques-uns considèrent que le Niger est un bras du Nil*”.²³⁰ A ambiguidade da frase demonstra que o geógrafo de gabinete não descarta a

²³⁰ Guillaume Delisle, *L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences*. Paris: Chez l'auteur, 1700. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-11413 (A).

informação, mas tão pouco se inclui nos grupos daqueles que consideram o Níger ser um braço do Nilo - os debates em torno do nome deste rio serão longevos.²³¹

A historiadora Isabelle Surun chama a atenção ao paradoxo dos “espaços em branco” no mapa de Delisle: por um lado, o geógrafo retira do mapa as informações cartográficas que considera imprecisas, porém os preenche com inscrições sobre a organização política local, por exemplo “*Rme. du Macoco, habite par les Anzicains et dont dependente 12 royaumes*”; sobre os costumes dos povos, “*Royaume de Gorhan dont les peuples ont une langue particuliere et demeurent continuellemt. dans les Desert*”; ou sobre o comércio: “*Rade d’Angra ou les François achetoient de l’Or*”. À interpretação da historiadora pode-se acrescentar a diferença na acurácia das informações das inscrições nos mapas do século XVIII, ou seja, nas representações renascentistas eram predominantes características da fauna, flora, costumes dos povos e dos reinos aliados ou inimigos dos cristãos. Mas Delisle e seus contemporâneos evidenciam-se, sobretudo, os aspectos mercantis.

O mapeamento de menções ao tráfico negreiro partindo da África não se dá explicitamente na cartografia de Delisle. No entanto, cidades portuárias conhecidas pela historiografia do tráfico negreiro podem ser localizadas, por exemplo os casos do *Masangano*, *Pemba*, *Bata*, *B. des Negres*. Outro indício cartográfico da atividade mercantil almejada pelos europeus na costa atlântica seria a demarcação das *Cote de Meleguete*, *Cote des Dens*, *Cote d’Or*. Assim como no mapa mural de Janvier e Longchamps, o território africano é identificado pelas suas potencialidades econômicas e de exploração.

De acordo com a *Introduction a la geographie* (1746), obra póstuma de Guillaume, a etimologia do topônimo *Nigritie* deriva do Rio Níger e não da cor negra dos habitantes da região, de modo que os naturais deviam ser chamados de *Nigrites*.²³² O erro em se atribuir o topônimo a tal característica biotípica seria restringir a região ao único lugar na África onde se encontram negros. Segundo Delisle, são negros os habitantes da *Nigritie*, *Guinée*, *Nubie*, *Abissinie* entre outros lugares, exceto os do Egito e Barbaria:

*“Il ne faut pas croire que la Nigritie soit nommée de la sorte, comme si les Noirs ou les Negres ne venoient que de-là ; car comme l’on a déjà dit, les Noirs sont répandus par toute l’Afrique, à la reserve de l’Egypte et de la Barbarie ; ainsi la Nigritie ou le pays des Negres pris dans une signification plus étroite, est ainsi nommée à cause qu’elle est située sur les bords d’une grade riviere appelée Niger.”*²³³

²³¹ Isabelle Surun, “Le blanc de la carte, matrice de nouvelles représentations des espaces africains”, in Isabelle Laboulais, ed., *Comblent les blancs de la carte* (Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004, p. 122).

²³² Guillaume Delisle, *Introduction a la geographie, avec un traite de la sphere*. Paris : Etienne-François Savoye, 1746. v.1, p. 252. Bibliothèque Nationale de France, cota: G-9506.

²³³ *Ibid.*, p. 79.

Quanto à polêmica da primazia francesa nos comércios com a Guiné, a pesquisa não reconheceu um posicionamento dos dois irmãos em suas memórias geográficas; entretanto, todos os mapas citados grafam os topônimos *Petit Dieppe*. Fora isso, a maioria dos topônimos são em português ou traduzidos deste idioma para o francês, além de não haver demarcação de estabelecimentos franceses no litoral africano, uma vez que apenas os fortes *Fort Hollandois*, *S. George de la mine* e *Frederichsbourg* são registrados no mapa de Guillaume Delisle.

A ausência da defesa da pujança do império francês neste mapa em específico nos leva a indagar se o sobredito mapa de Delisle apaga deliberadamente as informações relativas ao comércio francês, restringindo tais dados a uma esfera pública de menor escala. Conseqüentemente, os mapas murais de Longchamps e Janvier, repletos de representações e índices das redes de comércio na África, também circularam entre um público não especializado na pesquisa geográfica, mas interessados no tráfico negreiro e transações correlatas.

c) Os mapas da África de Jean Baptiste Bourguignon d'Anville

Das autoridades aludidas na série mural, d'Anville não consta na lista, porém sua obra é incontornável para a compreensão da concepção geográfica francesa no Século das Luzes. Conforme visto no primeiro capítulo, entre 1725 e 1749, o geógrafo se dedicou a atualizar sistematicamente seus mapas sobre a África, dentre os quais a *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...* (1727), onde se encontra uma dedicatória à *Compagnie des Indes de France*.²³⁴ Além do que foi apurado anteriormente, quais outros aspectos relativos à engrenagem do tráfico negreiro podem ser encontrados na obra de d'Anville?

A questão posta é reforçada pela memória geográfica que d'Anville produz sobre os rios africanos, publicada nos anais da *Academie des Sciences* em 1759. Para tratar do curso do Níger, uma de suas fontes foi o relato de um ex-administrador do forte *Saint-Joseph Galan*, mediador do comércio de escravizados:

“J'ai appris, d'une personne qui avoit commandé plusieurs années au fort Saint-Joseph en Galam, lequel se peut estimer distant en droite ligne de l'entrée du Sénégal d'environ cent trente lieues françoises; que les Bambaras, qui du fond du pays amènent des esclaves noirs, comptent

²³⁴ Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville, *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin et Serrelionne...* Paris: [s. ed.]. 1727. Este mapa integra a primeira fase de produção de mapas da África confeccionados pelo geógrafo, conforme examinou a historiadora Júnia Ferreira Furtado, *Quebra-cabeça africano...*, (Belo Horizonte: Miguilim, 2021, p. 242).

quarante-huit journées depuis Tombut jusqu'au fort Saint-Joseph, et que la mesure commune de la journée s'évalue à environ cinq lieues, d'où il résulte autour de deux cens quarante lieues."²³⁵

Segundo a memória, a posição vantajosa do estabelecimento francês no rio Senegal favorecia o reconhecimento de dados geográficos da região. Dez anos antes desta comunicação acadêmica, em 1749 o mapa mural *Afrique* de d'Anville (Fig. 55) havia reduzido consideravelmente a quantidade de inscrições, iconografias e fronteiras no interior do desenho cartográfico, aumentando os “espaços em branco” na representação dos territórios interioranos do continente.

Existe um importante aporte historiográfico em torno da semântica deste recurso gráfico. De acordo com o almirante Avelino Teixeira Mota, apesar do geógrafo francês ter sido o principal propagador dos “espaços em branco” na concepção cartográfica europeia, deve-se atribuir a criação deste à Vincenzo Coronelli (1650-1718), pois o geógrafo veneziano foi um dos primeiros a empregá-lo na revisão da cartografia sobre a África, por meio dos seus globos terrestres.²³⁶

Ao historicizar os usos do recurso gráfico, o estudo da historiadora Isabelle Surun identificou uma mudança semântica nos discursos cartográficos, quando estes passaram a utilizar o adjetivo “vazio” em vez de “branco”. Nos mapas de começos do século XVIII, inscrições como “*peau connu*” ou “*inconnu*” visavam sublinhar o limite do conhecimento europeu *in loco*, pois a veracidade das fontes de primeira mão passou a ser determinada pela inspeção dos geógrafos de gabinete. Manchas “em branco” em um mapa sinalizavam visualmente o questionamento das informações outrora advindas de relatos de viagem que, por sua vez, poderiam reverberar a transmissão oral dos conhecimentos geográficos advindos das populações originárias. Entretanto, à medida que avançavam os projetos imperialistas na África, o recurso gráfico passou a ser indicativo da ausência de obstáculos humanos e geográficos para as empreitadas colonizadoras dos europeus pelo interior do continente.²³⁷

²³⁵ Jean-Baptiste B. d'Anville, “Mémoire concernant les rivières de l'intérieur de l'Afrique, sur les notions tirées des Anciens et des Modernes”, In: *Histoire de l'Académie royale des inscriptions et belles-lettres, avec les Mémoires de littérature tirés des registres de cette académie...*, Paris, 1759. t. 26, p. 73. Bibliothèque Nationale de France, cota: NUMP-4152.

²³⁶ Avelino Teixeira da Mota, *Cartografia antiga da África Central e a travessia entre Angola e Moçambique (1500-1860)* (Moçambique: Lourenço Marques, 1964, p. 69).

²³⁷ Isabelle Surun, “Le blanc de la carte, matrice de nouvelles représentations des espaces africains”, In: Isabelle Laboulais, ed., *Comblant les blancs de la carte* (Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004, p. 126).



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 55 - Jean-Baptiste B. d'Anville. *Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang*. Paris : chez l'auteur aux Galeries du Louvre, 1749. Dimensões: Disponível em: 99 x 100 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2987 (7779 B).

Conforme escrutinado pela historiadora Júnia Furtado, o “espaço vazio” se demonstrou útil para os projetos de ligação transcontinental idealizados pelo embaixador português D. Luís da Cunha. Os apagamentos na produção cartográfica, somados à falta de novos relatos de viagens acerca do interior da África, converteram os mapas subsequentes de d'Anville em principal referência sobre a geografia africana. De acordo com a historiadora, as fases de ressignificação desta representação abriram caminhos para que projetos irrealizáveis de travessia fossem almejados.²³⁸

O desenvolvimento do estudo e método da Geografia, exaltado por Longchamps e Janvier, nem sempre se pautou em fundo empírico, ressalva sublinhada pelo historiador Francisc Relaño, como a sobrevivência do sistema de lagos paralelos na origem do rio Nilo,

²³⁸ Júnia Ferreira Furtado, *Quebra-cabeça africano...* (Belo Horizonte: Miguilim, 2021, p. 392).

permanece em vários mapas iluministas (inclusive de d’Anville), demonstrativo da permanência de esquemas mentais renascentistas na prática do geógrafo de gabinete.²³⁹

Quando comparamos a representação do continente africano feita por Longchamps e Janvier, fica evidente que o apagamento prevalece no mapa mural, ainda que as demais informações toponímicas sejam diferentes das feitas por d’Anville. Sendo assim, a etimologia do topônimo *Nigritie*, para o geógrafo de gabinete, endossava a alusão ao rio Níger.²⁴⁰ As diferenças de repertório apontadas não obliteram o fato da produção cartográfica destes artesãos ser atravessada por referências ao tráfico negreiro e à escravidão, seja no mapa, seja nas fontes para sua confecção.

2.2.2. A geografia da África no ateliê dos editores

Os mapas da África de Jean Baptiste Nolin, pai e filho.

Os geógrafos de gabinete podiam exercer mais de uma função na confecção de seus mapas, como demonstrado pelo ateliê de Nicolas Sanson. Porém, a diversificação dos ofícios envolvidos neste processo acarretava na maior disponibilidade de *artesãos criadores* de representações cartográficas que, por sua vez, podiam atualizar, reproduzir ou copiar obras renomadas - rivalidade exemplificada pela contenda entre Guillaume Delisle e Jean Baptiste Nolin I. Foi a discrepância dos cabedais entre os dois uma das provas que incriminaram o editor, pois este não demonstrou domínio das memórias geográficas utilizadas na construção de seu planisfério *Le globe terrestre représenté en deux plans-hemispheres* (1700).²⁴¹

A acusação foi deflagrada por Delisle após reivindicar a autoria de diversos dados copiados por Nolin. Chamamos atenção para o tema da disputa, pois questões sobre a geografia da África ocupam grande parte da disputa intelectual entre as partes. Além do repertório, equívocos quanto a localização de reinados africanos e sobre o traçado hidrográfico dos rios Nilo e Níger foram provas mobilizadas na contenda: *le sieur Nolin m’a copié dans tout cela sans, peut être, sçavoir qu’il a là-dedans beaucoup de choses douteuses*.²⁴²

²³⁹ Francesc Relaño, *The Shaping of Africa...* (UK: Ashgate, 2002. f. 325).

²⁴⁰ Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, *Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d’Orléans premier prince du sang*. Paris : chez l’auteur aux Galeries du Louvre, 1749. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2987 (7779 B).

²⁴¹ Mary S. Pedley e Matthew Edney, eds., *History of Cartography Project...* (University of Chicago Press, v. 4, 2019, p. 118).

²⁴² Nicolas de La Mare, ed., *Collection formée par Nicolas DELAMARE sur l’administration et la police de Paris et de la France*. Département des Manuscrits de la Bibliothèque Nationale de France, cota: Ms. Fr. 21733, f. 88r-88v.

Na denúncia de Delisle, a supressão de um “*gran vide*” no mapa de Jean-Nicolas de Tralage, sieur de Tillemont (1640? - 1720?), suposta fonte de Nolin I, parece mais relacionada à falta de conhecimento do que a um apagamento deliberado:

*“Le sieur Tillemont qui lui avoit, dit-il, donné ses mémoires pour sa Carte d’Afrique, ne lui ayant rien donné pour cet endroit, il s’étoit avisé pour remplir un grand vide qui étoit sur sa Carte, d’y fourrer un Cartouche, mais ayant depuis trouvé sur mon Globe ces endroits tous dressés, il a jugé à propos d’en profiter, quoiqu’il ne l’ait fait qu’à demi.”*²⁴³

O veredito da contenda foi favorável à Delisle, sentenciando Nolin I a destruir todas as chapas de cobre, mas o reclamante dispensou a execução da pena. Segundo a interpretação do historiador Numa Broc, o principal objetivo havia se cumprido, ou seja, a repercussão do processo divulgava a estreia do jovem geógrafo de gabinete no comando do ateliê da família.²⁴⁴

Apesar da tensão, o caso é elucidativo do complexo processo de transmissão dos conhecimentos entre os dois grupos analisados na pesquisa. O contato de Longchamps e Janvier com o universo das autoridades antigas e modernas não os livrava dos cuidados necessários para construção de sua série. Neste sentido, as aproximações com os geógrafos de gabinete, observadas até agora, parecem indicar quais concepções geográficas já estavam “assentadas” no imaginário cartográfico francês a respeito da África.

Cerca de quarenta anos após a contenda, o filho de Nolin publicou uma dispendiosa série de mapas murais, ricamente ornamentados (Fig. 56) - o levantamento feito pelo historiador Franz Reitinger afirma que o ateliê foi um expoente na produção do gênero na França setecentista.²⁴⁵ As descobertas do pesquisador suspeitam que Longchamps se casou com uma das herdeiras da família Nolin, de onde proviriam parte do acervo de placas de cobre utilizados pelo ex-valete de Voltaire.²⁴⁶ A hipótese nos parece instigante e abre caminho para a interpretação que se tem feito aqui. Até o presente momento, não pudemos apurar mais fontes que comprovem o casório, porém a análise interna das séries (1740 e 1754) permite identificar fortes ligações entre ambas.

Em *L’Afrique, où tous les points principaux sont placés sur les observations...* (1740), a composição do mapa mural é igualmente minuciosa, porém mais adensada, pois são numerosas

²⁴³ *Ibid.*, f. 87r. Jean-Nicolas de Tralade e Vincenzo Coronelli. *Le Globe terrestre représenté en deux plans-hémisphères et en diverses autres figures*, Paris: J. B. Nolin, 1690. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-8473.

²⁴⁴ Numa Broc, “Une affaire de plagiat cartographique sous Louis XIV : le procès Delisle-Nolin” (*Revue d’histoire des sciences et de leurs applications*, v.23, n° 2, 1970, p. 153).

²⁴⁵ Franz Reitinger, “Wall Maps with historiated borders: a new map type in the eighteenth century” (*IMCoS Journal*, 2015, p. 35).

²⁴⁶ Franz Reitinger, “Voltaire’s Valet: The Career of Sébastien-G. Longchamps from Servant to Map Publisher” (*Sjuttonhundratat*, 2010, p. 83, n. 70).

as inscrições no desenho do continente. Ao todo trinta cartuchos compõem a borda ornamental, sendo um dedicado à *Description Historique de l'Afrique* e outro à *Description Géographique de l'Afrique*. Ao comparar as iconografias e narrativas de Longchamps e Janvier, a perspectiva de Nolin indica que a dupla abandonou a representação da evangelização da África, pois nenhum dos oito cartuchos que tratam sobre a conversão de reinados africanos ao catolicismo foram representados na edição de 1754 (Quadro 4).

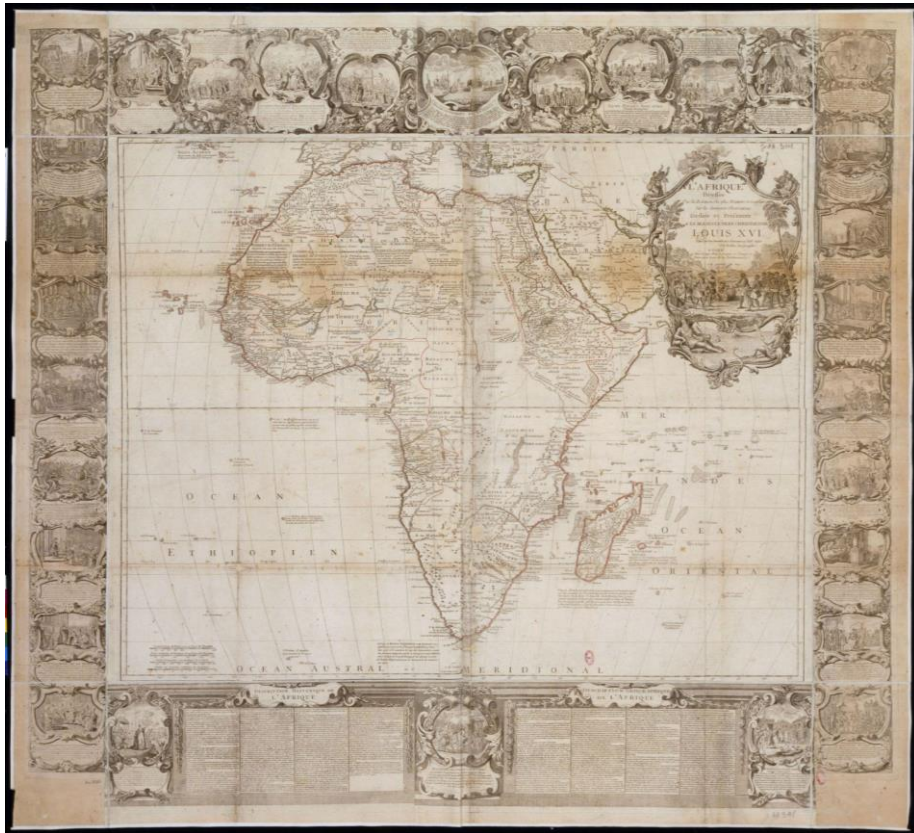


Figura 56 - Jean-Baptiste Nolin II, *L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...*, Paris: Chez Crépy, 1740. [ed. 1775]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE AA-3111.

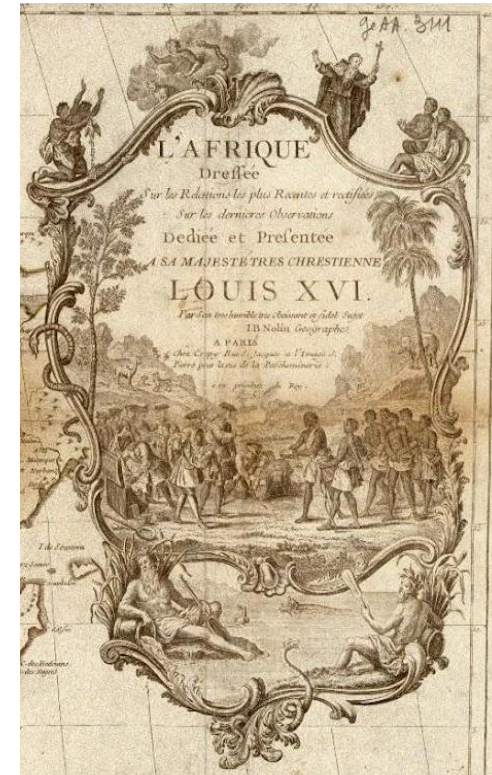


Figura 56a – Detalhe da alegoria da África no título do mapa. Jean-Baptiste Nolin II, *L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...*, Paris: Chez Crépy, 1740. [ed. 1775]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE AA-3111.

Quadro 4 - Comparação entre os ornamentos dos mapas murais (1740 e 1754)

Títulos dos Ornamentos, J.-B. Nolin II (1740)	Títulos dos Ornamentos, Longchamps e Janvier (1754)
30 cartuchos	17 cartuchos
<i>Description Historique de l'Afrique</i>	<i>Idée Historique de l'Afrique Ancienne</i>
<i>Description Geographique de l'Afrique</i>	<i>Idée Historique de l'Afrique Moderne</i>
Menes Ier. Roy d'Egypte	Fondation du Royaume d'Egypte
Joseph, Premier Ministre d'Egypte	Sortie des Hebreux de l'Egypte
Passage de la Mer Rouge	Sortie des Hebreux de l'Egypte
L'Egypte Glorieuse sous le Regne de Sesostris	Naissance et regne de Sesostris
Les Pyramides d'Egypte	Fondation du Royaume d'Egypte
La Reine de Sabat d'Ethiopie	Não menciona
Fondation de Carthage et mort de Didon	Fondation de Carthage
L'Egypte soumise aux Perses	L'Egypte soumise aux Perses*
L'Egypte passe sous la Domination des Grecs	Monarchie des Lagrides en Egypte
Deffaite d'Anibal Par Scipion l'Africain	Destruction de Carthage
Fin du Royaume d'Egypte	Monarchie des Lagrides en Egypte
Conversion de la Nubie	Não menciona
Triomphe de l'Eglise Catholique	Não menciona
Conversion des Abissins	Não menciona
Royaume des Vandales Detruit	Não menciona
Entrée des Sarrazins dans l'Afrique	Entrée des Sarrasins en Afrique
Etablissement du Royaume de Fez	Entrée des Sarrasins en Afrique
Domination de Lumptunes - Fondation de Maroc	Fondation de la Monarchie des Cherifs a Maroc
Empire des Mammelus	Monarchie des Mameluc en Egypte
Croisade de St. Louis en Egypte	Monarchie des Mameluc en Egypte
Premier Commerce d'Europe en Guinée	Premier Commerce établi en Guinée par les Français
Decouverte et Conversion du Congo	Não menciona
Monarchie des Scherifs	Fondation de la Monarchie des Cherifs a Maroc
Expeditions de Barberousse en Afrique	Etablissement des Etats d'Alger et de Tunis
Conquete de l'Egypte par les Turcs	Conquête de l'Egypte par les Turcs
Reunion des Abissins a L'Eglise	Não menciona
Les Hollandois s'établissent aux Costes de Guinée	Etablissemens des Portugais et Hollandois en Afrique
Anne Zingha Idolatre - Cruaute des Giagas	Não menciona
Anne Zingha Convertie	Não menciona
Bombardement de Tripoli	Não menciona
	Premiere Révolution de l'Egypte
	Premiere grande Navigation
	Nouveaux établissemens des Français en Afrique

Nolin II faz apologias ao tema nos seguintes ornamentos: “*La Reine de Sabat d’Ethiopie*”, “*Conversion de la Nubie*”, “*Triomphe de l’Eglise Catholique*”, “*Conversion des Abissins*”, “*Croisade de St. Louis en Egypte*”, “*Decouverte et Conversion du Congo*”, “*Reunion des Abissins a L’Eglise*”, “*Anne Zingha Convertie*”. Referências a missiões foram considerados por Longchamps e Janvier no mapa mural da América, excepcionalmente nas iconografias que mostram cruzeiros sendo erigidos por colonos europeus na descoberta do Novo Mundo. A dimensão comercial não havia sido obliterada por Nolin, pois a alegoria do continente africano é composta por duas cenas justapostas (Fig. 56 a): no entorno, representa-se a passagem da religiosidade de matriz africana para adesão ao cristianismo; no centro, representa-se a venda de escravizados por comerciantes negros africanos à europeus. Pode-se inferir, portanto, que a série de Longchamps e Janvier foi a que mais se preocupou em ressaltar a demarcação dos entrepostos e colônias francesas.

Neste sentido, do ponto de vista da linguagem cartográfica, o mapa mural de 1754 parece ser um intermediário entre o desenho de d’Anville de dos Nolin, sendo a referência à *Petit Dieppe* a informação comum aos três mapas (Fig. 57, 58 e 59). Do mesmo modo, o traçado topográfico e a grafia do topônimo *Chinouquas*, característico dos Nolin (Fig. 60), somado à posição tipográfica e espaços em brancos propostos por d’Anville (Fig. 61) exemplificam esta mediação (Fig. 62).

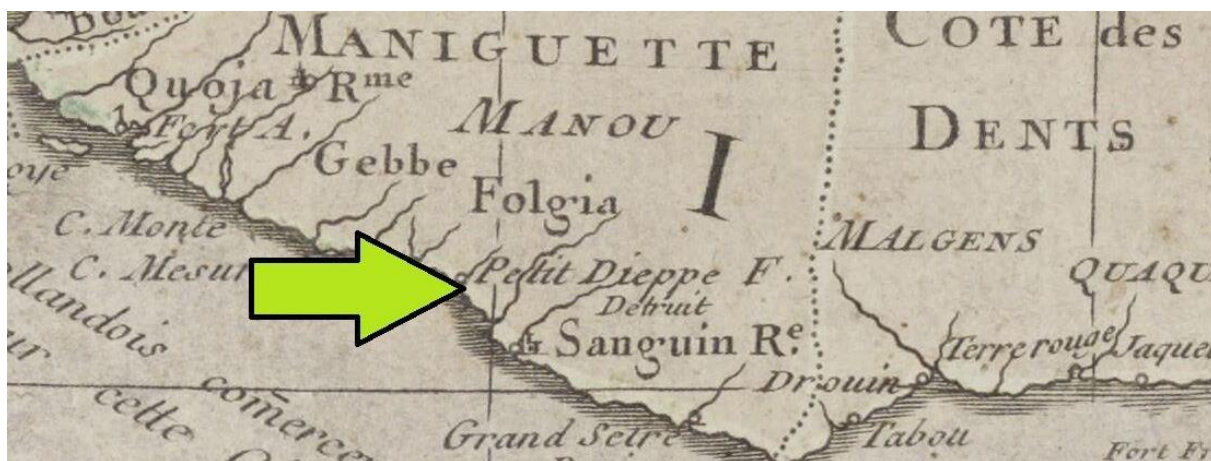


Figura 57 - Destaque do relevo e a posição dos topônimos. Sébastian-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

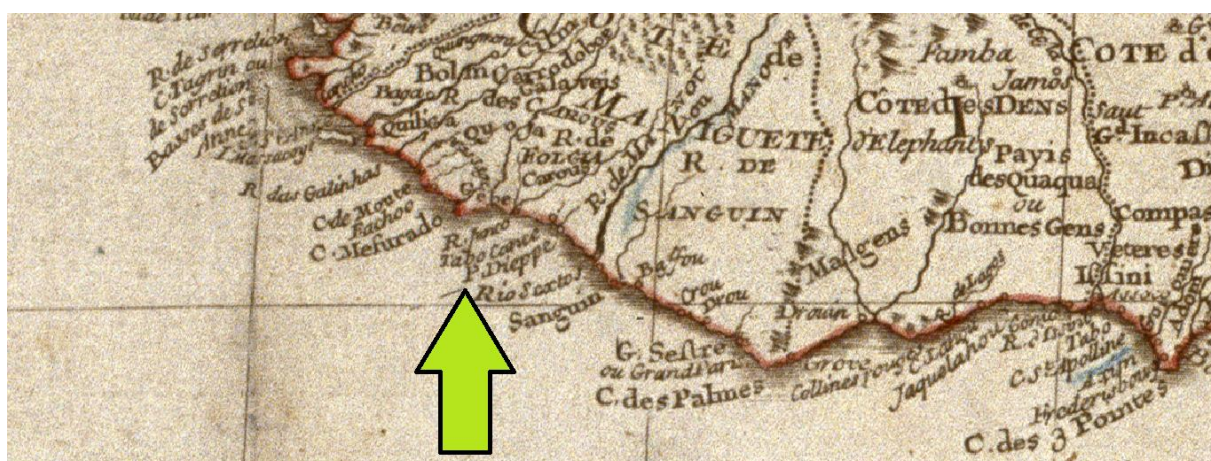


Figura 58 - Jean-Bapstiste Nolin II. *L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...*, Paris : Chez Crépy, 1740. [ed. 1775]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE AA-3111.



Figura 59 - Destaque para Petit Dieppe. Jean-B. B. d'Anville. *Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang*. Paris : chez l'auteur aux Galeries du Louvre, 1749. Dimensões: Disponível em: 99 x 100 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2987 (7779 B).

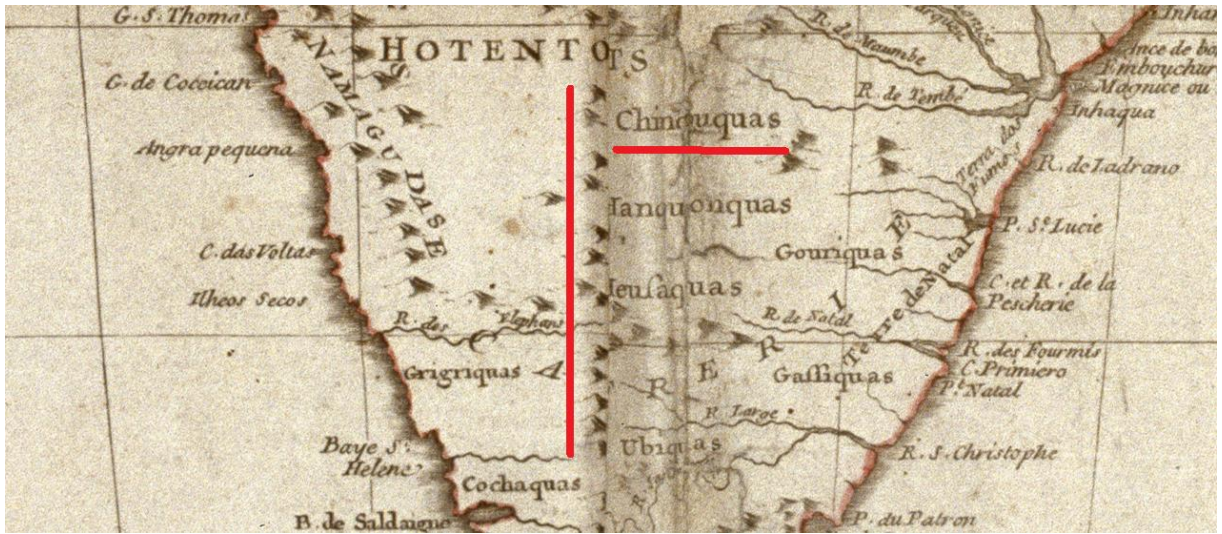


Figura 60 - Jean-Baptiste Nolin II. *L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...*, Paris : Chez Crépy, 1740. [ed. 1775]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE AA-3111.



Figura 61 - Destaque para a posição dos topônimos. Jean-B. B. d'Anville. *Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang*. Paris : chez l'auteur aux Galeries du Louvre, 1749. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2987 (7779 B).

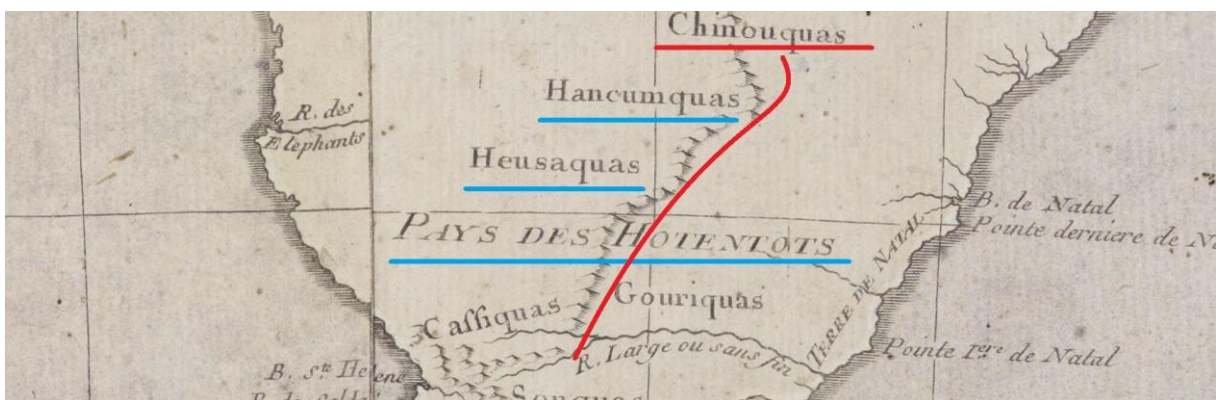


Figura 62 - Destaque do relevo e a posição dos topônimos. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

Portanto, a ligação mais estreita da série mural com o mapa da África de Nolin II se deve aos ornamentos. Entretanto, mesmo para os casos de títulos idênticos, as legendas se diferem quanto ao conteúdo e a forma: no cartucho *Conquête de l’Egypte par les Turcs*, no caso de Nolin, lê-se:

*“Conquête de l’Egypte par les Turcs. Tomumbey Emir des Mammelus, ayant été élu Soudan après la mort de Campson Cauri tué dans une bataille contre Selim Sultan des Turcs dont il ne règne que 6 mois ce Cruel Sultan ayant pris le Caire, il se fit amener le nouveau Soudan qui suivoit et après l’avoir fait promener sur un Chameau par dérision dans toutes les rues du Caire. Il le fit égorger dans le lieu où l’on tuoit les Boeufs en l’an 1517”.*²⁴⁷

A narrativa de Longchamps e Janvier sobre o mesmo tema demonstra acrescenta informações sobre a queima da Biblioteca de Alexandria, evento que, segundo a dupla, foi uma perda irreparável para as “*Belles Lettres, Sciences et Arts*”, uma tópica importante na obra de Voltaire, como se verá no próximo capítulo.²⁴⁸

²⁴⁷ Jean-Baptiste Nolin II, *L’Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...*, Paris: Chez Crépy, 1740. [ed. 1775]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE AA-3111.

²⁴⁸ “Conquête de l’Egypte par les Turcs” - 14 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. Anexo.

Capítulo 3 - O “noir” e o “nègre”

“Onde está a dialética? No mar. [...]. Oh paz infinita poder fazer elos de ligação numa história fragmentada. Todas aquelas construções nacionais são contornos geopolíticos, não era nada até ter um nome. Só o oceano é real. Porque é o m-a-r.”²⁴⁹

Neste capítulo, permaneceremos com o exame das representações acerca da geografia e história africanas, adicionando-se as imagens atribuídas à diáspora dos cativos - ou a ausência delas. Ao retomarmos a *antiga ideia histórica da África*, percebemos que o termo “nègre” surge em três momentos: para destacar a habilidade bélica de alguns “nègres de Guinée”; para refutar a teoria climática sobre a cor de pele dos habitantes; por fim, para denominar a “*traite des Nègres*”.²⁵⁰ Quando comparamos com a ocorrência no mural dedicado a América, a única alusão, verbal ou iconográfica, aos escravizados africanos ocorre na *Ideia do estado atual da América*, quando a composição demográfica nas partes meridional e setentrional é distinguida segundo a origem dos povos:

“*Ces deux grandes Parties sont peuplées par quatre sortes d’habitans. 1° les Européens qui se sont établis ; 2° les Américains ou naturels du País ; 3° les Metis qui sont nés d’un Européen et d’une Américaine, ou d’un Américain et d’une Européenne ; 4° et les Nègres que l’on y transporte de l’Afrique*”.²⁵¹

A enumeração das “*sortes d’habitants*” não se inicia com os povos indígenas, pois o primeiro lugar é ocupado pelos colonos europeus. Os naturais do continente são os segundos, chamadas de americanos, enquanto os mestiços seriam os terceiros, oriundos da miscigenação entre as gentes americanas e europeias. Por último, figuram aqueles oriundos da África, informação que oblitera a finalidade para a qual foram traficados. Ao desembarcarem nas colônias americanas, os cativos são denominados “nègres”, sem qualquer distinção de origem ou região de embarque. Nesta lista, nota-se que este é o único substantivo que não recebe flexão de gênero (*nègre*); ademais, de acordo com as análises do capítulo anterior, tal qual os etnônimos *Pays des nègres* e *Nigritie*, neste mapa, as sociedades africanas também são reduzidas à uma característica física específica: a cor da pele.²⁵²

²⁴⁹ Maria Beatriz Nascimento, “Portugal”, In: UCPA, ed., *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual...* (São Paulo: Editora Filhos da África, 2018, p. 431).

²⁵⁰ Atualmente na França, o termo é considerado um insulto racista. Muito embora, o neologismo *négritude* criado pelo poeta martinicano Aimé Césaire nos anos 1930 buscasse ressignificar positivamente o termo *nègre*. Aimé Césaire, *Discurso sobre a negritude* (1ª ed. 1987; Rio de Janeiro: Cobogó, 2022, p. 215).

²⁵¹ “Idée de l’Etat actuel de l’Amérique”, In: Sébastien-G. Longchamps e Jean Janvier, *L’Amérique divisée en tous ses Pays et Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon. Paris, 1754.

²⁵² Para uma apuração quantitativa da população negra escravizada na *Martinique, Guadeloupe e Saint-Domingue*, os estudos de Gautier são esclarecedores. Segundo o levantamento da autora, no século XVII apenas em *Saint-*

A diferença no modo como “*noir*” e “*nègre*” aparecem na série mural suscita o questionamento: estes mapas foram os únicos a usar o contexto geográfico para distinguir os vocábulos? Compreender os significados atribuídos a cada um deles neste período de expansão do império francês exigirá analisar as relações de viagem, literatura filosófica e memórias geográficas das academias que circulam na metrópole e entre as possessões francesas no Atlântico e Índico. Deste modo, buscamos conhecer os repertórios disponíveis ao imaginário dos geógrafos franceses no século XVIII, para então estabelecermos as semelhanças e particularidades das representações de Longchamps e Janvier.

O aforismo de Beatriz Nascimento é a premissa que direciona a investigação neste momento, pois desperta a reflexão acerca das identidades criadas na travessia, ou seja, conceber os oceanos como espaços históricos ajudará a analisar os fenômenos sociais produzidos no deslocamento entre os continentes e projetados sobre territórios que os europeus chamaram de “as quatro partes do mundo”. No caso específico dos continentes africano e americano, o que pensaram “ser o negro”?

3.1. Relações de viagem e a produção da desigualdade

Especialmente sobre o continente africano, quais relações de viagem eram acessíveis para o conhecimento dos geógrafos? As andanças de Longchamps o fizeram conhecedor de um dos arredores com maior concentração de livreiros em Paris, ou como ele disse: “*j'avais des connaissances dans ce qu'on appelle à Paris le pays latin*”.²⁵³ Portanto, a estimativa das leituras feitas pela dupla pode se iniciar a partir do levantamento das obras vendidas nas livrarias da rua *Saint-Jacques*, das quais serão selecionadas as mais utilizadas para a revisão cartográfica da África e América. Além das livrarias, enquanto foi valete de Voltaire, Longchamps tinha pleno acesso à biblioteca do filósofo, tarefa que lhe concedia certa autoridade - e que, supostamente, enervava a sobrinha do filósofo, hospedada nas dependências da *rue Traversière, près de celle de Richelieu*, enquanto Voltaire servia a corte do rei da Prússia:

“Ayant reçu de M. de Voltaire toutes ces instructions, ainsi que les titres et papiers nécessaires pour l'exécution de ses ordres, et les clefs de son cabinet et de sa bibliothèque, à l'effet de lui

Domingue há uma discrepância numérica significativa, com predomínio de homens negros escravizados: Arlette Gautier, *Les sœurs de Solitude...* (Paris: Éditions Caribéennes, 1985. Anexos 1 e 2, p. 266-267).

²⁵³ Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 337-338).

*envoyer les manuscrits ou livres qu'il me demanderait, je me vis pourvu, en quelque sorte, de la suprême intendance de ses biens et du gouvernement de sa maison.*²⁵⁴

As relações de viagem foram fonte imprescindível para os *artesãos* de diferentes espectros de erudição, fossem eles geógrafos de gabinetes ou editores, vale lembrar do gosto literário do valete.²⁵⁵ No que se refere às fontes textuais, quais seriam as obras disponíveis na época de concepção da série mural? Entraremos agora na reconstituição do universo dos bibliófilos *hommes des lettres* do Antigo Regime na França, como aquele cliente a quem Longchamps vendia mapas.²⁵⁶

Dentre as relações de viagem, os escritos dos missionários são relevantes por serem produzidos por agentes intimamente ligados ao projeto colonizador, não por acaso no ornamento do mapa mural da América várias cruces compõem as iconografias que reportam aos estabelecimentos europeus. Segundo o historiador Robin Blackburn, a coroa francesa incentivou diferentes ordens religiosas: atuaram os capuchinhos nos estabelecimentos franceses na África; os jesuítas nas colônias nas Américas, e os dominicanos nas colônias do Caribe.²⁵⁷

Tal como comparamos os mapas murais da África e da América, para efeito de análise, as relações de viagem serão divididas em duas partes, de acordo com os espaços geográficos a que se referem. Um destes dominicanos foi o missionário Jean-Baptiste Labat, cuja obra sobre ambos os lados do Atlântico, nos auxiliará a acessar a cultura letrada compartilhada tanto pelos geógrafos quanto pelo público francês interessado por narrativas aventureiras.

3.1.1. Nouveaux voyage aux Isles de l’Amerique (1722) de Jean Baptiste Labat (1663-1738)

O padre já havia retornado para a Europa quando publicou sua *Nouveaux voyage aux Isles de l’Amerique* em 1722, obra baseada em seus diários de viagem.²⁵⁸ A obra foi redigida após o período em que, além de missionário, geriu um engenho na Martinica, entre 1694 e 1705 - atividade que motivou sua preocupação com a administração e produtividade da indústria açucareira no Caribe.²⁵⁹ Por esta razão, seus escritos sobre a América dialogavam com os *habitants* - futuros colonos - transformando sua obra numa recomendação sobre o “governo dos

²⁵⁴ Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 296-297).

²⁵⁵ Abordamos no capítulo 1 da Dissertação.

²⁵⁶ Abordamos no capítulo 1 da Dissertação.

²⁵⁷ Robin Blackburn, *A construção do escravismo no Novo Mundo...* (Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 339).

²⁵⁸ Jean Baptiste Labat, *Nouveaux Voyage aux Isles de l’Amerique...* (Paris: G. Cavelier e Giffard, 1722, 6 t.).

²⁵⁹ *Ibid.*, t. I, prefácio.

escravos”.²⁶⁰ Para o abade, a escravização dos africanos seria pedagógico e meio de garantir o sucesso da evangelização:

*“c’ étoit un moyen infaillible, et l’unique qu’il y eût, pour inspirer le culte du vrai Dieu aux Africains, les retirer de l’idolâtre, et les faire persévérer jusqu’à la mort dans la Religion Chrétienne qu’on leur feroit embrasser.”*²⁶¹

Labat adverte sobre a dificuldade em avaliar sob quais condições ocorreram o aprisionamento dos escravizados aportados nas colônias. Ainda que o dominicano mencione as deliberações do Tribunal de Consciência da *Sorbonne*, o arrazoamento era menosprezado pelos mercadores franceses e colonos: segundo o padre, os doutos teólogos da universidade não eram capazes de julgar a situação colonial, porque não viviam no ultramar nem se interessavam pelas Companhias de comércio, de modo que o emprego deste tipo de mão de obra era válido, pois seria um costume no lugar onde os cativos eram obtidos:

*“Si les Marchands qui vont en Afrique pour acheter des esclaves, ou les Commis qui demeurent dans les Comptoirs, peuvent acheter des gens qu’ils savent avoir été dérobés, attendu que ce qui nous paraît un désordre, est une coutume reçue chez ces peuples, et autorisée par leurs Rois.”*²⁶²

Se relembarmos os ornamentos do mapa mural da África, os mercadores europeus também não tinham papel ativo na reprodução da escravidão e do tráfico negreiro. Embora esteja preocupado com a evangelização, Labat concentra-se na dimensão utilitária dos trabalhadores nas colônias francesas. Na sequência da justificativa para adoção da mão-de-obra escravizada, indica quais critérios os precificavam: idade, sexo, resistência física, beleza e compleição eram variantes que determinavam o valor da compra daqueles comercializados pelas Companhias de comércio, dentre elas, a citada por Longchamps e Janvier, a *Compagnie de Guiné*:

“Les Compagnies de Guiné et de Sénégal sont obligées par leur traité avec le Roy, d’apporter tous les ans aux Îles un nombre assez considérable d’Esclaves, je croi que c’est deux mille, dont le prix se règle selon l’âge, le sexe, la force, la beauté, la complexion et le besoin qu’en ont les Habitans”.²⁶³

²⁶⁰ Rafael de Bivar Marquese, *Feitores do corpo, missionários da mente...* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 83).

²⁶¹ Jean-Baptiste Labat, *Nouveaux Voyage aux Isles de l’Amerique...* (Paris: G. Cavelier e Giffard, 1722, t. IV, p. 114).

²⁶² *Ibid.*, t. IV, p. 119-200.

²⁶³ *Ibid.*, t. IV, p. 115. Labat informa que a Companhia da Guiné tinha o monopólio do comércio de escravizados na região de Benin, Juda, Ardra e regiões nessa altura da costa, semelhante ao perímetro referenciado no mapa mural da África.

Estes não foram os únicos critérios mencionados pelo dominicano, pois Labat tipifica as características físicas dos cativos segundo o desempenho produtivo desejado nas *habitations* francesas. Nas passagens deste cunho, o vocábulo “*nègre*” é modulado pela região de origem para então designar a especificidade da atividade a ser realizada:

*“Les Nègres de cette dernière Compagnie [da Guiné], sont les meilleurs pour le travail de la terre, et autres gros ouvrages, ceux du Cap-verd, et du Sénégal, ne sont pas si forts, mais ils sont plus propres pour le service d’une maison, et pour apprendre des métiers.”*²⁶⁴

Podemos traçar um paralelo entre a logística expressa na obra do dominicano com a racionalidade mercante expressas nas legendas da série mural, identificada na descrição e no inventário das mercadorias a serem comercializadas nos dois continentes, o africano e o americano.

No início deste capítulo, quando mencionamos o ornamento que introduz a narrativa sobre o continente americano, ressaltamos que os geógrafos sintetizam a composição da população na América em quatro grupos: europeus, americanos, mestiços e “negros”, nesta ordem. Agora a análise partirá do Caribe francês de volta para o continente africano, pois focalizaremos em entender as particularidades da narrativa de Jean-Baptiste Labat sobre este outro lado do Atlântico.

Neste sentido, procuramos observar: as descrições produzidas nas periferias coloniais se diferem daquelas feitas sobre o continente africano? Segundo o historiador da cartografia Numa Broc, a *Nouvelle Relation de l’Afrique occidentale* (1728) do dominicano foi, durante a primeira metade do século XVIII, a principal fonte para o conhecimento geográfico das proximidades do rio Senegal - região que recebe destaque no mapa mural de Longchamps e Janvier.²⁶⁵

3.1.2. Nouvelle Relation de l’Afrique occidentale (1728) de Jean-Baptiste Labat (1663-1738)

A “*Nouvelle relation de l’Afrique occidentale*” do dominicano Jean-Baptiste Labat foi editada seis anos após o lançamento de sua *Nouveau Voyages au Amérique* (1722), esta sim com base nas memórias do missionário e senhor de engenho na Martinica.²⁶⁶ As obras em que discorreu sobre o continente foram produzidas a partir de relatos de terceiros, pois o abade nunca esteve em um entreposto francês no litoral africano.²⁶⁷

²⁶⁴ *Ibid.*, t. IV, p. 116.

²⁶⁵ Numa Broc, *La géographie des philosophes...* (Paris: Ophrys, 1975, p. 65).

²⁶⁶ Publicada por Pierre-François Giffart numa livraria da *rue Saint Jacques, à Sainte Thérèse*.

²⁶⁷ Jean-Baptiste Labat, *Nouvelle relation de l’Afrique occidentale...* (Paris: Pierre-François Giffart, 1728, t. I, p. j). Em 1732, ou seja, quatro anos após a *Nouvelle relation*, Labat lançou a *Relation historique de l’Ethiopie*

Sabe-se que grande parte de seus escritos foram copiados do diário manuscrito do diretor da *Compagnie du Sénégal*, Michel Jajolet de La Courbe, quando este esteve nas proximidades deste rio em 1685.²⁶⁸ De acordo com as discussões no primeiro capítulo da Dissertação, juntamente com André Brue, os diretores da Companhia forneceram importantes contribuições para a cartografia da região do atual Senegal. Neste capítulo, interessa avaliar os comentários enxertados por Labat.

Embora sua descrição não seja fruto de experiência *in loco*, o dominicano criticou os geógrafos de gabinete que cartografaram territórios e corrigiram desenhos sem terem visitado as regiões que representavam.²⁶⁹ Na “*Nouvelle relation*” este julgamento é usado para introduzir a matéria de maior discussão nas academias, isto é, qual seria o motivo da diferença de cor entre “mouros” e “negros” que viviam, ambos, próximos ao rio Senegal? Labat após revisar as teorias vigentes, afirma que a mestiçagem entre brancos e “*brun*” jamais resultaria em uma pessoa “negra”:

*“Mellez tant qu’il vous plaira du blanc et du brun par portions égales, vous ne ferez jamais du noir ; d’où on peut présumer que jamais l’homme parviendra à connoître distinctement l’origine de la couleur noire des Negres.”*²⁷⁰

No decorrer de sua explanação sobre o tema, Labat enfatiza que nenhum palestino, habitante da terra de Canaã, ou seja, descendentes de Cam, era “*noir*”. Portanto, a maldição lançada por Noé não era sinalizada por um atributo físico. Além do mais, o dominicano verificou as Escrituras Sagradas e a obra de “Autores profanos” e nada constava sobre a “marca”:

*“L’Écriture sainte et tous les auteurs qui ont parlé des Cananéens descendants de ce Canaan fils de Cham, ne disent pas un mot de cette marque de la malédiction de Noé.”*²⁷¹

Tal crítica talvez explique o motivo pelo qual nos ornamentos do mapa mural sobre a África, a *maldição de Cam* não esteja diretamente relacionada à atividade negreira no

Occidentale, edição traduzida e comentada da obra do capuchinho Giovanni Antonio Cavazzi, *Istorica Descrizione de' ter regni, Congo, Matamba et Angola* (1687). A edição francesa foi adquirida por Voltaire e na qual fez marginais: Mikhail Pavlovich Alekseev e Tatyana N. Kopreeva, eds., *Bibliothèque de Voltaire: catalogue des livres* (Leningrado: Izdatel'stvo Akademii Nauk SSSR, 1961, p. 238).

²⁶⁸ O que de fato corresponde ao diário de André Brue, o segundo diretor da *Compagnie du Sénégal*, corresponde ao primeiro volume da relação, sendo as demais viagens narradas erroneamente atribuídas à Brue por Labat. Michel Jajolet de la Courbe, *Premier voyage du Sieur de La Courbe fait à la costa d'Afrique en 1685* (Prosper Cultru, ed., Paris: Société de l'Histoire des Colonies Françaises, 1913, p. v.).

²⁶⁹ Jean-Baptiste Labat, *Nouvelle relation de l'Afrique occidentale...* (Paris: Pierre-François Giffart, 1728. t. II, p. 254).

²⁷⁰ *Ibid.*, t. II, p. 257.

²⁷¹ *Ibid.*, t. II, p. 263-264.

continente.²⁷² Contudo, o dominicano não descarta a genealogia de Noé em suas explicações a respeito da cor negra. Segundo nos conta Labat, após a morte do patriarca, cada um de seus três filhos, sendo um branco, um mouro e um negro, deveriam dividir entre si a herança paterna. Dentre os bens listados para a partilha, encontram-se: ouro, prata, marfim, camelos, ovelhas, cachimbos e tabaco. Após a confraternização dos irmãos, os três repousaram. O primeiro a despertar foi o branco, levando consigo os itens mais valiosos e partindo para a região onde habitariam em definitivo (notadamente, a Europa); o segundo foi o mouro e o último o negro, o mais “preguiçoso”, ficando com alguns panos, cachimbos, tabaco, milho e algodão, artigos que seus outros dois irmãos desprezaram:

*“Dans ces pensées affligeantes il se mit à fumer et à penser à ce qui luy convenoit de faire dans la situation où il se trouvoit ; il crut que le meilleur party qu’il pouvoit prendre étoit d’attendre avec patience que les occasions se presentassent d’user de represailles, et de s’emparer de tout ce qui pouvoit tomber sous ses mains en échange des biens que se frères luy avoient enlevé ; c’est ce qu’il pratiqua exactement tant qu’il vécut, et que ses enfans et leurs descendans pratiquent encore aujourd’huy”*²⁷³

A história que, segundo o abade, era “*trop plaisante*”, não só ilustrava o parentesco dos negros à linhagem de Noé, como justificava o tipo de comércio praticado pelos “nègres” e seus descendentes. Ora, como vimos, no mapa mural eram africanos os vendedores de escravizados, de quem os europeus eram os compradores - talvez em referência à crônica “agradável” contada por Labat. Não nos parece demais supor a relação, pois tal reconfiguração etnográfica dos herdeiros de Noé figura inclusive nos escritos sobre Geografia física de Immanuel Kant (1724-1804), quando o autor trata das regiões entre a altura do Cabo Verde até o rio Gâmbia:

*“les marabouts mahométans disent que la cause de la pauvreté des Nègres est que des trois fils de Noé, le premier était un Blanc, le deuxième un Maure et le troisième un Nègre, et que les deux premiers auraient escroqué le troisième.”*²⁷⁴

Ainda do mais, Longchamps deixou explícito nas suas memórias a importância da cartografia publicada nos relatos de viagem para compreender a rota dos viajantes e das mercadorias:

*“J’étudiais les cartes insérées dans ces livres ; je m’appliquais à suivre de l’œil et du doigt sur ces cartes les différentes routes des voyageurs [...]”*²⁷⁵

²⁷² Abordamos no capítulo 2 da Dissertação.

²⁷³ *Ibid.*, t. II, p. 270-271.

²⁷⁴ Immanuel Kant, *Géographie : Physique Geographie* (trad. Michèle Cohen-Halimi, Max Marcuzzi e Valérie Seroussi. Paris : Aubier, c 1999, p. 321). De acordo com as tradutoras, o excerto foi produzido antes de 1759.

²⁷⁵ Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 338).

Conforme a recomendação dos manuais de geografia da sua época, Longchamps apropriou-se dos relatos de viagem e dos mapas com um “olhar com a ponta dos dedos”. Portanto, a apreensão da imagem cartográfica não pode ser desvinculada dos textos que as acompanham - não nos esqueçamos que as relações de viagem de Labat foram acompanhadas de mapas produzidos pelo geógrafo de gabinete d’Anville. A alusão à Noé e sua descendência não foi a única referência ao Antigo Testamento, pois a dimensão sacra quanto ao povoamento dos continentes é referenciada em série de mapas murais seguindo o modelo geo-étnico amplamente difundido nas relações de viagem e nas representações cartográficas tripartites tardo medievais (conhecidos “mapas T-O”). No entanto, a partir da viragem do século XVII para o XVIII, observa-se o deslocamento da racionalidade teológica para uma percepção fundada na lógica mercantil, nutrida pelas crônicas missionárias.

Os impérios comerciais europeus valeram-se fartamente dos sacerdotes-administradores para fundamentar ideologicamente as estruturas do colonialismo baseado na mão de obra escravizada oriunda do continente africano. Nos mapas murais não se observa propriamente a vinculação da “maldição de Cam” com a escravidão negra-africana, mas ao contrário, há uma menção da genealogia de Noé conforme o texto do Gênesis (capítulos 9 ao 11). No entanto, do mesmo modo que Labat, o emprego sistemático do termo “*nègre*” fixa uma categoria racializante para tipificar as vítimas do processo de escravização. Assim, as associações pejorativas presentes na literatura de viagem serão difundidas nas representações cartográficas, criando visões estereotipadas e reducionistas da complexa diversidade étnica dos povos africanos.

3.2. Cor, Calor e Servidão

3.2.1. Entre *Mémoires* e concursos acadêmicos sobre a diversidade humana

Os geógrafos Longchamps e Janvier afirmam que todos os mapas murais foram elaborados segundo “*les nouveaux mémoires et observations*”, frase comum na produção cartográfica da época, pois aludia à autoridade científica pretendida pelos *artesãos*. Entretanto, no caso da dupla, tamanha acurácia é reforçada quando, no mapa-múndi da série, são nominalmente citadas três Academias de Ciências, não só na França, como no resto da Europa: um *Avertissement* sublinha que os dados provinham das Academias de Paris, São Petersburgo e Uppsala.

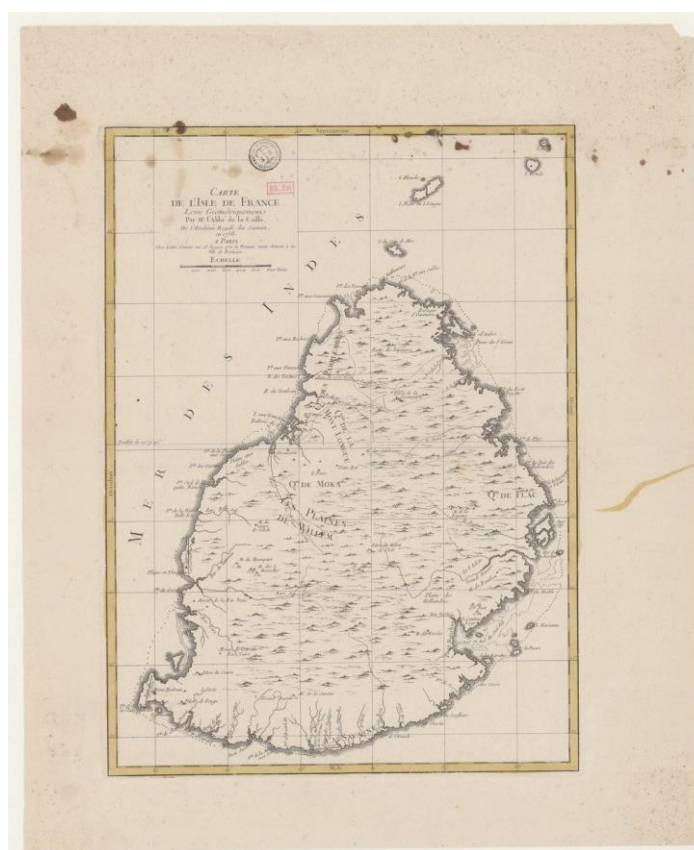
No século XVIII, os principais geógrafos de gabinete estavam diretamente ligados a essas instituições, por vezes sendo membro em mais de uma delas. Por exemplo, integraram a *Academie des Sciences* de Paris e de São Petersburgo, os irmãos Guillaume e Joseph-Nicolas Delisle, aqueles mencionados no mapa-múndi mural. Neste caso, é evidente a familiaridade de Longchamps e Janvier com as memórias geográficas e os debates travados pelos eruditos na França e na Europa.

Aprofundando a análise, os repertórios não se limitavam às relações sobre o mundo Atlântico. No mapa mural da África continental, um dos cartuchos destaca o desenho da “*Ile de France levée en 1753*” (Fig. 63), possivelmente em referência a um mapa editado por Lattré em 1753 (Fig. 64). Na edição do mapa da África (Janvier-Choffard, 1760) outro cartucho, mas sobre o Cabo da Boa Esperança, foi creditado ao astrônomo Nicolas-Louis de La Caille (1713-1762), que realizou expedições na região em novembro de 1751. Naquele ano a viagem foi a bordo de *Glorieux*, fragata da *Compagnie des Indes Orientales*, sob comando do diretor e renomado hidrógrafo Jean-Baptiste-Nicolas Denis d’Après de Mannevillette, com quem La Caille privou refeições.²⁷⁶

²⁷⁶ “à la table aux frais de la Compagnie”: Annie Blayo e Jean-Michel André, eds., *Rôles au désarmement - long cours: rôle du Glorieux (1750-1751)* (Service Historique de la Défense, cota: 2P 34-II.18, 2009, p. 12). “*sont nourris à la table du capitaine*”. Philippe Haudrère e Gérard Le Bouedec, “Fondation des Compagnies françaises des Indes mai-août 1664”, *Archives Nationales de France*. O único registro no *Trans-Atlantic Slave Trade Database* de uma embarcação chamada *Glorieux* identifica um navio pertencente à *Compagnie de Guinée* e Jean Sage, com capacidade por volta de 120 toneladas. A única viagem registrada na database ocorreu entre 1688-89, partindo de La Rochelle sob comando de Isaac Macet e, transportou 262 cativos feitos em porto africano não especificado, dos quais desembarcaram 200 em Cayenna. ID da viagem na database: <https://www.slavevoyages.org/voyages/sHsZtlOw>. Ainda que fosse bem conservado e, apesar de homônimo, esta não foi a embarcação utilizada por La Caille, pois as tonelagens são radicalmente diferentes - a fragata de Mannevillette comportava 500 toneladas. Ainda assim resta apurar se há menções ao tráfico negreiro nos diários de bordo de d’Après de Mannevillette (*Archives Nationales de la Marine*, cota: 4JJ 77-46). Vale lembrar que este foi o autor do célebre do roteiro náutico *Neptune Oriental* de 1745.



Figura 63 - Cartucho inserido no mapa mural. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 64 - Nicolas-Louis de La Caille. *Carte de l'Isle de France...* Paris: Lattre, 1753. Dimensões: 63,5 x 54 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE SH 18 PF 219 DIV 2 P 13/2 D.

O astrônomo realizou observações sobre a posição das estrelas austrais e a medição da longitude do Cabo. Os informes fornecidos pela *Academie Royale des Sciences* identificam

nominalmente os oficiais e responsáveis pela liberação e viabilidade das investigações que o abade faria: o governador holandês Ryk Tulbagh autorizou o ingresso após La Caille apresentar as documentações cedidas pelo Duque de Orange, pelo conde de Bentink e pela Companhia holandesa das Índias Orientais (Verenigde Oostindische Compagnie) - de onde foram obtidos os materiais para que o padre concretizasse a construção de um observatório astronômico na ilha:

*“Le premier soin de M. l’Abbé de la Caille fut de faire construire un observatoire propre à placer les instrumens qu’il avoit apportés avec lui. Dès que M. le Gouverneur fut informé de son dessein, il ordonna aux ouvriers que la Compagnie des Indes Hollandoise (sic.) entretient toujours au cap, d’y travailler incessamment, et fit tirer tous les matériaux nécessaires des magasins de la Compagnie”*²⁷⁷

Ao final dos levantamentos astronômicos, La Caille confeccionou um catálogo das estrelas compreendidas entre o polo austral e o trópico de Capricórnio, bem como um planisfério das constelações, ornamentado com instrumentos das belas Artes:

*“je ne pouvois donc désigner par des noms et par des lettres de l’alphabet, toutes ces nouvelles étoiles qui remplissoient ces vides, qu’en introduisant de nouvelles constellations ; mais au lieu d’y employer, comme les Portugais l’ont fait à l’imitation des Anciens, des figures d’animaux inconnus en Europe, et qui sont par conséquent pour la plupart ridiculement représentées sur nous cartes célestes, je dessinai les figures des principaux instruments des beaux Arts ; selon cette idée, j’ai fait faire le tableau que j’ai l’honneur de présenter à l’Académie.”*²⁷⁸

No relato que antecede a memória, o astrônomo ressalta: as condições meteorológicas atrasaram suas observações celestes, as dificuldades no transporte dos instrumentos de medição por entre as montanhas do cabo e os vários dias de caminhada até o local dos estudos, afora as escassas fontes d’água e alimentação. A empreitada teria sido mais penosa, não fosse a ajuda dos escravizados do oficial encarregado da Companhia, Jan Lourens Bestbier:

*“[...] j’ai éprouvé qu’elles [as dificuldades] n’étoient rien moins qu’exagérées ; mais en même temps il [Bestbier] m’offrit l’usage de ses chariots, et de tous ceux de ses esclaves dont je pourrais avoir besoin ; il voulut encore m’accompagner partout, pour me servir de guide et d’interprète [...]”*²⁷⁹

A atribuição de mérito aos escravizados fornecidos por Bestbier se devia ao trabalho físico que executaram. A contribuição não se estendeu para outros campos do conhecimento, pois os repertórios se restringiam ao universo do cativo, isto é, estes trabalhadores não seriam

²⁷⁷ ACADEMIE ROYALE DES SCIENCES. “Sur plusieurs observations astronomiques, géographiques et physiques, faites au cap de Bonne-Espérance, par M. l’Abbé de La Caille.”, In: *Histoire de l’Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris: L’Imprimerie Royale Paris, 1751 [ed. 1755], p. 161.

²⁷⁸ Nicolas-Louis de la Caille, “Relation abrégée du voyage fait par ordre du Roi, au Cap de Bonne-espérance, par M. l’Abbé de La Caille”, In: *Histoire de l’Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris: L’Imprimerie Royale Paris, 1751 [ed. 1755], p. 532.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 529.

habituaados às “tradições” da nação de onde provieram. Esta foi uma das críticas feitas por La Caille às conclusões etnográficas e cartográficas do astrônomo Peter Kolb, redator da *Caput Bonae Spei Hodiernum* (1719).²⁸⁰ Para o abade, o erro grave do autor holandês foi se basear em informações de “ouvir dizer” não verificadas por seus pares:

*“Les descriptions topographiques qu’il donne sont presque toutes absolument fausses, pleines d’hyperboles outrées, et même de choses imaginaires. L’histoire des plantes du pays est incomplète, et n’est pas de lui ; celle des animaux est très défectueuse, et celle des Hottentots fort suspecte. [...]. Malheureusement encore ceux de ces peuples qui vivent en liberté, hors des limites de la colonie Hollandoise, sont à présent si éloignés de la ville du Cap, qu’il est très-difficile de vérifier ce que les Voyageurs en ont écrit, la plupart sur les oui-dire.”*²⁸¹

Apesar das críticas, a obra do astrônomo holandês foi amplamente consumida pelos leitores europeus graças aos estudos que fez dos corpos celestes e escravizados, sobretudo suas descrições sobre os Khoikhoi, chamados *Hottentots*: em 1741 foi traduzido para o francês; tal obra foi uma das fontes mobilizadas por Voltaire na edição de 1765 dos *Essais*.²⁸²

No final de sua estadia no Cabo da Boa Esperança, La Caille partiu em março de 1753 rumo às ilhas de France e de Bourbon, a bordo de *Puisieulx*, para efetuar outros cálculos, sobre a posição dos dois estabelecimentos franceses no Índico. Assim como a embarcação que o havia levado até o cabo, o navio de partida também era propriedade da *Compagnie des Indes Orientales*, armado em L’Orient com destino final no porto de Cantão, na China. Diferentemente da fragata de d’Après de Manneville, o navio comandado por Jean-Joseph de Sanguinet comportava 850 toneladas, vinte canhões e 142 tripulantes. Antes do embarque do abade, o *Puisieulx* já tinha atracado em um importante entreposto negreiro, na Ilha de *Gorée* em novembro de 1752, onde desembarcaram um soldado e três passageiros franceses clandestinos; após o Cabo da Boa Esperança, a embarcação seguiu para *Île de France*, *Île de Bourbon* e *Pondichéry*, onde desembarcaram a maioria dos tripulantes, boa parte soldados - alguns acompanhados de seus familiares.²⁸³

Em 1755, La Caille apresenta nova memória, lida na *Académie Royale des Sciences* em Paris. É na experiência cotidiana que o astrônomo encontra a materialidade do negócio que

²⁸⁰ Peter Kolb, *Caput Bonae Spei hodiernum...* (Nürnberg : Monath, 1719). Regensburg, Staatliche Bibliothek, cota: 999/2Hist.pol.809.

²⁸¹ “Relation abrégée du voyage fait par ordre du roi, au Cap de Bonne-Espérance, par M. l’Abbé de La Caille.”, In: *Histoire de l’Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris: L’Imprimerie Royale Paris, 1751 [ed. 1755], p. 533.

²⁸² Peter Kolb, *Description du cap de Bonne-Espérance...* (trad. Jean Bertrand, Amsterdam: Jean Catuffe, 1741); François-Marie Arouet (Voltaire), *Essai sur les mœurs et l’esprit des nations...* (ed. R. Pommeau, Paris, Garnier frères, 1963. t. I, p. 308-309). François-Xavier Fauvelle, *L’invention du Hottentot* (Paris, Publications de la Sorbonne, 2002).

²⁸³ *Rolê d’équipage de Puisieulx*. Arquivo do Service Historique de la Défense à Lorient, cota 2P 36-15, p. 32.

viabilizou o seu ócio intelectual durante os meses que passou na *Île de France*. Segundo conta a *mémoire*, o trabalho escravo nas plantações de cereais alimentava os colonos franceses e a mandioca os “noirs”:

“Aussi, dans la plupart des habitations bien tenues, les champs de blé sont entourés de pièges tendus de six en six pas ; le soin de les visiter et de les redresser tous les jours, donne assez d’occupation pour la journée d’un Noir. [...]. La dixième partie de l’isle, ou à peu près, est défrichée et cultivée ; on y sème du froment, de l’orge, de l’avoine, du riz, du maïs. Une partie des terres est en manioc pour nourrir les Noirs [...]”²⁸⁴

As mesmas Academias que incentivaram a pesquisa astronômica de La Caille, à medida em que se converteram em instituições prestigiadas, também promoveram o debate sobre a diversidade humana.²⁸⁵ Dezesseis anos antes da *mémoire* sobre o entreposto francês na ilha, na *Académie de Bordeaux* se promovia um concurso que avaliaria a melhor dissertação que versasse sobre as causas do biotipo negro. Vale lembrar que o parlamento bordelês havia ratificado a lei de 1716 que restringia o princípio do Solo Livre e flexibilizava o exercício da escravidão naquele território francês.²⁸⁶ Vence a tese do médico Pierre Barrère intitulada *Dissertation sur la cause physique de la couleur des nègres, de la qualité de leur cheveux et de la dégénération de l’une et de l’autre*, posteriormente publicada em Paris no ano de 1741.²⁸⁷

Esta não tinha sido a primeira vez em que um médico discorria sobre o tema, haja visto a publicação de 24 de abril de 1684 do *Journal des Sçavans*, periódico que era um dos principais canais de divulgação científica à época, assim como o *Mercure de France* - o mesmo que publicou uma nota sobre o lançamento da série mural em 1754.²⁸⁸ Naquele ano, em finais do século XVII, se encontra um ensaio anônimo intitulado *Nouvelle Division de la Terre par les différentes Espèces ou races d’homme qui l’habitent*.²⁸⁹ A historiografia conseguiu determinar

²⁸⁴ Nicolas-Louis de La Caille, “Diverses observations faites pendant le cours de trois différentes traversées pour un Voyage au cap de Bonne-Espérance & aux Isles de France & de Bourbon, por M. Abbé de La Caille”, [datada de 26 de fevereiro de 1755], In: *Histoire de l’Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie* (Paris: L’Imprimerie Royale Paris. 1755, p. 113-115).

²⁸⁵ Neste ponto talvez possamos traçar um paralelo com o desenvolvimento institucional das escolas de medicina e direito brasileiras em finais do século XIX: Lilia Schwarcz, *O espetáculo das raças...* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993).

²⁸⁶ Abordamos no capítulo 1 da Dissertação.

²⁸⁷ Pierre Barrère, *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualité de leurs cheveux et de la dégénération de l’une et de l’autre* (Paris: P.-G. Simon, 1741). Voltaire tinha em sua biblioteca pessoal da *Dissertation*: Mikhail Pavlovich Alekseev e Tatyana N. Kopreeva, *Bibliothèque de Voltaire* (Leningrado: Izdatel’stvo Akademii Nauk SSSR, 1961, p.158).

²⁸⁸ Segundo os historiadores Jean-Marc Besse e Nicolas Verdier, o *Mercure de France* “espelhava os gostos dos salões”: Nicolas Verdier e Jean-Marc Besse, “Art and Design of Maps”, In: Mary S. Pedley e Matthew Edney, eds., *History of Cartography Project... v.4* (University of Chicago Press, 2019, p. 123).

²⁸⁹ François Bernier, “Nouvelle division de la terre, par les différentes espèces ou races d’hommes qui l’habitent” *Journal des Sçavans*, Paris: Jean Cusson, Rue Saint-Jacques, à l’image de Saint Jean-Baptiste, 1684, p. 133-140)

que o autor foi o médico de Montpellier, François Bernier (1625-1688).²⁹⁰ A “Nova Divisão” indicada pelo autor propunha a distinção de quatro ou cinco “*espèces ou races*”. Exceto a espécie europeia, as demais seriam agrupadas de acordo com a coloração da pele, seguida de outros atributos como tamanho do nariz e textura de cabelo. Bernier propunha ainda que as causas da cor do “*noir*” da “*noire*” africanos deveriam ser investigadas nos próprios corpos:

*“La noirceur qui leur est essentielle, et dont la cause n’est pas l’ardeur du Soleil, comme on le pense ; puis que si l’on transporte un noir et une noire d’Afrique en un Pays froid, leur enfans ne laissent pas d’être noirs aussi bien que tous leurs descendans jusques à ce qu’ils se marient avec des femmes blanches. Il en faut donc chercher la cause dans la contexture particulière de leur corps, ou dans la semence, ou dans le sang qui font néanmoins de la même couleur que partout ailleurs”.*²⁹¹

No auge da Revolução Francesa, o abolicionista Abade Grégoire em sua *De la littérature des nègres, ou Recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature, suivies de notices sur la vie et les ouvrages des nègres qui se sont distingués dans les sciences, les lettres et les arts* (1808) continuou rebatendo hipóteses provenientes dos séculos anteriores: suas notas de rodapé mostram a existência de outras dissertações acadêmicas sobre o biotipo negro:

*“Mémoire de l’Acad. des Sc., 1702.; Dissert. de sede et causa coloris Aethiopum et coeterorum hominum, etc, Lugd. Bat., 1707; Observ. Anat., 1724; Discours sur l’origine et la couleur des Nègres, 1764.”*²⁹²

Os resultados e o método empregado por La Caille antes de serem lidos na Academia Real de Ciências de Paris em 15 de novembro de 1754, foram enviados em 1751 à Joseph Jérôme Le François de Lalande, para que ele verificasse as medições junto ao Observatório de Berlim - pesquisa que, segundo este astrônomo, foi possível graças à colaboração científica entre as monarquias francesa e prussiana. Posteriormente, Lalande tornou-se membro da Academia Real de Ciências da Prússia e suas tabelas foram entregues para James Bradley da *Royal Society* de Londres, para Pehr Wilhelm Wargentin da Academia Real de Ciências da

²⁹⁰ Pierre Boule, “François Bernier and the origins of the modern concept of race”, In: Sue Peabody e Tyler Stovall, eds., *The color of liberty...* (Durham: Duke University Press, 2003, p. 11-27). Outra publicação de Bernier foi localizada na biblioteca de Voltaire, o *Abrégé de la philosophie de Gasendi* (1678): Mikhail Pavlovich Alekseev e Tatyana N. Koprëeva, *Bibliothèque de Voltaire* (Leningrado: Izdatel’stvo Akademii Nauk SSSR, 1961, p.177).

²⁹¹ François Bernier, “Nouvelle division de la terre, par les différentes espèces ou races d’hommes qui l’habitent” *Journal des Sçavans*, Paris: Jean Cusson, 1684, p. 134-135).

²⁹² Henri Grégoire. *De la littérature des nègres, ou Recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature : suivies de notices sur la vie et les ouvrages des nègres qui se sont distingués dans les sciences, les lettres et les arts* (Paris, chez Maradin, 1808, p. 14-15, n. 2).

Suécia e para August Nathanael Grischow da Academia Real de Ciências de São Petersburgo.²⁹³

A circulação dos estudos de La Caille pelo circuito científico europeu pode explicar as referências às três academias no mapa mural de Janvier e Longchamps.

3.2.2. A tez edênica e a origem da humanidade

Embora o mapa mural da África questione a teoria climática sobre o biotipo negro, a dupla não atribuiu outra explicação para a questão. De fato, desde o século XVI havia críticas semelhantes: assim o fez Duarte Lopez, a partir de Filippo Pigafetta, na *Relação do Reino do Congo* (1591) refutando a validade da teoria com base no nascimento de pessoas negras no clima frio europeu. Da mesma forma, o verbete que antecede o mapa do continente africano no famoso atlas *Theatrum Orbis Terrarum* (1570) do Abraham Ortelius, embora não apresentasse outra explicação possível para a questão, igualmente assegurava a fragilidade da teoria, chegando a questionar a “brancura” de povos mediterrânicos:

“*Si esta negrura queremos atribuir al ardor del Sol, sera menester inquirir de donde viene tanta blancura en los Españoles y Italianos, como tengan la misma distancia d’el circulo AEquinocial, con los dichos moradores de buena Esperança*”.²⁹⁴

Uma apreciação dos ensaios acadêmicos de finais do século XVII ratifica a hipótese comprovada pelo historiador Andrew Curran sobre a questão biotípica passar a ser investigada pelo viés dos estudos anatômicos, pois a inspeção foi realizada a partir da dissecação de corpos escravizados. Não por acaso na coleção de crânios que compunham a coleção do gabinete real de História Natural, dois eram “*tête des nègres*”.²⁹⁵ As mesmas cabeças que na *lettre patente* da *Compagnie de Guinée* custavam 13 *livres* cada, dos supostos descendentes do “filho preguiçoso” de Noé, mas que foram submetidos a trabalhos extenuantes, pois segundo o missionário Labat, eram fisicamente aptos para tal.²⁹⁶ Os revisionismos a respeito da zona tórrida e das características de seus habitantes ganharam repercussão entre o público das academias, justamente por serem veiculadas nas memórias das academias de ciência e nas obras de História Natural.

²⁹³ ACADEMIE ROYALE DES SCIENCES. “Sur plusieurs observations astronomiques, géographiques et physiques, faites au cap de Bonne-espérance”, In: *Histoire de l’Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris: L’Imprimerie Royale Paris, 1751 [ed. 1755], p. 162-164.

²⁹⁴ Abraham Ortelius, *Theatro d’el orbe de la tierra* (Jan Baptist Vrients, 1602, p. 4. Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/400).

²⁹⁵ Andrew Curran, *Anatomy of Blackness...* (JHU Press, 2011 p. 74).

²⁹⁶ Para os valores, consultar o artigo 16 da concessão de 1685: *Lettres-patentes sur l’établissement de la compagnie de Guinée*, In: François-André Isambert, ed., *Recueil général des anciennes lois françaises...* (Paris: Belin-Leprieur, 1829. t. 19, p. 488).

a) O monogenismo de Buffon

A obra mais renomada de Georges-Louis Leclerc de Buffon, membro da *Academie des Sciences*, a *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy* (1749-88) apresenta comentários sobre as espécies humanas. Segundo Buffon, apesar de terem uma mesma origem, lapões, brancos e negros seriam espécies diferentes. Logo na introdução ao ensaio *Variétés dans l'espèce humaine*, Buffon diz que dentre as principais características que diferenciam o homem, a cor está entre as primeiras:

“[a história] de l'espèce demande un détail particulier, dont les faits principaux ne peuvent se tirer que des **variétés qui se trouvent entre les hommes des différents climats. La première et la plus remarquable de ces variétés est celle de la couleur, la seconde est celle de la forme et de la grandeurs, et la troisième est celle du naturel des différents peuples [...]**”²⁹⁷

Segundo o naturalista, as mudanças provocadas pelo clima aos “homens” seriam tão dramáticas que poderíamos crer que Brancos, Lapões e Negros constituiriam espécies diferentes. Mesmo assim, a unidade das variedades humanas era incontestada, e decorria da possibilidade de miscigenação, perpetuando assim a “*grande et unique famille de notre genre humain*”. Interessante notar que a origem vai degenerando a medida em que os grupos humanos foram mudando para regiões mais quentes - segundo a teoria do naturalista:

“Dès que l'homme a commencé à changer de ciel et qu'il s'est répandu de climats en climats, sa nature a subi des altérations; **elles ont été légères dans les contrées tempérées, que nous supposons voisines du lieu de son origine; mais elles ont augmenté à mesure qu'il s'en est éloigné, et, lorsqu'après des siècles écoulés, des continents traversés et des générations déjà dégénérées par l'influence des différentes terres, il a voulu s'habituer dans les climats extrêmes et peupler les sables du midi et les glaces du nord, les changements sont devenus si grands et si sensibles qu'il y aurait lieu de croire que le Nègre, le lapon et le blanc forment des espèces différentes.**”²⁹⁸

Tais diferenças de biotipo não configurariam uma completa cisão desta “família”, pois na origem todos descenderiam de um par genitor comum, de modo que características como a cor da pele seriam efeitos essencialmente da influência do meio. Além do clima, a distinção entre os povos se devia a outros fatores:

“par la différence de la **nourriture**, par celle de la **manière de vivre**, par les **maladies épidémiques**, et aussi par le **mélange** varié à l'infini des individus plus ou moins ressemblans [...]”²⁹⁹

²⁹⁷ Georges-Louis Leclerc de Buffon, *Histoire naturelle, générale et particulière...* (Paris: Imprimerie royale, 1749-88, t. 3, p. 371).

²⁹⁸ *Ibid.*, t.IV, p. 311-312; Andrew Curran, “Buffon et l'histoire naturelle des Africains” (*Dix-huitième siècle*, n° 44, 2012, p. 187).

²⁹⁹ Georges-Louis Leclerc de Buffon, *Histoire naturelle, générale et particulière...* (Paris: Imprimerie royale, 1749-88, t. III, p. 530).

A ação constante da alimentação, modos de vida, doenças epidêmicas e miscigenação teriam provocado a conformação de humanidades distintas. Tais mudanças seriam hereditárias, mas sujeitas à alterações ainda em curso na história da “família do homem”, dada a constante interferência de causas “extérieures e accidentais”:

*“et qu'enfin, comme elles [as diferenças humanas] n'ont été produites originellement que par le concours de causes extérieures et accidentelles, qu'elles n'ont été confirmées et rendues constantes que par le temps et l'action continuée de ces mêmes causes”.*³⁰⁰

Mesmo os grupos humanos mais próximos da origem adamita, seriam os habitantes da zona temperada os mais belos e “*mieux faits*”, de onde deveria ser tirado o modelo de melhor perfectibilidade humana - seja pela estética, regime político ou pela cor da pele. Dentro deste critério, por exemplo, ficam de “fora” os portugueses:

*“c'est sous ce climat qu'on doit prendre l'idée de la vraie couleur naturelle de l'homme, c'est-là où l'on doit prendre le modèle ou l'unité à laquelle il faut rapporter toutes les autres nuances de couleur et de beauté, les deux extrêmes sont également éloignés de vrai et du beau : le pays policez sítuez sous cette zone, sont la Georgie, la Circassie, l'Ukraine, la Turquie d'Europe, la Hongrie, l'Allemagne méridionale, l'Italie, la Suisse, la France, et la partie septentrionale de l'Espagne, tous ces peuples sont aussi les plus beaux et les mieux faits de toutes la terre.”*³⁰¹

Michèle Duchet observou que Buffon fez uma apropriação seletiva das relações de viagem que consultou - dentre elas estavam a *Nouvelle Voyage aux Amériques* (1722) de Labat.³⁰² Trinta anos após a publicação de sua história natural, na *Époque de la Nature* (1778), a sétima época seria o triunfo do homem moderno sobre a natureza, porém a agência antropocêntrica exaltada por Buffon exclui africanos e americanos, que segundo o naturalista, seriam incivilizados, capazes de destruir sem “edificar”:

*“Comparez en effet la nature brute à la nature cultivées; comparez les petites nations sauvages de l'Amérique avec nos grands peuples civilisés; comparez même celles de l'Afrique, qui ne le sont qu'à demi; voyez en même temps l'état des terres que ces nations habitent, vous jugerez aisément du peu de valeur de ces hommes par le peu d'impression que leurs mains ont faites sur leur sol ; soit stupidité, soit paresse, ces hommes à demi brutes, ces nations non policées, grandes ou petites, ne font que peser sur le globe sans soulager la terre, l'affamer sans la féconder, détruire sans édifier, tout user sans rien renouveler.”*³⁰³

³⁰⁰ IDEM.

³⁰¹ Georges-Louis Leclerc de Buffon, *Histoire naturelle, générale et particulière...* (Paris: Imprimerie royale, 1749-88, t. III, p. 528).

³⁰² Michèle Duchet, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (Paris: François Maspero, 1971, p. 115). Emmanuel Chukwudi Eze, *Race and Enlightenment* (United Kingdom: Blackwell Publisher, 1997, p. 1-8); Andrew Curran, “Buffon et l'histoire naturelle des Africains” (*Dix-huitième siècle*, v.1, n° 44, 2012, p. 195).

³⁰³ Georges-Louis Leclerc de Buffon, “Septième et dernière époque: lorsque la puissance de l'homme a secondé celle de la nature”, *Époques de la Nature*, 1778 (*Oeuvres complètes de Buffon...* Paris: Garnier, 1853, p. 585-586).

Conforme observou o historiador Numa Broc, esta obra do naturalista passa de uma concepção etnográfica para uma concepção geográfica das sociedades humanas, notadamente pela divisão dos grupos humanos segundo os continentes de origem. Ao atribuir um grau de civilização de um povo com base na sua ação de intervenção na natureza, Buffon faz um verdadeiro “hino à glória do homem branco”.³⁰⁴

A série de Longchamps e Janvier parte sempre da cronologia bíblica para exposição dos eventos históricos, portanto, pode-se afirmar que os geógrafos partiram da premissa monogenista da criação da humanidade. Inclusive a quantidade predominante de paisagens naturais nas iconografias da África e América pode ser associada à lógica posteriormente delineada nas obras de Buffon. Este vínculo entre os esquemas cartográficas e expressos pelo naturalista não são os únicos que podem ser tecidos.

b) O poligenismo de Voltaire

A todo momento, as memórias de Longchamps tentam nos convencer que ele tinha familiaridade com a obra de Voltaire. O valete travou contato com os escritos desde a época em que estava à serviço de *Madame du Châtelet*, pois nas horas vagas, lia os livros no aposento do antigo secretário do filósofo. Por diversas vezes, Longchamps menciona as peças teatrais *Henriade*, *OEdipe*, *Brutus*, *Zaire* e *Mahomet*.³⁰⁵ Sabemos que foi sua aptidão com a caligrafia uma das razões pelas quais foi contratado, sendo encarregado de copiar os manuscritos de Voltaire.³⁰⁶

No capítulo que encerra o balanço de sua carreira, o valete saúda os momentos em que pôde assistir os experimentos científicos e elucubrações confidenciais por seu patrão, muitas delas sobre geografia.³⁰⁷ Manipular as lunetas e os telescópios, providenciar quadrantes e pêndulos, dar assistência às pesquisas, geraram em Longchamps certo fascínio pela ciência astronômica - interesse evidenciado na citação indireta à La Caille no mapa mural.³⁰⁸

³⁰⁴ Numa Broc, *La géographie des philosophes*, (Paris: Ophrys, 1975, p. 453).

³⁰⁵ Sébastian-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p.122.).

³⁰⁶ “Il examina mon écriture, et je m'aperçus qu'il la trouvait à son gré. Depuis lors, je ne manquais pas, toutes les fois qu'il ne me restait rien à faire, d'aller trouver son secrétaire, et là je m'amusais en m'instruisant, et je m'appliquais à perfectionner mon écriture.” Sébastian-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 122.).

³⁰⁷ *Ibid.*, t. II, p. 340.

³⁰⁸ Nicholas Cronk e Glenn Roe. *Voltaire's Correspondence Digital Readings Elements in Eighteenth-Century Connections*. Cambridge University Press, 2020.

As breves viagens de Longchamps pela Europa lhe renderam mais que noções de topografia, pois, nas suas palavras, ele viu: “*a singular diferença de espírito, de costumes, de leis e de línguas que distinguem povos contíguos ou separados por intervalos pouco consideráveis*”.³⁰⁹ A observação sobre as particularidades culturais dos lugares que visitou remete ao assunto de grande interesse de uma das mais famosas obras de Voltaire, intitulada *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*, publicado pela primeira vez em 1756. A apreciação da obra por Longchamps é ainda mais plausível quando resgatada a passagem em que o secretário diz ter transcrito os primeiros esboços do ensaio de Voltaire - na época, o título continha a palavra *arts* no lugar de *esprit*:

“*Il en tira un cahier qui contenait le commencement de son Essai sur les mœurs et les arts des nations, et me dit qu'après lui avoir cherché un laquais, je pourrais employer le reste de la journée à lui copier ce cahier*”.³¹⁰

Conforme apontado, o contato de Longchamps com a obra de Voltaire não se resumiu à cópia dos primeiros rascunhos manuscritos. A responsabilidade por zelar pela biblioteca do filósofo, contudo, lhe custou o emprego. Em 2 de maio de 1751, a sobrinha de Voltaire, Marie-Louise Mignot, *madame Denis* (1712-1790), faz sua primeira denúncia, afirmando que Longchamps tinha se apossado de dois manuscritos completos de *Rome sauvée*, um tomo in-4º selado de cartas manuscritas pertencentes a Voltaire e um exemplar de *Voltairiana*. Pela denúncia registrada, sabe-se que a polícia revistou a sua casa, assim como a da *ex-domestique de feu* da marquesa Émilie du Châtelet.

Quando Voltaire tomou conhecimento do ocorrido, escreveu uma carta para Longchamp, que lhe foi entregue em mãos pelo editor do filósofo em Paris, Joseph du Fresne de Francheville.³¹¹ Os pertences de Voltaire foram, de fato, encontrados na busca feita pelo *lieutenant générale de police* de Paris.³¹² Em 30 de março de 1752, ano seguinte da denúncia, Longchamps confessa arrependimento por seus atos, confirmando estar em posse de manuscritos, dentre eles a *Histoire générale* de Voltaire, hoje conhecida como *Essai sur l'histoire générale et sur les mœurs et l'esprit des nations, depuis Charlemagne jusqu'à nos jours*:

³⁰⁹ Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 339.).

³¹⁰ *Ibid.*, t. II, p. 135.

³¹¹ “Carta 2355 - De Longchamp à monsieur de Voltaire, au palais du roi de Prusse, à Potsdam - a Paris, ce 30 mars 1752” (Louis Moland, ed., *Oeuvres complètes de Voltaire*. Paris: Garnier frères, 1877-85, v. 37, p. 395-397).

³¹² “Carta 2228 - De Madame Denis a M. Berryer, lieutenant général de police - Ce dimanche 2 mai 1751” (Louis Moland, ed., *Oeuvres complètes de Voltaire*, (Paris: Garnier frères, 1877-85, v. 37, p. 269-270).

“*De tous vos livres, tant de votre bibliothèque que d’ailleurs, je n’en ai soustrait aucun, j’avais seulement porté chez Lafond un manuscrit contenant un recueil de lettres du roi de Prusse, que nous lisions ensemble, dont on n’a point tiré de copie, ni fait aucun usage, et qui a été remis à madame votre nièce après la visite qu’on a faite chez lui et chez moi ; [...]. À l’égard du manuscrit in-folio dont vous parlez, épais de trois doigts, écrit de votre main, et qui est une suite de votre histoire générale*”.³¹³

Em 3 de maio daquele ano, residindo em Potsdam, Voltaire escreveu para Charles-Augustin Ferriol, Comte d’Argental, contando-lhe do furto, especialmente as partes sobre a história entre os séculos XVI e XVIII e o capítulo sobre as Artes:

“*Vous me parlez, mon cher ange, de cette histoire universelle. On m’a volé la partie historique de tout le XVIe siècle et du commencement du XVIIIe avec l’histoire entière des arts. [...] C’est une perte que je ne réparerai jamais. Il y a grande apparence que ce malheureux valet-de-chambre qu’on séduisit pour avoir tous mes manuscrits avait aussi volé celui que je regrette, et qu’il le brûla quand ma nièce eut la bonté d’exiger de lui le sacrifice de tout ce qu’il avait copié. En un mot le manuscrit est perdu.*”³¹⁴

A memória de Longchamps foi redigida quando o ensaio já tinha tomado sua forma definitiva. O ex-valete, ao referir-se duas vezes à esta obra - a primeira quando fala da transcrição que fez dos manuscritos iniciais; a segunda para dar sua versão dos fatos ocorridos no extravio dos manuscritos - reforça seu íntimo conhecimento de uma das mais importantes publicações de Voltaire, indicando, talvez, uma pretensa adesão às teses que o filósofo teceu. No que diz respeito à diversidade humana, quais concepções voltarianas estavam disponíveis para Longchamps?

Durante o período que trabalhou para Voltaire, o *Essai sur l’histoire* não passava de um rascunho, porém dotado de reflexões que o filósofo já havia apresentado em obras anteriores, como o questionamento sobre a origem da humanidade no *Traité de métaphysique* (1734) e em *Éléments de la philosophie de Newton* (1738).³¹⁵ O ensaio objetivava ser a elaboração de uma história a respeito das civilizações da época de Carlos Magno à Louis XIV, englobando a história das colônias ocidentais e orientais após as navegações portuguesas. Coerente com seu posicionamento anticlerical, Voltaire rejeitou a cronologia bíblica ao negar o recuo temporal do *Essai* até o casal adâmico.

O sustentáculo de sua hipótese poligenista era a crença na criatividade divina, cuja capacidade infinita teria gerado tantas raças de homens quanto são os tipos de árvores.³¹⁶ Tal

³¹³ Sébastien-G. Longchamp, “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire” (Jacques-Joseph-Marie Decroix e Adrien-Jean-Quentin Beuchot, eds., *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages...* Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 347.).

³¹⁴ Voltaire, *Correspondance* (Theodore Besterman, ed., Paris: Gallimard, 1977. v.3, p. 676).

³¹⁵ Michèle Duchet, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (Paris: François Maspero, 1971, p. 285-288).

³¹⁶ François-Marie Arouet, “Traité de Métaphysique”, In: *Oeuvres complètes de M. de Voltaire* (Aux Deux-Ponts, Sanson et Compagnie, 1792, v. 44, p. 17).

pressuposto acomodou bem as imprecisões do filósofo acerca do “quadro de arranjo das raças humanas”: no *Traité de métaphysique*, elenca os *nègres de Cafrerie avec de la laine, jaunes des Indes Orientales avec des crins, les blancs cheveux blond et barbu, américain sans barbe*³¹⁷; no *Éléments de la philosophie* são incluídos os lapões; na primeira edição do *Essai* (1756) figuram *Blancs, les Nègres, les Albinos, les Hottentots, les Lapons, les Chinois, les Américains*.³¹⁸ Na edição de 1761, os negros são divididos em: *da Guinée, Ethiopie, Madagascar, Indes*; na edição de 1765, Voltaire se baseia-se em Pierre Kolb para adicionar os *Hottents*.³¹⁹ Portanto, a teoria de Voltaire refutava o pressuposto monogenista que atribuiu a variedade humana à degeneração decorrente da miscigenação dos povos ao longo do tempo.³²⁰ Para o filósofo, as raças preservavam sua essência, uma vez que: “*On m'ajoute que jamais homme un peu instruit n'a avancé que les espèces non-mélangées dégénérassent.*”³²¹

Estabelecida a diferença, o que determina a desigualdade no pensamento do ilustrado? Vale lembrar que o mote do *Essai* é a história das sociedades civilizadas, portanto, a desigualdade se estabelece no que o filósofo entende por presença ou ausência de civilidade. Ao estipular o conceito de raça, Voltaire distingue *nature*, enquanto a dimensão a-histórica e permanente da raça, ou seja, o conjunto de caracteres anatômicos que definem um grupo não miscigenado; e a segunda dimensão *naturel* enquanto histórica, e descontínua das sociedades, o que hoje entende-se por cultura (embora Voltaire não use esse termo).³²² Dessa forma, os grupos raciais seriam hierarquizados a partir desta segunda dimensão:

“Le premier art est celui de pourvoir à la subsistance, ce qui était autrefois beaucoup plus difficile aux hommes qu’aux brutes; le second de former un langage, ce qui certainement demande un espace de temps très considérable; le troisième de se bâtir quelques huttes, le quatrième de se vêtir. Ensuite, pour forger le fer, ou pour y suppléer. Il faut tant de hasards

³¹⁷ *Ibid.*, v. 44, p. 16.

³¹⁸ François-Marie Arouet, *Essai sur les mœurs et l’esprit des nations et sur les principaux faits de l’histoire depuis Charlemagne jusqu’à Louis XIII* (René Pommeau, ed., Paris: Garnier frères, 1963. t. I, p. 6).

³¹⁹ Michèle Duchet, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (Paris: François Maspero, 1971, p. 289-290).

³²⁰ Os experimentos de Malpighi e Ruysch instauram outra explicação para a variegada tonalidade de pele entre os humanos, qual seja, a existência de um *reticulum mucosum* subcutâneo seria o responsável pela pigmentação dos tecidos. A historiadora mostrou que Buffon e Voltaire não chegaram à mesma conclusão a respeito deste estudo, cada qual usou tal procedimento para validar sua hipótese, monogenista e poligenista, respectivamente. Michèle Duchet, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (Paris: François Maspero, 1971, p. 292). De acordo com a edição de René Pommer, a citação do experimento aparecerá nas versões do *Essai* após 1761. François-Marie Arouet, *Essai sur les mœurs et l’esprit des nations et sur les principaux faits de l’histoire depuis Charlemagne jusqu’à Louis XIII* (René Pommeau, ed., Paris: Garnier frères, 1963. t. I, p. 306).

³²¹ François-Marie Arouet, “*Traité de Métaphysique*”, In: *Oeuvres complètes de M. de Voltaire* (Aux Deux-Ponts, Sanson et Compagnie, 1792, v. 44, p. 17).

³²² Michèle Duchet, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (Paris: François Maspero, 1971, p. 296).

*heureux, tant d'industrie, tant de siècles, qu'on n'imagine même pas comment les hommes en sont venus à bout. **Quel saut de cet état à l'astronomie.***"³²³

As conclusões decorrentes dos parâmetros estabelecidos por Voltaire são taxativas quanto aos ditos “noirs” cuja organização política - “peuplades” - apresentavam graus de “estupidez” justificados pelo modo como se relacionavam com os astros celestes:

*“regarder les astres avec admiration, et de célébrer quelques fêtes, quelques réjouissances au retour de certaines saisons, à l'apparition de certaines étoiles, sans aller plus loin, et sans aucune notion distincte.”*³²⁴

Voltaire tem uma compreensão pessimista do desenvolvimento das sociedades, pois na sua visão o movimento histórico seria sinuoso e atravessado por fases decadentes, o que explicaria, por exemplo, a decadência no cultivo das ciências no Egito:

*“Depuis ce temps le peuple de l'Égypte fut enseveli dans le plus honteux avilissement ; cette nation, qu'on dit avoir été si guerrière du temps de Sésostris, est devenue plus pusillanime que du temps de Cléopâtre. **On nous dit qu'elle inventa les sciences, et elle n'en cultive pas une ; qu'elle était sérieuse et grave, et aujourd'hui on la voit, légère et gaie, danser et chanter dans la pauvreté et dans l'esclavage** : cette multitude d'habitants, qu'on disait innombrable, se réduit à trois millions tout au plus. Il ne s'est pas fait un plus grand changement dans Rome et dans Athènes ; c'est une preuve sans réplique que si le climat influe sur le caractère des hommes, le gouvernement a bien plus d'influence encore que le climat.”*³²⁵

As reflexões de Voltaire atenuam o impacto da variante climática e encaminham para comprovar que os costumes degenerados estariam propensos à sujeição, por isso, na teoria do filósofo, os “nègres” seriam os principais responsáveis pelo cativeiro:

*“Il n'y a chez les Asiatiques qu'une servitude domestique, et chez les chrétiens qu'une servitude civile. Le paysan polonais est serf dans la terre, et non esclave dans la maison de son seigneur. Nous n'achetons des esclaves domestiques que chez les nègres. On nous reproche ce commerce: **un peuple qui trafique ses enfants est encore plus condamnable que l'acheteur: ce négoce démontre notre supériorité; celui qui se donne un maître était né pour en avoir.**”*³²⁶

A digressão sobre as ideias-chaves do *Essai* de Voltaire fornece outra camada interpretativa das narrativas da série mural, pois não são raras as vezes em que pode-se traçar paralelos entre as representações cartográficas e as premissas do filósofo. Veja-se o caso do modo como a França foi caracterizada no mapa mural da Europa, especialmente quanto ao cultivo das Artes:

³²³ François-Marie Arouet, *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII* (René Pommeau, ed., Paris: Garnier frères, 1963. t. I, p. 36); Michèle Duchet, *Anthropologie et histoire au siècle des lumières* (Paris: François Maspero, 1971, p. 299-300).

³²⁴ François-Marie Arouet, *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII* (René Pommeau, ed., Paris: Garnier frères, 1963. t. I, p. 306).

³²⁵ *Ibid.*, t. II, p. 416.

³²⁶ “Chapitre 197”, François-Marie Arouet, *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations...* [1756] (*Complete Works of Voltaire*, Oxford: Voltaire Foundation, 1968-).

*“Les Sciences et les Arts y sont cultivés avec succès. Les habitants qui y sont ingénieux, polis et laborieux y font fleurir sous la protection éclairée de leurs Rois, le plus grand nombre de Manufactures de toutes espèces qu’il y ait au monde.”*³²⁷

Tal qual postulado por Voltaire, o desenvolvimento das Ciências e das Artes seriam traços marcantes de uma sociedade civilizada. No excerto, Longchamps e Janvier produzem a imagem otimista de uma monarquia esclarecida e de súditos cultos. Por outro lado, quando retomada a *moderna ideia histórica da África*, deparamo-nos com uma afirmação sobre o tráfico negreiro semelhante à lógica de Voltaire, pois segundo Longchamps e Janvier, a redução à escravização e a venda dos cativos eram tarefas realizadas pelos africanos, enquanto os europeus cuidavam do transporte para a América.³²⁸

Se retomarmos as análises realizadas no capítulo anterior, os paralelos com a concepção de *naturel* de Voltaire são igualmente perceptíveis quando analisadas as iconografias dos mapas, uma vez que é notável o contraste acerca da figuração das vestes e edificações em cada um dos quatro continentes.³²⁹ Se seguido o parâmetro voltariano, o contraste dos ornamentos dão a entender que as iconografias relativas aos indígenas americanos e os negros africanos são o revés do comportamento civilizado preconizado pelo filósofo, isto é: encontrar meios de produzir a própria subsistência, constituir uma língua, construir edificações e desenvolver vestimentas.

A tabela comparativa dos ornamentos da série cartobibliográfica, analisada no capítulo dois, constatou que os cartuchos intitulados *Première Révolution de l’Égypte*, *Première grande Navigation* e *Nouveaux établissements des Français en Afrique* foram temas introduzidos nos mapas murais de Longchamps e Janvier, que possivelmente tiveram por base as placas de cobre dos mapas murais (1740) de Jean-Baptiste Nolin.³³⁰ Embora a obra de Voltaire só tenha recebido o contorno definitivo no final da vida do autor, no âmbito das mentalidades, muitas ligações podem ser estabelecidas entre o circuito dos filósofos iluministas e da dupla de geógrafos - para além do trabalho servil.

³²⁷ “Idée de l’État actuel de la Monarchie Française” - 17 no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Europe divisée en tous ses États...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 148 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-687 (RES).

³²⁸ “Idée Historique de l’Afrique Moderne” - C no esquema do mapa. Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L’Afrique divisée en tous ses États...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Cf. anexo I.

³²⁹ Abordamos no capítulo 2 da Dissertação.

³³⁰ Abordamos no capítulo 2 da Dissertação; Franz Reitingier, *Voltaire’s Valet... (Sjuttonhundratat)*, v. 7, 2010, p. 85).

3.3. Ensaio de uma síntese: os verbetes da *Encyclopédie*

Os verbetes da *Encyclopédie* dirigida por Diderot e D’Alambert são representativos da sistematização dos conhecimentos e concepções racializantes em voga no Século das Luzes.³³¹ Conforme o volume XI, datado de 1765, há quatro verbetes intitulados “*nègre*”, cada um deles associado a contextos semânticos distintos: dois relacionados à “História Natural”, outro ao “Comércio” e o quarto sobre ser “Considerado como escravo nas colônias da América”³³². Tanto na *Encyclopédie* como nas legendas do mapa mural África como da América, referidas no início deste capítulo: observa-se tendência a estabelecer relações biunívocas entre a cor da pele com a escravidão e as atividades mercantis decorrentes.

Johann Heinrich Samuel Formey, redator do verbete “*nègre*” na acepção da História Natural (vol. XIII, 1765), se ancora na dissertação de Pierre Barrère, vencedora do concurso na Academia de Bordeaux. Advoga que as características fisionômicas e bioquímicas resultam de um processo degenerativo da espécie humana:

*“on doit conclure que la cause de la dégénération de la couleur des negres et de la qualité de leurs cheveux doit être vraisemblablement rapportée à l’action et au plus ou moins de disconvenance du fluide séminal avec le germe qui pénètre dans les premiers momens de l’évolution des parties.”*³³³

O segundo verbete na acepção da História Natural, refere-se ao caso dos albinos, chamados *nègres blancs*. Os estudos de Maupertuis sobre os albinos provariam que o casal edênico era branco e que as demais cores de pele seriam produtos de cruzamentos degenerados.³³⁴ Foram diversas as especulações sobre os biotipos, mas todas partiam do pressuposto de que a cor branca seria a tonalidade original dos seres humanos. Uma pretensa normalidade na qual o albino seria uma “bizarrice” guardada no interior desconhecido do continente africano:

³³¹ Curran destaca que as edições de 1704 e 1762 do *Dictionnaire de Trevoux*, o verbete *le nègre*, além de genericado, por remeter ao gênero masculino, também funciona como sinônimo de escravo: Andrew Curran, *The anatomy of blackness...* (JHU Press, 2011, p. 9). Os dicionários fornecem informações valiosas a respeito das acepções da palavra, por ser um gênero que busca mapear o significado estabilizado das palavras em determinado contexto. O *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* fornece etimologias e dicionários antigos, nele consultamos os seguintes dicionários: *Dictionnaire de l’Académie française* (1ªed., 1694; 4ªed. 1762) e o *Le Dictionnaire de Trévoux* (1740).

³³² A discussão sobre o termo *nègre* foi realizada a partir dos 28 volumes do exemplar 1, primeira edição impressa em Paris, presente na Bibliothèque Mazarine. Projeto ENCCRE.

³³³ M. Formey, “*Nègre*, Hist. nat.” (*Encyclopédie*, v. XI, 1765, p. 76b–79a)

³³⁴ Andrew Curran, *The anatomy of blackness...* (JHU Press, 2011.).

*“Quoi qu’il en soit, il paroît que l’on ne connoît pas toutes les variétés et les bisarreries de la nature ; peut-être que l’intérieur de l’Afrique, si peu connu des Européens, renferme des peuples nombreux d’une espece entierement ignorée de nous.”*³³⁵

Quando pensada na acepção do *Commerce*, o verbete se refere-se ao tráfico negreiro, com detalhes sobre as tratativas feitas nos portos africanos, as razões de sê-lo naquele continente, o preço pago por cada cativo e a indicação das companhias de comércio francesas que realizavam o trato negreiro.³³⁶ Do mesmo modo que o mapa-mural, o verbete elenca diversas nações europeias que exploravam o trabalho escravizado nas colônias americanas - argumentando que a compulsoriedade da mão de obra era imprescindível para produção em larga escala. Lamentando, inclusive, que a desumanidade do escravismo seria o meio de salvação da alma dos cativos catequizados:

“On tâche de justifier ce que ce commerce a d’odieux et de contraire au droit naturel, en disant que ces esclaves trouvent ordinairement le salut de leur âme dans la perte de leur liberté ; que l’instruction chrétienne qu’on leur donne, jointe au besoin indispensable qu’on a d’eux pour la culture des sucres, des tabacs, des indigos, &c. adoucissent ce qui paroît d’inhumain dans un commerce où des hommes en achètent et en vendent d’autres, comme on feroit des bestiaux pour la culture des terres”.³³⁷

O último verbete, *Considérés comme esclaves dans les colonies de l’Amérique*, foi redigido por Jean Baptiste Pierre le Romain. O texto destaca as características físicas, religiosas e produtivas dos *nègres* de diferentes regiões da África, semelhante ao modo como procedeu o padre Labat em sua *Nouvelle Voyage*. Por fim, Romain faz breves resumos dos artigos do *Code Noir* de 1685.³³⁸ A abertura deste verbete, menos decorosa quanto ao tratamento desumano conferido aos escravizados:

*“L’excessive chaleur de la zone torride, le changement de nourriture, et la foiblesse de tempérament des hommes blancs ne leur permettant pas de résister dans ce climat à des travaux pénibles, les terres de l’Amérique, occupées par les Européens, seroient encore incultes, sans le secours des negres que l’on y a fait passer de presque toutes les parties de la Guinée. Ces hommes noirs, nés vigoureux & accoutumés à une nourriture grossière, trouvent en Amérique des douceurs qui leur rendent la vie animale beaucoup meilleure que dans leur pays. Ce changement en bien les met en état de résister au travail, et de multiplier abondamment. Leurs enfans sont appellés negres créols, pour les distinguer des negres dandas, bossals ou étrangers.”*³³⁹

Romain retoma a teoria climática, não como fizeram os antigos geógrafos para explicar a origem da cor da pele, mas para imputar maior adaptação ao trabalho extenuante sob o sol -

³³⁵ [Autoria não identificada], “Nègres blancs, Hist. nat.”, (*Encyclopédie*, v. XI, 1765, p. 79a–b)

³³⁶ [Autoria não identificada], “Nègre, Commerce”, (*Encyclopédie*, v. XI, 1765, p. 79b–80b)

³³⁷ *Ibid.*, p. 79b

³³⁸ Jean Baptiste Pierre Le Romain, “Nègres, considérés comme esclaves dans les colonies de l’Amérique”, (*Encyclopédie*, v. XI, 1765, p. 80b–83b.).

³³⁹ *Ibid.*, p. 80b.

condições às quais pessoas brancas não deviam ser submetidas, segundo o verbete. A partir desses materiais buscamos evidenciar como os enciclopedistas, ao mapearem significados a serem sedimentados no seio da ilustração francesa, acabaram por assegurar no âmbito da linguagem um distanciamento étnico, identitário e de status entre a metrópole e suas colônias americanas e seus entrepostos africanos.³⁴⁰

³⁴⁰ A tensão observada reforça as formulações do historiador Fernando Novais acerca do “traço distintivo” da colonização moderna, isto é, a metrópole projeta suas extensões ao tempo que as nega: Fernando Novais, “Condições da privacidade na colônia”, In: Fernando Novais e Laura de Mello e Souza, *História da vida provida no Brasil* (São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 20).

Conclusão

A confecção e o consumo da série mural de Longchamps e Janvier, assim como a carreira destes geógrafos se inserem, não por acaso, entre 1685 e 1777. Um período inaugurado com a vigência do *Code noir* desde 1685, *corpus* legal para regular o governo dos escravizados nos territórios ultramarinos franceses, e que se encerra com a publicação da *Police des noirs* em 1777, estabelecendo um novo padrão de discriminação de pessoas negras, independentemente de seu estatuto jurídico. Neste ínterim, um conjunto de decretos reais visou conciliar o antagonismo gerado pela prática da escravidão em espaços distintos conectados pelo império francês: a exploração sistemática dessa mão-de-obra nas colônias americanas e a aplicabilidade da lei consuetudinária do Solo Livre, prerrogativa exclusiva no interior das fronteiras metropolitanas.

Com base na cartobibliografia analisada, a pesquisa demonstrou como tais artefatos reverberaram e fomentaram debates candentes neste período. Em tempos de massificação da cultura impressa na França, estereótipos geográficos foram sedimentados pela ampla reprodução de mapas continentais. Os dois caminhos interpretativos trilhados na análise da série mural tentaram demonstrar a existência de temas específicos às linguagens cartográfica, iconográfica e verbal. A metodologia de análise desenvolvida permitiu identificar que o tráfico negreiro e a decadência cultural pautaram especificamente a representação do continente africano. Mas foi a comparação com o mapa da América que nos ajudou a compreender a íntima ligação do sistema de conhecimento gerado pelo comércio transatlântico com as dinâmicas que catalisaram o desenvolvimento do racismo antinegro.

Do mesmo modo, as linguagens que constituem os mapas murais são irredutíveis e imbricadas na maneira como criam concepções acerca das regiões cartografadas. Assim, as iconografias, ao compararem elementos de cultura material, paisagens e tonalidades de pigmentação, produziram hierarquias visuais. Ao mesmo tempo, as legendas, por meio das autoridades geográficas e narrativas edificantes, produziram a autoimagem de um império francês na vanguarda das incursões marítimas europeias. Por fim, a cartografia, enquanto repositora de mitos geográficos e demarcações toponímicas, conformou territórios em objetos cognitivos segundo parâmetros que escancaram a dubiedade moral do conceito de civilização ilustrada.

Quando a série é associada às produções contemporâneas, fica evidente que Longchamps e Janvier eram mediadores do conhecimento produzido no âmbito dos espaços de socialização dos letrados. Os minuciosos detalhes fornecidos pela biografia de Longchamps

revelaram uma verdadeira rede que conecta diversos agentes envolvidos não só na produção cartográfica, como com o tráfico negreiro. O seio da ilustração francesa não reflete um consenso a respeito deste comércio hediondo. Mas, embora houvessem críticas quanto a desumanidade do trato, isso não significa que os *savants* não reproduzissem concepções racistas ou não se beneficiassem das “conveniências” proporcionadas por essa atividade, como foi o caso dos investimentos de Voltaire nas Companhias de Comércio. Foram os lucros arrecadados nessa transação que motivaram a presente dissertação a indicar os preços dos mapas murais, livros e dicionários juntamente com a valor estipulado nas *lettres patentes* para cada “*tête de nègre*” vendida pelas sobreditas Companhias, justamente para indicar a violenta materialidade da trama conectada pelos dois geógrafos e sua obra.

Ao longo do XVIII, os estudos anatômicos estiveram intimamente ligados com a empresa escravista, cuja legitimidade, além de se ancorar na exegese bíblica, passou a respaldar a inspeção dos corpos. Por isso, seja no âmbito da tradição eclesiástica, seja segundo os regimes de veracidade praticados em academias eruditas, a investigação da causa da cor negra se deu a partir de uma ascendência branca-eurocentrada. A investigação histórica posta nesses termos evidencia a particularidade do debate racialista no período, travado por uma miríade de atores sociais, fossem missionários, mercadores, naturalistas, filósofos e geógrafos. Os mapas murais, por sua vez, funcionaram como suporte veiculador de esquemas mentais compartilhados nesse contexto.

Por fim, outra questão, apesar de não ter sido explorada nesta pesquisa, parece importante ser registrada. Se por definição, algo sempre escapa do controle pretendido por tal dispositivo, quais indícios cartográficos fogem da lógica retraçada pela presente Dissertação?

³⁴¹ Afinal, a concepção deste suporte, embora vise ser um instrumento de projeção dos impérios e de administração dos espaços coloniais, do mesmo modo, se fez com base nos conhecimentos das comunidades originárias.³⁴²

³⁴¹ A filósofa sublinha que o dispositivo ao produzir o sujeito racializado numa relação de poder, também produz sua própria resistência: Sueli Carneiro, *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de doutorado, Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2005, p. 150).

³⁴² Ver a crítica feita pelo historiador Jean-Marc Besse acerca do modo unívoco como John Brian Harley concebe as relações de poder estabelecidas pelo discurso cartográfico: Jean-Marc Besse, “Cartographie et pensée visuelle. Réflexions sur la schématisation graphique” (Isabelle Laboulais, ed., *Les usages des cartes*, 2008, p. 23). Sobre o conhecimento africano na cartografia de d’Anville: Júnia Ferreira Furtado, *Quebra cabeça africano* (Belo Horizonte: Miguilim, 2021, p. 369-386). Para reflexões sobre o uso da toponímia africana como fonte histórica: René Baesjou, “The historical evidence in old maps and charts of Africa with special reference to west Africa” (*History in Africa*, v. 15, 1988, p. 1-83.).

Novamente, os mapas murais de Longchamps e Janvier podem indicar pistas para o estudo deste viés, especialmente no seguinte exemplo. Durante a pesquisa a respeito dos topônimos marcados com letras capitulares, foi analisado anteriormente o caso do continente africano, cuja transcrição foi sistemática. Entretanto, uma leitura preliminar das mesmas informações no caso americano chamou nossa atenção para a inscrição *Negres Marons*, explícita referência às comunidades quilombolas na região do Suriname – uma evidência que, dentro das fontes mobilizadas na introdução, poderia ser iconograficamente metaforizada pela altives dos braços cruzados daquela escravizada fotografada, evocada na decupagem da artista Rosana Paulino.³⁴³

³⁴³ O estudo das rebeliões de escravizados nas Jamaica por meio da cartografia histórica foi realizado pelo historiador Vincent Brown, *Tacky's revolt* (Cambridge/ Londres: Harvard University Press, 2020.).

Fontes primárias

Cartografia impressa

A) Série mural com bordas ornamentais (1754 | 1760 | 1788)

I. Bibliothèque Nationale de France

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES). Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40674225t>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...*, gravado por Gobert-D. Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 146 x 115 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-677 (RES). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40675746d>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 148 x 120 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-653 (RES). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40677615b>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760]. Dimensões: 148 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-687 (RES). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40686231f>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps, 1754 [ed. 1760?]. Dimensões: 146 x 117 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-674 (RES). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40699829g>

II. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (Brasil)

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 118,1 x 148,2 cm. IEB-USP, cota: A0000763.

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 118,6 x 147, cm. IEB-USP, cota: A0000761.

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 118,7 x 148,3 cm. IEB-USP, cota: A0000765.

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 118,5 x 146,4 cm. IEB-USP, cota: A0000764.

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 119,3 x 146,4 cm. IEB-USP, cota: A0000760.

III. Biblioteca Nacional de Portugal

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais sem iconografias. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 100 x 140,5 cm. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: C.C. 908 R. Notícia do catálogo em: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/319537>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais sem iconografias. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 100 x 141 cm. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: C.C. 905 R. Notícia do catálogo em: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/319533>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *Mappemonde contenant des parties connues de globe terrestre...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais sem iconografias. Paris: Chez l'auteur, 1754. Dimensões: 100 x 140,5 cm. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: C.C. 906 R. Notícia do catálogo em: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/319534>

IV. Universität Regensburg

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Amerique divisée en Tous Ses Pays et Etats ...*, gravado por Gobert-D. Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1760. Dimensões: 146 x 115 cm. Universität Regensburg, cota: 999/Lade 14,63. Notícia do catálogo: <https://www.regensburger-katalog.de/s/ubr/de/2/1035/BV022407352>

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Chez l'auteur, 1760. Dimensões: 146 x 117 cm. Universität Regensburg, cota: 999/Lade 17,52. Notícia do catálogo: <https://www.regensburger-katalog.de/s/ubr/de/2/1035/BV022456437>

V. Antiquários

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Asie divisée en tous ses Etats...*, gravado por Louis-Joseph Mondhare, com bordas ornamentais. Paris: Mondhare et Jean, 1788. Dimensões não informadas. Christie's. Notícia do catálogo em: https://www.christies.com/zh-cn/lot/lot-4966557?&lid=1&sc_lang=en

LONGCHAMPS, Sébastian-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Europe divisée en tous ses Etats...*, gravado por Louis-Joseph Mondhare, com bordas ornamentais. Paris: Mondhare et Jean, 1788. Dimensões: 117 x 146 cm. Libreria Antiquaria Perini (Itália).

B) Outras edições da série de Longchamps e Janvier, sem bordas ornamentais

JANVIER, Jean Denis. *L'Afrique divisée en ses principaux Etats assujettie aux observations astronomique*, cartucho gravado por Pierre-Philippe Choffard. Paris: Chez Jean Lattré. [1ª edição 1760], 1769. Dimensões: 65 x 48 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-7703. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb406742323>

_____. *L'Europe divisée en ses principaux Etats suivant les nouvelles observations astronomiques*, cartucho gravado por Pierre-Philippe Choffard. Paris: Chez Jean Lattré, 1760. Dimensões: 65 x 47 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-12075. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40749324h>

_____. “L’Afrique divisée en ses principaux Etats...”, In: LATTRÉ, Jean (ed.). *Atlas Moderne*. Paris: Chez Lattré. 1762, p. 63, *In folio*. Biblioteca Nacional da Espanha, cota: GMG/1005. Objeto digital disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000001766>

_____. “L’Europe divisée en ses principaux Etats...”, gravado por Pierre Philippe Choffard, In: LATTRÉ, Jean (ed.). *Atlas Moderne*. Paris: Chez Lattre. 1762, p.13, *In folio*. Biblioteca Nacional da Espanha, cota: GMG/1005. Objeto digital disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000001766>

LONGCHAMPS, Sébastien-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, sem bordas ornamentais. Paris: Longchamps et Janvier, 1754. Dimensões: 79 x 111 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-7699. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40674227h>

LONGCHAMPS, Sébastien-G.; JANVIER, Jean Denis. *L'Amerique, divisée en tous ses Pays et Etats : dressée sur de nouveaux mémoires et sur les derniers observations*. Paris : Chez les Srs. Longchamps et Janvier, 1754, sem bordas ornamentais. Objeto digital disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3290.ct003174/>

C) Mapas relacionados na cartobibliografia na pesquisa

CORONELLI, Vincenzo; TRALADE, Jean-Nicolas de. *Le Globe terrestre représenté en deux plans-hémisphères et en diverses autres figures*, Paris: J. B. Nolin, 1690. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-8473. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40734004n>

D'ANVILLE, Jean-Baptiste B. *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...*, [Paris], Janvier 1727. Dimensões: 80 x 20 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-6146. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb406752461>

_____. *Carte de la partie occidentale de L'Afrique comprise entre Arguin & Serrelionne...*, [Paris], Janvier 1727. Dimensions: 65 x 53 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10632. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb406752492>

_____. [Environs du Cap Vert, carte et notes] [Document cartographique manuscrit] / [par Jean-Baptiste d'Anville d'après le témoignage oral de Jean-Baptiste d'Après de Mannevillette]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10628. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb407387632>

_____. *Carte depuis Gorée jusqu'au cap Rouge [Roxo] et principalement pour l'entrée de la rivière de Gambie, faite par le Sr Le Serf le 17 [octo]bre 1699* [Document cartographique manuscrit] / [copiée par Jean-Baptiste d'Anville au XVIIIe siècle]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10629. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40741901k>

_____. *Carte idéale d'une partir de la Concession de la Compagnie Royale du Sénégal depuis le Cap-blanc jusqu'au Bissaux. Fait au Sénégal le 31me. Décembre 1719, remise à Mr. de St Robert par le Sr Brüe* [Document cartographique manuscrit] / [Copié par Jean-Baptiste d'Anville]. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10631: Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb406233354>

_____. [Environs du Cap Vert, carte et notes] [Document cartographique manuscrit] / [par Jean-Baptiste d'Anville d'après le témoignage oral de Jean-Baptiste d'Après de Mannevillette]. Dimensions: 15, 5 x 24 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-10628. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb407387632>

_____. *Afrique publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orléans premier prince du sang*. Paris : chez l'auteur aux Galeries du Louvre, 1749. Dimensions: Disponível em: 99 x 100 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2987 (7779 B). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb405935380>

DELISLE, Guillaume. *L'Afrique dressée sur les Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences, et quelques autres, et sur les Memoires les plus récents...*, Paris : Chez l'auteur, 1700. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-11413 (A). Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40674195q>

DESCELIER, Pierre. [Planisfério], 1550. Dimensions: 135 x 215 cm. British Library, cota: MS 24065. Objeto digital disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=add_ms_24065_f001r

FER, Nicolas de. *Les costes aux environs de la rivière de Misisipi...* (Paris: chez l'auteur, 1701. Library of Congress, cota: G4042. M5 1701. F4. Objeto digital disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g4042m.ct001034>

_____. *Le cours du Mississipi ou de St Louis fameuse rivière... aux environs de laquelle se trouve le païs appelé Louisiane* (Paris: chez l'auteur, 1718. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE C-5184. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb407508823>

GASTALDI, Giacomo (1500?-1566). *Il disegno della geografia moderna de tutta la parte dell'Africa i confini...*, Veneza: Fabius Licinius, 1564. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-5077. Mapa impresso em 8 folhas; Dimensões: 94 x 34 cm. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40593509d>

HONDIUS, Jodocus. *Vera totius expeditionis nauticæ : descriptio D. Franc. Draci ...* [Amsterdam?] : I. Hondius, [ca. 1595]. Library of Congress, cota: G3201.S12 1595 .H6. Dimensões: 41 x 56 cm. Objeto digital disponível em: <https://lcn.loc.gov/92680608>

JANVIER, Jean D. *Nouveau Plan de la ville et faubourgs de Paris par élévation*. Paris : J.-D. Janvier, 1748. Dimensões: 132 x 115 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-59 (RES). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40707200x>

LA CAILLE, Louis-Nicolas de. *Carte de l'Isle de France / Levée géométriquement par Mr L'abbé de la Caille...* Paris: Lattré, 1753. Dimensões: 63,5 x 54 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE SH 18 PF 219 DIV 2 P 13/2 D. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb435684706>

LONGCHAMPS fils, [Sébastien?] *Carte du Cours des Fleuves du Sénégal...* (Paris: chez l'auteur, gravado por Gobert Denis Chambon, 1779. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE SH 18 PF 111 DIV 2 P 38 D. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40665296c>

NOLIN, Jean-Baptiste II. *L'Afrique dressée sur les relations les plus récentes et rectifiées sur les dernières observations...*, À Paris : Chez Crépy, 1740. [Data da edição: 1775]. Biblioteca Nacional da França, cota: GE AA-3111. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb405935458>

ORTELIUS, Abraham. *Theatrum Orbis Terrarum*. Antuérpia. Plantin-Moretus, 1584. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb406138897>

ORTELIUS, Abraham. *Theatro d'el Orbe de la Tierra*. Antuérpia. Plantin-Moretus, 1612. Biblioteca Nacional de España, cota: GMG/400. Objeto digital disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000000701>

SANSON, Nicolas. *Afrique*. Paris: Chez l'auteur. 1650. Dimensões: Disponível em: 55 x 40 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE D-11375. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40674105x>

_____. *Afrique en plusieurs Cartes et divers traités de geographie...*, Paris: Chez l'auteur, 1656. Österreichische Nationalbibliothek, cota: 393910-B KAR MAG. Objeto digital disponível em: <http://data.onb.ac.at/rec/AC10275487>

Gravuras

DÜRER, Albrecht. *Rhinocerus*, 1515. Xilogravura em papel. British Museum, cota: 1895,0122.714. Objeto digital disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1895-0122-714

Fontes bibliográficas

ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA (Ed.). *Viagens de Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra*. Lisboa: S.N., 1948.

ACADEMIE ROYALE DES SCIENCES. “Sur plusieurs observations astronomiques, géographiques et physiques, faites au cap de Bonne-Espérance, par M. l’Abbé de La Caille.”, In: *Histoire de l’Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris: L’Imprimerie Royale Paris, 1751 [ed. 1755], p. 158-169 (f. 165-176). Objeto digital disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3549p/>

BARRÈRE, Pierre. *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualité de leur cheveux et de la degeneration de l’une et de l’autre*. Paris: P.-G. Simon, 1741. Objeto digital disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015031902326&view=1up&seq=5>

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

BERALDI, Henri; PORTALIS, Roger. *Les graveurs du dix-huitième siècle*. 3 Tomos. Paris : D. Morgand et C. Fatout, 1880-1882. Objeto digital disponível em : <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30085728j>

BERNIER, François. “Nouvelle division de la terre, par les différentes espèces ou races d’hommes qui l’habitent, envoyée par un fameux voyageur à Monsieur XXX à peu près de ces termes”, In: *Journal des Sçavans*, 1684. Objeto digital disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56535g/f135.item>

BLAYO, Annie; ANDRÉ, Jean-Michel (Eds.) *Rôles au désarmement - long cours: rôle du Glorieux (1750-1751)*. Service Historique de la Défense, cota: 2P 34-II.18, 2009. p. 1-14. Objeto digital disponível em: <https://www.memoiredeshommes.sga.defense.gouv.fr/fr/article.php?laref=1278&titre=compagnie-des-indes-de-nouvelles-donnees-en-ligne>

BUFFON, Georges-Louis Leclerc de. *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy*. Paris: Imprimerie royale, 1749-88.

_____. *Oeuvres complètes de Buffon - Tome 09: Introduction aux minéraux; Époques de la nature*. Paris: Garnier, 1853. IRIS - Université Lille 1. Objeto digital disponível em: <http://hdl.handle.net/1908/957>

Bulletin [de la] Société languedocienne de géographie, n°1, maio de 1878. Bibliothèque Nationale de France, cota: 8-G-801. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb343785304>

CHAMBON, Pierre. *Le commerce de l'Amérique par Marseille...*, 2 v., Avignon: [s. ed.], 1764. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30217521z>

D'ANVILLE, Jean-Baptiste B. "Mémoire concernant les rivières de l'intérieur de l'Afrique, sur les notions tirées des Anciens et des Modernes", In: *Histoire de l'Académie royale des inscriptions et belles-lettres, avec les Mémoires de littérature tirés des registres de cette académie...*, Paris, 1759. t. 26, p. 64-81. Bibliothèque Nationale de France, cota: NUMP-4152. Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb34529959h>

DELISLE, Guillaume. *Introduction a la geographie, avec un traite de la sphere*. Paris : Etienne-François Savoye, 1746. Bibliothèque Nationale de France, cota: G-9506 (v.1). Objeto digital disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb308240484>

DESNOS, Louis-Charles. *Supplément au catalogue des ouvrages du fonds du sieur Desnos* ([Paris, Desnos, 1781] p. 2). Bibliothèque Nationale de France, cota: Département Littérature et Art, 4-Q10A-111. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb359496844>

FRANÇA; PRAULT, Laurent-François (Ed.). *Le Code noir, ou Recueil des règlements rendus jusqu'au présent concernant le gouvernement, l'administration de la justice, la police, la discipline et le commerce des nègres dans les colonies françaises, et les conseils et compagnies établis à ce sujet*. Paris: Prault père, 1742 [ed. 1767]. Bibliothèque Mazarine, Fonds Marcel Châtillon, Ant 16° 191. Objeto digital disponível em: <https://bibnum.institutdefrance.fr/ark:/61562/mz2683>

FRANCHEVILLE, Joseph du Fresne de. *Histoire de la Compagnie des Indes, avec les titres de ses concessions et privilèges dressée sur les pièces authentiques*. Paris: De Bure l'aîné, 1746. Collectivité territoriale de Martinique. Bibliothèque Schoelcher. Objeto digital disponível em: <http://www.manioc.org/patrimon/SCH13138>

GAUTIER, Henri. *L'art de laver ou nouvelle manière de peindre sur le papier suivant le coloris des dessins qu'on envoie à la Cour*. Lyon: Thomas Amaulry, 1687 [ed. 1708]. Bibliothèque Nationale de France, cota: V-24065. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb304897971>

GREGOIRE, Henri Grégoire. *De la littérature des nègres, ou Recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature : suivies de notices sur la vie et les*

ouvrages des nègres qui se sont distingués dans les sciences, les lettres et les arts. Paris, chez Maradin, 1808.

HÉRISSANT, Jean-Thomas. *Catalogue des livres de Jean-Thomas Herissant, libraire à Paris, rue S. Jacques, au coin de la rue de la Parcheminerie, à S. Paul & à S. Hilaire*. 1747. Bibliothèque Nationale de France, cota: 4-Q10A-175. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb35947663p>

HERÓDOTO, *Histórias*: livro III. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. São Paulo: Edições 70, 2010.

KANT, Immanuel. *Géographie : Physische Geographie*. trad. Michèle Cohen-Halimi, Max Marcuzzi e Valérie Seroussi. Paris : Aubier, c 1999.

KOLB, Peter. *Caput Bonae Spei Hodiernum Das ist...* Nürnberg : Monath, 1719. Regensburg, Staatliche Bibliothek, cota: 999/2Hist.pol.809. Objeto digital disponível em: <https://mdz-nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bvb:12-bsb11056194-8>

ISAMBERT, François-André (ed.) *Recueil général des anciennes lois françaises...* Paris: Belin-Leprieur, 29 v., 1821-1833. Bibliothèque Nationale de France. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb33851046r>

LA CAILLE, Nicolas-Louis de. “Relation abrégée du voyage fait par ordre du roi, au Cap de Bonne-Espérance, par M. l'Abbé de La Caille.”, In: *Histoire de l'Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris: L'Imprimerie Royale Paris, 1751 [ed. 1755], p. 519-536 (f. 752-769). Objeto digital disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3549p>

_____. “Diverses observations faites pendant le cours de trois différentes traversées pour un Voyage au cap de Bonne-Espérance & aux Isles de France & de Bourbon, par M. Abbé de La Caille”, [datada de 26 de fevereiro de 1755], In: *Histoire de l'Académie Royale des Sciences... avec les mémoires de mathématique et de physique... tirez des registres de cette Académie*. Paris : L'Imprimerie Royale Paris, 1754 [ed. 1759]. p. 94-130 (f. 289- f. 326). Objeto digital disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3552s>

LABAT, Jean Baptiste. *Nouveaux Voyage aux Isles de l'Amerique...* Paris: G. Cavelier e Giffard, 6 v., 1722.

_____. *Nouvelle relation de l'Afrique occidentale...* Paris: Pierre-François Giffart, 2 v. 1728. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb34568570h>

LA CROIX, Antoine Nicolle de. *Géographie moderne, précédée d'un petit traité de la sphere & du globe; ornée de traits d'histoire naturelle & politique ; & terminée par une géographie ecclésiastique...* 2 v. Paris: J.-Th. Hérisant, 1752. Bibliothèque Nationale de France, cota: v.1 - G-10572; v.2 - G-10573. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb307111307>

LA COURBE, Michel Jajolet de. *Premier voyage du Sieur de La Courbe fait à la costa d'Afrique en 1685*. Prosper Cultru (Ed.). Paris: Société de l'Histoire des Colonies Françaises, 1913.

L'Année littéraire ou Suite des Lettres sur quelques écrits de ce temps [Texte imprimé], par M. Fréron des Académies d'Angers, de Montauban & de Nancy. Amsterdam / Paris : Michel Lambert. Bibliothèque Nationale de France. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb326950195>

LA MARE, Nicolas de (Ed.). *Collection formée par Nicolas DELAMARE sur l'administration et la police de Paris et de la France*. Département des Manuscrits de la Bibliothèque Nationale de France, cota: Ms. Fr. 21733, p. 82r-95v. Objeto digital disponível em: <https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc57393q/cd0e17456>

LONGCHAMP, Sébastian-G. “Mémoires de S. G. Longchamp, ancien secrétaire de M. de Voltaire”, In: DECROIX, Jacques-Joseph-Marie; BEUCHOT, Adrien-Jean-Quentin (Eds.). *Mémoires sur Voltaire et sur ses ouvrages, par Longchamp et Wagnière, ses secrétaires, suivis de divers écrits inédits*. Paris: Aimé André, 1826. t. II, p. 105-384.

_____. *Voltaire et Mme. du Châtelet: révélations d'un serviteur attaché à leurs personnes* - edição de Albanès Havard. Paris: E. Dentu, 1863.

_____. *Anecdotes sur la vie privée de Monsieur de Voltaire* - texte établi par Frédéric S. Eigeldinger, présenté et annoté par Raymond Trousson. Paris: Honoré Champion, 2009.

LORENZI, Giovanni Battista (Ed.). *Monumenti per servire alla storia del Palazzo Ducale di Venezia: ovvero serie di atti pubblici dal 1253 al 1797, che variamente lo riguardano*. Venezia: Tipografia del Commercio di Marco Visentini. v.1, 1868.

MANNE, Louis-Charles de. (Ed.). *Oeuvres de d'Anville*, 2.v, Paris: Imprimerie royale, 1802 [ed. 1834].

Mercure de France. Paris : G. Cavelier : G. Cavelier fils : N. Pissot, 1721-1791. Bibliothèque Nationale de France, cota: 054 MERC. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32814317r>

NICOLAY, Nicolas de. [Les quatre premiers livres des navigations et pérégrinations orientales]. Lyon : G. Rouille, 1567. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE DD-2002 (RES). Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb416134011>

PONTAS, Jean. *Dictionnaire de cas de conscience, ou Décisions des plus considerables difficultez touchant la morale & la discipline ecclésiastique : tirées de l'Ecriture, des conciles, des Peres, des decretales des papes et des plus celebres theologiens et canonistes. Par feu Messire Jean Pontas, ... Nouvelle edition. Revûe corrigée et augmentée par l'auteur... Avec une table generale des matiere ; & celle des conciles...* 3 v. Paris: La Veuve Le Mercier, 1734.

Numelyo - Bibliothèque Numérique de Lyon, cota: 27060. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bm-lyon.fr/ark:/75584/pf0001403662.locale=fr>

RAYNAL, Guillaume-Thomas. *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, 5v. Genève: Jean-Leonard Pellet, 1780. [1^a ed. fr. 1770]. Bibliothèque Nationale de France. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb12037985f>

RIPA, Cesare. *Iconologie, ou Explication nouvelle de plusieurs images, emblèmes et autres figures hyéroglyphiques des vertus, des vices, des arts, des sciences...* 2 v. Paris: Guillemot, 1644. 7-8. Institut National d'Histoire de l'Art, cota: Fol RES 817. Objeto digital disponível em: <https://bibliotheque-numerique.inha.fr/idurl/1/12230>

_____. *Iconologie, ou les principes dans la pensée touchant les Vices et les Vertus, sont representees sous diverses figures*. Paris: Aux Amateurs de Livres, 1989.

RAFOLS, Elias Serra; CIORANESCU, Alejandro (Eds.). *Fontes Rerum Canariarum VIII : Le Canarien, crônicas francesas de la conquista de Canarias*. Instituto de Estudios Canarios, Museo Canario: La Laguna-Las Palmas, 1959.

RAMUSIO, Giovanni Battista (Ed.) *Delle Navigationi et Viaggi...* Veneza: Stamperia de Giunti, 1554. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D.S. XVI - 22. Objeto digital disponível em: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/idurl/1/35510>

SANTARÉM, Manuel Francisco de Barros e Sousa. *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique, au-delà du Cap Bojador : et sur les progrès de la science géographique, après les navigations des Portugais au XV^e siècle*. Paris : Libr. orientale de Ve Dondey-Dupré, 1842.

Suite de la Clef, ou Journal historique sur les matières du temps, contenant aussi quelques nouvelles de littérature, et autres remarques curieuses. Paris: Etienne Ganeau / Ruault. Objeto digital disponível em: <https://dictionnaire-journaux.gazettes18e.fr/journal/1230-suite-de-la-clef-ou-journal-historique>

TEMPORAL, Jean (Ed.). *Historiale description de l'Afrique, tierce partie du monde...* Lyon: Jean Temporal, 1556. Bibliothèque Nationale de France. Objeto digital disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb314421254>

VILLAUT, Nicolas. *Relation des costes d'Afrique, appellées Guinée...* Paris: Denis Thierry, 1669. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k310123z/f7.item>

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Oeuvres complètes de Voltaire...* Edição de Louis Moland, v. 37. Paris : Garnier frères, 1877-85.

_____. *Correspondance* ; editado por Theodore Besterman, v.3, Paris: Gallimard 1977.

_____. “Traité de Métaphysique”, In: *Oeuvres complètes de M. de Voltaire*. Aux Deux-Ponts, Sanson et Compagnie, 1792, v. 44.

_____. *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu' a Louis XIII* ; 2v., édition de R. Pommeau. Paris: Garnier frères, 1963.

al-WAZZAN, al-Hasan ibn Muhammad. *Description de l'Afrique, tierce partie du monde...* Tradução de Jean Temporal, 2 v. Lyon: Jean Temporal, 1556. Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D.S. XVI-25 e D.S. XVI-26. Objeto digital disponível em: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/483438>

Sites

Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP: <http://www.cartografiahistorica.usp.br/>

Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales:

<https://www.cnrtl.fr/dictionnaires/anciens/>

Édition Numérique Collaborative et CRitique de l'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers (1751-1772) - <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

MANIOC - Bibliothèque Numérique Caraïbe: <http://www.manioc.org/presentation.html>

The ARTFL Project – Tout Voltaire: <https://artfl-project.uchicago.edu/tout-voltaire>

Trans-Atlantic Slave Trade Database: <https://www.slavevoyages.org/voyage/database>

Bibliografia

- ALEKSEEV, Mikhail Pavlovich; KOPREEVA, Tatyana N. *Bibliothèque de Voltaire: catalogue des livres*. Leningrado: Izdatel'stvo Akademii Nauk SSSR, 1961.
- ALPERS, Svetlana. *A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ALPERS, Svetlana; BAXANDALL, Michael. *Tiepolo and the pictorial intelligence*. New Haven, [Conn.]: Yale University Press, 1994.
- ASHTON, Mark. "Allegory, Fact, and Meaning in Giambattista Tiepolo's Four Continents in Würzburg", *The Art Bulletin*, 1978, v. 60, n° 1, p.109-125.
- ARASSE, Daniel. *Não se vê nada: descrições*. Tradução de Rui Pires Cabral. Lisboa: KKYM, 2015.
- BAESJOU, René. "The historical evidence in old maps and charts of Africa with special reference to west Africa", In: *History in Africa*, Vol. 15, 1988, p. 1-83. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3171856>
- BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Tradução de Maria Cecília Preto R. Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- BERALDI, Henri; PORTALIS, Roger. *Les graveurs du dix-huitième siècle*, v.3. Paris: D. Morgand et C. Fatout, 1882.
- BESSE, Jean-Marc. "Cartographie et pensée visuelle. Réflexions sur la schématisation graphique", In: LABOULAIS, Isabelle. (Org.). *Les usages des cartes (XVIIe-XIXe siècle) : pour une approche pragmatique des productions cartographiques*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2008, p. 19-32.
- BESSON, Maurice. "Chronique historique : le corsaire Ango, première armateur coloniale", *La Dépêche Coloniale*, Paris, 27 de maio de 1925, [p.2].
- BETZ, Richard L. *The mapping of Africa: a cartobibliography of print maps of the African Continent to 1700*. 't Goy-Houten : Hes & de Graaf: c2007.
- BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. Tradução de Luís Oliveira Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. [1ª ed. ingl. 2014].

BINDMAN, David. *Ape to Apollo: Aesthetics and the Idea of Race in the Eighteenth- Century*. Ithaca: Cornell University Press, 2002.

_____. “Subjectivity and slavery in portraiture: from courtly to commercial societies”, In: Agnes Lugo-Ortiz e Angela Rosenthal (eds.). *Slave portraiture in the Atlantic world*. Cambridge University Press, 2013. p. 71-87.

BINDMAN, David; LOUIS GATES JR., Henry. *The Image of the Black in Western Art*, Volume III: From the "Age of Discovery" to the Age of Abolition, Parte 3: The Eighteenth Century. Harvard University Press, 2011.

BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo: do Barroco ao moderno, 1492-1800* (1ª ed. ingl.: 1997) RJ: Record, 2003.

BLAIS, Hélène ; LABOULAIS, Isabelle. *Géographies Plurielles : Les sciences géographiques au moment de l'émergence des sciences humaines (1750-1850)*. Paris, L'harmattan, 2006.

_____. « Coloniser l'espace : territoires, identités, spatialité », *Genèses*, v. 74, n° 1, 2009, p. 145-159.

BOURDIEU, Pierre. “Le Nord et le Midi : contribution à une analyse de l’effet Montesquieu”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, v.35, novembro, 1980.

BOULLE, Pierre Henri. *Race et esclavage dans la France de l'Ancien régime*. Perrin, 2007.

BOUKARI-YABARA, Amzat. “L'Afrique de l'Ouest entre hégémonies et dépendances, un laboratoire de la perte du pouvoir africain”, *Dix-huitième siècle*, v. 44, n° 1, 2012, p. 27-47.

BOXER, Charles R. *Race relations in the Portuguese colonial empire 1419-1825*. Oxford University Press, 1963.

BROC, Numa. “Une affaire de plagiat cartographique sous Louis XIV : le procès Delisle-Nolin”, *Revue d'histoire des sciences et de leurs applications*, t. 23, n° 2, 1970. p. 141-153.

_____. *La géographie des philosophes: géographes et voyageurs français au XVIIIe siècle*. Thèse, Montpellier, 1972, publicado pela Association des Publications près les Universités de Strasbourg, Fondation Baulig. Paris: Ophrys, 1975.

BRÜCKNER, Martin. “Wall Maps”, In: PEDLEY, Mary; EDNEY, Matthew (eds.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Enlightenment*, vol. 4, University of Chicago Press, 2018. p. 1636-1638.

BUTLER, Diane S. *Of Bodies and Borders: Images of Africans on Early Modern Maps*. Cornell University, Department of the History of Art, Ithaca, New York, August 2004.

CARDIM, Mônica. *Identidade branca e diferença negra: Alberto Henschel e a representação do negro no Brasil do século XIX*. Dissertação (Mestrado) - Programa Interunidades em estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, 2012.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (doutorado). Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2005.

CARVALHO, Larissa de Sousa. *Mapeando os livros de trajes do século XVI e a literatura de moda no Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2018.

CASTALDO, André; TAUBIRA, Christiane (Eds.). *Codes Noirs: de l’esclavage aux abolitions*. [s.l.]: Éditions Dalloz, 2006.

CÉSAIRE, Aimé. *Textos escolhidos: a tragédia do rei Christophe; Discurso sobre o colonialismo; Discurso sobre a negritude*. Trad. Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”, *Revista do Instituto de Estudos Avançados*. 1993.

_____. “Poderes e limites da representação - Marin, o discurso e a imagem”, In: IDEM. *A beira da falésia*. 2002.

COHEN, William B. *Français et africaines: les noires dans le regard des blancs, 1530-1880*; tradução de Camille Garnier. Paris: Gallimard, c. 1981 [1ª Edição: 1980].

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. *A descoberta de África*. Tradução: Isabel Braga. Lisboa: Edições 70, 2004. (1ª edição francesa 1965).

COSTA SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Editora Nova Fronteira, 2002.

_____. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 2006.

_____. *Imagens da África*. São Paulo: Penguin, 2012.

CORTESÃO, Jaime. “África nostra - I: descobriram os franceses, antes de nós, a Guiné, o Cabo da Boa Esperança e o caminho marítimo para a Índia?”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano I, nº 1, Julho de 1925, p. 90-106.

CURRAN, Andrew S. *The anatomy of blackness: science and slavery in an age of Enlightenment*. JHU Press, 2011.

_____. “Imaginer l’Afrique au siècle des Lumières”, *Cromohs-Cyber Review of Modern Historiography*, v. 10, 2005, p. 1-14.

_____. “Buffon et l’histoire naturelle des Africains”, *Dix-huitième siècle*, v.1, nº 44, 2012, p. 183-199.

DAVEAU, Suzanne. *A descoberta da África ocidental: ambientes e sociedades*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos descobrimentos portugueses.

DAVIS, David Brian. *O Problema da Escravidão na Cultura Ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. *Trickster Travels: A Sixteenth-Century Muslim Between Worlds*. New York: Farrar, Straus and Giroux/Hill and Wang, 2007.

DAVEAU, Suzanne. *A descoberta da África ocidental: ambientes e sociedades*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos descobrimentos portugueses. 1999.

DE DAINVILLE, François. *Le langage des géographes: termes, signes, couleurs des cartes anciennes 1500-1800*. Paris: A. et J. Picard, 1964.

_____. *La géographie des humanistes* [1ed. 1940]. Geneza : Slatkine Reprints, 1969.

DEVISSE, Jean ; MOLLAT, Michel. *L’image du noir dans l’art occidental*, v.2 : Des premiers siècles aux grandes découvertes, pt. 2 : Les Africains dans l’ordonnance chrétienne du Monde (XIVe-XVIe siècle). Office du Livre/Publications de la Menil Foundation. 1979.

DUCHET, Michèle: *Anthropologie et histoire au siècle des lumières : Buffon, Voltaire,*

Rousseau, Helvétius, Diderot. Paris: François Maspero.1971.

DUZER, Chet A. van. *The world for a king: Pierre Desceliers' map of 1550*. London: The British Library, 2015.

EARLE, Thomas Foster ; LOWE, Kate J. P. (Eds.). *Black Africans in Renaissance Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

EHRARD, Jean. *Lumières et esclavage: l'esclavage colonial et l'opinion publique en France au XVIIIe siècle*. Bruxelles: André Versaille éditeur, 2008.

DEVILLE, Étienne. *Index du Mercure de France; donnant l'indication, par ordre alphabétique, de toutes les notices, mentions, annonces, planches, etc., concernant les beaux-arts et l'archéologie*. Paris: Jean Schemit, 1910. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32026671p>

EZE, Emmanuel Chukwudi. *Race and Enlightenment – a reader*. United Kingdom: Blackwell Publisher. 1997.

FAUVELLE, François-Xavier. *L'invention du Hottentot : histoire du regard occidental sur les Khoisan (XVe-XIXe siècle)*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro à sociedade de classes*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1964.

FIORANI, Francesca. “Cycles of painted maps in the Renaissance”, In: WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Renaissance*, v. 3, pt.1 University of Chicago Press, 2007. p. 804-830.

FURTADO, Júnia Ferreira. “Evolving Ideas: J.B. D’Anville's Maps of Southern Africa, 1725–1749”, *Imago mundi*, 2017, v. 69, nº 2, p. 202-215.

_____. *Quebra-cabeça africano: como um embaixador português, um geógrafo francês, um escritor inglês e um pirata imaginário transformaram a cartografia da África e abriram portas para o imperialismo*. Belo Horizonte: Miguilim, 2021.

FROMONT, Cécile. *The art of conversion: christian visual culture in the Kingdom of Kongo*. Williamsburg Chapel Hill: Omohundro Institute of Early American History and Culture : University of North Carolina Press, 2014.

GAUTIER, Arlette. *Les soeurs de Solitude : la condition féminine dans l'esclave aux Antilles du XVIIe au XIXe siècle*. Paris: Éditions Caribéennes, 1985.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007. [1ª ed. it. 2006]

GOMBRICH, Erwin H. “El espejo y el mapa: teorías de la representación pictórica”, In: IDEM. *La imagen y el ojo*. Madrid: Alianza Forma. 1987. p. 163-201.

GUIFFREY, Jules-Joseph. *Scellés et inventaires d'artistes*, t. 3 (1771-1790). Paris: Charavay frères, 1886.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. “Raça, cor, cor da pele e etnia”, *Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP*, São Paulo, nº 20, 2011. p. 265-271.

GOTTMANN, Felicia. “Prussia all at Sea? The Emden-based East India Companies and the Challenges of Transnational Enterprise in the Eighteenth Century”, *Journal of World History*, v. 31, nº 3, Setembro 2020, p. 539-566.

HALL, Gwendolyn Midlo. *Escravidão e etnias africanas nas Américas: restaurando os elos; tradução de Fábio Ribeiro; revisão da tradução de Alexandre dos Santos*. Petropolis : Vozes, c2005.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, *Cadernos Pagu*, [s. l.], nº 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>

HARLEY, John Brian. *La nueva naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía*. Tradução de Leticia Garcia Cortes, Juan Carlos Rodriguez. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

_____. “Mapas, saber e poder”, *Confins*, 5 | 2009, posto online em 24 Abril 2009, Consultado o 09 Fevereiro 2012. URL: <http://confins.revues.org/5724>

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução de José Luís Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. (1ª ed. ingl. 2007).

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. UNB: Brasília, 2013.

HAUDRÈRE, Philippe. *Les Français dans l'océan Indien (XVIIe-XIXe siècle)*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2014.

HAUDRÈRE, Philippe; LE BOUEDEC, Gérard. "Fondation des Compagnies françaises des Indes", *Archives nationales*. Disponível em: https://francearchives.gouv.fr/fr/pages_histoire/39124.

HOFMANN, Catherine. "Publishing and the Map Trade in France, 1470-1670", In: WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Renaissance*, v. 3, pt. 1, Chicago: Univ. of Chicago Press, 2007.

_____. « L'enluminure des atlas imprimés XVIe – XVIIIe siècle », *Bulletin du Comité français de cartographie*, nº 159, Março de 1999.

HOFMANN, Catherine; HAGUET, Lucile (Orgs.). *Une Carrière de géographe au siècle des Lumières: Jean-Baptiste d'Anville*. 1ª ed.: Voltaire Foundation, 2018.

HOOKS, bell. *Black Looks: race and representation*. Boston: South End Press, 1992.

HORTA, José da Silva. "'Nações', marcadores identitários e complexidades da representação étnica nas escritas portuguesas de viagem - Guiné do Cabo Verde (séculos XVI - XVIII)", *Revista Varia História*, Belo Horizonte, vol. 29, nº 51, p. 649 - 675, set/dez 2013.

HUDSON, Nicholas. "From 'Nation' to 'Race': The Origin of Racial Classification in Eighteenth-Century Thought", In: *Eighteenth-Century Studies*, Vol. 29, No. 3 (Spring, 1996), pp. 247-264.

IANNI, Octavio. *Escravidão e racismo*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1978.

JACOB, Christian. *L'Empire des cartes: Approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1992.

KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC/ Centro de Estudos Baianos/ UFBA, 2004.

_____. "Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850)", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 17, nº 2, 2009, p. 39-61.

_____. "La fin du Paradis : le Brésil de Pierre Desceliers", In: STOLS, Eddy (Ed.). *Terra Brasilis*. Anvers: Ludion Press, 2011. p. 58-67.

_____. “O tráfico negreiro na cartografia luso-afro-brasileira”, *Revista USP*, 2017, nº 113, p. 81-102.

_____. “Vias mão dupla: interações cartográficas na primeira expansão mercantil”, In: Bibliothèque Nationale de France, *França-Brasil: heranças compartilhadas - artes, ciências e técnicas*, 2018. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/cartographia-article>

KANTOR, Iris; FURTADO, Júnia Ferreira; STOLS, Eddy; THOMAS, Werner; GRUZINSKI, Serge; BERNAND, SALAZAR SOLER, Carmen (Orgs.). *Um Mundo Sobre Papel: livros, gravuras e impressos flamengos nos impérios português e espanhol*. 1. ed. São Paulo: EDUSP/UFMG, 2014.

KROGT, Peter Van der. “Commercial cartography and map production in the Low Countries, 1500 - ca. 1672”, In: WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Renaissance*, v. 3, pt. 1, Chicago: Univ. of Chicago Press, 2007. p. 1296-1383.

LAFONT, Anne. *L'art et la race: l'Africain (tout) contre l'œil des Lumières*. Dijon, Presses du réel, 2019.

LAFONT, Anne; BENETTI, Liliane; RIVETTI, Lara, “Como a cor de pele tornou-se um marcador racial: perspectivas sobre raça a partir da história da arte”, *ARS (São Paulo)*, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 1289-1355, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.192433. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/192433>

LAMOTTE, Mélanie. “Colour Prejudice in the French Atlantic World”, In: COFFMAN, D'Maris; LEONARD, Adrian; O'REILLY, William. *The Atlantic World*. Londres; New York: Routledge, 2015. p. 151-171.

LUGO-ORTIZ, Agnes; ROSENTHAL, Angela (Orgs.). *Slave Portraiture in the Atlantic World*. Cambridge University Press, 2013.

LY, Abdoulaye. *La compagnie du Sénégal*. Paris: Présence Africaine. 1958. Tese de Doutorado, 1955.

MACGRATH, Elizabeth; MASSING, Jean Michel (Eds.). *The Slave in European Art: From Renaissance Trophy to Abolitionist Emblem*. London: Warburg Institute, 2012.

MARIN, Louis. *Opacité de la peinture : essais sur la représentation au Quattrocento*. Paris, Usher. 1989.

_____. *De la représentation*, Paris, Gallimard / Seuil. 1994.

_____. *Des pouvoir de l'image*. Éditions du Seuil, 1993.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente : senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

MARTINETTI, Brice. “La traite rochelaise et la Côte des Esclaves: des coopérations locales aux prises d'otages, des décalages sociétaux aux intérêts divergents”, *Dix-huitième siècle*, v. 44, n° 1, 2012, p. 79-95.

MATHIEU, Camille. “An Effortless Empire: John Law and the Imagery of French Louisiana, 1683-1735”, *Journal18*, v.10, Fall, 2020, s. p.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. BA: EDUFBA; SP: Casa das Áfricas, 2009.

MCGRATH, Elizabeth; MASSING, Jean Michel (ed.). *The Slave in European Art: from Renaissance trophy to abolitionist emblem*. Londres - Turin: The Warburg Institute - Nico Aragno Editore. 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Rumo a uma História visual”, In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia & NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). *O Imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2003, pp. 33-56.

_____. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.23, nº45. 2003.

MORAES, Márcia Soman. “Imagens de um Novo Mundo”, *Jornal da USP*, ano XXII, n °778. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp778/pag14.htm>

MOREIRA, Luís Miguel Alves de Bessa. *Cartografia, Geografia e Poder: o processo de construção da imagem cartográfica de Portugal, na segunda metade do século XVIII*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. 2012.

_____. “Fortificações abaluartadas da fronteira luso-extremenha na cartografia de Nicolás de Fer”, *O Pelourinho: Boletim de Relaciones transfronterizas*, v. 25, 2021. p. 83-105.

NAVES, Rodrigo. “As artes como abre-alas Uma análise da atuação de Edegar Cid Ferreira, mecenas que usou mostras para fazer negócios”, *O Estado de São Paulo*, 02 de outubro de 2005, Caderno 2 - Cultura. Disponível em: http://www.forumpermanente.org/imprensa/dossie-edemar-cid-ferreira-acervo-banco-santos/ed_rodrigonavés

NIORT, Jean-François. *Code noir (version Guadeloupe, décembre 1685)*. Société d’Histoire de la Guadeloupe, 2015.

NOVAIS, Fernando, MELLO E SOUZA, Laura. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLENDER, Maurice. *As línguas do Paraíso: arianos e semitas – um casamento providencial*. Phoebus, 2013.

PANOFSKY, Erwin. *Renascimento e Renascimentos na Arte Ocidental*. Lisboa: Presença. 1981.

PASTOUREAU, Michel. *Preto: história de uma cor*. São Paulo: Editora Sena: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

PASTOUREAU, Mireille. *Les Atlas français (XVIe-XVIIe siècles): Répertoire bibliographique et étude*. Paris, 1984. Tese datilografada.

PEABODY, Sue. *There are no slaves in France: the political culture of race and slavery in the Ancien Régime*. Oxford University Press on Demand, 1996.

_____. *Madeleine’s Children: Family, Freedom, Secrets, and Lies in France’s Indian Ocean Colonies*. New York: Oxford University Press, 2017.

PEABODY, Sue; STOVALL, Tyler (Eds.). *The color of liberty: histories of race in France*. Durham: Duke University Press, 2003.

PEDLEY, Mary Sponberg. *The commerce of cartography: making and marketing maps in eighteenth-century France and England*. Chicago: University of Chicago Press, c2005.

_____. “Commode, Complet, Uniforme, Et Suivi’: Problems in Atlas Editing in Enlightenment France.”, In: *Editing Early and Historical Atlases*. University of Toronto Press, 1995. <http://www.jstor.org/stable/10.3138/9781442674264.8>.

PEDLEY, Mary Sponberg; EDNEY, Matthew (eds.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Enlightenment*, vol. 4, University of Chicago Press, 2018.

PELLETIER, Monique. *Cartographie de la France et du monde de la Renaissance au Siècle des Lumières*. Nouvelle édition [en ligne]. Paris : Éditions de la Bibliothèque nationale de France, 2002.

_____. “Cartographie et Pouvoir sous les règnes de Louis XIV et Louis XV”, *Bulletin du Comité français de cartographie*, 1994, vol. 141.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Olivier. *Les traites négrières: essai d'histoire globale*. [Paris]: Gallimard, c. 2004.

PHELIPPOT, Geoffrey. “Les Forces de l'Europe de Nicolas de Fer : fabriquer, vendre et diffuser un atlas urbain à la fin du XVIIe siècle en France”, In: JEAN-COURRET, Ezéchiël; LAVAUD, Sandrine; SCHOONBAERT, Sylvain (Eds.), *Mettre la ville en atlas, des productions humanistes aux humanités digitales*. Pessac: Ausonius éditions, 2021. p. 81-102.

PLUCHON, Pierre. *Nègres et juifs au XVIIIe siècle: le racisme au siècle des lumières*. [Paris]: Tallandier, c1984.

_____. *La route des esclaves : négriers et bois d'ébène au XVIIIe siècle*. Paris: Hachette. 1980.

_____. *Histoire de la colonisation française, Tome premier, Le premier empire colonial, des origines à la Restauration*. [Paris]: Fayard, 1991.

POLIAKOV, Léon. *Le mythe aryen: essai sur les sources du racisme et des nationalismes*. Paris: Calmann-Lévy, 1971.

REES, Ronald. “Historical links between cartography and art”, *Geographical Review*, v. 70, n°1, Janeiro de 1980. p. 60-78.

REITINGER, Franz. "Mapping Relationships: Allegory, Gender and the Cartographical Image in Eighteenth-Century France and England", *Imago Mundi*, 51 (1999): 106-30. <http://www.jstor.org/stable/1151444>.

_____. “Voltaire’s Valet: The Career of Sebastian G. Longchamps from Servant to Map Publisher”, *Sjuttonhundratal*, [S.l.], v. 7, p. 74-96, oct. 2010. ISSN 2001-9866. Available at: <<https://septentrio.uit.no/index.php/1700/article/view/2418>>. Date accessed: 13 feb. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.7557/4.2418>

_____. “Wall Maps with historiated borders: a new map type in the eighteenth century”, *IMCoS Journal* (Quendon, Essex), Summer 2015, 141, p. 34-46.

RELAÑO, Francesc. *La emergencia de África como continente: un nuevo mundo a partir del viejo*. Universitat de Lleida, 2000.

_____. “Los grandes mitos geográficos de la cartografía africana en el siglo XVI”, *Dynamis: Acta hispanica ad medicinae scientiarumque historiam illustrandam*, 1993, vol. 13, p. 173-199.

_____. *The Shaping of Africa: Cosmographic Discourse and Cartographic Science in Late Medieval and Early Modern Europe*. Aldershot, Hampshire, UK: Ashgate, 2002.

RISSEAN, Bastian. *Jean Temporal: libraire de la Renaissance lyonnaise (1549-1571)*. Dissertação de Mestrado, Université Lumière Lyon II, 2013.

RIZZO, Gerald J. “The Patterns and Meaning of a Great Lake in West Africa”, *Imago Mundi*, v. 58, nº 1, 2006. p. 80-89.

SAFIER, Neil. “Transformations de la zone torride. Les répertoires de la nature tropicale à l'époque des Lumières”, *Annales Histoire, Sciences Sociales*, v. 66, nº 1, 2011, p. 143-172.

SALA-MOLINS, Louis. *Le Code noir ou le calvaire de Canaan*. Paris, Presses Universitaires de France, 1987

SANTOS, Maria Emília Madeira. *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. 2ª edição. 1988.

_____. “A Cartografia dos Poderes: da matriz africana à organização colonial do espaço”, *Africana Studia*, nº 9, 2006, p. 129-143.

_____. “Prefácio do 1º volume dos Portugaliae Monumenta Africana”, *Revista África*, [S. l.], n. 24-26, p. 361-368, 2009. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i24-26p361-368. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74338>

SCHAUB, Jean-Frédéric. *Pour une histoire politique de la race*. Paris, Seuil, Collection Librairie du XXIe siècle, 2015.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. “Charles Boxer (contra Gilberto Freyre): raça e racismo no

Império Português ou a erudição histórica contra o regime salazarista”, *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.26, nº 52, Dezembro de 2013, p. 253-273.

SCHULZ, Juergen. “Maps as Metaphors: Mural Map Cycles of the Italian Renaissance”, In: WOODWARD, David (ed.) *Art and Cartography: Six Historical Essays*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1987. p. 97-122.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças : cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. “Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais”, *Sociologia & Antropologia*, v. 4, nº 2, jul. 2014, p. 391–431.

SCHWARTZ, Stuart B. *Blood and Boundaries: the limits of Religious and Racial exclusions in Early Modern Latin America*. Brandeis University Press. 2020.

SEBASTIANI, Silvia. *The Scottish Enlightenment: Race, Gender, and the Limits of Progress*. Tradução de Jeremy Carden. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

SECK, Ibrahima. “Les Français et la traite des esclaves en Sénégambie”, *Dix-huitième siècle*, 2012, v.1, nº 44, p. 49-60. DOI: 10.3917/dhs.044.0049.

SMITH, Pamela. *The Body of the Artisan: Art and Experience in the Scientific Revolution*. Chicago: University Chicago Press, 2004.

STOLS, Eddy. “Aparência imagem e metamorfoses dos africanos na pintura e na escultura flamenga e holandesa (séculos XV – XVII)”, In: FURTADO, Júnia F. (Ed.) *Sons e formas, cores e movimentos na Modernidade Atlântica: Europa, Américas e Áfricas*. São Paulo: Annablume/ FAPEMIG/ PPGH-UFGM, 2008. p. 229 - 275.

SURUN, Isabelle. *Géographies de l’exploration : la carte, le terrain et le texto (Afrique occidentale, 1780-1880)*. Tese de doutorado publicada em 2003 pela EHESS.

_____. “Le blanc de la carte, matrice de nouvelles représentations des espaces africains”, In: LABOULAIS, Isabelle (Ed.). *Comblent les blancs de la carte*. Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004, p. 117-144.

SUTTON, Elizabeth A.. *Capitalism and Cartography in the Dutch Golden Age* Chicago: University of Chicago Press, 2015.

SURUN, Isabelle. “Le blanc de la carte: matrice de nouvelles représentations des espaces africains”, In: LABOULAIS, Isabelle (Ed.). *Comblent les blancs de la carte*. Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004, p. 117-144.

TAILLEMITE, Étienne, “Les archives et les archivistes de la Marine des origines à 1870”, *Bibliothèque de l'école des chartes*, v. 127, livr. 1, 1969, p. 27-86.

TEIXEIRA, Dante M. “Todas as criaturas do mundo: a arte dos mapas como elemento de orientação geográfica”, *Anais do Museu Paulista*, v.17, n° 1, 2009, p. 137-154.

THERBORN, Goran. “Os campos de extermínio da desigualdade”, Tradução de Fernando Rugitsky, *Novos Estudos*, v. 87, n° 2, Julho de 2010. p. 145-156.

TOOLEY, Ronald Vere. *Tooley's dictionary of mapmakers*, 4 v. Riverside (Conn.): Early World Press, 2001-2004.

UCPA (ed.). *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

UNESCO (Org.). *African ethnonyms and toponyms: report and papers of the meeting of experts organized by UNESCO in Paris, 3-7 July 1978*. Vendôme : Presses Universitaires de France, 1984.

VERDIER, Nicolas, “Entre diffusion de la carte et affirmation des savoirs géographiques en France. Les paradoxes de la mise en place de la carte géographique au xviii e siècle”, *L'Espace géographique*, 2015/1 (Tome 44), p. 38-56. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-espace-geographique-2015-1.htm-page-38.htm>

VERNON, Valentine Palmer, “Essai sur les origines et les auteurs du Code Noir”, *Revue internationale de droit comparé*, v. 50, n°1, janvier-mars, 1998. p. 111-140.

VIDAL, Cécile. *Caribbean New Orleans: Empire, Race, and the Making of a Slave Society*. Estados Unidos, Williamsburg e Chapel Hill, Omohundro Institute of Early American History and Culture e University of North Carolina Press, 2019.

VIGNOLS, Léon “L'Asiento français (1701-1713) et anglais (1713-1750) et le commerce franco-espagnol vers 1700 à 1730; Avec deux Mémoires français de 1728 sur ces sujets”, *Revue d'histoire économique et sociale*, v. 17, n. 3/4, 1929, p. 403-436.

WALDMAN, Maurício. “Cartografia de África: toponímia, africanidade e imaginário”, *Revista Equador*, 2014, v. 3, n° 1, p. 25-41.

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

WINTLE, Michael. *The image of Europe: visualizing Europe in Cartography and Iconography throughout the Ages*, Cambridge, 2009.

WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Renaissance*, v. 3, Chicago: Univ. of Chicago Press, 2007.

YATES, Francis. *Selected Works of Francis Yates*, v.1: *The Valois Tapestries*. Londres; New York: Routledge, 1999. [1a ed. ingl., 1959].

ZANDVLIET, Kees. *Mapping for Money: Maps, Plans, and Topographic Paintings and Their Role in Dutch Overseas Expansion During the 16th and 17th Centuries*. Amsterdam: De Bataafsche Leeuw, 1998.

_____. “Mapping the Dutch World Overseas in the Seventeenth Century”, In: WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography Project: cartography in the European Renaissance*, v. 3, pt. 1, Chicago: Univ. of Chicago Press, 2007. p. 1433-1462.

ANEXO

Transcrição do mapa mural

Sébastien-G. Longchamps e Jean D. Janvier. *L'Afrique divisée en tous ses Etats...*, gravado por Gobert-Denis Chambon, com bordas ornamentais. Paris: Longchamps e Janvier, 1754. Dimensões: 145 x 116 cm. Bibliothèque Nationale de France, cota: GE A-794 (RES).

3	2	1	17	16	15
4					14
5					13
6	A				12
7				D	11
8	B	9	C	10	

esquema do mapa mural com bordas ornamentais

A –

L'AFRIQUE
DIVISÉE
EN TOUS SES ETATS
Dressée
Sur de Nouveaux Memoires
et Suivant les dernieres Observations
A Paris,
Chès les Sieurs Longchamps et Janvier Géographes, rue
Saint Jacques à l'Enseigne de la Place des Victoires
Avec approbation et Privilége du Roy 1754.
Gravée par Chambon.

B –

Idée Historique de l'Afrique Ancienne

1. L'Afrique plus petite que l'Asie et plus grande que L'Europe est moins peuplée et moins tempérés que l'une et l'autre : elle est presque toute dans la zone Torride, les
2. chaleurs y sont extrêmes, la Terre y est cependant assez fertile vers les côtes, mais il y a bien des païs ou l'on trouve de vastes déserts, ou remplis de sablon
3. ou steriles faute d'eau. L'Afrique a quelques mines d'Or et d'argent négligées par les habitans ; les fruits quelle produit sont excellons, et l'on entire des
4. drogues admirables. elle nourrit les mêmes animaux domestiques, et sauvages que l'Europe mais il y en a beaucoup d'autres que nous n'avons point comme des lions,

5. des pantheres, des tigres, des rhinoceros, des éléphants, des caméléons, des chameaux, des dromadaires, des singes, des crocodiles, des ânes sauvages, des civettes, des peroquets,
6. des autruches &c. Au partage de la terre par Noé à ses enfans, l'Afrique échut a Cham son second fils, il se retira entre le Jourdain et le Nil vers le midy, il engendra
7. quatre fils ; Chus, Menés (ou) Missaïm, Phut, et Canaan, desquels sont sortis trente lignées qui ont peuple et habite l'Afrique. on n'a pénétré que fort tard dans
8. quelques parties intérieures de l'Afrique que les anciens ne connoissoient point ; la plupart croyoient les païs de la zone Torride inhabitables a cause de la grande chaleurs,
9. mais quoi que le dedans de l'Afrique ne nous soit encore connu, on sçait pourtant qu'il est habité et qu'il y a des païs très fertiles. Les Portugais découvrirent dans le
10. quinzieme siecle la plus grande parties des côtes qui étoient inconnuës aux anciens ; les Français, les Hollandois, et les Anglais y ont fait depuis de nouvelles découvertes.
11. Les Africains en général sont robustes, grossiers, et farouches ; ils n'ont presque aucune connoissance des sciences et des arts, la plupart n'ont point d'armes a feu et Naturelle-
12. ment timides, ils ne sçavent point faire la guerre, a la reserve de ceux qui sont sur la Mer Méditerranée que le voisinage de l'Europe à aguerrir, et de quelques Negres de Guinée.
13. les Arabes qui se s'ont établis en Afrique, dans le septieme et dixieme siecle, sont adroits et braves, il y en a de polis et qui ne manquent pas d'esprit ni de jugement mais ils sont la
14. plupart cruels, traitres, et trompeurs. les Africains sont Idolatres, ou Mahometans, il n'y a guerres de Chretiens que dans l'Abissinie et dans les endroits ou les Europeens se sont
15. établis. La plupart des Peuples de l'Afrique sont noirs ; les autres sont fort basanés. On ne peut nier que l'ardeur du soleil n'ait contribué a les rendre tels ; mais
16. ce n'en est pas la seule cause, puisque les Americains qui sont dans le meme climat n'ont pas le teint si noir, et que les Nègres qui naissent dans le païs froids
17. conservent le même teint. L'Afrique est une Presqu'isle jointe a l'Asie par l'Isthme de Suez qui sépare la Mer Rouge de la Mediterranée ; cet Isthme n'est

18. large que d'une trentaine de lieues ; plusieurs souverains d'Egypte ont essayé de le couper, et ça peut être été un bonheur pour les côtes que baigne la Méditerranée
19. qu'on n['] y ait pas réussi : la Mer Rouge étant vraisemblablement plus élevée que la Méditerranée. Quoique l'Afrique semble ne produire présentement que des hommes
20. barbares à cause de leur peu d'éducation, et des mauvaises maximes qu'ils sont obligés de suivre ; cependant elle a mis autre fois au jour de fort grands hommes
21. Tertullien, St. Cyprien, St. Augustin, Annibal, Asdrubal, Terence et plusieurs autres [.] l'Afrique fut gouvernée dans les premiers temps par les enfans de Cham qui y ont
22. établis plusieurs Royaumes et Principautés : ensuite les Romains s'étant rendus maîtres d'une partie de cette contrée sur les côtes de la Méditerranée et ayant détruit
23. Carthage y envoyèrent quelques colonies [;] les Vandales, les Arabes, les Sarrasins, et les Turcs y ont pénétré successivement les uns après les autres, et y ont conquis
24. quelques provinces qui leur sont tributaires ou sujettes d'autres Rois ou Souverains particuliers en possèdent actuellement la meilleure partie ; les Rois
25. de France d'Espagne et Portugal y tiennent aussi quelques places sur les Côtes

C –

Idée Historique de L'Afrique Moderne

1. L'Afrique est située entre le 1^{er} degré passant par l'Isle de Fer et le 68^e de longitude et le 37^e degré de latitude septentrionale et le 35^e de latitude méridionale [.] elle se
2. divise en deux principales parties qui sont l'Egypte, la Barbarie, le Bildulgerid, le zara, la Nigritie, le Congo, la Caffrerie ou Ethiopie, le Monomotapa, le zaquebar,
3. l'Abissinie, et la Nubie [.] l'Egypte doit sa fertilité au débordement du Nil qui inonde ce pays tous les ans : la quantité de bled qu'elle rapporte la fit autre fois nommer le
4. grenier de l'Empire Romain comme elle l'est aujourd'hui de celui des Turcs qui en sont les maîtres. on en tire du ris, des dattes, du séné, de la casse, et du baume
5. excellent : les Egyptiens sont spirituels, adroits, et les meilleurs nageurs qu'il y ait au monde : on les accuse d'être féroces, avares, fourbes, dissimulés, et adonnés au
6. larcin. la Barbarie le meilleur pays de l'Afrique, et le plus peuplé après l'Egypte, est fertile en bled, en fruits citrons, oranges, figues, olives, amandes, raisins dont les
7. habitans font un grand commerce, aussi bien que de peaux de maroquin, et des chevaux fort estimés qu'on appelle barbes : la Barbarie comprend les Royaumes de Barca

8. de Tripoli, de Tunis, d'Algers, de Fez et de Maroc, tous portent le nom de leur capitale. celui de Barca n'est cultivé et peuplé que le long des côtes ; ailleurs il est sterile et
9. inculte il appartient au grand Seigneur. Tripoli, Tunis et Alger sont des Républiques sous la protection du grand Seigneur qui ne subsistent que de leurs pirateries.
10. Fez et Maroc sont reunis sous un même Prince qui se dit Empereur d'Afrique, ses etats sont très fertiles en grains, fruits, huile et sucre, il s'y trouve des mines d'or et
11. d'argent. le Bildulgerid est mal peuple et presque sterile a cause de sa grande secheresse : les dattes y viennent en abondance, les chameaux et les autruches en font le principal
12. revenu. le zara ou Sara ou désert est encor moins habité que le Bildulgerid. ce país est divisé en plusieurs deserts, dont la plupart portent les noms des peuples qui les
13. habitent [...] la Nigritie ainsi apellé parce que les habitans en sont noirs : la terre y est fort sterile si ce n'est en quelques endroits ou elle produit du millet, du ris, des dattes
14. et du coton. leur commerce consiste en cuirs, ivoire, gommés, ambre, et poudre d'or qu'on en tire et sur tout dans la vente des esclaves, qu'ils enlevent chez leurs voisins en y ajoutant
15. quelques fois leurs femmes, et leurs enfans, qu'ils vendent aux Européens qui les transportent en Amerique. la Guinée est un país très fertile la terre y produit du maïs, du millet, du
16. ris souvent deux fois l'anne : on y trouve du poivre, des cannes a sucre, des limons, oranges, ananas, et autres fruits excellents : les animaux sauvages y sont grands furieux et voraces
17. on tire de ce país quantite d'esclaves, d'ivoire et de poudre d'or. le Congo ou basse Guinée est asses semblable a la Guinée quant a ses productions, habitans, animaux et fruits : mais les
18. chaleurs y sont bien moindres[...] la Caffrerie où basse Ethiopie est une grande côte qui s'étend depuis le Congo jusques vers le zanguebar des deux côtes du Cap de bonne Esperance.
19. les Hottentots divisées en une quinzaine de nations, en occupent la partie voisine du Cap, ils sont paresseux, laids et malpropres, mais fidels et hospitaels, habiles a tirer de l'arc, et

20. très vites a la course. l'interieur de la Caffrerie est habité par des Anzicos, jaggos, et autres nations puissantes, dont plusieurs sont antropophages. le Monomotapa est un puissant
21. Empire qui comprend plus de vingt Royaumes qui lui sont soumis ou tributaires, les seuls Portugais y ont pénétré et y possèdent tout plusieurs places, et y font un très grand commerce sur tout en
22. or dont le païs abonde : les peuples en sont bienfaits, robustes, et fort noirs plus guerriers et plus spirituels que leurs voisins [.] le zanguebar est reimpli de marais [.] l'air y est mal sain, et la terre
23. peu fertile : sa plus grande richesse consiste en or, et en ivoire, les habitans y sont noirs et assés traitables. l'Abissinie est fertile en plusieurs endroits on y trouve des mines d'or, d'argent, de cuivre
24. de fer, et de plomb : mais les habitants ne sçavent pas profiter de ces avantages. la terre y produit du maïs, du ris, et des cannes a sucre. l'Empereur des Abissins habite avec tout sa cour sous
25. des tentes, son camp est comme la capitale de son Royaume, il change presque tous les ans de demeure. les Abissins sont noirs ou fort basannés, ils ont assés d'esprit et suivent la Religion
26. chretienne schismatique des cophtes. la haute Ethiopie est jointe à l'Abissinie et comprend plusieurs Royaumes dont on ne connait gueres que les noms. la Nubie est un Royaume peu connu
27. l'air y est très chaud et le terroir peu fertile : on en tire de l'or, du musc, de l'ivoire, et du bois de santal : ce païs produit des cannes a sucre, que les Nubiens ne sçavent pas preparer
28. il y a quantité de chevaux et de bêtes feroces : les Isles les plus considerables de l'Afrique sont celles de Madagascar de zocotora habités par les originaires du païs. l'Isle de
29. France, de Bourbon, a l'orient du Madagascar de St. Louis a l'embouchure du Sénégal, de Gorée et de Bisseaux au Cap Verd sont occupés par les Francais, celles de St. Thomas
30. d'Annobon, du Prince, et de Madere le son par les Portugais, les Isles Canaries par les Espagnoles, et celle de Ste. Heleine par les Anglais &c. La plus grande
31. partie des ces Isles sont très fertiles et très peuplées on en tire du caffè du

32. sucre, du vin, de la soye, de la cire, du miel, du poivre, des peaux et
33. des fruits de tout especes &c.

D –

Isle de France, *levée en 1753.*

1 –

Fondation du Royaume d’Egypte.

1. Menés (ou) Misraïm, fils de Cham second fils de Noé fonda le Royaume d’Egypte vers l’an 1816 ; il jetta les fondemens de
2. Memphis, et y établit le culte de Divinité ; Chus son frere s’établit en Ethiopie ; Phut dans la Sirenaïque ; et Canaan sur le-
3. -quel on prétend que la malédiction de Cham étoit tombée dans le pays nommé Palestine. Menés laissa quatre enfans
4. qui formèrent les quatre dynasties ou principautés d’Egypte, Thebes, This, Memphis, et Saïs. L’on attribue a Athotis Roi de Thebes
5. l’invention de l’écriture et des nombres, les commencemens de la Géométrie et de l’Astronomie : a Thosothrus Roi de Memphis
6. la Médecine et l’Architecture et Vénéphes fils de Cencenés fit construire la première Pyramide, pour perpétuer le souvenir
7. d’une cruelle famine arrivée sous son regne.

2 –

Première Révolution de l’Egypte.

1. Les premiers Rois d’Egypte, ainsi que leurs sujets, occupés uniquement des sciences et des arts ont vécu dans la simplicité
2. de nos premiers peres jusques vers l’an 1920. où sous le regne d’Amosis les Arabes nommé Hycsos (ou) Pasteurs firent
3. une invasion dans cette région, et s’emparèrent de Memphis et de la plus grande partie de la basse Egypte. La domination
4. de ces étrangers affaiblit insensiblement la simplicité des moeurs des Egyptiens pendant l[‘]espace de 325 ans qu’ils regne-

5. -rent en Egypte ; mais Thetmosis Roi de la haute Egypte les chassa l'an du monde 2245, et regna en leur place. Ce fut sous
6. le regne d'un de ces Rois Pasteurs nommé Pharaon 164 ans après leur invasion, qu'Abraham passa en Egypte : Sara
7. femme de ce Patriarche qui étoit regardée comme sa soeur fut conduite à cause de sa grande
8. beauté au Roi Pasteur, mais frappé de Dieu il la rendit à son époux.

3 –

Sortie des Hebreux de l'Egypte.

1. Joseph le plus jeune des enfans de Jacob, aïant été vendu par ses frères fut mené
2. en Egypte où aïant expliqué les songes du Roi Pharaon, il fut fait son premier ministre.
3. Jacob se retira en Egypte pour se garantir de la cruelle famine qui avoit été prédite, où
4. Joseph après avoir été reconnu par ses frères les établit dans la terre de Gessen : cette
5. famille aïant beaucoup multiplié, les Egyptiens voulurent la détruire en faisant périr tous les
6. enfans mâles ; Moïse échapa à ce cruel edit ; Dieu dans la suite de servir de lui pour retirer
7. cette nation de l'esclavage où Pharaon la tenoit après les prodiges les plus étonnans le
8. Roi leur permit de sortir d'Egypte, et les poursuivit ensuite avec son armée : Dieu
9. leur ouvrit un passage au travers de la Mer Rouge dont il sépara les eaux,
10. Pharaon voulut les y suivre, et il y fut englouti et submergé avec toute son
11. armée. l'an du monde
12. 2513.

4 –

Naissance et regne de Sesostris.

1. Amenophis II Roi d'Egypte fit amener à sa cour tous les enfans qui étoient nés le même jour que son
2. fils Sesostris, dont il vouloit faire un conquérant. On les éleva avec les mêmes soins. Ces enfans
3. devinrent de bons ministres, et d'excellents officiers qui l'accompagnèrent dans toutes ses campagnes. Ils

4. commença ses exploits contre les Arabes qu'il subjuguâ. Ensuite il attaqua la Lybie qu'il soumit. Ayant
5. perdu son pere, il osa prétendre a la conquête du Monde. l'Ethiopie fut la premiere victime de son
6. ambition. Ensuite il parcourut l'Asie avec une rapideté étonnante. Il pénétra dans les Indes plus
7. loin qu'Hercule et Bacchus, et même que fit depuis Alexandre. La Scythie, L'Armenie, et la Cappa
8. doce furent subjuguée. Il laissa une colonie dans la Cholchide, Mais la difficulté des vivres l'arreta
9. dans la Thrace et l'empêcha de pénétrer plus avant dans l'Europe. Étant de retour dans ses
10. Etats, il les enrichit des plus utiles établissemens en fondant des Villes et des Temples, et en faisant
11. Construire des levées et des canaux &c. Après un regne
12. de 33 ans il devint aveugle et il se donna
13. la mort lui même l'an 3113.

5 –

Fondation de Carthage.

1. Elissa Princesse Tyrienne, plus connue sous le nom de Didon, petite fille d'Itobal Roi
2. Tyr, et niece de la fameuse Jesabel, avoit épousé Acerbas connu sous le nom de Sichée,
3. que son frere Pigmalion fit assassiner pour s'emparer de ses grands biens. Elle se sauva
4. avec les tresors de son mari, et vint aborder sur les côtes d'Afrique, a six lieues de l'endroit
5. ou est présent Tunis, vers l'an 3158. Elle y fonda la Ville de Birsâ qui fut depuis nommée
6. Carthage. Jarbas Roi de Gétulie la voulut contraindre a l'épouser. Mais cette Princesse
7. pour garder la foi qu'elle avoit promise a son époux se tua sur un bucher quelle
8. avoit fait dresser dans son palais. La Ville qu'elle avoit fondé
9. devint par la suite des tems une puissante Republique
10. et fut la rivale de
11. Rome.

6 –

Premiere grande Navigation.

1. Nechao fils de Psammitique Roi d’Egypte se rendit célèbre par plusieurs belles entreprises.
2. Il voulut joindre le Nil a la Mer Rouge par un canal de mille stades, mais le difficultés qu’il
3. rencontra dans l’exécution de son projet, ou vingt mille hommes perirent le lui firent
4. abandonner. C’est sous son regne et par ses ordres que d’habiles mariniers de Phenicie
5. en l’année 3333 étant partis de la Mer Rouge pour découvrir les côtes d’Afrique en firent
6. heureusement le tour, et rentrerent la troisieme année de leur navigation dans la Méditer-
7. -année par le détroit de Gibraltar (ou colonnes d’Hercule) et revinrent en Egypte. Voyage qui
8. doit paroître extraordinaier pour un tems ou l’usage
9. de la Boussole étoit inconnu.

7 –

L’Egypte soumise aux Perses.

1. Amasis Roi d’Egypte ayant trompé Cyrus en lui envoyant Nitetis fille d’Apriés en place de sa
2. fille que Cyrus lui avoit fait demander en mariage, en lui faisant promettre qu’elle se diroit toujours
3. sa fille. aiant révéélé ce mystere, et fait le récit des cruautés exercées contre son pere par Amasis, elle
4. excita Cambyse fils de Cyrus a tirer vengeance de sa perfidie. ce Monarque attaqua l’Egypte l’an
5. 3424 dans la personne de Psammenite qui avoit succede a Amasis. il le défit dans deux grandes
6. batailles. Prit Peluse après sa premiere victoire, laquelle il dût a la précaution qu’il avoit eû de
7. placer a la tête de son armée les animaux que ce Peuple honnoit commes ses Dieux, ce qui

8. empêcha les Egyptiens de se déffendre. après la seconde il assiegea et pris Memphis
9. ou Psammenite s'étoit retiré ; d'abord il le traita avec douceur, et lui assura un entretien
10. honnête, mais aiant pris que ce Prince prenoit des mesures secretes pour
11. remonter sur le trone, il le fit mourir, malgré plusieurs revoltes
12. ce Royame fut toujours soumis aux Perses jusqu'a l'entrée
13. d'Alexandre le grand.

8 –

Monarchie des Lagrides en Egypte.

1. Alexandre le grand qui dans le cours de ses conquêtes avoit soumis l'Egypte étaint mort
2. a Babylone a son retour de la conquêtes des indes ; ses generaux démenbrèrent son Empire
3. et partagerent ses conquetes l'an 3671. l' Egypte tomba sous la domination de Ptolomée
4. fils de Lagus, qui par la suite ajouta a ses états la Lybie, la Cele – Syrie, la Palestine
5. et l'Arabie qui lui furent cédés par ses antagonistes, dans le dernier partage.
6. qu'ils firent entre eux du vaste Empire d'Alexandre apres l'entiere destruction de
7. la famille de ce conquerant. Cette Monarchie a subsiste jusqu'a la dernière Cléopatre
8. et de Marc Antoine competeur d'Auguste que l'Egypte
9. divint province Romaine l'an 3974.

9 –

Destruction de Carthage

1. La Republique de Carthage devenuë le plus puissant etat de l'Afrique tant par la valeur de ses Generaux que par
2. l'abondance que lui procuroit son grand commerce conquist toute les côtes de l'Afrique sur la Mediterrannée les isles de cette
3. Mer et l'Iberie [.]. Ces grands success exciterent la jalousie de la Republique Romaine avec laquelle elle disputa longtems de la
4. primauté apres avoir mis cette derniere a deux doigts de sa perte elle succomba a la fin les quatres guerres Poniques, presque
5. consecutives. Scipion le second du l'Afrique apres un siege de trois ans prit la Ville de Carthage l'abandonna au pillage et la détruisit

6. de fond encomble l'an 3858. Quelques uns croyent qu'une partie des habitans ne pouvant souffrir le joug Romain s'embarquerent
7. et passerent vers l'Occident dans les Terres inconnues a leurs vainqueurs et que nous apellons apresant Amerique. Cepen-
8. -dant trente ans apres les Romains y envoyerent une colonie pour rebatir la Ville pres du lieu ou étoit l'ancienne ce qui fut
9. executé sous le regne de Cesar Auguste : cette nouvelle Ville a subsisté avec èclat pendant 700 ans jusqua son entiere
10. destruction par les Sarrasins au commencement du VIIe. Siécle.

10 –

Entrée des Sarrasins en Afrique

1. Omar second Calif des Sarrasins aiant succédé a Mahomet envoya son general Amru
2. soumettre l'Egypte la onzieme année de l'Egire et la 633 de l'Ere Chretiene. cette Conquête qui
3. fut très prompte leur ouvrit la porte de l'Afrique. Vers l'an 700 ils parcoururent et conqui-
4. -rent toutes les côtes de cette partie du monde sur la Mediterrannée, qu'on a depuis appellé
5. Barbarie : ensuite la Lybie, et les Mauritanies, a l'excepcion de la Tingitane qu'ils ne tarde-
6. -rent pas d'occuper lors de leur invasion en Europe dans l'Espagne en 713. Le premier échec
7. qu'ils ont souffert en Afrique est la revolte des Mequinéciens qui ont formé le royaume de Fez
8. en 740. et leurs sucesseur ont fondé la Ville
9. de Maroc en 1052.

11 –

Monarchie des Mameluc en Egypte.

1. L'Empire des Sarrasins étant monté a son comble se partagea en plusieurs
2. moindres états sous différentes familles. l'Egypte étoit tombée a la famille des
3. Fatimites. Adad son dernier Calife aiant demandé du secours au Calife de Damas

4. contre les Croisés ce dernier lui envoya des troupes sous la conduite de Saladin,
5. qui peu après son arrivé fit étouffer Adad, et s'empara de l'Egypte et établit
6. la Monarchie des Mamelus en l'an 1171. C'est contre lui que Louis IX
7. Roi de France entreprit sa Croisade par la prise
8. de Damiette.

12 –

Premier Commerce établi en Guinée par les Français

1. Les Français Normands commencerent le commerce de la poudre d'or en Guinée vers l'an 1360 sous
2. le regne de Charles V et de Charles VI [.] Les guerres civiles qui dans ces tems ont désolée la
3. France interrompirent ce commerce. Les Portugais aiant reconnu ces côtes renouvelerent ce
4. commerce prés de cent ans après des Français, et firent perir ceux qu'ils y trouverent pour cou-
5. -vrir leur usurpation. Une preuve certaine de l'ancien établissement des Français sur ces côtes
6. sont les noms de Paris et de Diéppe qu'on a conservé jusqu'a présent a deux postes considera-
7. -bles de cette contrée. C'etoit eux qui avoient bâtis le premier fort de la Mine, et les Hollandois
8. qui en ont depuis chassé les Portugais y ont trouvé des canons aux armes de France
9. qui même étoient peintes aux fenetres de la
10. chapelle du fort.

13 –

Fondation de la Monarchie des Cherifs a Maroc.

1. Joseph second Roi des Lumptunes (ou) Morabites aiant bâti la Ville de
2. Maroc en fit la Capitale de ses états. Les Almoades chasserent ces premiers, et s'em-
3. -parent de la souveraineté. Mahomet Benhemet sous le masque de l'ipocrisie
4. anima ces peuples contre les Chretiens leurs voisins, et contre les Maures qui
5. avoient fait quelques alliances avec eux, et a l'aide de ces fanatiques il

6. fit la cōquête des Royaumes de Fez et de Maroc, et fonda la
7. Monarchie des Cherifs en l'an 1512.

14 –

Conquête de l'Égypte par les Turcs.

1. Quoiqu'il soit que la Monarchie des Mamelus en Égypte ait commencé par un crime, elle n'a pas
2. laissé que de subsister longtems. Selim II Empereur des Turcs en fit la conquête vers l'an
3. 1517 sur Campson Cori qui fut tué dans une bataille. Il fit ensuite égorger l'Omum - bey
4. Emir des Mamelus qui avoit été choisi pour succéder à Campson. Selim ordonna ensuite
5. de brûler tous les manuscrits qui étoient dans la fameuse bibliothèque d'Alexandrie
6. qui y avoient été rassemblées de toutes parts avec tant de soins, et avec des frais im-
7. -menses. Il y en eut pour six mois à employer à échauffer les bains de la Ville ;
8. Cette perte a été irréparable pour les belles lettres, les Sciences
9. et les Arts.

15 –

Etablissement des États d'Alger et de Tunis

1. Selim Eutemi Roi d'Alger étant pressé par les Espagnols appella à son
2. secours Aruc Barberousse, fameux renégat Sicilien, et le plus fameux corsaire de
3. son tems : ce traître fit semblant de le secourir mais en effet il le fit étrangler dans le
4. bain, et se rendit maître d'Alger vers l'an 1518. Aruc aiant été tué au passage d'une
5. rivière par les Espagnols, Cheredin son frère recueillit les fruits de ses pirateries
6. et resta maître d'Alger sous la protection du grand Seigneur, qui y envoya un Pacha
7. qui y avoit autre fois beaucoup d'autorité mais qui n'y réside plus que pour la
8. forme toute l'autorité étant entre les mains du Divan du Dey et du Bey.
9. Il en est de même des états de Tunis et
10. de Tripoli.

16 –

Etablissements des Portugais et Hollandois en Afrique.

1. Les Portugais avoient déjà quelques établissements et places fortes en Afrique sur les côtes des Royaumes de Fez
2. et de Maroc : ils avoient aussi découvert quelques isles dans l'Océan Atlantique, comme Madère et Porto Santo. Les entreprises
3. des Français Normands pour le commerce de la Guinée et la conquête des Canaries par Jean Bettancourt Français animèrent
4. les Portugais à doubler le Cap Non, et celui de Bojador sous les auspices et aux dépens de l'Infant Dom Henry ; ils
5. pénétrèrent jusqu'aux côtes de Guinée, enlevèrent le fort de la Mine aux Français, et s'établirent puissamment dans
6. ces contrées. mais les Hollandois les y ayant suivis s'emparèrent de tous leurs postes, et les obligerent de rentrer
7. dans les terres. Les Anglais, les Français, les Danois sont venus partager ce commerce avec eux : ces
8. nations y font tous le commerce de la traite des Nègres, qu'ils transportent dans l'Amérique
9. de même que celui de la poudre d'or et des dents d'Elephans.

17 –

Nouveaux établissements des Français en Afrique

1. La protection que nos derniers Roi sont donnée au commerce a engagé les Français à retourner vers les côtes de la Guinée pour
2. y partager le commerce avec les autres nations de l'Europe ; depuis longtems ils avoient des établissements sur les côtes de la Barbarie
3. pour le commerce des grains, comme le Bastion de France, Gigeri &c. les plus considérables établissemen qu'ils ont
4. du côté de la Guinée sont au Cap Verd ou ils possudent les Isles de Gorée et Bisseaux, et a l'embouchure du
5. Sénégal, l'isle St. Louis, et Arguim, d'ou ils poussent leur commerce le long de ce grand fleuve jusqu'-
6. -au Païs de Galaam qui est un des plus riches ; ils ont encore plusieurs autres forts le long de la côte de la
7. dépendance de la compagnie de Guinée.